

CADERNO DE LETRAS



INTERFACES ENTRE FONÉTICA E FONOLOGIA:
CONCEITOS, PESQUISAS, PERSPECTIVAS

Izabel Christine Seara
Giovana Ferreira-Gonçalves
Mirian Rose Brum-de-Paula
(orgs.)

**INTERFACES ENTRE FONÉTICA E
FONOLOGIA: CONCEITOS,
PESQUISAS, PERSPECTIVAS**

Izabel Christine Seara
Giovana Ferreira-Gonçalves
Mirian Rose Brum-de-Paula
(Orgs.)

Dados de Catalogação na Fonte Internacional:

CADERNO DE LETRAS / Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019. n. 33, Jan-Abr (p. 001-250)
ISSN 0102-9576

Titulo da capa Interfaces entre fonética e fonologia: conceitos, pesquisas, perspectivas. Org. por Izabel Christine Seara, Giovana Ferreira-Gonçalves e Mirian Rose Brum-de-Paula

1. Letras - Periódicos. 2. Linguística. 3. Fonética. 4. Fonologia. I. Seara, Izabel Christine; Ferreira-Gonçalves, Giovana; Brum-de-Paula, Miriam Rose.

**INTERFACES ENTRE FONÉTICA E
FONOLOGIA: CONCEITOS,
PESQUISAS, PERSPECTIVAS**

Izabel Christine Seara
Giovana Ferreira-Gonçalves
Mirian Rose Brum-de-Paula
(Orgs.)

Caderno de Letras

Revista do Centro de Letras e Comunicação - Universidade Federal de Pelotas
Rua Gomes Carneiro, número 1 • Centro • CEP 96001-970 • Pelotas/RS

Comissão Editorial

Claudia Lorena Fonseca, UFPel
Cristina Napp dos Santos, UFPel
Gabriel Felipe Pautz Munsberg, UFRGS
Helano Jader Ribeiro, UFPel
Tiago Radatz Kickhöfel, UFRGS

Conselho Editorial:

Ana Pizarro, USACH, Chile
Aulus Martins, UFPel, Brasil
Claudio Celso Alano da Cruz, UFSC, Brasil
Claudio Gustavo Maíz, CONICET, Argentina
Cleide Inês Wittke, UFPel, Brasil
Cristiane Fuzer, UFSM, Brasil
Daniele Gallindo G. Silva, UFPel, Brasil
Davi Pessoa Carneiro Barbosa, UERJ, Brasil
Eleonora Frenkel Barretto, FURG, Brasil
Elizabeth Martinez Buenabad, BUAP, México
Giovana Ferreira Gonçalves, UFPel, Brasil
Isabella Mozzillo, UFPel, Brasil
Joao Claudio Arendt, UCS, Brasil
Júlia Vasconcelos Studart, UNIRIO, Brasil
Juliana Steil, UFPel, Brasil
Keli Cristina Pacheco, UEPG, Brasil
Lizandro Carlos Calegari, UFSM, Brasil
Luis Augusto Fischer, UFRGS, Brasil
Luis Carlos Toro Tamayo, UdeA, Colombia
Marcela Croce, UBA, Argentina
Maria Antonieta Jordão de Oliveira Borba, UERJ, Brasil
Maria Salete Borba, UNICENTRO, Brasil
Ramiro Esteban Zó, UNCuyo/CILHA/CONICET, Argentina
Rosani Ketzer Umbach, UFSM, Brasil
Rosely Perez Xavier, UFSC, Brasil
Sandra Nitrini, USP, Brasil
Sebastian Kürschner, FAU, Alemanha
Tito Lívio Cruz Romão, UFC, Brasil
Vinícius Nicastro Honesko, UFP, Brasil
Walter Carlos Costa, UFSC, Brasil

Revisão/preparação dos originais: Claudia Lorena Fonseca

Editoração/diagramação: Gabriel Felipe Pautz Munsberg

Imagem da capa: Foto de Claudia Lorena Fonseca e projeto gráfico de Tiago Radatz Kickhofel, a partir da releitura do projeto gráfico de Lenir de Miranda para a primeira edição da Revista Caderno de Letras em 1982.

SUMÁRIO

Editorial	7
Apresentação	
Interfaces entre fonética e fonologia: conceitos, pesquisas, perspectivas	
Izabel Christine Seara	
Giovana Ferreira-Gonçalves	
Mirian Rose Brum-de-Paula.....	9
Dossiê	
Considerações sobre a aerodinâmica das vogais nasais do português brasileiro: a variedade florianopolitana	
Izabel Christine Seara	
Fernando Santana Pacheco	
Angeliqne Amelot.....	13
Caracterização acústica da vogal átona final /e/ no português porto-alegrense e no espanhol uruguaio	
Bruna da Rosa de Los Santos	
Ubiratã Kickhöfel Alves.....	41
Características acústicas da vogal átona final	
Fernanda Peres Lopes	
Maria José Blaskovski Vieira.....	69
A influência da fala na escrita das oclusivas: o papel do VOT em trocas ortográficas	
Vergília Spiering Damé	
Giovana Ferreira-Gonçalves	85

Análisis sociolingüístico de la entonación en enunciados declarativos del español de Cuba y España: primer acercamiento al corpus presea

Adriana Pedrosa Ramírez

Madeleyne Bermúdez Sánchez

Raquel María García Riverón.....105

Aquisição do rótico retroflexo do inglês: instrução explícita por meio de ultrassonografia

Giovana Ferreira-Gonçalves

Otávio Tadeu Alves Pereira

Misael Krüger Lemes.....127

Seção livre

A avaliação do português e das demais línguas de Guiné-bissau por estudantes guineenses do ensino secundário

Cássio Florêncio Rubio

João Fernando Cá.....147

Evaluación de nivelación y la enseñanza de lenguas adicionales en el contexto UNILA

Florencia Paez

Laura Márcia Luiza Ferreira.....183

Baudelaire na triple fronteira: considerações sobre a rasura da origem

Eleonora Frenkel Barretto.....211

Murilo Mendes: memória e vida cultural

Lis Yana de Lima Martinez

Lucia Sá Rebello.....233

EDITORIAL

A edição 33 (2019) da revista *Caderno de Letras*, que ora se publica, inaugura uma nova fase nessa trajetória de trinta e sete anos buscando contribuir para a reflexão teórica em literatura, linguística e outros espaços da linguagem e ensino em Letras.

Na esteira das novas definições propostas ainda no ano de 2018, como a mudança de sua periodicidade, que passou a ser quadrimestral, no intuito de adequá-la ao que poderíamos chamar uma exigência de nosso tempo: a atualidade dos estudos e da investigação que se fazem, e sua integração ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFPel, que também se encontra em momento de grandes reformulações e de fortalecimento, a *Caderno de Letras*, a partir desta edição, passa a contar com uma seção de temática livre, dentro do escopo da Revista, seguindo uma tendência que se delinea clara no que diz respeito ao sistema de publicação de periódicos acadêmicos: proporcionar aos leitores possibilidades de ampliar o debate, a partir de estudos que de certa maneira dialoguem com os trabalhos do dossiê, contemplando também a diversidade de leitores e temas da Revista. Além da incorporação da nova seção, contamos também com uma nova regra no sistema de recepção de contribuições, que passa a ser em fluxo contínuo, e a atualização das normas para submissão, agora mais detalhadas, em sintonia com as normas da ABNT e com um amplo espectro de periódicos acadêmicos nacionais de referência.

Nossa edição 33 (2019) conta, portanto, com uma seção temática, o dossiê *Interfaces entre fonética e fonologia: conceitos, pesquisas, perspectivas*, cuidadoso trabalho de organização das professoras Izabel Christine Seara (UFSC), Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPel) e Mirian Rose Brum-de-Paula (UFPel), dando conta da atualidade dos estudos nessas duas áreas da Linguística, e uma seção livre, com quatro artigos, acordando com a proposta da nova seção: os dois primeiros, *A avaliação do português e das demais línguas da Guiné-Bissau por estudantes guineenses do ensino secundário*, de Cássio Florêncio Rubio e João Fernando Cá, e *Evaluación de nivelación y la enseñanza de lenguas adicionales en el contexto UNILA*, de Florencia Paez e Laura Márcia Luiza Ferreira, tratam de temas relativos aos estudos linguísticos, privilegiando o ensino de línguas. O estudo de Cássio Rubio e João Fernando Cá se dedica à verificação dos diferentes *status* das línguas em convívio na Guiné-Bissau: o português e as demais línguas; o

de Florencia Paez e Laura Ferreira tem como objeto de investigação as provas de nivelamento de português como língua adicional realizadas na Universidade Federal da Integração Latinoamericana (UNILA). Segundo as autoras, a análise de avaliações de línguas adicionais retroalimentam reflexões sobre o ensino em diferentes contextos. Na sequência, os demais trabalhos, *Baudelaire na triple frontera: considerações sobre a rasura da origem*, de Eleonora Frenkel Barretto e *Murilo Mendes: memória e vida cultural*, de Lis Yana de Lima Martinez e Lucia Sá Rebello, abordam questões específicas do âmbito dos estudos literários. No caso do artigo de Eleonora Barretto, questões de tradução. A autora se dedica à transcrição do poema *L'albatros*, de Charles Baudelaire, realizada por Douglas Diegues em 2015, “gesto barroco de apropriação transgressiva da tradição”: *transdeliração*. No que concerne ao trabalho de Lis Yana Martinez e Lucia Rebello, o foco é a correspondência entre os autores Murilo Mendes e Guilhermino Cesar. Para as autoras, a epistolografia é, sobretudo no caso da história literária brasileira, essencial para a reconstituição da memória e da história de um indivíduo e seu contexto sociocultural. Para tanto, contribuem os autores objeto de seu estudo.

A todos uma excelente leitura.

Claudia Lorena Fonseca

INTERFACES ENTRE FONÉTICA E FONOLOGIA: CONCEITOS, PESQUISAS, PERSPECTIVAS

Izabel Christine Seara
Giovana Ferreira-Gonçalves
Mirian Rose Brum-de-Paula
(Organizadoras)

Esta edição temática reúne seis artigos dedicados a estudos fonético-fonológicos. Todas as contribuições contam com a participação de dois ou três autores, geralmente oriundos de diferentes IES. As pesquisas reportadas possuem características peculiares: são realizadas em equipes, necessitam de ambiente laboratorial, empregam programas específicos de processamento de dados, são experimentais e, sempre que possível, buscam novas respostas a práticas de pesquisa e ensino-aprendizagem, ancoradas em ferramentas tecnológicas ainda pouco exploradas na pesquisa linguística brasileira. A seguir, algumas considerações sobre cada um dos textos desse dossiê temático.

O primeiro artigo, intitulado *Considerações sobre a aerodinâmica das vogais nasais do português brasileiro: a variedade florianopolitana*, trata das vogais nasais plenas do português urbano falado em Florianópolis, apresentando resultados do cruzamento de dados acústicos e aerodinâmicos. Para tanto, além de análises acústicas, Izabel Seara, Fernando Pacheco e Angélique Amelot efetuaram análises aerodinâmicas, que são raras no contexto da pesquisa brasileira. Para comparar os dados obtidos com dois informantes nativos de Florianópolis, os pesquisadores precisaram lançar mão de resultados advindos de investigações do idioma francês, que possui estudos com viés aerodinâmico há mais tempo. Os parâmetros analisados combinaram a curva de fluxo aéreo nasal e o percentual de nasalidade. Eis as questões que os autores propõem responder: (i) Que padrões de fluxo nasal, captados pelo acelerador piezoelétrico e pelo microfone nasal, serão encontrados para as vogais nasais do PB falado em Florianópolis? (ii) Com relação aos momentos que compõem as vogais nasais, o que podemos dizer? (iii) Considerando-se os percentuais de nasalidade medidos a partir do acelerador piezoelétrico e do microfone nasal, quais serão os comportamentos observados? e (iv) As curvas de fluxo aéreo, provenientes do acelerador piezoelétrico e do

microfone nasal, apresentariam diferenças em função da qualidade vocálica?

O texto seguinte, denominado *Caracterização acústica da vogal átona final /e/ no português porto-alegrense e no espanhol uruguaio*, propõe um estudo comparativo entre duas variedades: a variedade do português porto-alegrense e a variedade do espanhol montevideano. A investigação visou a contribuir tanto para o mapeamento dessas duas variedades como para fins de ensino e aprendizagem do Espanhol como Segunda Língua. O estudo contou com a participação de nativos monolíngues de ambas as línguas, seis falantes brasileiros e oito uruguaios, envolvidos em Tarefas de Leitura e em Testes de Familiaridade Lexical. Com base na literatura disponível, nem sempre específica das variedades em presença, Bruna de los Santos e Ubiratã Alves trabalharam com a hipótese de que a vogal átona final /e/ fosse mais alta, mais centralizada e mais curta no dialeto gaúcho, o que foi confirmado por meio das análises acústicas efetuadas e das comparações estatísticas empreendidas.

Características acústicas da vogal átona final, de Fernanda Lopes e Maria José Vieira, apresenta uma descrição acústica das vogais postônicas finais do falar pelotense. Oito informantes, quatro homens e quatro mulheres, moradores da cidade de Pelotas/ RS, compuseram a amostra coletada. As vogais [a], [i] e [u], na posição postônica final de 72 palavras, foram submetidas aos parâmetros acústicos seguintes: duração absoluta da vogal, duração relativa e valores dos dois primeiros formantes. Os resultados obtidos indicaram que as vogais altas tendem a abaixar enquanto a vogal baixa tende a elevar-se. Além disso, percebeu-se uma centralização da vogal alta posterior. Em relação à duração da postônica, verificou-se que homens de baixa escolaridade produziram as postônicas de forma significativamente mais longa do que homens de alta escolaridade. No grupo das mulheres, houve diferença significativa somente no que diz respeito à duração da vogal baixa.

Vergília Damé e Giovana Ferreira-Gonçalves assinam o artigo *A influência da fala na escrita das oclusivas: o papel do VOT em trocas ortográficas*. O texto diz respeito às consoantes oclusivas e ao papel da duração do VOT em trocas de cunho ortográfico. Logo, concerne segmentos em que o papel da oralidade necessita ser estabelecido por meio da inspeção acústica dos dados. Tais unidades emergem precocemente na produção oral infantil, mas passam por um longo período de refinamento próprio da articulação, segundo estudos dinâmicos da fala. Na escrita, a maior parte dos segmentos oclusivos

apresentam uma relação biunívoca entre letra e som, o que não impede a ocorrência de trocas. Estudos sobre esses segmentos reportam erros divididos em três categorias: erros na relação surda/sonora, mudança de ponto de articulação e omissão de letras. Investigando o papel do VOT na ocorrência dessas trocas ortográficas, as autoras identificaram, no VOT das oclusivas dorsais, o par mínimo com maior indício de refinamento articulatorio.

O quinto artigo propõe uma investigação de enunciados declarativos extraídos do projeto PRESEEA. Tal projeto visa a disponibilizar um corpus de grande extensão, contendo amostras representativas da diversidade sociolinguística da língua espanhola oral. *Análisis sociolingüístico de la entonación en enunciados declarativos del español de Cuba y España: primer acercamiento al corpus PRESEEA*, de Adriana Ramírez, Madeleyne Sánchez e Raquel Riverón, põe em foco aspectos linguísticos mais estreitamente ligados à situação comunicativa. Para a realização da descrição e análise da entonação de falantes cubanos e espanhóis, levaram em conta as variáveis sexo e idade, selecionaram gravações de seis informantes, analisaram dez minutos da produção de cada um deles e montaram um corpus contendo 35 unidades declarativas, que foram examinadas acusticamente.

Enfim, no último texto deste dossiê temático, Giovana Ferreira-Gonçalves, Otávio Pereira e Misael Lemes investigaram a aquisição do rótico retroflexo do inglês por meio de uma ferramenta promissora para a pesquisa linguística e para o ensino-aprendizagem de línguas: o ultrassom. A investigação avaliou a eficácia de sessões de instrução explícita com o intuito de otimizar a aquisição do rótico retroflexo e aprimorar a sua produção. Além do uso do ultrassom como ferramenta de ensino-aprendizagem, os pesquisadores destacaram a possibilidade de, com o seu emprego, melhor descrever, acústica e articulatoriamente, os segmentos róticos. Como o ultrassom é pouco explorado em pesquisas dessa natureza, há pouca informação – na literatura da área – sobre o seu manuseio, a construção de instrumentos de coleta ou de tarefas de ensino, o modo de empregá-lo em descrições linguísticas. Na pesquisa reportada, os autores destacaram que “a instrução explícita, por meio da ultrassonografia, foi fator determinante para a aquisição precoce do segmento retroflexo. Com a mediação de um professor e com acesso aos próprios movimentos articulatorios sendo executados em tempo real, o aluno pôde ser guiado para uma realização mais adequada” de suas produções. É, pois, um campo que promete e cuja exploração inicia.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A AERODINÂMICA DAS VOGAIS NASAIS DO PORTUGUES BRASILEIRO: A VARIEDADE FLORIANOPOLITANA

Izabel Christine Seara¹
Fernando Santana Pacheco²
Angelique Amelot³

RESUMO: Este artigo traz uma discussão acerca da aerodinâmica da nasalidade de vogais do português brasileiro (PB) falado em Florianópolis (capital do estado de Santa Catarina). Os dados analisados são referentes a produção de dois sujeitos, falantes nativos de Florianópolis. Os parâmetros examinados foram: os padrões da curva de fluxo aéreo nasal e do percentual de nasalidade, observados a partir de equipamentos de medidas aerodinâmicas (como o acelerador piezoelétrico e o microfone nasal). Os resultados mostraram que as vogais nasais apresentam (i) cinco padrões de curva de fluxo aéreo nasal e (ii) um percentual médio de nasalidade que vai de 17, 12%, para a vogal [ĩ] em contexto tônico, a 4,87%, para a vogal [ẽ] também em contexto tônico. Os diferentes momentos que constituem as vogais nasais já observadas em outros estudos foram confirmados pelas curvas de fluxo aéreo nasal. Os sons vocálicos compostos apenas de momento oral mais murmúrio nasal também foram bastante frequentes. E o percentual de nasalidade é sistematicamente mais importante no final da vogal nasal (correspondendo ao murmúrio nasal), porém a relação desse percentual no início, meio e final do som vocálico nasal é mais importante do meio para o final no PB e do início para o meio no francês.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Professora Associada III da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC.

² Doutor em Engenharia Elétrica, ênfase em Processamento da fala, microcontroladores e interfaces homem-máquina, pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Professor do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina-IF/SC.

³ Ingenieur de Recherche. Laboratoire de Phonetique et Phonologie. Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3-France.

Palavras-chave: Vogais nasais. Medidas aerodinâmicas. Percentual de nasalidade. Variedade florianopolitana.

RÉSUMÉ: Cette article apporte une discussion sur l'aérodynamique de la nasalité de voyelles du portugais brésilien (PB) parlé à Florianópolis (capital de l'état de Santa Catarina). Les données se referent aux productions de deux sujets, nés à Florianópolis. Les paramètres analysés ont été: les types de courbes de flux d'air nasal et le pourcentage de nasalité, vus à partir de mesures aerodynamiques apportées par le microphone nasal. Les résultats ont montré que les voyelles nasales présentent (i) cinq types de courbes de flux d'air nasal et (ii) un pourcentage moyen de nasalité qui va d'environ 17, 12%, pour les voyelles [ĩ] en contexte tonique à 4,87%, pour les voyelles [ẽ] aussi en contexte tonique. Les différentes phases qui constituent les voyelles nasales qui sont observées dans d'autres études ont été confirmées pour les courbes de flux d'air nasal. Les voyelles qui sont composées seulement de la phase oral plus le murmure nasal ont été fréquentes. Le pourcentage de nasalité est toujours plus important à la fin de la voyelle nasal (murmure nasal), mais la relation de ce pourcentage au début, au milieu et à la fin du son vocalique nasal sont plus importantes du milieu à la fin au PB et du début au milieu dans le français.

Mots-clés: Voyelles nasales. Mesures aerodynamiques. Pourcentage de nasalité. Variété florianopolitana.

1 Introdução

O tratamento acústico da nasalidade de sons de fala é bastante complexo. Essa complexidade se deve aos movimentos articulatórios envolvidos na produção desses segmentos, mais precisamente, em razão do acoplamento dos trato oral e nasal. A maior parte dos estudos sobre nasalidade tem sido baseada em análises acústicas, principalmente aqueles relacionados ao português do Brasil (SEARA, 2000; SOUSA, 1994; dentre outros). Análises acústicas apresentam limites em virtude da dificuldade de identificação adequada, por exemplo, de ressonâncias referentes ao trato oral e daquelas referentes ao trato nasal, isso devido à introdução de antirressonâncias (zeros na função de transferência do filtro acústico) quando ocorre o acoplamento da cavidade nasal. Por conta disso, o detalhamento de fenômenos complexos, como é o caso da

nasalidade, necessitaria de outras análises, como as aerodinâmicas e articulatórias combinadas às acústicas.

Estudos recentes, no Brasil, no entanto, tem se voltado a análises aerodinâmicas e articulatórias (CASERO; BRUM-DE-PAULA; FERREIRA-GONÇALVES, 2016, CORREA, FERREIRA-GONÇALVES; BRUM-DE-PAULA, 2017, MENDONÇA, 2017; VIEIRA, 2017). O presente estudo também tem esse viés acústico-aerodinâmico e tem por objetivo apresentar os resultados do cruzamento de dados acústicos e aerodinâmicos referentes às vogais nasais do português brasileiro falado na região urbana de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, no sul do Brasil. Dada a combinação de análises aerodinâmicas e acústicas, esses dados mostrarão de forma mais evidente a constituição das vogais nasais com respeito aos momentos: oral, nasal e murmúrio nasal que parecem configurar as produções dessas vogais, segundo Sousa (1994) e SEARA (2000), dentre outros.

A Fonologia articulatória considera que a nasalização das vogais é consequência de gestos. Assim, o fenômeno da nasalização pode ser explicado a partir da ideia de “constelação gestual”, na qual um gesto se combina a outro, em intervalos de tempo que coincidem. Segundo essa teoria, tanto a vogal nasal plena (como em *canta*) quanto a vogal nasalizada por uma consoante (como em *cama*) existem, e os gestos articulatórios são os mesmos. Neste estudo, partimos dessa premissa, mas iremos observar aerodinamicamente apenas o comportamento das vogais ditas nasais plenas.

Assim, foram realizadas análises aerodinâmicas baseadas em um acelerador piezoelétrico e em um microfone nasal. Segundo Amelot (2004), um som de fala é nasal quando tem um fluxo de ar nasal e isso ocorre quando a porta velofaríngea se abre permitindo que o ar que está passando pelo trato oral passe pelas cavidades nasais. Assim é definida a aerodinâmica da nasalidade dos sons de fala.

Com este estudo, então, pretendemos, a partir de uma análise dos dados que é mais qualitativa do que quantitativa, responder às seguintes questões de pesquisa:

1. Que padrões de curvas de fluxo aéreo nasal, captadas pelo acelerador piezoelétrico e pelo nasal, serão encontrados para as vogais nasais do PB falado em Florianópolis?
2. Com relação aos momentos que compõem as vogais nasais (SOUSA, 1994; SEARA, 2000), o que podemos dizer?

3. Considerando-se os percentuais de nasalidade medidos a partir do acelerador piezoelétrico e do microfone nasal, quais serão os comportamentos observados?

4. As curvas de fluxo aéreo nasal, provenientes do acelerador piezoelétrico e do microfone nasal, apresentariam diferenças em função da qualidade vocálica?

Dada a dificuldade de encontrarmos estudos aerodinâmicos para o português brasileiro com o equipamento (medidas) que apresentamos neste trabalho, faremos as nossas comparações, na maior parte das vezes, com dados do francês, estudos que têm esse viés aerodinâmico há algum tempo.

Para dar conta dos objetivos aqui apresentados e responder às questões colocadas, dividiremos este artigo em mais quatro seções. A primeira trará um apanhado de alguns estudos realizados com foco acústico-aerodinâmico os quais nortearão as discussões que apresentaremos sobre as vogais nasais; a segunda detalhará a metodologia empregada nas análises aerodinâmicas, assim como a constituição do *corpus* e o grupo de informantes; na terceira, apresentaremos os resultados obtidos; e, finalmente, na quarta seção, responderemos às nossas questões de pesquisa, indicando nossos próximos passos.

2 Estudos de cunho acústico e aerodinâmico

Um grande número de estudiosos tem se debruçado sobre a nasalidade, alguns sob o viés acústico (por exemplo, SEARA, 2000; SOUSA, 1994), outros sob o viés acústico-aerodinâmico (por exemplo, BASSET, AMÉLOT, VAISSIÈRE; ROUBEAU, 2001; MONTAGU, 2007; MEDEIROS, 2007; MEDEIROS *et al.*, 2008, MENDONÇA, 2017; VIEIRA, 2017) e há ainda os que tratam a nasalidade sob o viés articulatório (por exemplo, MORAES; WETZELS, 1997; MORAES, 2013; LOVATO *et al.*, 2008; MEDEIROS; DEMOLIN, 2008). Tais estudos têm contribuído para ratificar os achados acústicos e também para tratar com mais detalhes a gradiência encontrada nos sinais nasais, seja concernente à vogal nasal ou à vogal nasalizada.

De maneira geral, o acoplamento da cavidade nasal à cavidade oral leva às seguintes modificações espectrais (FUJIMURA, 1960; MAEDA, 1993; JOHNSON, 1997; SOUSA, 1994; SEARA, 2000, dentre outros):

- aparecimento de formantes específicos (nasais) que são as ressonâncias reforçadas quando da passagem do ar pelas cavidades nasais;

- presença de antirressonâncias (ou anti-formantes), devido à absorção de energia pelas paredes do trato nasal;
- atenuação geral da amplitude dos formantes, particularmente do primeiro formante vocálico;
- aumento da largura-de-banda dos formantes.

As vogais nasais teriam assim dois tipos de formantes: os nasais e os orais. E, a partir da observação da trajetória das frequências dos formantes nasais e orais, análises espectrográficas e espectrais mostraram que as vogais nasais podem apresentar-se com:

i) *três momentos distintos*: um momento oral, seguido por um momento nasal em que o murmúrio se sobrepõe à vogal, chamado de momento nasal propriamente dito, e um momento final correspondendo apenas ao murmúrio nasal;

ii) *apenas dois momentos distintos*: o momento nasal propriamente dito seguido pelo murmúrio nasal ou o momento oral seguido pelo murmúrio nasal.

Os sons nasais, produzidos por falantes florianopolitanos, foram classificados em Seara (2000), conforme seus momentos constitutivos em função da tonicidade da sílaba. Observe a Tabela 1.

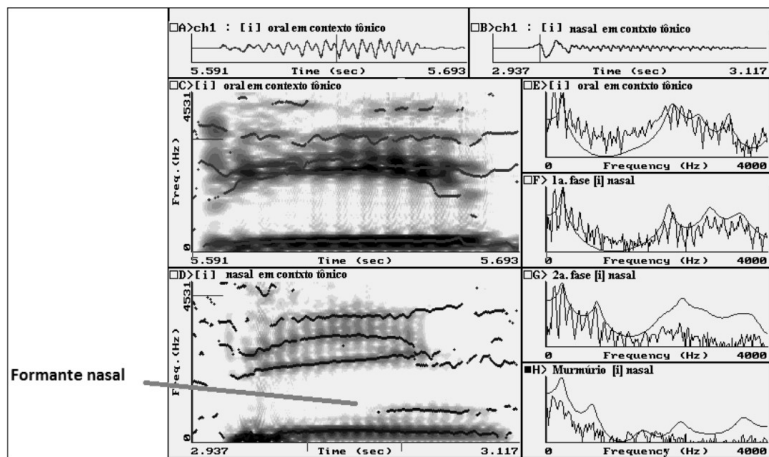
Tabela 1: Vogais nasais tônicas e átonas e o percentual de produção a partir da constatação de dois ou três momentos distintos (as partes sombreadas evidenciam momentos com mais de 50% dos dados com essa constituição).

Vogais	Momento oral+momento nasal+murmúrio nasal	Momento nasal+murmúrio nasal	Momento oral + murmúrio nasal
Sílaba tônica			
[ẽ]	32%	68%	0%
[ē]	39%	28%	33%
[ĩ]	88%	5%	7%
[õ]	66%	34%	0%
[ũ]	58%	38%	4%
Sílaba átona			
[ẽ]	38%	62%	0%
[ē]	65%	30%	5%
[ĩ]	41%	6%	53%
[õ]	63%	37%	0%
[ũ]	57%	39%	4%

Fonte: SEARA (2000)

Esses percentuais foram coletados a partir da análise acústica de dados como os apresentados na Figura 1.

Figura 1: Vogal alta anterior oral e nasal em contexto tônico. Quadros A e B apresentam a forma-de-onda e os quadros C e D, espectrogramas de banda larga. Quadro E apresenta o espectro FFT da contraparte oral e Quadros F, G e H apresentam, respectivamente, o espectro FFT dos três momentos distintos da vogal nasal: momento oral, momento nasal propriamente dito e murmúrio nasal.

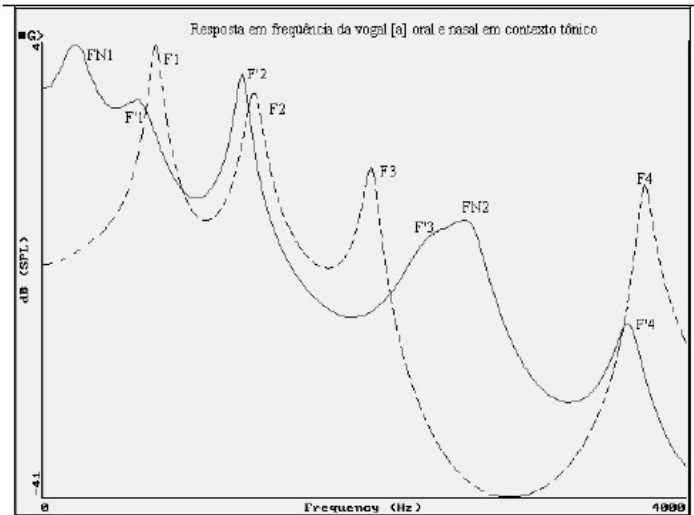


Fonte: SEARA (2000, p.84)

Na Figura 1, observa-se o aparecimento de formantes nasais que caracterizam o momento nasal da vogal nasal e também podemos visualizar, no Quadro H, a região final da vogal nasal com menor energia acústica que caracteriza o seu murmúrio nasal.

Espectros de frequência com a sobreposição das vogais oral e nasal evidenciam outras características acústicas. Observe a Figura 2.

Figura 2: Resposta em frequência da vogal oral [a] (linha tracejada) e da nasal [ã] (linha cheia) com seus respectivos formantes (F_i - formante oral da vogal oral; F'_i - formante oral da vogal nasal e FN_i - formante nasal da vogal nasal), obtidos a partir de análises de Predição Linear (LPC)⁴



Fonte: SEARA (2000, p. 64).

Pela Figura 2, é possível visualizar as seguintes características acústicas:

(a) a amplitude relativa dos formantes orais das vogais nasais (F'_i) que é sistematicamente mais baixa do que a de suas contrapartes orais (F_i);

(b) os formantes nasais das vogais nasais (FN_i) que apresentam amplitude relativa maior do que a dos formantes orais vizinhos (F'_i).

O detalhamento do comportamento do murmúrio nasal, produzido na realização das vogais nasais, pode fornecer também uma base física para a formulação de hipóteses sobre o *status* dessas vogais no PB (MEDEIROS, 2007, dentre outros). Com esse enfoque, análises aerodinâmicas podem avaliar o comportamento dinâmico de segmentos

⁴ O número de pólos do espectro LPC foi adaptado para as vogais nasais para que não houvesse a representação de zeros como pólos.

em ambiente dito nasal (como em *canta*) e nasalizado (como em *cama*), considerando aspectos prosódicos como a posição acentual da sílaba que traz o som nasal.

A coleta de parâmetros aerodinâmicos permite assim revelar movimentos que não poderiam ser observados a partir somente de parâmetros acústicos. Estudos (CAGLIARI, 1997; MEDEIROS, 2007), levando em conta dados aerodinâmicos, fazem uma descrição acerca de diferenças de nasalização que dependeriam ou não da consoante que segue a vogal nasal, se oclusiva ou fricativa. Segundo Cagliari (1997), haveria uma consoante nasal seguindo a vogal, que seria plena diante de oclusiva oral e não seria plena quando seguida de fricativa. Essa ausência de elemento consonantal nasal entre a vogal nasal e a fricativa é discutida, através de análise acústica, por Kelm (1989). Em relação ao português europeu, estudos têm apontado para uma assincronia de gestos (OLIVEIRA e TEIXEIRA, 2007), uma vez que o gesto vocálico já estaria ativado quando ocorre o gesto de oclusão.

O segmento acústico que finaliza as vogais nasais, denominado: murmúrio consonantal (SOUSA, 1994), murmúrio vocálico (SEARA, 2000), apêndice nasal (MEDEIROS, 2007; MEDEIROS *et al.*, 2008) e ainda consoante nasal (OLIVEIRA e TEIXEIRA, 2007), descrito aerodinamicamente, certamente, trará uma luz à discussão sobre o *status* da vogal nasal do PB. Este, porém, não será o foco do presente estudo, mas certamente seus resultados auxiliarão futuras pesquisas sobre essa temática.

Até aqui, o que queremos fazer é uma melhor avaliação e visualização dos momentos anteriormente descritos a partir da associação de uma medida que possibilite avaliar a presença de fluxo aéreo nasal, inferindo a abertura do véu do palato. Uma observação mais objetiva do movimento de abertura do véu do palato permite também a indicação mais precisa das posições na forma de onda em que se recuperariam os formantes nasais, uma vez que ali estaria presente a nasalidade do som, pois, para algumas vogais, como as altas, os formantes oral e nasal apresentam valores muito próximos, deixando dúvidas com relação aos seus respectivos valores. Queremos ainda avaliar o percentual de nasalidade em cada um dos momentos que constituem a vogal nasal.

O momento oral também presente em vogais nasais do francês vem sendo visto como um retardo de nasalização (MONTAGU, 2007). Segundo a autora, esse atraso, denominado de *Nasal Onset Time* (NOT), é explicado por uma restrição aerodinâmica na produção de consoantes oclusivas (o contexto antecedente em que nossos sons foram gravados)

que necessitam de uma forte pressão intraoral para serem produzidas. E, como se percebe a sua explosão, imagina-se que não haja fuga de ar pelas cavidades nasais. Conforme os resultados obtidos por Montagu (2007), a duração do NOT no início das vogais nasais do francês depende do tipo de consoante que as precede: as oclusivas sonoras teriam um maior atraso, seguidas das oclusivas surdas (com [k] mostrando medidas muito baixas de NOT). Na sequência, aparecem as fricativas vozeadas (com [v] apresentando os maiores valores dentre as fricativas vozeadas) e por fim as não vozeadas. O objetivo dessa autora na identificação do NOT era o de calcular os formantes dessa parte oral das vogais nasais, nas quais a ausência de nasalização identificaria o alvo articulatório subjacente a cada vogal nasal. Por exemplo, o início não nasalizado da vogal nasal francesa /*ã*/ apresenta formantes muito próximos aos da vogal [a] e os de /*õ*/ próximos a [o]. Nossos dados tiveram como contextos à esquerda somente plosivas não vozeadas, assim nosso olhar será apontado para o comportamento dessas consoantes.

Amelot (2004) analisa vogais nasais do francês a partir de vários olhares: articulatório, aerodinâmico e acústico. Os resultados da autora concernentes às curvas de fluxo aéreo nasal, obtidas pela estação EVA que é constituída por captadores acústicos e aerodinâmicos com saídas de ar oral e nasal separadas, levou-a a observação de tipos de curvas de fluxo aéreo nasal.

Com respeito às vogais nasais, Amelot (2004) encontra um pequeno período no qual o fluxo aéreo nasal seria negativo. Isso já foi observado por Benguerel (1974) quando descrevia curvas de fluxo aéreo nasal para consoantes nasais. Segundo esse autor, esse período corresponderia ao aumento lento do volume da cavidade nasal que criaria uma leve sucção no nível das narinas. Para essa autora, esse fluxo aéreo nasal negativo corresponderia ao momento em que se tem a conexão entre as duas cavidades – a oral e a nasal.

Ainda com referência aos dados nasais, com base nos captadores aerodinâmicos da Estação EVA, Amelot (2004), observando o traçado das curvas de fluxo aéreo nasal, verificou cinco padrões recorrentes e um sexto que foi produzido por apenas um locutor. Usaremos a estratégia empregada por Amelot (2004) para a identificação de tipos de curvas de fluxo aéreo nasal, captadas pelo acelerador piezoelétrico e pelo microfone nasal. Não poderemos relacionar os tipos aqui encontrados com os encontrados por essa autora, por conta da diferença entre os

equipamentos utilizados: Autor apresenta seus tipos de curvas baseados na captura dos dados pela Estação EVA.

Brkan, Amélot e Pillot-Loiseau (2012) analisaram três vogais nasais do francês [ã ē õ] produzidas por 5 nativas francesas e 5 aprendizes de francês nativas da Bósnia. As análises foram baseadas em dados de um acelerador piezoelétrico e os resultados indicaram que não havia diferenças relevantes entre as duas populações com relação à distinção vogal oral/nasal, nem entre as três vogais analisadas. Mostraram ainda, para as vogais nasais do francês, que [ã] e [ē] tem uma porcentagem de nasalidade mais alta no final da vogal e mais baixa no início, e o aumento de nasalidade é mais importante do meio para o final do que do início para o meio. Para [õ], o percentual de nasalidade é mais importante no meio da vogal.

Observando a complexidade da nasalidade das vogais nasais - nosso objeto de estudo - mostrada pelos diferentes estudos citados anteriormente, e a dificuldade de fazer certas inferências a partir apenas do sinal acústico, não somente relativas às ressonâncias nasais presentes nesse sinal acústico nasal, mas também à delimitação mais precisa dos momentos apresentados por esses sons, nosso objetivo é associar medidas acústicas a medidas aerodinâmicas para um melhor entendimento da gradiência apresentada pelos diferentes segmentos nasais tratados por esta pesquisa.

3 Metodologia

Para dar conta de nosso objetivo, as gravações de dados realizadas para o presente estudo correspondem a 200 produções das vogais-alvo (2 sujeitos x 2 repetições x 50 frases). E o *corpus* montado para essas gravações apresentou as seguintes características:

- Contexto anterior:
[p], [t], [k]
- Contexto posterior:
[p], [t], [k], [f], [s], [ʃ]
- Vogais orais e nasais (tônicas e átonas):
[pa 'papə] - [pa 'pɛpə] - contexto tônico;

[pa 'papɐ] - [pẽ 'papɐ] - contexto átono.

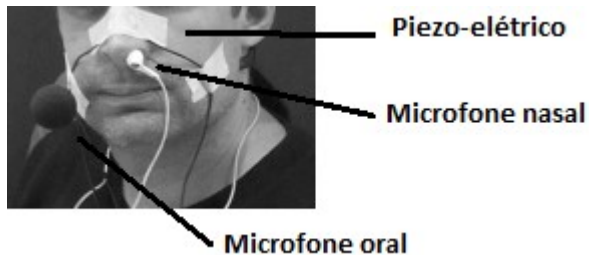
- Frase veículo: Digo _____ baixinho.
Digo [pa 'papɐ] [pa 'pẽpɐ] baixinho.

Os locutores que compõem essa base de dados são os seguintes:

- Dois locutores: um homem e uma mulher;
- Nascidos em Florianópolis (SC) - Brasil;
- Idades entre 25 e 35 anos;
- Nível de escolaridade: superior completo.

Equipamentos utilizados para captura de dados aerodinâmicos e acústicos são mostrados na Figura 3.

Figura 3: Equipamentos utilizados para a gravação dos dados aerodinâmicos: acelerador piezoelétrico (colado nas paredes das cavidades nasais), microfone nasal (acoplado a uma das cavidades nasais) e para gravação de dados acústicos: microfone oral (apoiado nas orelhas do informante, possibilitando a captura o sinal acústico numa mesma distância do trato oral durante toda a gravação)⁵.



Na Figura 3, são mostrados os seguintes equipamentos de coleta de dados acústicos e aerodinâmicos:

- Piezoelétrico: acelerador piezoelétrico que serve para medir a intensidade das vibrações do fluxo aéreo na superfície do nariz. Esse

⁵ Esta foto foi inserida neste texto com a autorização do sujeito fotografado.

acelerador piezoelétrico (K&K Sound) é acoplado com duas pastilhas de 0,5cm, fixadas por um adesivo dupla face nos ossos laterais do nariz (Figura 10). Ele está ligado a um pré-amplificador (40dB) e a uma placa de aquisição externa (Motu Ultralite, mk3, hybride);

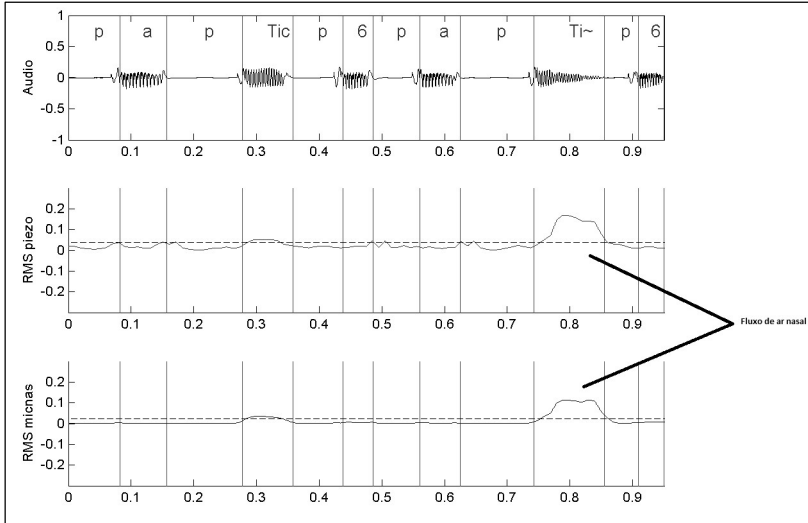
- Microfone nasal: captador do sinal acústico nasal que é inserido em uma das narinas de maneira a não incomodar durante a gravação;
- Microfone oral: captador do sinal acústico global que é acoplado às orelhas do informante, permanecendo na mesma posição durante toda a gravação dos dados.

A coleta de dados, a partir dos equipamentos listados acima, foi feita em um estúdio e permitiu-nos gerar medidas de Root Mean Square (RMS)⁶. Para o presente estudo, foram analisados os dados obtidos pelo acelerador piezoelétrico e pelo microfone nasal. Essas medidas são transformadas em percentuais em relação a uma referência que é tomada de palavras usadas para calibração do equipamento com cada sujeito gravado e a obtenção do valor máximo de RMS. Assim, os ganhos do canal oral e do canal nasal são regulados independentemente, de modo que o nível do sinal acústico oral durante a produção de uma sequência oral [papapa] corresponda ao nível do sinal acústico nasal durante a produção de uma sequência nasal ([mẽmẽmẽ]). Assim 100% de nasalidade seriam referentes ao máximo valor para a consoante [m]. Os percentuais para as vogais são coletados no início (1/3), no meio (1/2) e no final (2/3) da vogal alvo, e também são coletados a média em percentual de RMS, o valor máximo e o valor mínimo.

Cruzando os dados dos percentuais de nasalidade com os dados acústicos, podemos visualizar com muito mais clareza quando o sinal nasal está presente nas produções dos sujeitos. A partir de dados aerodinâmicos, apresentados na Figura 4, observamos que o sinal nasal evidenciado pelas curvas RMS captadas pelo acelerador piezoelétrico e pelo microfone nasal iniciam com um pequeno atraso e que, na parte final, o fluxo nasal, possuindo ainda muita energia, cai abruptamente.

⁶ Valor quadrático médio ou RMS (do inglês *root mean square*) ou valor eficaz é uma medida estatística da magnitude de uma quantidade variável. É um caso especial de potência média.

Figura 4: Forma-de-onda, curvas RMS do fluxo aéreo nasal, advindas do acelerador piezoelétrico e do microfone nasal.



Fonte: Autores

Com esses dados, poderemos indicar, conforme Amelot (2004) já salienta em seu estudo sobre vogais nasais do francês, quais os padrões de curvas RMS que caracterizam a nasalidade do PB falado em Florianópolis.

Agora passemos então às análises das produções dos falantes florianopolitanos. Lembramos que essas análises são ainda preliminares e de cunho mais qualitativo do que quantitativo.

4 Análise e discussão dos resultados

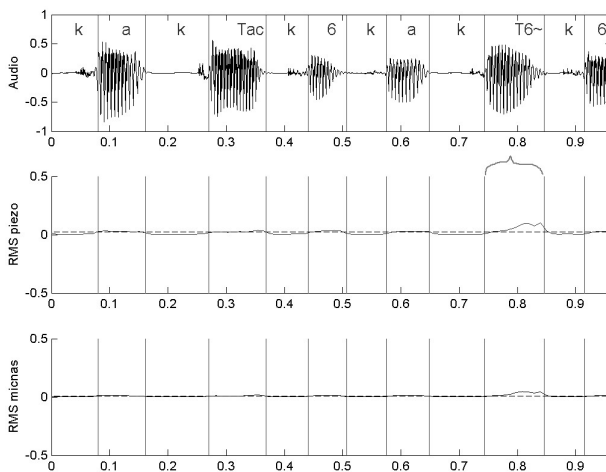
Iniciamos a apresentação dos dados pelos padrões de curvas de fluxo aéreo nasal que foram encontrados nas produções dos sujeitos aqui analisados. Em seguida, trataremos do percentual de nasalidade de cada vogal emitida.

4.1 Padrões de curvas de fluxo aéreo nasal

Os padrões de curvas de fluxo aéreo nasal, observados nas produções de vogais nasais do PB, foram classificados em três tipos. De forma geral, a observação das curvas de fluxo aéreo nasal indica padrões mais gerais: (i) dois com maior amplitude da curva no final da vogal nasal e são aqueles que iniciam com atraso do fluxo aéreo nasal e (ii) um outro com maior amplitude em uma região medial da vogal nasal. Vejamos em mais detalhes os tipos de curvas de fluxo aéreo nasal.

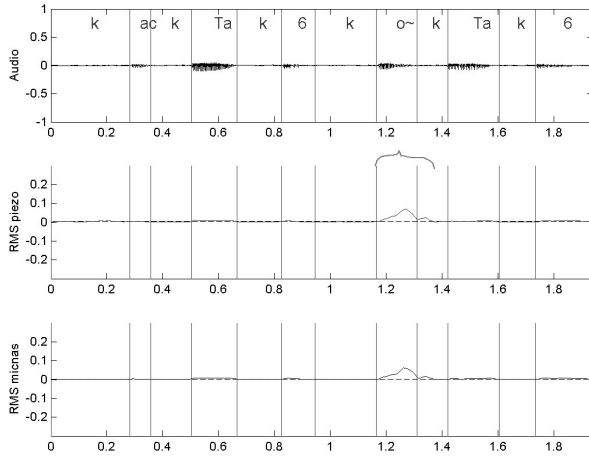
Tipo 1: a vogal é iniciada sem nenhuma curva aparente de fluxo aéreo nasal, ou seja, há um atraso no aparecimento da curva de fluxo nasal que vai surgindo lentamente, e sobe até atingir um máximo não muito elevado. Apresenta uma curvatura para a direita. Depois decresce rapidamente até atingir o zero. Esse padrão evidencia a presença do momento oral, do momento nasal e do murmúrio nasal. Exemplos desse tipo de padrão podem ser vistos nas Figuras 5 e 6.

Figura 5: Fluxo aéreo nasal (Tipo 1) para o logatoma [ka'kēkē]



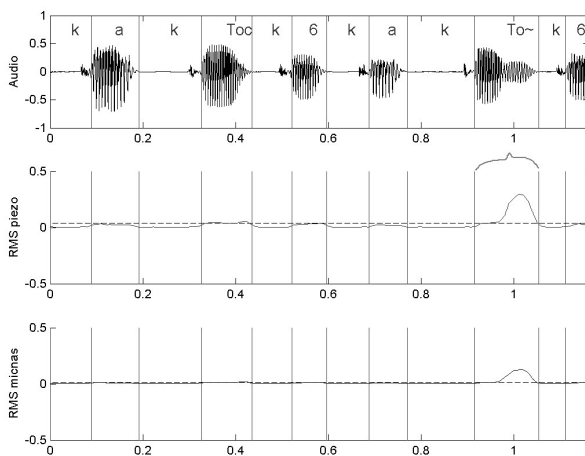
Fonte: Autores

Figura 6: Fluxo aéreo nasal (Tipo 1) para o logatoma [kõ 'kakɐ]



Fonte: Autores

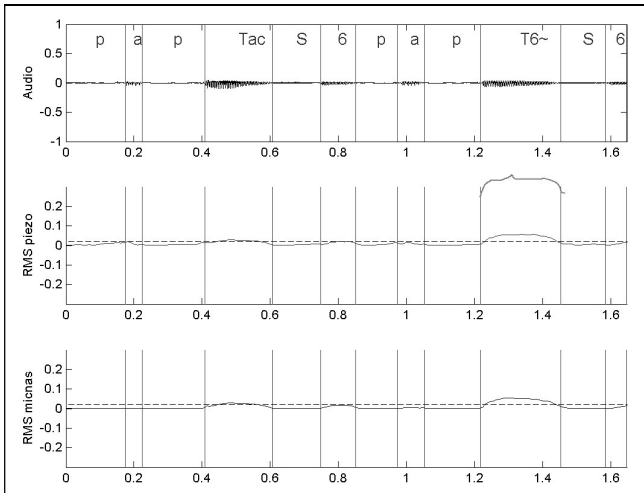
Tipo 2: a vogal é iniciada sem nenhuma curva aparente de fluxo aéreo nasal, no meio dela a curva de fluxo aéreo aparece e sobe rapidamente até atingir o máximo, quando desce bruscamente até chegar a zero. Esse padrão mostra a presença do momento oral e do momento do murmúrio nasal. Este último momento é identificado pela perda de energia acústica exibida na forma de onda correspondente ao momento final dessa vogal (Figura 7).

Figura 7: Fluxo aéreo nasal (Tipo 2) para o logatoma [ka'kõkɐ].

Fonte: Autores

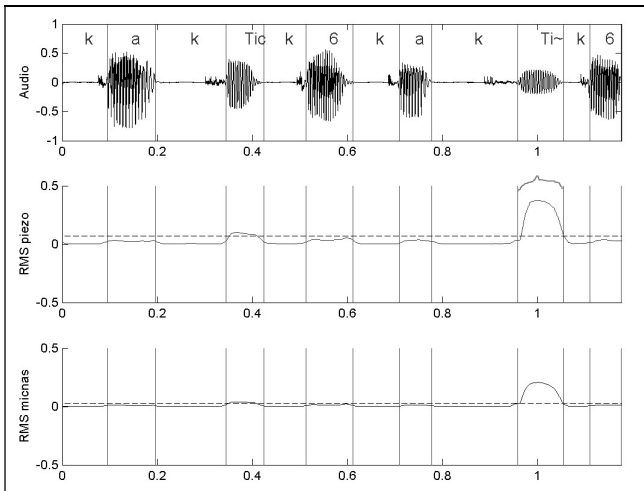
Tipo 3: a vogal inicia simultaneamente ao fluxo aéreo nasal que vai aumentando até atingir um ponto máximo que pode ser ou não muito elevado e vai caindo até chegar a zero no final da vogal nasal. Nesse caso, consideramos presentes o momento nasal e o murmúrio nasal. Exemplos desse tipo de padrão podem ser vistos nas Figuras 8 e 9.

Figura 8: Fluxo aéreo nasal (Tipo 3) para o logatoma [pa'pẽʒe] com ponto máximo não muito elevado.



Fonte: Autores

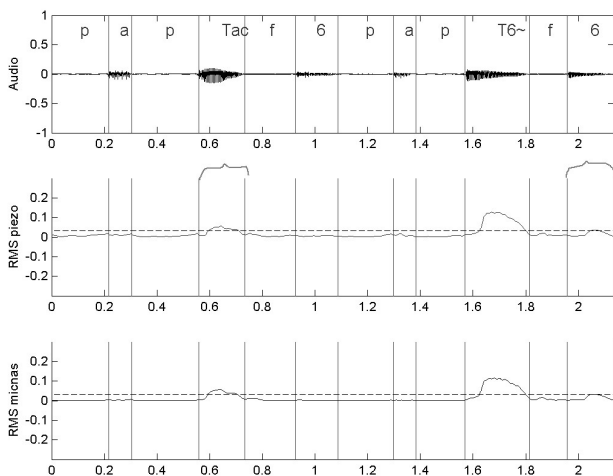
Figura 9: Fluxo aéreo nasal (Tipo 3) para o logatoma [ka'kĩkẽ] com ponto máximo bastante elevado.



Fonte: Autores

Uma observação interessante a ser feita sobre os padrões apresentados é que as produções com o padrão Tipo 2 têm a curva de nasalidade quase sempre referente apenas ao murmúrio nasal. Outra observação refere-se ao padrão Tipo 1 que tem maior frequência junto às vogais de sílabas não acentuadas. Notamos ainda que não foram somente vogais nasais que apresentaram a curva de fluxo aéreo nasal acima da linha do zero. Nesses casos, essa curva é mais evidente para as vogais orais baixas, principalmente para a átona final de palavra, como se pode notar na Figura 10, a seguir.

Figura 10: Fluxo aéreo nasal para os logatomas [pa 'pa fɛ pa 'pɛ fɛ].



Fonte: Autores

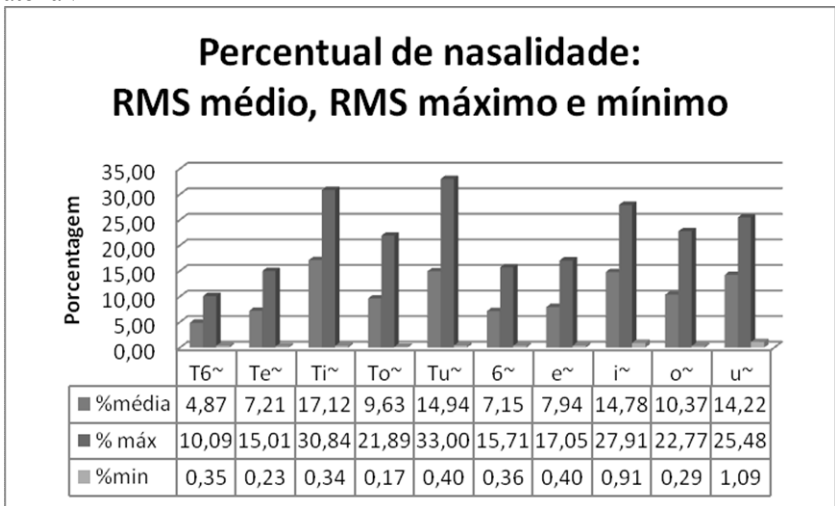
Amelot (2004) já fazia referência à literatura que tratava sobre a possibilidade de as vogais baixas serem pronunciadas com o véu do palato mais baixo do que para as vogais altas, porém a autora não encontrou em seus dados casos de vogais baixas com a presença de fluxo aéreo nasal como a que encontramos nos dados aqui analisados.

4.2 Percentual de nasalidade

Com respeito aos dados provenientes do acelerador pizeoelétrico, apresentado nos histogramas da Figura 11, observamos que as vogais nasais no falar florianopolitano apresentam um percentual de nasalidade

bastante inferior aos encontrados para o francês por Brkan, Amelot; Pillot-Loiseau (2012) – conforme mostrado na Tabela 2. Se considerarmos os valores médios, o percentual de nasalidade varia de 4,87%, relativos a vogal [ẽ̃], a 17,12%, referente à vogal [ĩ̃]. Pela Tabela 2, vemos que para as vogais do francês o percentual médio de nasalidade varia de 33% para a vogal [ẽ̃] a 45% para a vogal [õ̃]. Quanto ao máximo percentual de nasalidade, as vogais aqui investigadas chegam a 33%.

Figura 11: Percentual de nasalidade com base na média em porcentagem de RMS durante a produção das vogais nasais em posição tônica e átona⁷.



Fonte: Autores

Tabela 2: Percentual de nasalidade com base na média em porcentagem de RMS durante a produção das vogais nasais do francês

Vogais	[ã̃]	[ẽ̃]	[õ̃]
Percentual de nasalidade	39	33	45

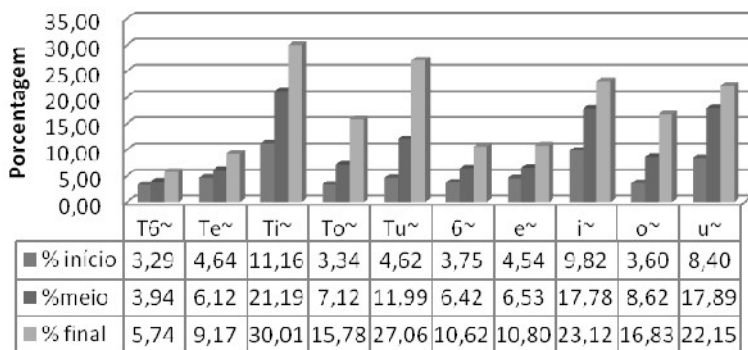
Fonte: Brkan; Amelot; Pillot-Loiseau (2012)

⁷ São tônicas: T6~, Te~, Ti~, To~, Tu~. São átonas: 6~, e~, i~, o~, u~.

Se olharmos agora os percentuais de nasalidade no início, no meio e no final dos sons nasais-alvo, vemos que nossas diferenças com o francês continuam bastante evidentes. Da mesma forma que o francês, é no final da vogal que temos um maior percentual de nasalidade, mas esse percentual no final da vogal nasal para os florianopolitanos alcança no máximo 30% (Figura 12), enquanto, no francês, pode chegar a 55% (Tabela 3) em relação à referência.

Figura 12: Percentual de nasalidade com base na média em porcentagem do RMS durante a produção das vogais no início, meio e final para os sujeitos aqui analisados.

Percentual de nasalidade : início, meio e final da vogal nasal



Fonte: Autores

Tabela 3: Percentual de nasalidade com base na média de RMS durante a produção das vogais [ã], [ɛ], [õ], no início, meio e final para cinco locutores franceses nativos

Vogais	[ã]	[ɛ]	[õ]
Início	35	31	46
Meio	45	37	56
Final	48	37	55

Fonte: Brkan; Amelot; Pillot-Loiseau (2012)

As diferenças ainda são mais marcantes, pois, apesar de termos, como no francês, um percentual de nasalidade mais elevado no final e menos elevado no início das vogais nasais, o aumento da nasalidade entre o início e o meio da vogal, para o francês, é maior do que o aumento do meio para o final da vogal (Tabela 3). Já nos dados dos florianopolitanos (Figura 12), o aumento do percentual de nasalidade é maior do meio para o final, à exceção das vogais altas em posição átona que apresentam um maior aumento da nasalidade do início para o meio da vogal.

Finalmente, fizemos uma inspeção nas curvas RMS apresentadas pelo acelerador piezoelétrico e pelo microfone nasal e verificamos que o momento oral, denominada por Montagu (2007) de *Nasal Onset Time* (NOT), em contexto de plosivas não vozeadas (o contexto de nossos dados) apresentou um NOT sistematicamente maior (maior atraso) para a plosiva velar não vozeada, tendo a plosiva alveolar o menor NOT (menor atraso). A plosiva labial apresentou atrasos bastante variados, desde nenhum atraso chegando até o meio da vogal. Como não temos consoantes vozeadas no contexto à esquerda da vogal, não podemos verificar as diferenças apontadas em Montagu (2007) entre consoantes vozeadas e não vozeadas. Notamos, todavia, que os dados referentes à consoante velar [k] diferem dos apresentados por essa autora, uma vez que a consoante que apresentou as maiores medidas de NOT foi a velar, contrariamente ao observado para o francês.

Na próxima seção, retomaremos as questões de pesquisas que serão então respondidas.

5 Considerações finais: mais um passo adiante nas análises aerodinâmicas

Retomemos então as questões desta pesquisa para respondê-las:

1. Que padrões de curvas de fluxo aéreo nasal, captadas pelo acelerador piezoelétrico e pelo microfone nasal, serão encontrados para as vogais nasais do PB falado em Florianópolis?

A partir dos dados do acelerador piezo-elétrico e do microfone nasal, pudemos observar três tipos de padrões de curvas de fluxo aéreo nasal. A observação dessas curvas indica padrões mais gerais: (i) dois com maior amplitude da curva no final da vogal nasal e são aqueles que iniciam com atraso do fluxo aéreo nasal e (ii) um outro com maior amplitude em uma região medial da vogal nasal.

2. Com relação aos momentos que compõem as vogais nasais (SOUSA, 1994; SEARA, 2000), o que podemos dizer?

Os três tipos de curvas de fluxo aéreo nasal ratificam a observação da composição das vogais nasais, considerando-se: o momento oral, momento nasal e o murmúrio nasal. As vogais classificadas como Tipo 1 evidenciam a presença do momento oral, do momento nasal e do murmúrio nasal. As vogais tidas como Tipo 2 ratificam a presença do momento oral e do momento do murmúrio nasal e as vistas como Tipo 3 consideram-se presentes o momento nasal e o murmúrio nasal.

3. Considerando-se os percentuais de nasalidade medidos a partir do acelerador piezoelétrico e do microfone nasal, quais serão os comportamentos observados?

As vogais nasais produzidas pelos florianopolitanos têm um percentual máximo de nasalidade que chega a 33%, e seus valores médios variam de 4,87%, relativos a vogal [ê], a 17,12%, referentes à vogal [ĩ]. Para as vogais do francês, o percentual médio de nasalidade varia de 33%, para a vogal [ê], a 45%, para a vogal [õ]. Os percentuais de nasalidade no início, no meio e no final dos sons nasais mostram que é no final que se tem um maior percentual de nasalidade, alcançando, para as vogais produzidas pelos florianopolitanos, no máximo 30%. No francês, esse percentual pode chegar a 55% em relação à referência. O aumento do percentual de nasalidade para os florianopolitanos é maior do meio para o final, à exceção das vogais altas em posição átona; já no francês, é do início para o meio da vogal.

4. As curvas de fluxo aéreo nasal, provenientes do acelerador piezoelétrico e do microfone nasal, apresentariam diferenças em função da qualidade vocálica?

Este estudo ainda preliminar mostra uma tendência de certas vogais como as altas apresentarem um comportamento diferente das demais tanto em relação aos padrões de curvas quanto ao percentual de nasalidade.

Os resultados aqui apresentados mostraram o quanto fica menos complexa a observação da nasalidade apoiada em experimentos aerodinâmicos. Conseguimos ratificar nossas inferências acústicas e dizer muito mais sobre os dados avaliados sob o viés aerodinâmico.

REFERÊNCIAS

- AMELOT, A. *Étude aérodynamique, fibroscopique, acoustique et perceptives des voyelles nasales du français*. 2004. Tese (Doutorado) – Université Paris III – Sorbonne Nouvelle. Paris, 2004.
- BASSET, P. AMELOT, Angélique; VAISSIÈRE, Jacqueline; ROUBEAU, B. Nasal airflow in French Spontaneous Speech. *Journal of the International Phonetic Association* 31, 1 (2001) 87-100
- BRKAN, A.; AMELOT, A.; PILLOT-LOISEAU, C. Utilisation d'un accéléromètre piézoélectrique pour l'étude de la nasalité du Français Langue Etrangère . *Actes de la conférence conjointe JEP-TALN-RECITAL*, vol.1 : JEP, Grenoble. Juin, 2012. p.689-696.
- CAGLIARI, L. C. An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese. 320 p. *Thèse de Doctorat*. University of Edinburgh, Edinburgo, 1977.
- CASERO, K. B. ; BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose ; FERREIRA-GONÇALVES, Giovana . A consoante lateral palatal: análise acústica e articulatória à luz da Fonologia Gestual. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 14, p. 79-114, 2016.
- CORREA, B. T. ; FERREIRA-GONÇALVES, Giovana ; BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose . Aquisição das vogais nasais francesas [ẽ], [ã] e [õ] por aprendizes brasileiros: aspectos articulatórios. *Ilha do Desterro* (UFSC), v. 3, p. 131-149, 2017.
- FUJIMURA, O. (1960). Spectra of nasalized vowels. Res. Lab. Electron. Q. Prog. Rep. No 62, MIT- 214-218 (july 15).
- JOHNSON, K. (1997) .Acoustic and Auditory Phonetics. Cambridge: Blackwel.
- LACERDA, A. e STREVENS, P.D. (1956) Some phonetic observations using a speech-stretcher. *Revista do laboratório de Fonética Experimental* 3, pp. 5-16
- LOVATTO, L.; AMELOT, A.; CREVIER-BUCHMAN, L.; BASSET, P; VAISSIERE, J. A Fiberscopic analysis of nasal vowels in Brazilian Portuguese . *ICPhS XVI*, ago., 2007.
- LOVATTO, L.; AMELOT, A. ; BASSET, P. La hauteur du voile du palais durant trois voyelles nasales en Portugais Brésilien en fonction de l'entourage consonantique et de la position dans le mot. *Actes des XIèmes RJC ED268 'Langage et langues'*, Paris III, maio 2008.

- MACHADO, M. M. Étude Articulatoire et Acoustique des Voyelles Nasales du Portugais de Rio de Janeiro: analyses radiocinématographique, sonographique et oscillographique. *Tese* (Doctorat). Université de Strasbourg, Strasbourg. 1981.
- MAEDA, S. (1993) Acoustic of vowel nasalization and articulatory shifts in French nasal vowels. In HUFFMAN e KRAKOW (eds) *Nasals, Nasalization, and the Velum*. São Diego: Academic Press, pp. 147-167
- MEDEIROS, Beatriz Raposo. Vogais nasais do português brasileiro: reflexões preliminares de uma revisita. *Revista Letras*, 74, 2007.
- MEDEIROS, Beatriz Raposo e DEMOLIN, Didier. Vogais nasais do português brasileiro: um estudo de IRM. *Revista da ABRALIN*, v.5, n. 1 e 2, 2008.
- MEDEIROS, B. R. ; D'IMPERIO, M.; ESPESSER, R. La voyelle nasale en Portugais Brésilien et son appendice nasal : étude acoustique et aérodynamique. Journées d'Etude sur la Parole, 2008, Avignon. *Actes des XXVIIes Journées d'Etude sur la Parole*. Avignon : Editions Universitaires d'Avignon, 2008. p. 285-288.
- MONTAGU, J. Étude acoustique et perceptive des voyelles nasales et nasalisées du français parisien. *Tese*, Université Paris 3 - Sorbonne-Nouvelle, 2007.
- MENDONÇA, Clara Simone Ignácio de. A nasalidade vocálica do português brasileiro: contribuições de uma análise acústica e aerodinâmica da fala. 2017. *Tese* (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- MORAES, J. A. e WETZELS, L. Vowel nasalization in Brazilian Portuguese: an articulatory investigation. *EUROSPEECH '97*, 2, 1997, Rhodes. *Proceedings of Rhodes: European Speech Communication Association (ESCA)*, 1997. p. 733-736.
- MORAES, J. A. Produção e percepção das vogais nasais. In: ABAURRE, Maria Bernadete. *Gramática do Português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra*. v.VII, São Paulo:Contexto, 2013, p.95-112.
- OLIVEIRA, C. e TEIXEIRA, A. On gestures timing in european portuguese nasals. XVI International Congress of Phonetic Sciences. *Proceedings of ICPhS XVI*, Saarsbrücken, p. 405-408, 2007.
- SEARA, I. C. *Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do português brasileiro*. 2000. 288 f. *Tese* (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- SOLÊ, M.J ; SPROUSE, R. Voice-initiating gestures in spanish: prenasalization. XVII International Congress of Phonetic Sciences. *Proceedings of ICPhS XVII*, Hong Kong, agosto, 2011. p.72-75.

- SOUSA, E.M.G. Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil. *Dissertação*. Unicamp, Campinas, 1994.
- VAISSIÈRE, J., HONDA, K., AMELOT, A., MAEDA, S., CREVIER-
BUCHMAN, L., Multisensor platform for speech physiology research in a
phonetics laboratory, (2010), *The Journal of the Phonetic Society of Japan*, 65-
78 (halshs-00676165, v1)
- VIEIRA, Michele Gindri. Estudo acústico e aerodinâmico das consoantes
nasais do português brasileiro: variedade de Florianópolis. 2017. *Tese*
(Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina.

Anexo 1

[a] nasal tônico	duração_ms	%média	% máx	%min	% início	%meio	% final
Média	121,21	4,87	10,09	0,35	3,29	3,94	5,74
DP	14,92	0,87	3,48	0,27	0,31	0,70	1,41
[a] nasal átono							
Média	120,03	7,15	15,71	0,36	3,75	6,42	10,62
DP	25,61	1,19	4,82	0,24	0,59	2,80	2,47
[a] oral tônico							
Média	117,31	2,23	3,58	1,20	2,41	2,09	2,14
DP	14,71	0,26	0,87	0,35	0,28	0,38	0,44
[a] oral átono							
Média	98,69	2,59	4,30	0,65	2,84	2,70	2,91
DP	8,21	1,69	3,41	0,27	0,71	1,61	2,89
[e] nasal tônico							
Média	121,65	7,21	15,01	0,23	4,64	6,12	9,17
DP	13,58	1,58	5,52	0,11	0,42	0,75	1,79
[e] nasal átono							
Média	114,00	7,94	17,05	0,40	4,54	6,53	10,80
DP	21,78	3,11	7,22	0,26	0,49	2,80	7,09
[e] oral tônico							
Média	110,33	4,94	6,22	1,16	5,58	5,81	5,68
DP	16,00	0,62	0,49	1,09	0,54	0,52	0,41
[e] oral átono							
Média	81,43	3,07	4,43	1,18	3,39	4,19	3,92
DP	5,28	0,35	0,32	0,48	0,32	0,36	0,39
[i] nasal tônico							
Média	107,04	17,12	30,84	0,34	11,16	21,19	30,01
DP	17,85	6,37	11,32	0,28	6,04	13,02	11,11

Considerações sobre a aerodinâmica das vogais nasais do português brasileiro:
a variedade florianopolitana | 39

[i] nasal átono							
Média	106,42	14,78	27,91	0,91	9,82	17,78	23,12
DP	24,20	4,15	5,25	1,16	8,18	10,39	8,18
[i] oral tônico							
Média	91,00	7,49	10,24	1,46	8,93	9,83	9,26
DP	11,51	1,04	1,16	1,04	0,92	1,43	1,30
[i] oral átono							
Média	63,08	4,07	5,73	1,12	4,45	5,43	5,20
DP	12,45	0,61	1,01	0,72	1,30	0,88	1,18
[o] nasal tônico							
Média	125,42	9,63	21,89	0,17	3,34	7,12	15,78
DP	12,03	2,33	5,78	0,04	0,92	4,47	7,30
[o] nasal átono							
Média	137,50	10,37	22,77	0,29	3,60	8,62	16,83
DP	11,40	3,19	5,71	0,17	0,83	6,93	9,33
[o] oral tônico							
Média	109,06	3,27	4,57	1,14	3,52	3,61	3,53
DP	12,52	0,52	1,23	0,57	0,51	0,61	0,66
[o] oral átono							
Média	89,38	2,78	4,04	1,04	2,86	3,52	3,41
DP	8,28	0,55	0,90	0,43	0,75	0,77	1,16
[u] nasal tônico							
Média	117,83	14,94	33,00	0,40	4,62	11,99	27,06
DP	16,56	2,70	4,53	0,31	1,02	5,20	9,16
[u] nasal átono							
Média	105,04	14,22	25,48	1,09	8,40	17,89	22,15
DP	34,10	5,14	6,92	1,78	5,17	10,27	8,07
[u] oral tônico							
Média	91,16	4,06	5,89	0,68	4,71	4,76	4,57
DP	17,59	0,56	0,94	0,56	0,72	0,45	0,58

[u] oral átono							
Média	59,92	2,81	4,18	0,73	2,58	3,29	3,80
DP	16,73	0,85	1,24	0,29	1,14	1,34	0,94

Recebido em: 12/12/2018

Aceito em: 06/01/2019

CARACTERIZAÇÃO ACÚSTICA DA VOGAL ÁTONA FINAL /e/ NO PORTUGUÊS PORTO-ALEGRENSE E NO ESPANHOL URUGUAIO

Bruna da Rosa de Los Santos⁸
Ubiratã Kickhöfel Alves⁹

RESUMO: É apresentada, neste artigo, uma comparação acústica referente à altura, anterioridade/posterioridade e duração vocálica da vogal átona final /e/, entre a variedade do Português Brasileiro (PB) falada em Porto Alegre/RS e a variedade do Espanhol falada em Montevideú/Uruguaí. Para isso, contamos com a participação de monolíngues das respectivas línguas. Tais caracterizações acústicas se fazem necessárias, dado que uma grande parte dos pesquisadores brasileiros têm investido no estudo do processo de desenvolvimento de Espanhol como Segunda Língua (L2) por parte de aprendizes também brasileiros. Além disso, tanto a literatura do PB como a da Língua Espanhola carecem de descrições acústicas das vogais átonas. Os dados apresentados neste artigo foram obtidos a partir de duas Tarefas de Leitura, uma em Português e outra em Espanhol. Os resultados indicam que a vogal átona final /e/ do PB é mais curta, mais alta e mais centralizada do que a sua contraparte no Espanhol uruguaio.

Palavras-chave: vogal átona final /e/; Português Brasileiro; Espanhol Uruguaio; descrição acústica.

ABSTRACT: In this article, we provide an acoustic comparison between the word-final unstressed vowel /e/ produced in Brazilian Portuguese (Porto Alegre-RS variety) and in Spanish (Montevideo-Uruguay variety). In order to do so, we collected data from monolingual participants of each language. We consider this acoustic description to be necessary, as many researchers have investigated the learning of L2 Spanish in the Brazilian scenario and acoustic descriptions in these two languages are

⁸ Mestre em Letras em Estudos da Linguagem - Psicolinguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS.

⁹ Doutor em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

still few, especially regarding unstressed vowels. The data were obtained in reading tasks in the two languages, and the results suggest that the word-final unstressed /e/ in Brazilian Portuguese is shorter, higher and more centralized than in Uruguayan Spanish.

Key-words: word-final unstressed final /e/; Brazilian Portuguese; Uruguayan Spanish; acoustic description.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos uma comparação acústica entre a vogal átona final /e/ do Português Brasileiro (PB), falado em Porto Alegre/RS, e a mesma vogal do Espanhol na variedade de Montevideú (Uruguai). Devido à vasta literatura sobre vogais no Brasil, principalmente a de cunho variacionista (AMARAL, 2000; BISOL, 1981, 2003; BORTONI *et al.*, 1991; CALLOU, LEITE, 2000; CÂMARA JR., 1970; CARNIATO, 2000; MACHRY DA SILVA, 2009; MARGOTTI, 2004; MILESKI, 2013; SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002; dentre outros), conhecemos a pluralidade linguística que perpassa o território brasileiro. No Sul, por exemplo, dado o contato com os mais diversos dialetos de imigrantes e com o Espanhol nas zonas de fronteira, o PB foi se modificando, abrindo espaço para falares diversos. Sendo assim, tanto do ponto de vista fonético-fonológico quanto do lexical, a variedade sulista do PB é diversa e também distinta do restante do país. No entanto, é importante apontar que a fala da capital gaúcha se distingue das variedades utilizadas pelos falantes de fronteira e daqueles pertencentes às comunidades bilingues. Dado o fato de que o falar porto-alegrense é influenciado pelos mais diversos contatos linguísticos, o mesmo apresenta particularidades próprias, justificando o interesse investigativo de pesquisas como a que propomos neste trabalho.

De forma semelhante, a Língua Espanhola é também plural, visto que é falada em 21 países, abrangendo, portanto, elementos culturais e linguísticos específicos de cada país. Assim, há uma grande variação dialetal na Língua Espanhola. Dessa forma, não é difícil encontrarmos brasileiros que compreendem muito bem o Espanhol Uruguai e o Argentino, mas têm dificuldade com o Espanhol de outros dialetos, como o Espanhol Chileno, o Espanhol Peruano ou o Espanhol Ibérico. Contudo, apesar de tanta diversidade, o sistema vocálico do Espanhol é considerado mais estável do que o sistema vocálico do Português. Isso se deve ao fato de que tal sistema não apresenta grandes mudanças fonético-

fonológicas, mantendo, na maioria de seus dialetos, cinco vogais, ao contrário do PB, que varia de sete a três vogais, a depender da posição silábica e da região brasileira.

No entanto, considerando as peculiaridades de cada variedade linguística, torna-se difícil generalizar certos resultados de produção vocálica e até mesmo de desenvolvimento vocálico por parte de bilíngues de diferentes regiões brasileiras. No caso de desenvolvimento bilíngue, é preciso, de partida, conhecer as características da variedade da língua materna (L1) do aprendiz, assim como as características típicas da Segunda Língua (L2). Como muitos pesquisadores brasileiros têm se dedicado ao estudo do desenvolvimento de Espanhol como Segunda Língua (L2), tem sido necessário mapear o sistema vocálico, tanto do PB como do Espanhol, levando em consideração as diferenças regionais. Dessa forma, uma descrição acústica detalhada pode prover insumos para o levantamento de novas hipóteses de pesquisa no campo de desenvolvimento de L2. Tal comparação se faz necessária, considerando-se a escassez de trabalhos com detalhamento acústico dessas variedades, principalmente no que se refere às vogais átonas.

Sendo assim, nesta pesquisa temos como objetivo mapear as produções monolíngues do PB porto-alegrense e do Espanhol de Montevideú, com relação à vogal átona final /e/, apresentando também uma comparação entre essas duas línguas no que diz respeito aos parâmetros de altura, anterioridade/posterioridade e duração (absoluta e relativa) vocálicas. Apoiados na literatura descritiva, variacionista e também acústica de ambas as línguas, levantamos a seguinte hipótese de pesquisa: haverá diferença significativa entre a vogal átona final /e/ do PB porto-alegrense e a sua contraparte do Espanhol, dado que a vogal gaúcha será mais alta (maior F1 – em Bark), mais centralizada (maior F2 – em Bark) e mais curta (menor duração absoluta e relativa).

Esperamos, com o presente trabalho, prover dados empíricos que contribuirão para a descrição dos dialetos de Português de Porto Alegre e do Espanhol de Montevideú, de modo a prover, também, insumos para futuros estudos sobre a aquisição do Espanhol (L2) por brasileiros. A seguir, apresentamos uma breve revisão da literatura referente ao sistema vocálico átono do Português Brasileiro, focando na variedade de Porto Alegre, e do Espanhol de Montevideú.

2. SOBRE AS VOGAIS ÁTONAS NO PB E NO ESPANHOL

Nesta seção descrevemos, separadamente, estudos sobre os sistemas vocálicos átonos do PB e do Espanhol. Ressaltamos que o nosso foco recairá sobre as variedades do PB porto-alegrense e do Espanhol falado em Montevidéu.

2.1 O sistema vocálico átono final do Português Brasileiro

Muito conhecido é o trabalho descritivo de Câmara Jr. (1970) sobre o sistema vocálico da variedade carioca do Português Brasileiro (PB), pois é a partir desse que se começam a pensar os processos fonético-fonológicos¹⁰ que dizem respeito às vogais, ocorridos na produção da fala. Segundo Câmara Jr. (1970), o sistema vocálico do PB conta com sete vogais em posição tônica (i, e, ε, a, o, ə, u), enquanto que na posição átona têm-se cinco vogais (u, o, a, e, i - posição pretônica), quatro vogais (u, a, e, i - posição postônica não-final) ou três vogais (u, a, i - posição postônica final). Conforme aponta Bisol (2010), "A passagem de um subsistema para outro é identificada pela elevação gradual da vogal média (ε, ə > e, o > i, u), que ocorre de acordo com o grau de enfraquecimento da sílaba: as pretônicas são relativamente menos fortes do que as tônicas e as átonas postônicas são as mais fracas." (*op. cit.*, p. 42).

De acordo com tal caracterização, na posição átona, que é a posição de interesse da pesquisa a ser desenvolvida, o sistema passa de sete vogais para cinco, quatro ou três vogais, como veremos a seguir.

2.1.1 A variação das vogais átonas finais do PB sulista

Alguns pesquisadores (CARNIATO, 2000; LINK, 2015; MACHRY DA SILVA, 2009; MARGOTTI, 2004; MILESKI, 2013; SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002), principalmente à luz da Teoria Variacionista, contestaram os postulados de Câmara Jr. (1970), ao encontrarem variedades nas quais o sistema vocálico não é estanque, mas

¹⁰ Consideramos que tais processos não seriam puramente fonológicos, mas, sim, deveriam ser chamados de 'fonético-fonológicos', uma vez que não concebemos a divisão dicotômica entre as áreas de 'fonética' e 'fonologia' dentro da perspectiva dinâmica de língua (BECKNER *et al.*, 2009; DE BOT *et al.*, 2013) que assumimos.

variável dentro de uma mesma comunidade de fala, e seu uso controlado por fatores linguísticos e “não-linguísticos”¹¹. Grande parte destes estudos foram desenvolvidos no sul do Brasil, considerando o falar típico de comunidades de imigrantes e de seus descendentes. No entanto, para Bisol (2003), embora ainda haja variação em algumas comunidades de fala, o processo de produção das vogais átonas finais como altas vem se impondo, tendendo a generalizar-se. Portanto, haveria um processo de mudança linguística em curso.

Especificamente em Porto Alegre, variedade dos participantes deste estudo, o processo de elevação/alçamento, em posição átona final, ainda que variável, é uma característica marcante desta fala, tendo em vista que o não-alçamento se aplica em poucos casos (BISOL, 2003; SOUZA, 2015; VIEIRA, 1994, 2002), sendo condicionares desse processo variável, principalmente, os contextos fonético-fonológicos nos quais estão inseridas as vogais átonas finais. Além disso, quando comparada com regiões de bilíngues ou de fronteira, Porto Alegre possui o mais alto índice de elevação/alçamento, o que permite que alguns pesquisadores o tratem, inclusive, como um fenômeno categórico e não mais variável.

Mais recentemente, dada a necessidade de olhar para o sistema vocálico de uma forma menos categórica, cresceu o interesse pela obtenção de dados acústicos. A seguir, apresentamos um apanhado geral dos trabalhos com detalhamento acústico das vogais átonas finais do PB.

2.1.2 Caracterização acústica das vogais átonas finais do PB

Em termos acústicos, a literatura conta com os seguintes estudos de vogais átonas postônicas finais: Callou, Moraes e Leite (1996, 2002), Silva (2012), Matzenauer *et al.* (2015) e Brisolara e Solé (2016). No entanto, destes trabalhos, apenas o primeiro apresenta dados acústicos da variedade porto-alegrense. Ainda que o nosso foco recaia sobre a

¹¹ Dentro de uma perspectiva dinâmica de língua é, no mínimo, incoerente utilizar os termos *não-linguístico* e *extralinguístico*, pois há grande interação de fatores/variáveis na língua, que não só interagem com o sistema linguístico, como também o constituem. Dessa forma, nada está “fora” do sistema linguístico. No entanto, estes termos (*não-linguístico* e *extralinguístico*) são utilizados na maioria dos estudos mencionados nesta seção, pois são trabalhos de cunho formal e tradicional. Por isso, tais termos poderão aparecer nesta revisão bibliográfica.

variedade sulista, é importante mencionar que incluímos o trabalho de Silva (2012), embora o mesmo trate do PB brasileiro, porque em tal estudo há uma descrição duracional da vogal átona final. Além disso, segundo Silva (2012), o padrão acústico das vogais brasileiras se assemelha mais ao das vogais da capital gaúcha do que ao de outras variedades, o que permite a comparação entre as mesmas.

Os dados coletados por Callou, Moras e Leite (1996, 2002) são referentes a 15 entrevistas, com falantes masculinos, coletadas através do Projeto Norma Urbana Culta (NURC). Silva (2012), por sua vez, faz uso de uma Tarefa de Leitura, na qual as palavras-alvo apresentam-se inseridas na frase-veículo “Digo X baixinho” (sendo X correspondente aos estímulos selecionados pela autora).

Já o estudo de Matzenauer *et al.* (2015) conta com uma amostra de 4 participantes adultos (2 homens e 2 mulheres), moradores da cidade de Pelotas/RS. Os dados de produção foram obtidos através da leitura de frases-veículo (instrumento adaptado de Rauber, 2008), nas quais foram inseridos logatomas com as vogais-alvo. Utilizaram-se como contextos linguísticos, para a construção dos logatomas, as consoantes surdas /p, t, k, f, s/. Além disso, é importante mencionar que os dados foram normalizados a partir do método Lobanov.

Por último, em Brisolara e Solé (2016), embora haja uma amostra de participantes reduzida (2 informantes apenas), é realizado um mapeamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final. Contudo, o objetivo não é analisar estas produções vocálicas em PB como Primeira Língua (L1), mas a produção dessas vogais por colombianas, aprendizes de Português como Segunda Língua/Língua Estrangeira (PLE). Para isso, as pesquisadoras contam com um grupo controle de duas falantes nativas do Português Brasileiro, nascidas e criadas em Rio Grande/RS, para a comparação com o grupo bilíngue. Para a obtenção dos dados de fala, foi utilizada uma Tarefa de Leitura de palavras, contendo as vogais /e/ e /o/ átonas em posição final. É importante mencionar que as consoantes antecedentes à vogal alvo eram oclusivas (Ex.: p = sapo/golpe; b = cabo/plebe; k = frasco/saque; g = tango/dengue) e fricativas (f = golfo/gafe; s = recurso/suspense).

Na Tabela 1, a seguir, é possível visualizar os dados reportados nos estudos mencionados referentes à produção da vogal átona final /e/, a qual é mapeada também na presente pesquisa.

Tabela 1: Dados acústicos da vogal postônica final /e/ no Português Brasileiro

Autor (es)	Cidade/Estado	F1 (Hz)	F2 (Hz)	Duração (ms)
Callou, Moras e Leite (1996, 2002)	Porto Alegre RS	387	1880	-
Silva (2012)	Brasília DF	416	2092	88
Matzenauer <i>et al.</i> (2015)	Pelotas RS	320	2018	-
Brisolara e Solé (2016)	Rio Grande RS	414	1681	-

Fonte: os autores.

Como é possível observar na Tabela 1, a cidade de Pelotas apresenta a vogal átona final /e/ mais baixa (M = 320 Hz), enquanto que Brasília apresenta a produção mais alta (M = 416 Hz). A produção de Porto Alegre (M = 387 Hz), por sua vez, fica mais próxima à de Brasília, assim como a produção de Rio Grande (M = 414 Hz). Quanto ao eixo de anterioridade/posterioridade, na ordem de produção mais anterior à mais centralizada, temos Brasília com a vogal /e/ mais anterior (M = 2092 Hz), Pelotas (M = 2018 Hz), Porto Alegre (M = 1880 Hz) e, por último, Rio Grande (M = 1681 Hz), sendo esta última, portanto, a vogal mais centralizada. Em termos duracionais, contamos apenas com os dados de Silva (2012), estes referentes a Brasília (M = 59 ms).

Na subseção a seguir, apresentamos um apanhado geral da literatura sobre as vogais da Língua Espanhola.

2.2 O sistema vocálico átono do Espanhol

Tradicionalmente, considerando-se a distinção entre fonética e fonologia, segundo Conde (2001), o sistema vocálico do Espanhol, independente da variedade, fonologicamente é constituído por cinco vogais (i, e, a, o, u), classificadas como vogal inicial fechada (vogal i), vogal final fechada (vogal u), vogal média inicial-central (vogal e), vogal média final-central (vogal o) e vogal central aberta (vogal a). No entanto, assim como o sistema vocálico brasileiro, o Espanhol também é caracterizado

por variação. A seguir, detalhamos, ainda que brevemente, algumas das principais características variáveis das vogais da Língua Espanhola.

2.2.1 A variação das vogais átonas finais do Espanhol

Ainda dentro da distinção estruturalista, Navarro Tomás (2004) defende a influência da estrutura silábica, da natureza dos sons que acompanham as vogais e a influência do acento de intensidade, o que caracteriza um olhar mais fonético para o sistema vocálico. Existe, portanto, uma relação entre as influências levantadas por Navarro Tomás (2004) e as influências encontradas nas pesquisas sociolinguísticas sobre as vogais brasileiras, visto que, em ambas as literaturas, se concebe um papel às consoantes vizinhas (precedente ou seguinte) na produção vocálica. Sobre as vogais átonas, definidas como não-acentuadas por Navarro Tomás (2004), essas são consideradas por sua tendência à *relajación* (relaxamento, descontração), pois

O timbre das vogais não-acentuadas depende, especialmente, do esmero ou descuido com que se fala e do grau relativo da intensidade correspondente a sua posição. Em pronúncia lenta ou enfática se mantêm claras e distintas. Em linguagem rápida e familiar relaxam sua articulação e tomam um timbre menos definido e preciso (NAVARRO TOMÁS, 2004, p. 44).

Portanto, tais vogais sofrem mudanças articulatórias e, conseqüentemente, acústicas, quando em fala coloquial. Alguns contextos são mais favorecedores do fenômeno de *relajación*, como vogais átonas de paroxítonas diante de pausa e de proparoxítonas (dessas, a vogal final é menos 'relaxada/descontraída' do que a da penúltima sílaba)¹². Além disso, conforme Navarro Tomás (2004), ainda que em menor frequência, a vogal antecedente à vogal acentuada também pode ser 'relaxada'.

¹² Em Espanhol, as sílabas acentuadas recebem as seguintes definições: agudas (quando a última sílaba é a tônica), llanas/graves (quando a penúltima sílaba é tônica), esdrújulas (quando a antepenúltima sílaba é tônica) e sobresdrújulas (quando a ante-antepenúltima sílaba é tônica). Exemplos de vogais 'relaxadas' nestes dois contextos são: 'catorce'; 'húmedo'

Quanto ao fenômeno de produção das vogais átonas finais como altas, comum em variedades do Português Brasileiro, o mesmo não é considerado característica do Espanhol. Alguns estudos sinalizam a presença deste fenômeno (LIPSKI, 2007; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2011), mas em poucas variedades e por influências de línguas indígenas. Dado o contexto de tal fenômeno, o mesmo é muito estigmatizado e não consta nos materiais didáticos de Espanhol como Segunda Língua (L2). No entanto, Luís e García Jurado (1983) classificam trocas vocálicas como em *apaliado-apaleado* (ea-ia), *Mediterranio-Mediterráneo* (eo-io), *almuada-almohada* (oa-ua), *ruedor-roedor* (oe-ue), *peculiar-peculiar* (ia-ea), *moeblería-mueblería* (ue-oe) e *mensoal-mensual* (ua-oa) a partir da noção de *neutralização*, assim como os fonólogos brasileiros fizeram com a produção das vogais médias em posições átonas. Classificando foneticamente tais modificações como *desplazamientos*, Luís e García Jurado (1983) afirmam que

É preciso levar em conta que esses *desplazamientos* se dão em certos registros de fala e não em outros: se observam na fala rápida, na fala regional e na fala familiar, não na pronúncia lenta e esmerada. Ainda que esteja generalizado, ocorre a coexistência de ambas as formas. Dessa forma, um mesmo falante pode dizer *pior* e *peor*, *puesía* e *poesía* (LUÍS; GARCÍA JURADO, 1983, p. 103).

Além desta colocação, Luís e García Jurado (1983) defendem que a vogal alçada (*desplazada*) seria um terceiro elemento neutro, ou seja, uma vogal intermediária que, por sua vez, não corresponderia exclusivamente a [i] ou [e], [u] ou [o]. Contudo, em posição postônica final absoluta, a literatura não registra casos de vogal intermediária; inclusive, são pouco frequentes palavras terminadas em [i, u] em Espanhol (ALARCOS LLORACH, 1975; BRISOLARA, SEMINO, 2014).

De forma geral, a literatura em Espanhol considera a produção da vogal média em posição átona final como sendo característica da língua, diferentemente do PB que, por sua vez, apresenta variação entre as vogais médias e altas, sendo a produção alta mais frequente em regiões como Porto Alegre/RS.

A seguir, apresentamos alguns dos estudos acústicos sobre o sistema vocálico Espanhol.

2.2.2 Caracterização acústica do sistema vocálico Espanhol

Em termos acústicos, assim como a literatura carece de descrições acústicas das diversas variedades do Português Brasileiro, ocorre o mesmo com o Espanhol, que, por sua vez, possui uma enorme variação dialetal. Encontramos disponível apenas um estudo sobre a variedade de Montevidéu, sendo o de Santos e Rauber (2016). No entanto, o mesmo trata das vogais em posição tônica. Sobre as vogais átonas, temos o estudo de Butragueño (2011) na Cidade do México, embora o pesquisador reporte uma média entre as vogais tônicas e átonas por ele mapeadas.

Butragueño (2011) investiga as propriedades acústicas (somente altura e anterioridade/posterioridade) do sistema vocálico Espanhol (variedade da Cidade do México), em contexto espontâneo. Buscando caracterizar os sistemas átono e tônico, Butragueño (2011) obtém uma amostra de oito informantes (divididos igualmente por sexo, faixa etária e escolaridade), os quais participam de uma entrevista semi-espontânea para a coleta de dados¹³. Vale ressaltar que Butragueño (2011) apresenta um único valor (média) para as vogais tônicas e átonas, o que dificulta fazer alguma consideração sobre a tonicidade.

Por outro lado, Santos & Rauber (2016) apresentam dados acústicos para as vogais tônicas do Espanhol, na variedade de Montevidéu/Uruguai - variedade essa com a qual operaremos neste trabalho - com a finalidade de contribuir com estudos na área da fonética e fonologia do Espanhol. O estudo conta com uma amostra de 16 universitários (divididos igualmente entre homens e mulheres), os quais afirmaram ter pouco conhecimento de outras línguas.

A seguir, na Tabela 2, apresentamos os dados acústicos das pesquisas supracitadas.

¹³ Tais entrevistas pertencem ao *Corpus Sociolingüístico de la Ciudad de México* (BUTRAGUEÑO; LASTRA, 2011). Disponível em <<http://lef.colmex.mx/index.php/investigaciones/corpus-sociolingueistico-de-laciudad-de-mexico-cscm>>. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

Tabela 2: Dados acústicos da vogal /e/ no Espanhol

Autor (es)	Cidade/País	F1 (Hz)	F2 (Hz)	Duração (ms)
Butragueño (2011)	Cidade do México, México	474 (homem)	1772	-
		516 (mulher)	2058	
Santos e Rauber (2016)	Montevideú, Uruguai	472	2270	106

Fonte: os autores.

Como podemos notar na Tabela 2, as produções da vogal átona final /e/ do Espanhol Mexicano, tanto masculina como feminina, são mais baixas (M = 474/516 Hz) do que as produções das vogais tônicas do Espanhol de Montevideú (M = 472 Hz). No entanto, a média masculina mexicana é bem próxima à média das tônicas de Montevideú. Quanto ao eixo de anterioridade/posterioridade, as produções átonas mexicanas são mais centralizadas (M = 1772/2058 Hz) do que as das tônicas de Montevideú (M = 2270 Hz). Em termos duracionais, apenas o trabalho de Santos e Rauber (2016) mapeia a duração absoluta da vogal /e/ (M = 106 ms), embora em posição tônica.

Considerando os estudos acústicos da Língua Espanhola, embora exista uma discussão sobre a quantidade silábica, pouco sabemos sobre a duração vocálica, propriamente dita. Conforme Navarro Tomás (2004), "a sílaba acentuada é mais longa do que a sílaba não-acentuada. (...) A causa que produz maiores diferenças de duração entre as sílabas é o acento enfático" (*op. cit.*, p. 206). Especificamente sobre a duração vocálica, encontramos a descrição feita na *Nueva Gramática de la Lengua Española - Fonética y Fonología* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA - RAE, 2013), segundo a qual,

Em espanhol, as variações relacionadas à duração vocálica são de natureza fonética e estão vinculadas à tonicidade da vogal, ao seu timbre, à composição da sílaba na qual está inserida, ao contexto consonântico que a rodeia, à estrutura silábica da palavra da qual forma parte e a sua posição no que diz respeito a essa estrutura (*op. cit.*, p. 112).

Dessa forma, tanto vogais tônicas como átonas podem variar quanto à duração, devido ao contexto no qual estão inseridas. Conforme a Gramática supracitada, as vogais tônicas têm sua variação condicionada, especificamente, pelo timbre vocálico (portanto, a ordem de maior a menor duração é a seguinte: /a, o, e, u, i/), pela estrutura da palavra (as mais longas são as vogais acentuadas de vozes agudas e as mais curtas são as vogais de vozes *esdrújulas*) e pela natureza da consoante seguinte. Por outro lado, a variação no padrão duracional das vogais átonas é condicionada pelo número de sílabas da palavra, pela posição da vogal na palavra, pela natureza da consoante seguinte e pela estrutura silábica da sílaba na qual se encontra a vogal átona. Além disso, segundo a Gramática da RAE (2011), "a duração da vogal átona inicial diminui conforme ela se distancia da vogal tônica; além disso, a pretônica tende a ser mais breve do que a postônica. A vogal final é a mais longa das átonas" (*op. cit.*, p.112). Entretanto, embora evidenciada a variação no padrão duracional, a literatura carece de estudos que reportem os valores de duração das vogais, sejam tônicas ou átonas.

A seguir, apresentamos uma síntese desta seção, considerando as pesquisas resenhadas do sistema vocálico do PB e do Espanhol.

2.3 Síntese

Concluindo esta seção, consideramos que, com relação a F1 e F2, com base nos dados expostos, a produção da vogal átona final /e/ (i) é mais alta no PB do que no Espanhol, devido ao processo de elevação desta vogal, característico do PB, mas não do Espanhol. Além disso, observando-se os dados de Callou, Moraes e Leite (1996, 2002) e Santos e Rauber (2016), ainda que a tonicidade vocálica seja distinta, verifica-se que o PB apresenta a vogal /e/ mais alta; e (ii) é centralizada no PB, como apontam Callou, Moraes e Leite (1996, 2002), mas não no Espanhol, sendo, portanto, mais anterior nesta língua. Quanto à duração vocálica, ainda que a literatura careça de descrições detalhadas, principalmente em posição átona final, com base na descrição de Silva (2012), esta referente às vogais postônicas finais da fala brasiliense, e na de Santos e Rauber (2016), por sua vez referente às vogais tônicas de Montevidéu/Uruguai, podemos considerar que a vogal átona final /e/ pode ser mais longa no Espanhol, com uma média de 106 ms (SANTOS; RAUBER, 2016), do que no PB, o qual pode apresentar uma média aproximada de 88 ms (SILVA, 2012). Além disso, a própria Gramática da RAE destaca que, dentre as vogais átonas, as átonas finais são mais longas no Espanhol.

Estes achados referentes aos estudos prévios serviram de base para a hipótese estabelecida neste trabalho, apresentada na seção de Introdução.

No que segue, apresentamos a metodologia aplicada nesta pesquisa.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, descrevemos os participantes, os instrumentos e procedimentos utilizados na coleta de dados.

3.1 Participantes

Esta pesquisa foi realizada com 6 falantes monolíngues de Espanhol (Grupo 1), oriundos de Montevidéu/Uruguai, sendo duas mulheres e quatro homens, e com 8 falantes monolíngues de Português Brasileiro (Grupo 2), naturais de Porto Alegre/RS ou região metropolitana, sendo cinco mulheres e três homens, totalizando, portanto, 14 participantes. A média de idade do Grupo 1 é de 42,17 (DP = 14,48), enquanto que a média de idade do Grupo 2 é de 35,8 (DP = 12,09).

É importante mencionar que optamos pelo Espanhol uruguaio, falado em Montevidéu, pela viabilidade da coleta de dados, dado que esta é a capital hispânica mais próxima a Porto Alegre.

3.2 Instrumentos de coleta

Para a coleta de dados referentes às produções da vogal átona final /e/, construímos duas Tarefas de Leitura (de frases-veículo), uma em Português e outra em Espanhol. Como frase-veículo, optamos por “DIGO X BEM.” para a Tarefa em Português e “DIGO X BIEN.” para a Tarefa em Espanhol, sendo X correspondente ao estímulo-alvo ou distrator.

Como forma de controlar algumas variáveis intervenientes, selecionamos os estímulos-alvo com base nos seguintes critérios: (i) palavras não-cognatas¹⁴, pois a literatura sobre acesso lexical por parte de bilíngues (LEMHÖFER & DIJKSTRA, 2004) aponta efeito de status cognato em nível semântico. Contudo, como não sabemos se o status

¹⁴ Salientamos que não foram utilizadas plataformas *online* para a classificação das palavras como não-cognatas. Adotamos, portanto, critérios subjetivos.

cognato influencia também no nível de produção linguística¹⁵, optamos por controlar esta variável; (ii) palavras dissílabas ou trissílabas, para que pudéssemos controlar o padrão duracional das palavras; e (iii) palavras paroxítonas, como forma de controlar o padrão acentual das palavras.

Salientamos que foi preciso, ainda, ampliar o número de contextos antecedentes à vogal átona final /e/ para que obtivéssemos equilíbrio quanto à quantidade de estímulos-alvo em cada língua. Portanto, consideramos os estímulos-alvo nos quais o contexto antecedente à vogal átona final /e/ correspondia às consoantes /p, b, k, g/. Não incluímos estímulos nos quais as consoantes antecedentes eram /d, t/ dado o fenômeno de palatalização, frequente em Porto Alegre¹⁶. No Quadro 1, a seguir, apresentamos os estímulos-alvo e os estímulos distratores utilizados nas Tarefas de Leitura.

Quadro 1: Estímulos-alvo e os estímulos distratores

Tarefa de Leitura	Estímulos-alvo		Estímulos distratores	
	Dissílabos	Trissílabos	Dissílabos	Trissílabos
Espanhol	turbe nube pope tepe pliegue cuelgue bloque hinque	derrumbe pruebe solape arrope rezongue repliegue achique meñique	habla suelo luna lleno	abueta vuelo suena bueno
Português	sambe quibe ergue sangue poupe jipe baque bique	esnobe carimbe carregue açougue entope estepe rabisque sotaque	fala vila tolo treino	lacuna vacina abalo aceno

Fonte: os autores.

¹⁵ Conforme De Los Santos e Alves (2017), o status cognato “se mostra pertinente para explorar efeitos de ativação interlinguística no que diz respeito, portanto, à produção específica de categorias fonético-fonológicas” (*op. cit.*, p. 7).

¹⁶ Cf. Kamjanecky (2003).

Para a construção das Tarefas de Leitura, utilizamos o site *randomizer.org*, com a finalidade de gerar três ordens randômicas para construir três diferentes conjuntos de slides no programa de apresentação *Power Point*. Assim, cada língua contou com uma Tarefa de Leitura, composta por três blocos de *slides* randômicos, os quais apresentaram 16 estímulos-alvo e 8 estímulos distratores, totalizando 24 sentenças a serem lidas por conjunto de *slide* (totalizando, portanto, 72 sentenças para a Tarefa de Leitura em Espanhol, bem como para a Tarefa de Leitura em Português).

Além das Tarefas de Leitura, esta pesquisa contou com dois Testes de Familiaridade Lexical (adaptado de Lepage, 2015), um em Português e outro em Espanhol. Neste teste, os participantes tiveram que assinalar para cada estímulo, conforme seu conhecimento, uma das seguintes opções: (i) conheço esta palavra e sei seu significado; (ii) conheço esta palavra, mas não lembro seu significado; ou (iii) não conheço esta palavra. As respostas nos forneceram um índice de familiaridade dos participantes com as palavras utilizadas nas Tarefas de Leitura. Todos os estímulos-alvo que não alcançaram 70% de respostas na alternativa 1 (conheço esta palavra e sei seu significado) foram excluídos da amostra de dados de cada grupo.

Vale ressaltar, ainda, que estavam incluídos nesta pesquisa dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (um em cada língua) e duas Fichas de Informações do Participante (um em cada língua)¹⁷.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

O primeiro procedimento de coleta de dados consistiu na assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguido do preenchimento da Ficha de Informações do Participante. Logo, utilizamos o software *Audacity* (taxa de amostragem 44.100 Hz), um *Head Set Microsoft 3.000* e um notebook *Positivo Intel Inside* para a realização das gravações das Tarefas de Leitura, as quais duraram em torno de 3 a 4 minutos para cada participante. É importante mencionar que a coleta foi realizada individualmente.

¹⁷ Estes instrumentos de coleta de dados são discriminados detalhadamente em AUTORA (2017). O projeto de pesquisa que originou este estudo foi aprovado pelo CEP da Instituição Proponente do Projeto sob o número de processo 60718216.9.0000.5347.

Durante a coleta, o participante foi convidado a sentar-se diante de um *notebook*, colocar o *Head Set* e ler o primeiro slide da Tarefa de Leitura (que consiste em um *slide* explicativo), para que a pesquisadora pudesse configurar o ganho do microfone no software *Audacity*. Após as configurações realizadas, a pesquisadora responsável pelas coletas, primeira autora deste artigo, deu algumas instruções, tais como: “Você não deve ler pausadamente, tente ler as frases da maneira mais natural possível; não aproxime o microfone, pois já está configurado para esta distância; não há resposta correta para a Tarefa”¹⁸.

Por último, ao final de cada Tarefa de Leitura, todos os participantes preencheram o Teste de Familiaridade Lexical, correspondente à sua língua. Dessa forma, considerando todos os procedimentos, a coleta de dados durou de 15 a 20 minutos para cada participante.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para todos os áudios de cada participante, foram elaboradas etiquetas/linhas de grade (*TextGrids*) no *software Praat* - versão 5.4.18 (BOERSMA; WEENINK, 2015), de forma a facilitar a segmentação da vogal, bem como a medição da duração absoluta da vogal e a medição da duração do enunciado, essa última necessária para o cálculo de duração relativa¹⁹. Quanto ao recorte da vogal, prosseguimos da seguinte forma: selecionamos a parte estável da vogal; logo, aplicamos um zoom para que aparecesse apenas esta parte estável na tela do Praat; após isso, então, posicionamos o cursor bem no centro dessa parte estável, e por último, solicitamos ao programa os valores de F1 e F2, através do comando *Formant listing*. Tal método é comumente conhecido como *LPC/Linear Prediction Coding* (COLANTONI, STEELE, ESCUDERO, 2015).

Após extrairmos os valores referentes à altura vocálica (Formante 1 - F1) e anterioridade/posterioridade vocálica (Formante 2 - F2),

¹⁸ Tais instruções foram dadas na língua da Tarefa (Português ou Espanhol).

¹⁹ Conforme Silva (2014), a duração relativa é uma normalização que evita a influência de fatores prosódicos, entre eles, velocidade de fala. Para calculá-la, basta multiplicar por 100 a duração absoluta da vogal e dividir o resultado pela duração do enunciado, obtendo-se, assim, um percentual, ou seja, o quanto do enunciado é ocupado pela vogal.

submetemos os dados à plataforma *Norm*²⁰, a fim de normalizá-los, dada a participação de falantes homens e mulheres na amostra. Utilizamos o método de normalização Bark²¹, pois, segundo a literatura (ADANK, SMITS, HOUT, 2004; MACHRY DA SILVA, 2014, 2015), tal método é mais adequado para pesquisas que não mapeiam todo o sistema vocálico, bem como para aquelas que preveem comparações entre diferentes inventários fonológicos.

Com os dados normalizados, os mesmos foram inseridos no Software SPSS (IBM, Versão 21). Realizamos testes de comparações de médias, sendo que para os dados com distribuição normal²² foram realizados Teste t de amostras independentes, enquanto que para os dados com distribuição não-normal²³ foram realizados Teste de duas amostras independentes - Mann-Whitney. Adotamos o nível de significância de .05. A seguir, na Tabela 3, apresentamos os dados quantitativos referentes à altura, anterioridade/posterioridade e duração vocálica.

Tabela 3: Médias (em Bark), Desvios Padrão (DP), Coeficientes de Variação (CV) de F1, F2 e durações em Espanhol/L1 (Grupo 1) e em Português/L1 (Grupo 2)

Grupo	F1	F2	Duração absoluta (ms) e relativa (%)			
			Dissilaba/ Sonoro	Dissilaba/ surdo	Trissilaba/ sonoro	Trissilaba/ surdo
Espanhol L1	10,21	1,49	107,47	99,64	108,44	95,85
	DP=0,23	DP =0,07	DP=11,56 CV=10,75	DP = 21,07 CV = 21,14	DP=13,79 CV=12,71	DP = 5,61 CV = 5,85
	CV=2,25	CV=4,67	9,30 DP = 3,87 CV=41,61	6,67 DP = 1,02 CV = 15,29	7,56 DP = 0,85 CV=11,25	6,80 DP = 1,46 CV=21,47

²⁰ Disponível em <<http://lingtools.uoregon.edu/norm/norm1.php>>.

²¹ A normalização em Bark converte os valores de Hz em valores z-score, além de se diferenciar da medição em Hertz pelo fato de os valores de F1 em Bark serem diretamente proporcionais à altura da vogal.

²² Os testes de normalidade, rodados no SPSS, foram os testes de Kolmogorov e Shapiro-Wilk. Foram considerados com distribuição normal os dados com $p > .05$ nos testes de normalidade.

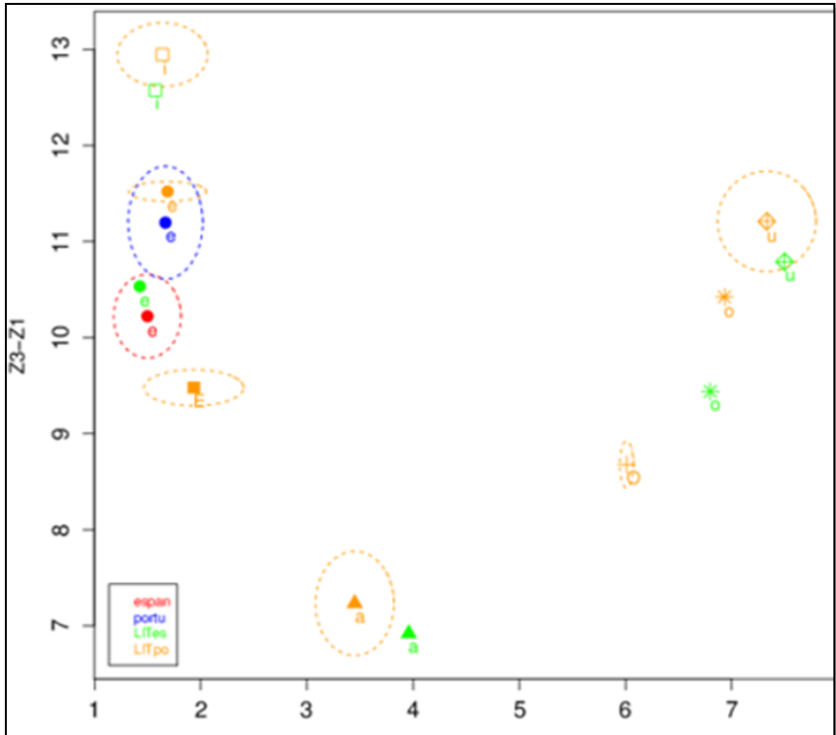
²³ Foram considerados com distribuição não-normal os dados com $p < .05$ nos testes de normalidade.

Português L1	11,20	1,67	64,82	51,04	59,8	38,43
	DP=0,46	DP=0,18	DP = 9,57 CV=14,76	DP = 6,84 CV = 13,4	DP = 6,94 CV=11,60	DP = 6,24 CV=16,23
	CV=4,10	CV=10,77	4,88 DP =0,84 CV=17,21	4,01 DP = 0,91 CV=22,69	4,48 DP = 1,08 CV = 24,1	2,81 DP = 0,74 CV=26,33

Fonte: os autores.

Observando a tabela acima, em termos descritivos, podemos notar que a vogal átona final /e/ é mais alta no PB (M = 11,20) do que no Espanhol (M = 10,21). No eixo de anterioridade/posterioridade, a vogal já mencionada é mais anterior na Língua Espanhola (M = 1,49), enquanto no PB a produção é mais centralizada (M = 1,67). Quanto à duração vocálica, observamos uma maior duração no Espanhol monolíngue, em todos os contextos mapeados (palavras dissílabas/trissílabas com contexto sonoro/surdo anterior à vogal). Realizamos os testes de normalidade (Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk), através do software SPSS (Versão 21), os quais indicaram uma distribuição normal dos dados ($p > ,05$), com exceção da duração absoluta do PB em palavras dissílabas de contexto antecedente surdo (ex.: poupe); da duração relativa do PB em palavras dissílabas de contexto antecedente sonoro (ex.: sambe); da duração relativa do PB em palavras trissílabas de contexto antecedente surdo (ex.: estepe); da duração relativa do Espanhol em palavras trissílabas de contexto antecedente surdo (ex.: achique). Considerando esses resultados quanto à normalidade, prosseguimos com testes paramétricos para as variáveis com distribuição normal (Teste t para amostras independentes) e com testes não-paramétricos para as variáveis que não apresentaram distribuição normal dos dados (Teste de duas amostras independentes - Mann-Whitney). No Gráfico 1, a seguir, reproduzimos as produções da vogal átona final /e/ pelos Grupos 1 e 2.

Gráfico 1: vogal átona final /e/ produzida pelo Grupo 1 (monolíngues de Espanhol) e pelo Grupo 2 (monolíngues de PB)



Fonte: elaboração dos autores. Legenda: a cor vermelha corresponde à vogal átona final /e/ produzida pelos monolíngues de Espanhol; a cor azul corresponde à vogal átona final /e/ produzida pelos monolíngues de PB; a cor verde corresponde às vogais tônicas do Espanhol, mapeadas por Aronson *et al.* (2000); a cor laranja corresponde às vogais tônicas do PB, mapeadas por Escudero *et al.* (2009).

Conforme o Gráfico 1, não há nenhuma sobreposição entre as produções do Grupo 1 e as produções do Grupo 2. Ao realizarmos um Teste - t de amostras independentes, os resultados apresentaram uma altura vocálica maior para o Português Brasileiro (M = 11,20, DP = 0,46) do que para o Espanhol (M = 10,21, DP = 0,23), $t(10,708) = -5,208$, $p <$

,001, I.C. 95%_t = -1,40/-0,57, $d = -2,59^{24}$, I.C. 95%_d = -4,02/-1,16. Tal resultado corrobora o que a literatura descreve, dado que as vogais átonas finais no PB, faladas em Porto Alegre/RS, são elevadas/alçadas; portanto, tais vogais não são produzidas como médias, diferenciando-se mais ainda dos padrões de altura do Espanhol. Para F2, os resultados do teste também apresentaram uma diferença significativa entre as duas línguas, uma vez que a vogal átona final /e/ do Espanhol é mais anterior ($M = 1,49$, $DP = 0,07$) do que sua contraparte no Português Brasileiro ($M = 1,67$, $DP = 0,18$), $t(9,857) = -2,348$, $p = ,041$, I.C. 95%_t = -0,33/0,008, $d = -1,24$, I.C. 95%_d = -2,39/-0,08. Dessa forma, confirmamos que as vogais átonas do PB são mais centralizadas, considerando o eixo de anterioridade/posterioridade, em relação às vogais átonas do Espanhol.

Quanto à duração vocálica, observamos diferença significativa entre as línguas em todas as condições (palavra dissílaba/trissílaba; contexto sonoro/surdo), tanto na duração absoluta como na duração relativa. De forma específica, verificaram-se diferenças significativas nos seguintes contextos:

(i) duração absoluta de palavras dissílabas com contexto antecedente sonoro, dado que o Espanhol apresentou vogais mais longas ($M = 107,47$, $DP = 11,56$) do que o Português ($M = 64,82$, $DP = 9,57$), $t(12) = 7,556$, $p < ,001$, I.C. 95%_t = 30,35/54,94, $d = 4,08$, I.C. 95%_d = 2,23/5,92;

²⁴ Para esta comparação (monolíngues Espanhol - monolíngues PB), utilizamos uma calculadora online de *Unequal samples* para estimar o Tamanho do Efeito (d), disponível em <psychometrica.de/effect_size.html#cohend>. Além disso, salientamos que, conforme apontam Dancey e Reidy (2006), “O tamanho do efeito é a magnitude da diferença entre condições ou o poder de um relacionamento. (...) d é a distância entre as duas médias em termos de desvios padrões. Se existe uma área grande sobreposta entre os dois grupos, o efeito será relativamente pequeno; se existe uma área pequena sobreposta, o efeito será relativamente grande.” (*op. cit.*, p. 251). Com base em Cohen (1988), Dancey e Reidy (2006) apresentam parâmetros a partir dos quais podemos considerar um efeito como “grande” ou como “pequeno”, sendo eles: $d = 0,20$ (efeito pequeno), $d = 0,50$ (efeito médio) e $d = 0,80$ (efeito grande).

(ii) duração absoluta de palavras dissílabas com contexto antecedente surdo, dado que as vogais do Espanhol foram mais longas ($M = 99,64$, $DP = 21,07$, mediana = 92,91) do que as do Português ($M = 51,04$, $DP = 6,84$, mediana = 47,37), $U = 0,000$ ($z = -3,09$), $p = ,001113$, $d = 3,33$, I.C. 95%_d = 1,70/4,96;

(iii) duração absoluta de palavras trissílabas com contexto antecedente sonoro, pois as vogais do Espanhol foram mais longas ($M = 108,44$, $DP = 13,79$) do que as do Português ($M = 59,80$, $DP = 6,94$), $t(12) = 8,689$, $p < ,001$, I.C. 95%_t = 36,44/60,83, $d = 4,69$, I.C. 95%_d = 2,65/6,73;

(iv) duração absoluta de palavras trissílabas com contexto antecedente surdo, dado que as vogais do Espanhol foram mais longas ($M = 95,85$, $DP = 5,61$) do que as do Português ($M = 38,43$, $DP = 6,24$), $t(11,51) = 18,043$, $p < ,001$, I.C. 95%_t = 50,45/64,38, $d = 9,59$, I.C. 95%_d = 5,88/13,30;

(v) duração relativa de palavras dissílabas com contexto antecedente sonoro, dado que as vogais do Espanhol ocuparam uma porção maior do enunciado ($M = 9,30$, $DP = 3,87$) do que as vogais do Português ($M = 4,88$, $DP = 0,84$), $t(12) = 3,167$, $p = ,008$, I.C. 95%_t = 1,37/7,46, $d = 1,71$, I.C. 95%_d = 0,47/2,94;

(vi) duração relativa de palavras dissílabas com contexto antecedente surdo, dado que as vogais do Espanhol ocuparam uma porção maior do enunciado ($M = 6,67$, $DP = 1,02$) do que as do Português ($M = 4,01$, $DP = 0,91$), $t(12) = 5,122$, $p < ,001$, I.C. 95%_t = 1,52/3,78, $d = 2,77$, I.C. 95%_d = 1,30/4,25;

(vii) duração relativa de palavras trissílabas com contexto antecedente sonoro, dado que as vogais do Espanhol ocuparam uma porção maior do enunciado ($M = 7,55$, $DP = 0,85$) do que as vogais do Português ($M = 4,48$, $DP = 1,08$), $t(12) = 5,715$, $p < ,001$, I.C. 95%_t = 1,89/4,24, $d = 3,09$, I.C. 95%_d = 1,53/4,66;

(viii) duração relativa de palavras trissílabas com contexto antecedente surdo, dado que as vogais do Espanhol ocuparam uma porção maior do enunciado ($M = 6,80$, $DP = 1,46$) do que as vogais do Português ($M = 2,81$, $DP = 0,74$), $t(6,943) = 6,105$, $p = ,001$, I.C. 95%_t = 2,44/5,53, $d = 3,63$, I.C. 95%_d = 1,91/5,34.

Com base nos resultados expostos acima, confirmamos os dados da literatura (CALLOU, MORAES, LEITE, 1996, 2002; SANTOS, RAUBER, 2016; SILVA, 2012), visto que, no Português, a vogal átona

final /e/ é mais alta, devido ao processo de elevação/alçamento; além disso, a vogal átona final do Português é centralizada, enquanto no Espanhol a mesma vogal é mais anterior; por último, em posição átona final, em termos duracionais, a vogal é mais longa no Espanhol do que no Português Brasileiro, tanto em termos de duração absoluta como relativa. Ainda que os Intervalos de Confiança (I.C. 95%) das diferenças entre as médias sejam amplos, todos os valores do Tamanho de Efeito (d) foram altos. Portanto, cabe mencionar que os efeitos encontrados nesta comparação (monolíngues PB versus monolíngues Espanhol) são grandes (menor efeito encontrado = -1,24/maior efeito encontrado = 9,59), ou seja, há baixa sobreposição entre os grupos e, conseqüentemente, maior diferença entre eles.

Acreditamos que, com esta descrição, o presente trabalho tenha prestado uma importante contribuição, a de colaborar com os estudos descritivos de variedades do Português Brasileiro e do Espanhol. A seguir, apresentamos nossas considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tivemos como propósito principal mapear acusticamente as produções da vogal átona final /e/, tanto no PB porto-alegrense como no Espanhol uruguaio. Além disso, realizamos uma comparação estatística entre os valores acústicos dessas duas variedades, evidenciando, assim, efeitos de língua. Dessa forma, a hipótese de pesquisa foi corroborada. Em conformidade com a literatura descritiva, sociolinguística e acústica, os resultados indicaram que a vogal átona final /e/ da capital gaúcha é mais alta, centralizada e mais curta do que a mesma vogal produzida por falantes do Espanhol uruguaio. Considerando a escassez de trabalhos com refinamento acústico, principalmente de vogais átonas, tanto em PB como em Espanhol, acreditamos que a presente pesquisa contribui de forma satisfatória ao apresentar dados de descrição do PB e do Espanhol como L1. Além disso, acreditamos, ainda, que os estudiosos do desenvolvimento vocálico por parte de bilíngues Português/Espanhol ou Espanhol/Português possam se munir dos dados aqui apresentados para a construção de suas hipóteses de pesquisa, dado que é extremamente necessário conhecer a produção típica da L1 dos aprendizes, considerando suas particularidades fonético-fonológicas.

Salientamos que a principal limitação deste estudo foi ter contado com poucos participantes para a constituição das amostras de cada grupo,

o que prejudica na generalização dos resultados. O motivo do baixo número de participantes se deu em função da dificuldade de encontrar indivíduos que estivessem dentro dos critérios estabelecidos para participação, e que, além disso, tivessem interesse e disponibilidade de participar.

Em pesquisas futuras, pretendemos conseguir uma amostra maior de participantes em ambas as línguas, além de mapear o restante do sistema vocálico em posições átonas, bem como realizar a testagem de efeitos de frequência lexical, de outros contextos consonantais antecedentes à vogal átona final /e/, da familiaridade lexical dos bilíngues em relação aos estímulos e de outros tipos de produção linguística, como fala menos monitorada. Apesar das limitações desta pesquisa, ressaltamos, novamente, as contribuições do presente estudo, ao poder vir a servir como insumo empírico para inúmeras pesquisas em andamento.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. *Fonología Española*. La Habana: Instituto Cubano del libro, 1975.
- AMARAL, M. P. *As proparoxítonas: Teoria e Variação*. 2000. 220f. Tese de Doutorado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- AROSON, L. et al. Características acústicas de las vocales del español rioplatense. In: *Fonoaudiológica*, v. 46, n. 2, p. 12-20, 2000.
- BECKNER, C.; et al. Language is a Complex Adaptative System: Position Paper. In: *Language Learning*, 2009.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica*. 1981. Trabalho de conclusão de curso (Tese) - Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- _____. A neutralização das átonas. In: *Revista Letras*, n. 61, p. 273-283, 2003.
- _____. A simetria no sistema vocálico do Português Brasileiro. In: *Revista de Estudos linguísticos do Porto*, v. 5, p. 41-52, 2010.
- BOERSMA, P. A.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. Disponível em <www.praat.org>. Acesso em: 2 set. 2015.
- BORTONI, S. M.; et al. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, p. 75-90, 1991.

- BRISOLARA, L. B.; SEMINO, M. J. I. *Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: Ejercicios prácticos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.
- _____; SOLÉ, A. S. A produção das vogais átonas finais do Português por falantes nativos do Espanhol colombiano. In: ALVES, U. K (Org.). *Aquisição fonético-fonológica de língua estrangeira - Investigações Rio-Grandenses e Argentinas em discussão*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- BUTRAGUÑO, P. M. *Vocales en contexto*. Disponível em <<http://lef.colmex.mx/Sociolingüística/Cambio%20y%20variación/VOCALES%20EN%20CONTEXTO.pdf>>.
- _____; LASTRA, Y. (coord.). Introducción. In: *Corpus sociolingüístico de la Ciudad de México*. Materiales de Presea-México. Vol. 1: Hablantes de instrucción superior. México: El Colegio de México, 2011.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. O vocalismo do português do Brasil. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n° 2, p. 27-40, 1996.
- _____; LEITE, Y. Iniciação à fonética e à fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 7ª ed.
- _____; _____. MORAES, J. A. A elevação das pretônicas no português do Brasil: processo (s) de variação estável. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n° 1, p. 9-24, 2002.
- CAMARA Jr, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1970.
- CARNIATO, M. C. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. 2000. 111f. Dissertação de Mestrado em Letras - Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2000.
- COHEN, J. *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates, 1988.
- COLANTONI, L.; STEELE, J.; ESCUDERO, P. *Second language speech - Theory and practice*. U.K.: Cambridge University Press, 2015
- CONDE, X. F. Introducción a la fonética y fonología del español. In: *Ianua*, Revista Philologica Romanica, 2001. ISSN 1616-413X
- DANCEY, C. P.; REIDY, J. *Estatística sem matemática para Psicologia - Usando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DE BOT, K.; et al. Dynamic Systems Theory as a comprehensive theory of second language development. In: *Contemporary Approaches to Second Language Acquisition*, 2013.

- DE LOS SANTOS, B. R. *A produção da vogal átona final /e/ por porto-alegrenses aprendizes de Espanhol como Segunda Língua (L2): Uma investigação sobre atrito linguístico em ambiente de L2 não-dominante*. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) – Mestrado em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2017.
- _____; ALVES, U. K. *A produção da vogal átona final /e/ em Português Brasileiro (L1) e em Espanhol (L2) – Um estudo exploratório*. In: *Matraga: Estudos linguísticos e literários*, v. 41, 2017.
- ESCUADERO, P.; et al. *A cross-dialect acoustic description of vowels: Brazilian and European Portuguese*. In: *Acoustical Society of America*, v. 126, n. 3, p. 1379-139, 2009.
- KAMIANECKY, F. *Palatalização das oclusivas dentais nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa*. 2003. 114f. Dissertação de Mestrado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003
- LEMHÖFER, K.; DIJKSTRA, T. *Recognizing cognates and interlexical homographs: Effects of code similarity in language specific and generalized lexical decision*. In: *Memory & Cognition*, 32, p. 533-550, 2004.
- LEPAGE, A. *The Contribution of Word Stress and Vowel Reduction to the Intelligibility of the Speech of Canadian French Second Language Learners of English*. Trabalho de conclusão de curso (Tese) - Doutorado em Linguística, Universidade Laval, Canadá, 2015.
- LINK, E. R. *Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta em Esquina Barra Funda – Novo Machado – RS*. 2015. 104f. Dissertação de Mestrado em Letras - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2015.
- LIPSKI, J. M. *Español de América*. Madrid: Cátedra, 2007
- LUÍS, C. R.; GARCÍA JURADO, M. A. *Desplazamientos fonéticos de vocales españolas*. In: *Letras de Hoje*, v. 18, n° 4, p. 98-109, 1983. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17715/11411>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.
- MACHRY DA SILVA, S. M. *Elevação das vogais médias átonas finais e não-finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. 172f. Dissertação de Mestrado em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.

- _____. *Aprendizagem fonológica e alofônica em L2: Percepção e produção das vogais médias do português por falantes nativos do espanhol*. 2014. 257f. Tese de Doutorado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014.
- _____. A produção das vogais médias tônicas do Português (L2) por falantes nativos do Espanhol. In: ALVES, U. K.; CARDOSO, W. (org.). ORGANON. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 1. p. 91-108, 2015. ISSN 0102-6267
- MARGOTTI, F. W. *Difusão Sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. 314f. Tese de Doutorado em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- MATZENAUER, C. L. B.; et al. Vogais em posição postônica final: Percepção e produção (No sul do Brasil). In: *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, 2015. ISSN 2178-7603
- MILESKI, I. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata - RS*. 2013. 152f. Dissertação de Mestrado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.
- NAVARRO TOMÁS, T. *Manual de pronunciación española*. Madrid: Consejo superior de investigaciones científicas, 2004.
- NORM. Disponível em <<http://lingtools.uoregon.edu/norm/norm1.php>>. Acesso em: 13 de julho de 2017.
- SANTOS, G. R.; RAUBER, A. S. Percepção e produção das vogais medias do Espanhol/LE. In: ALVES, U. K (Org.). *Aquisição fonético-fonológica de língua estrangeira: Investigações Rio-Grandenses e Argentinas em discussão*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- SCHMITT, C. J. *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*. 1987. 139f. Dissertação de Mestrado em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1987.
- SILVA, A. H. P. Organização temporal de encontros vocálicos no Português Brasileiro e a relação entre Fonética e Fonologia. In: *Letras de Hoje*, v. 49, nº 1, p. 11-18, 2014.
- SILVA, R. O. *Características acústicas e articulatórias das vogais postônicas na variedade do Português Brasileiro*. 2012. 133f. Dissertação de Mestrado em Letras - Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2012.
- SOUZA, S. S. *O alçamento das vogais médias átonas finais: uma interface entre aquisição da linguagem e variação linguística*. 2015. 265f. Tese de

Doutorado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española: fonética y fonología*. Barcelona: Espasa, 2011.

VIEIRA, M. J. B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. 1994. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Mestrado em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1994.

_____. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. R. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

Recebido em: 08/12/2018

Aceito em: 12/01/2019

CARACTERÍSTICAS ACÚSTICAS DA VOGAL ÁTONA FINAL

Fernanda Peres Lopes²⁵

Maria José Blaskovski Vieira²⁶

RESUMO: Este artigo tem como objetivo descrever acusticamente as vogais postônicas finais no falar pelotense. No Brasil, são poucos os estudos que se voltam para a caracterização acústica das postônicas finais. Entre eles, encontram-se os trabalhos de Moraes et al (2002[1992]), Meneses (2012, 2016) e Quintanilha-Azevedo (2016). A amostra sob análise é constituída por 8 informantes da cidade de Pelotas/RS (4 homens e 4 mulheres), de dois níveis de escolaridade e idades entre 18 e 50 anos. Foram analisadas as vogais postônicas finais, levando-se em conta sua duração e os valores de F1 e F2. A análise indicou que as vogais altas tendem a abaixar enquanto a vogal baixa tende a elevar-se. Além disso, percebeu-se uma centralização da vogal alta posterior. Em relação à duração da postônica, verificou-se que homens de baixa escolaridade produzem as postônicas de forma significativamente mais longa do que homens de alta escolaridade. No grupo das mulheres, houve diferença significativa somente no que diz respeito à duração da vogal baixa.

Palavras-chave: vogais postônicas; descrição acústica; valores de F1 e F2; duração da vogal.

ABSTRACT: This article aims to acoustically describe the final postonic vowels in the Portuguese spoken in the city of Pelotas. In Brazil, few studies have turned to the acoustic characterization of the final postonics. Among them, there are the studies by Moraes et al (2002 [1992]), Meneses (2012, 2016) and Quintanilha-Azevedo (2016). The sample under analysis consists of 8 informants from the city of Pelotas / RS (4 males and 4 females), with two educational backgrounds and ages between 18 and 50 years. The final postonic vowels were analyzed, taking into account their duration and the values of F1 and F2. The analysis

²⁵ Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pelotas-UFPEL. Professora da rede municipal de ensino-Pelotas.

²⁶ Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS. Professora adjunta na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL.

indicated that the high vowels tend to lower as the low vowel tends to rise. In addition, a centralization of the posterior high vowel was noted. Regarding the duration of the posttonics, it was verified that men of low schooling produce posttonics significantly longer than men of high schooling. In the group of women, there was significant difference only with regard to the duration of the low vowel.

Keywords - postonic vowels; acoustic description; F1 and F2 values; vowel duration.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo descrever acusticamente as vogais átonas finais presentes no falar pelotense. São poucos os estudos que se voltam para a caracterização acústica das postônicas no português brasileiro. Entre eles, encontram-se os estudos de Moraes et al (2002[1992]); Meneses (2012 e 2016) e Quintanilha-Azevedo (2016) que mostram que as vogais átonas finais tendem a ter menor duração, em comparação com as vogais da posição tônica; a apresentar maior dispersão e centralização dos valores de F1 e F2, também em relação à tônica; e a ser desvozeada e apagada em contextos determinados.

Em trabalho sobre o sistema vocálico do português do Brasil, Moraes et al. (2002 [1992]) caracterizam acusticamente as vogais orais tônicas, pretônicas e postônicas dos dialetos falados em cinco capitais - Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife - por meio dos valores do primeiro (F1) e segundo (F2) formantes. Os autores coletaram amostras de vogais de um corpus de fala espontânea, composto por entrevistas de quinze locutores com formação universitária (três de cada área urbana), estratificados por três faixas etárias (25-35 anos, 36-56 anos e 56 anos em diante). Para cada falante, foram medidas quinze ocorrências de cada vogal em cada posição tônica, totalizando 1575 vogais tônicas, 1395 vogais pretônicas e 675 vogais postônicas.

A análise indicou que Salvador apresenta um comportamento sistemático com relação às vogais átonas finais. É o dialeto em que a pronúncia das vogais finais é sempre a menos baixa. Porto Alegre e Recife abaixam apenas as vogais altas e, muito pouco, a vogal baixa; e Rio de Janeiro e São Paulo têm um percentual médio de abaixamento das vogais altas, apresentando um comportamento oposto em relação à vogal baixa.

Os autores concluem que, em relação às vogais que possuem o traço [-bx], o processo de atomização se dá na dimensão de F2, ou seja, no

eixo horizontal (ant. x post.). No eixo vertical (grau de elevação, F1), não se verificam, praticamente, diferenciações: [i] e [u], tanto tônicos como átonos, têm praticamente a mesma altura. Para a vogal [a] dá-se o inverso, já que a diferenciação é no grau de abertura (F1). De acordo com Moraes et al. (2002 [1992])“o processo de atomização centraliza as vogais altas e eleva a vogal baixa. Esse processo pode ser explicado como decorrente da menor duração observada nas vogais átonas”.

Dias e Seara (2013) analisaram acusticamente a redução e o apagamento de vogais átonas finais a partir de dados de fala da região metropolitana de Florianópolis/Santa Catarina. Participaram da pesquisa 3 indivíduos do sexo feminino – 2 crianças e 1 adulto.

Investigaram-se os efeitos da tonicidade e da idade sobre duração e frequências formânticas (F1 e F2) das vogais tônicas ([i, α, u]) e átonas finais ([ɪ, ɐ, ʊ]). Na comparação das vogais tônicas com as átonas finais, os resultados mostram semelhanças entre os grupos: vogais átonas finais apresentam menor duração e redução do espaço acústico e o apagamento vocálico ocorre predominantemente diante de consoantes surdas e com vogais altas.

Meneses (2012) analisou, do ponto de vista acústico-articulatório, as vogais [a], [i] e [u] precedidas de consoante fricativa alveolar surda, em contextoônico e átono final. Participaram da pesquisa 6 mulheres naturais de Vitória da Conquista/Bahia, todas elas universitárias e com a mesma faixa etária – 20 a 30 anos. Na análise, o autor identificou vogais completamente desvozeadas, apresentando uma porção aperiódica, sem pulso glótico e com configuração formântica indefinida. Em função de tal configuração, não houve condições de medição acústicas de duração.

Meneses (2016) investiga dois processos de redução do Português Brasileiro: o desvozeamento das vogais altas finais e a elisão no sândi vocálico externo. Em relação ao primeiro processo, busca mostrar que há um processo de variação sincrônica na produção das vogais pós-tônicas finais do PB, que se inicia na redução e se completa com o seu desvozeamento total. Dados acústicos e aerodinâmicos atestam resultados anteriores (MENESES, 2012), de acordo com os quais, no desvozeamento, a vogal final que parece apagada está apenas radicalmente reduzida e quase inteiramente sobreposta à consoante precedente.

Em seu trabalho sobre a epêntese vocálica em variedades do português, Quintanilha-Azevedo (2016) realizou investigação acústica a respeito de vogais do português brasileiro (PB) e do português Europeu (PE). Tal investigação tinha por objetivo analisar as frequências formânticas das vogais em posições extremas comparando-as com a vogal

epentética sonora, inserida para reparar estruturas silábicas impróprias no português.

O estudo realizado contou com a participação de oito informantes monolíngues brasileiros de Pelotas/RS e oito informantes monolíngues portugueses de Lisboa, com idades entre 22 e 34 anos e com nível de escolaridade superior completo ou incompleto.

A investigação acústica realizada por Quintanilha-Azevedo (2016) mostra que as vogais que ocorrem em posição átona final no português brasileiro são [ɐ, ɪ, ʊ]. O [ɐ] apresenta F1 mais baixo do que o [a] em posição tônica, revelando que esta vogal é mais alta, além disso, também apresenta F2 mais baixo se comparada ao [a] tônico, demonstrando ser mais posterior; o [ɪ] apresenta F1 mais alto do que o [i] tônico, demonstrando ser mais baixo, e valor de F2 menor, demonstrando ser mais central; e o [ʊ] apresenta valor de F1 mais alto do que o [u] tônico, ou seja, é mais baixo, e mais central ou menos posterior.

Para atender aos objetivos a que se propõe, este artigo está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, são descritos os princípios metodológicos utilizados na coleta e análise dos dados. Na seção seguinte, são apresentados e discutidos os resultados obtidos. Por fim, são apresentadas as conclusões, seguidas das referências bibliográficas.

1. Metodologia

Para participação deste estudo, foram selecionados 4 homens e 4 mulheres de acordo com a escolaridade. Foram considerados dois níveis de escolaridade: sujeitos com até 6 anos de escolaridade e sujeitos com, no mínimo, 9 anos de escolaridade.

O corpus utilizado foi formado a partir da leitura de frase-veículo do tipo “Digo ____ de novo”, contendo palavras com as vogais [a], [i] e [u] na posição postônica final. Para cada uma das vogais, foram selecionadas 24 palavras, levando-se em conta o contexto precedente à postônica e a frequência das palavras.

Os 72 vocábulos que formaram o corpus são substantivos, paroxítonos e trissílabos, com a sílaba postônica apresentando padrão CV. Os vocábulos foram escolhidos de modo a contemplar os seguintes contextos linguísticos precedentes: plosivas [p], [t], [k] e fricativas [s], [f], [ʃ]. Também foi feito o controle do contexto seguinte, para o qual foram escolhidos vocábulos iniciados por oclusiva desvozeada - [p], [t] ou [k] - ou

por fricativa desvozeada - [f], [s] ou [ʃ] - e que tivessem coerência semântica com o vocábulo em análise.

Para cada contexto precedente foram escolhidas duas palavras de alta frequência²⁷ e duas de baixa frequência, sendo consideradas de alta frequência palavras que têm acima de 1% de ocorrência por milhão e, de baixa frequência, as palavras com menos de 1% de ocorrência. A seleção dessas palavras foi feita com o auxílio de um buscador fonológico, vinculado ao Projeto ASPA (Avaliação Sonora do Português Atual)²⁸, disponível em <http://www.projetoaspa.org>. Definidas as palavras, foram levantadas as suas frequências de ocorrência no Corpus Brasileiro²⁹, disponível em www.sketchengine.co.uk.

A coleta dos dados foi realizada entre março e novembro de 2016. As gravações foram realizadas, em parte, na cabine acústica do Laboratório Emergência da Linguagem Oral - LELO, da Universidade Federal de Pelotas e, nos casos de impossibilidade de deslocamento do informante, as gravações foram realizadas em uma sala isolada. Em cada sessão de coleta foi realizada a leitura das frases-veículo, apresentadas aleatoriamente na tela de um computador. Cada frase foi lida três vezes pelo informante. Os equipamentos utilizados foram um notebook HP G42-413BR e um gravador digital, modelo Zoom H4n.

Os dados foram submetidos à análise acústica, com a utilização do software Praat versão 6.0.19 (BOERSMA & WEENINK, 2007). As vogais foram segmentadas a partir da observação, no espectrograma de banda larga, do formato de onda e da configuração dos formantes. Em seguida, foram feitas medições, com base nos seguintes parâmetros acústicos: duração absoluta da vogal; duração relativa, que consiste no percentual ocupado pela vogal no interior da palavra e frequência.

²⁷ Neste estudo, não serão apresentados os resultados que dizem respeito à frequência das palavras.

²⁸ O Projeto ASPA é um empreendimento conjunto entre pesquisadores que atuam em áreas diversas do conhecimento e que necessitam de um conhecimento sólido da organização sonora do português contemporâneo.

²⁹ O projeto Corpus Brasileiro, do *Grupo de Estudos de Linguística de Corpus* (GELC), da PUCSP, visa a construir e disponibilizar online o Corpus Brasileiro, composto por um bilhão de palavras de português brasileiro contemporâneo.

A marcação da duração absoluta, em milissegundos (ms), foi obtida selecionando-se, à esquerda, o primeiro ciclo estável e, à direita, o último ciclo estável da vogal analisada. E a duração relativa foi obtida por meio do software Excel, em que foi calculado, com base nos valores de duração absoluta da palavra e da vogal, o percentual de ocupação da vogal na palavra.

Os valores de F1 e F2 foram extraídos a partir do ponto central da vogal que oferece menor influência das consoantes vizinhas, distante das faixas de transição consoante-vogal e vogal-consoante (início e final da vogal). O software Praat gera automaticamente os valores de formantes. Barbosa (2015, p.265) afirma, no entanto, que as vogais postônicas altas, por terem duração muito curta, não apresentam um padrão formântico estacionário, diferentemente da vogal baixa, que é mais longa que as altas e que pode apresentar em seu ponto médio padrões formânticos mais estáveis. Considerando que cada vocábulo foi produzido três vezes por cada informante, depois de terem sido levantados todos os valores para os parâmetros aqui controlados, foram calculadas as médias referentes à duração relativa e absoluta da vogal e as médias para cada formante (F1 e F2).

Buscando verificar se as diferenças encontradas entre os dados dos sujeitos desta pesquisa, no que diz respeito aos parâmetros controlados, eram estatisticamente significativas, procedeu-se à análise estatística que utilizou como ferramenta o software de análise SPSS STATISTICS, versão 17.0. Esse software possibilitou a execução de testes com o objetivo de realizar comparações entre grupos e entre informantes. Os resultados obtidos levaram em conta a medição de todos os itens lexicais produzidos, permitindo que se fizessem afirmações confiáveis do ponto de vista estatístico a respeito dos parâmetros controlados.

2. Resultados

Neste estudo, foram analisados acusticamente 1448 dados referentes às vogais átonas [a, i, u], sendo 726 realizados pelos homens e 722 realizados pelas mulheres. Após a execução de testes de normalidade, foi verificada a anormalidade da amostra, o que conduziu à execução de testes não-paramétricos. Selecionou-se, em função disso, o teste de Mann-Whitney, com valor de p estabelecido em 0,05. A seguir, serão apresentados os resultados relacionados à análise intergrupos, levando em conta a escolaridade. Inicia-se com resultados referentes ao grupo dos homens.

Quadro 1: Produção das vogais em função da escolaridade - homens

Escolaridade	N	Média	Desvio Padrão	Std. Error Mean	
Duração de [a]	Baixa	116	69,2759	18,52077	1,71961
	Alta	142	42,5493	11,01744	,92456
F1 de [a]	Baixa	116	459,3540	67,31616	6,25015
	Alta	141	468,6439	47,06577	3,96365
F2 de [a]	Baixa	116	1498,0448	231,15919	21,46259
	Alta	141	1427,2016	238,49866	20,08521
Duração de [i]	Baixa	40	70,4000	24,42235	3,86151
	Alta	82	36,5366	12,66881	1,39904
F1 de [i]	Baixa	37	327,1038	41,20656	6,77432
	Alta	76	364,5059	62,31949	7,14854
F2 de [i]	Baixa	37	1920,1603	171,17581	28,14113
	Alta	76	1952,8700	186,34903	21,37570
Duração de [u]	Baixa	56	57,8929	21,64900	2,89297
	Alta	99	38,4747	14,28525	1,43572
F1 de [u]	Baixa	51	342,2035	64,66205	9,05450
	Alta	84	431,1960	59,66252	6,50971
F2 de [u]	Baixa	51	1363,7467	306,95894	42,98285
	Alta	84	1472,3767	372,56950	40,65066

Quadro 2: Teste de Mann-Whitney - diferenças entre alta e baixa escolaridade (homens)^a

	Duração de [a]	F1 de [a]	F2 de [a]	Duração de [i]	F1 de [i]	F2 de [i]	Duração de [u]	F1 de [u]	F2 de [u]
Mann-Whitney U	1382,500	7203,000	6523,000	372,500	887,000	1210,500	1229,000	701,000	1862,000
Wilcoxon W	11535,500	13989,000	16534,000	3775,500	1590,000	1913,500	6179,000	2027,000	3188,000
Z	-11,497	-1,644	-2,791	-6,916	-3,175	-1,196	-5,749	-6,540	-1,271
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,100	,005	,000	,001	,232	,000	,000	,204

a. Grouping Variable: Escolaridade

Com relação ao grupo dos homens, o teste de Mann-Whitney verificou diferenças estatisticamente relevantes ($p < 0,05$) entre alta e baixa escolaridade na produção das três vogais investigadas, [a], [i] e [u], conforme mostra o Quadro 2. Na vogal [a], percebeu-se que os informantes de baixa escolaridade apresentaram vogais significativamente mais longas ($Z = -11,497$; $p = 0,000$) e com F2 mais alto ($Z = -2,791$; $p = 0,005$). No caso de [i], os informantes com baixa escolaridade igualmente revelaram vogais mais longas ($Z = -6,916$; $p = 0,000$), enquanto aqueles com alta escolaridade demonstraram maior F1 ($Z = -3,175$; $p = 0,001$). Finalmente, na produção da vogal [u], novamente os informantes de baixa escolaridade revelaram produções com maior duração ($Z = -5,749$; $p = 0,000$) e os informantes de alta escolaridade revelaram produções de F1 mais altas ($Z = 6,540$; $p = 0,000$). O Quadro 1 sintetiza a análise estatística descritiva no grupo dos homens.

Comparando-se os valores de F1 e F2 com aqueles encontrados no estudo de Moraes et alii (2002 [1972]) para as postônicas produzidas por sujeitos de Porto Alegre e com os valores encontrados por Quintanilha-Azevedo (2016) para sujeitos de Pelotas, percebem-se algumas diferenças e semelhanças. Nesta amostra, a vogal [a] é mais alta se comparada à do falar de Porto Alegre, apresentando uma média de F1 para os quatro sujeitos de 463 Hz (verifica-se pouca diferença entre os valores individuais), sendo também alta em relação aos valores apresentados por Quintanilha-Azevedo (592 Hz). No estudo de Moraes et alii (op. cit), a

média de F1 encontrada é de 539 Hz e no estudo de Quintanilha-Azevedo é de 592 Hz. Ao serem observados os valores de F1 na posição tônica, encontrados por Escudero et al (2009³⁰), por Moraes et ali e por Quintanilha-Azevedo, é possível perceber que o valor médio de F1 obtido neste estudo para a vogal [a] aproxima-se do valor de [e], indicando que a vogal [a] eleva-se no espaço acústico.

Em relação aos valores de F2 apresentados pelos sujeitos desta pesquisa, também são observadas semelhanças ao ser estabelecida comparação com os dados apresentados por Moraes et ali e por Quintanilha-Azevedo. Tanto separadamente quanto estabelecendo médias, os valores de F2 dos sujeitos (apesar de haver diferenças bastante grandes entre os valores de cada sujeito pesquisado), apresentam uma anteriorização da vogal [a]. Essa anteriorização também foi constatada por Moraes et ali, no entanto, ela é menor nos dados que aqui são apresentados: 1462 Hz, enquanto Quintanilha-Azevedo e Moraes et ali expõem dados com médias de 1407 Hz e 1578 Hz, respectivamente. Se o valor médio de F2 for comparado aos valores de F2 encontrados por Escudero et al (op.cit) e por Moraes et ali para a posição tônica, percebe-se novamente a aproximação com os valores de F2 que caracterizam a vogal [e].

Para a vogal [i], os valores de F1 obtidos são similares àqueles encontrados por Quintanilha-Azevedo e por Moraes et ali. A média neste estudo foi de 330 Hz enquanto que em Quintanilha-Azevedo foi de 334 Hz e em Moraes a média foi de 394 Hz. Para os três estudos, os valores indicam um abaixamento da vogal [i] na posição postônica (maior no falar de Porto Alegre), em comparação com os valores para a posição tônica. O valor médio de F1 dos dados desta pesquisa (330 Hz) se aproxima do valor de F1 que caracteriza a vogal [e] nos dados de Escudero et al (357 Hz).

Já em relação aos valores de F2 para a vogal [i], verifica-se similaridade com o encontrado por Moraes et ali e por Quintanilha-Azevedo. Neste estudo, a média de F2 foi de 1976 Hz, em Quintanilha-Azevedo foi de 1949 Hz e, em Moraes et ali, de 2050 Hz. Fazendo a comparação com valores para a posição tônica, percebe-se que F2 de 1976

³⁰ Tendo em vista que não foram levantados os valores de F1 e F2 das vogais [a], [i] e [u] na posição tônica, optou-se por tomar como referência os valores dos formantes nessa posição apresentados em Escudero et al (2009).

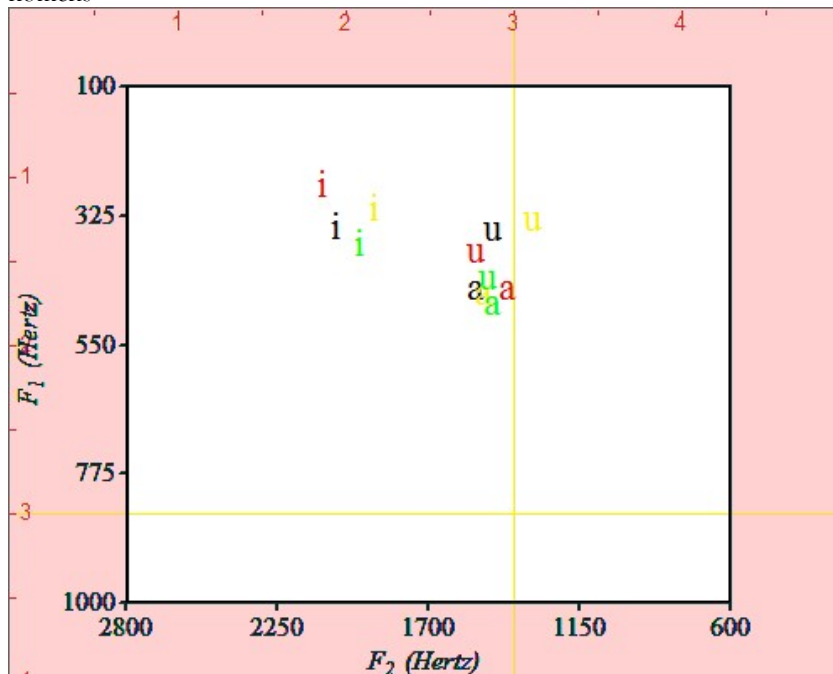
Hz é um valor intermediário entre o valor de [e] e de [ɛ], indicando a centralização a vogal [i] na comunidade em estudo.

Para a vogal [u], o valor médio de F1 obtido a partir dos dados analisados foi de 378 Hz, o mesmo valor encontrado em Quintanilha-Azevedo e valor semelhante ao encontrado por Moraes et al (387 Hz). Tais valores indicam abaixamento da vogal, que se manifesta de forma mais forte nos valores apresentados pelos sujeitos L (438 Hz) e P (389 Hz), e aproximam os valores aqui encontrados com aqueles que caracterizam a vogal [o] da posição tônica, conforme se verifica em Escudero et al.

Quanto ao valor médio de F2 para a vogal [u] - 1430 Hz -, diferencia-se de forma notável daquele obtido por Moraes et al (971Hz) e por Quintanilha-Azevedo (1022 Hz) indicando, neste estudo, a ocorrência de uma forte centralização dessa vogal.

Com base na média de F1 e F2 de cada informante foram criados gráficos a partir do script de Ricardo Bion.

Figura 1: Valores médios de F1 e F2 (em Hz) de quatro informantes homens



A seguir são apresentados os resultados referentes ao grupo das mulheres.

Quadro 3: Produção das vogais em função da escolaridade - mulheres

	Escolaridade	N	Média	Desvio Padrão	Std. Error Mean
Duração de [a]	Baixa	101	45,0198	12,16304	1,21027
	Alta	142	48,6972	12,09243	1,01477
F1 de [a]	Baixa	98	512,0421	71,70928	7,24373
	Alta	142	556,4880	51,91230	4,35638
F2 de [a]	Baixa	98	1617,8038	222,61948	22,48796
	Alta	142	1589,0833	262,57843	22,03509
F1 de [i]	Baixa	22	370,3923	67,60891	14,41427
	Alta	65	398,8434	63,30382	7,85187
F2 de [i]	Baixa	22	2110,7814	236,59274	50,44174
	Alta	65	2161,9655	215,41777	26,71929
Duração de [u]	Baixa	26	41,1154	16,27348	3,19149
	Alta	96	45,1354	19,09457	1,94883
F1 de [u]	Baixa	24	397,6525	55,66669	11,36292
	Alta	89	447,3169	63,71813	6,75411
F2 de [u]	Baixa	24	1639,4333	363,88691	74,27810
	Alta	89	1453,9893	337,08650	35,73110

Quadro 4: Teste de Mann-Whitney - diferenças entre alta e baixa escolaridade (mulheres)^a

	Duração de [a]	F1 de [a]	F2 de [a]	Duração de [i]	F1 de [i]	F2 de [i]	Duração de [u]	F1 de [u]	F2 de [u]
Mann-Whitney U	5729,500	3940,500	6152,000	638,000	575,000	601,000	1083,500	508,000	734,000
Wilcoxon W	10880,500	8791,500	16305,000	3194,000	828,000	854,000	1434,500	808,000	4739,000
Z	-2,671	-5,708	-1,525	-1,834	-1,367	-1,113	-1,029	-3,931	-2,345
Asymp. Sig. (2-tailed)	,008	,000	,127	,067	,172	,266	,304	,000	,019

a. Grouping Variable: Escolaridade

Da mesma forma que para o grupo dos homens, foram estabelecidas comparações entre as mulheres com baixa e alta escolaridade quanto aos valores de duração absoluta, F1 e F2 das vogais [a], [i] e [u]. Por meio do teste de Mann-Whitney, foram verificadas diferenças estatisticamente relevantes na produção das vogais [a] e [u], conforme pode ser observado no Quadro 4. No que se refere à vogal [a], pode-se perceber que os participantes com alta escolaridade produziram vogais significativamente mais longas ($Z = -2,671$; $p = 0,08$) e com F1 mais elevado ($Z = -5,708$; $p = 0,000$) do que os informantes de baixa escolaridade. Quanto à vogal [u], os informantes com alta escolaridade apresentaram F1 significativamente mais elevado ($Z = -3,931$; $p = 0,000$), enquanto os informantes com baixa escolaridade revelaram F2 mais elevado ($Z = -2,345$; $p = 0,019$).

Com relação aos formantes extraídos dos dados do grupo das mulheres, observa-se, no Quadro 3, para a vogal [a], valores que variam entre 562 Hz, nos dados de E, e 506 Hz, nos dados de C. A média de F1 encontrada entre as quatro informantes mulheres foi de 533 Hz para essa vogal, valor semelhante ao encontrado por Dias e Seara (2013) em dados de Florianópolis (528 Hz). Comparando-se esse valor médio de F1 com os valores encontrados por Escudero et al, para a posição tônica (910 Hz), percebe-se uma significativa elevação da vogal produzida no falar de Pelotas, a exemplo do que fora constatado nos dados dos homens desta pesquisa.

No que diz respeito a F2 da vogal [a], os valores variam entre 1666 Hz, nos dados de M, e 1557 Hz, nos dados de J. A média encontrada foi de 1600 Hz, valor próximo ao encontrado por Dias e Seara (1578 Hz) e próximo também ao encontrado por Escudero et al para [a] da posição

tônica. Observa-se aqui uma diferença em relação aos homens que tenderam a anteriorizar a vogal.

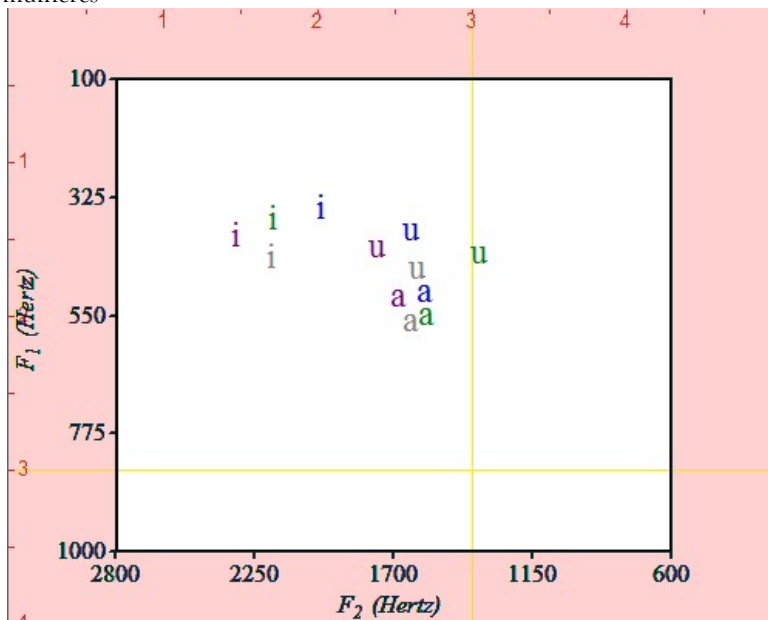
Para a vogal [i], constata-se maior variação nos valores de F1. O menor valor é de 348 Hz, nos dados de C, e o maior é de 443 Hz, nos dados de E. A média encontrada para essa vogal foi de 390 Hz, valor superior ao encontrado por Dias e Seara (op.cit) – 346 Hz. Tanto o valor médio de F1 quanto das produções individuais revelam um abaixamento da vogal [i], quando se comparam os valores obtidos neste trabalho com valores de F1 da vogal [i] tônica. Nessa posição, Escudero et al encontraram valor médio de 307 Hz. Semelhante abaixamento de [a] também foi constatado nos dados dos falantes masculinos.

Em relação a F2, foram obtidos valores entre 2308 Hz e 1973 Hz nos dados de M e C, respectivamente. O valor médio de F2 foi de 2151 Hz, superior ao encontrado por Dias e Seara (2408 Hz). Comparando-se o valor médio aqui obtido com o encontrado em Escudero et al para a vogal [i] tônica (2676 Hz), observa-se uma grande diferença nos valores, indicando que na posição postônica a vogal [i] centraliza-se e tem valor próximo ao da vogal [e] tônica.

Como pode ser visto no Quadro 3, para a vogal [u], os valores de F1 encontrados variam entre 390 Hz (informante C) e 463 Hz (informante E), sendo a média 427 Hz. Esses valores são superiores aos verificados por Dias e Seara na fala da informante de Florianópolis (370 Hz) e sugerem que a vogal [u] sofre um abaixamento na comunidade em estudo. Nos dados dos homens deste estudo, também constatou-se o abaixamento dessa vogal.

Por fim, os valores de F2 para a vogal [u], encontrados neste estudo, mostram-se bastante variáveis entre as mulheres: de 1744 Hz (dados de M) a 1343 Hz (dados de J). A média para essa vogal foi de 1572 Hz, indicando que a vogal produzida é fortemente anteriorizada, ocupando uma porção central no espaço acústico. O valor médio para F2 obtido neste estudo é superior ao encontrado por Dias e Seara e aproxima-se dos valores encontrados por Escudero et al para a vogal [a] tônica.

Figura 2: Valores médios de F1 e F2 (em Hz) de quatro informantes mulheres



Nos gráficos de dispersão apresentados do grupo de homens e mulheres, percebe-se que as vogais postônicas [i] e [u] tendem a abaixar enquanto a vogal [a] tende a elevar-se. Além disso, percebe-se uma centralização de [u], passando a ocupar, entre os homens, quase o mesmo espaço acústico que a vogal [a].

É importante destacar que as vogais postônicas se realizam de diferentes maneiras, provavelmente em função do contexto seguinte, o que pode ocasionar a não diferenciação da produção de [a] em relação à produção de [u] em certos contextos.

De acordo com Steves e House (1955), em posição átona final as vogais estão propensas a realizarem-se como uma vogal neutra, já que há o relaxamento dos articuladores. Sendo assim, como consequência, os valores concentram-se na região central do espaço acústico F1 X F2, podendo haver sobreposição de valores.

3. Considerações finais

Buscou-se, com este trabalho, contribuir para a caracterização acústica das vogais presentes no falar pelotense em posição átona final. De modo geral, percebe-se que as vogais postônicas [i] e [u] tendem a abaixar enquanto a vogal [a] tende a elevar-se.

Além disso, percebe-se uma centralização de [u], que passa a ocupar, entre os homens, quase o mesmo espaço acústico que a vogal [a]. Isso significa que o sistema postônico encontrado nessa amostra seria mais bem representado pelas vogais [ɐ], [ɪ] e [ʊ].

Em relação à duração da postônica, verificou-se que entre os homens de baixa escolaridade, as vogais [ɐ], [ɪ] e [ʊ] foram produzidas de forma significativamente mais longa do que entre os homens de alta escolaridade. Já no grupo das mulheres, a vogal [ɐ] apresentou duração significativamente mais longa entre aquelas que possuem alta escolaridade do que entre as de baixa escolaridade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.
- DIAS, E.; SEARA, I. Redução e Apagamento de Vogais Átonas Finais na Fala De Crianças e Adultos de Florianópolis: Uma Análise Acústica. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, 2013, p. 71-93.
- ESCUADERO, P., BOERSMA, P., RAUBER, A. S., BION, R. A. H. A cross-dialect acoustic description of vowels: Brazilian and European Portuguese. *Journal of the Acoustical Society of America*, 126(3), 1379-1393, 2009.
- MENESES, F. O. *As vogais desvozeadas no português brasileiro: investigação acústico-articulatória*. 101f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- _____. *Uma visão dinâmica dos processos de apagamento de vogais no português brasileiro*. 140f. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2016.

- MORAES, J; Y. LEITE; D. CALLOU. Caracterização Acústica das Vogais Tônicas do Português Culto. In: M. Kato (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. V: Convergências. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- QUINTANILHA-AZEVEDO, R. *Formalização fonética-fonológica da interação de restrições na produção e na percepção da epêntese no português brasileiro e no português europeu*. 286f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2016.
- STEVES, K. N; HOUSE, Arthur S. Development of a quantitative description of vowel articulation. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 27, n. 3, p. 484-493, mai. 1955.

Recebido em: 01/04/2019

Aceito em: 09/04/2019

A INFLUÊNCIA DA FALA NA ESCRITA DAS OCLUSIVAS: O PAPEL DO *VOT* EM TROCAS ORTOGRÁFICAS

Vergília Spiering Damé³¹
Giovana Ferreira-Gonçalves³²

RESUMO: As trocas ortográficas verificadas nos segmentos oclusivos parecem estar além dos dois tipos principais de erros ortográficos: aqueles decorrentes da complexidade do sistema ortográfico e aqueles decorrentes de influência da fala na escrita. Observando com maior detalhamento os aspectos acústicos desses sons, em especial a duração de VOT, é possível que se estabeleça relação entre a fala e a troca desses grafemas na escrita, conforme já indiciam Sanches (2003) e Cristofolini (2008). A fim de confirmar tal hipótese, foram coletados dados de fala e escrita de 47 participantes matriculados nos 2º, 3º, 4º e 6º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública de Pelotas/RS. O instrumento utilizado possibilita a análise de fala e escrita controlada e espontânea. Os dados revelaram que as trocas ortográficas nos segmentos oclusivos são reduzidas, mas, ainda assim, em número superior as constatadas na oralidade. Por meio de análise acústica, considerando a duração do VOT, verificou-se que o VOT das oclusivas dorsais parece ser aquele com maior indício de refinamento articulatório, o que indicaria um papel da fala na escrita dos segmentos plosivos. No entanto, quanto às oclusivas labiais e coronais, os resultados não parecem indicar a influência da oralidade na ocorrência de trocas ortográficas.

Palavras-chave: Trocas ortográficas. Oclusivas. Voice Onset Time

ABSTRACT: The orthographic changes observed in the stops segments seem to be beyond the two main types of orthographic errors: those due to the complexity of the orthographic system and those resulting from the influence of speech on the spelling. It is possible to establish a relation between speech and the orthographic changes in writing, as Sanches

³¹Doutoranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS/CNPq. Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pelotas-UFPel/FPAERGS/CAPES.

³² Professora Associada na Universidade Federal de Pelotas-UFPel. Bolsista de Produtividade do CNPq.

(2003) and Cristofolini (2008) have already pointed out the acoustic aspects of these sounds, especially VOT duration. In order to confirm this hypothesis, we collected oral and written data from 47 students enrolled in the 2nd, 3rd, 4th and 6th grades of primary school from a public school located in Pelotas/RS. The instrument used enables to analyze controlled and spontaneous speech and writing. The data revealed that the orthographic changes in the stops segments occur in a small number, nevertheless, this number is higher than those observed in oral data. By acoustic analysis, considering the duration of VOT, it was verified that the VOT of the dorsal occlusives seems to be the one with the greatest articulatory refinement, which would indicate a role of speech in the writing of the plosive segments. However, for the labial and coronal plosives, the results do not seem to indicate the influence of orality on the occurrence of orthographic changes.

Keywords: Orthographic changes. Stops. Voice Onset Time

Introdução

A ocorrência de erros ortográficos ganha destaque aos olhos dos professores nos anos iniciais do Ensino Fundamental I quando passa a ser frequente a sua presença. Em geral, as construções diferentes do esperado são resultantes (i) da complexidade do sistema ortográfico ou (ii) da influência da fonologia ou fonética (ZORZI, 1997; GUIMARÃES, 2005; MIRANDA, 2010; 2014). Os classificados em (ii) serão aqui discutidos, destacando-se a relação entre fala e escrita.

Sabe-se que a escrita carece de instrução explícita para que sua aprendizagem seja concretizada, ao contrário da fala. Não por acaso, durante sua etapa de sistematização, a criança tende a recorrer à fala, dentre outros artifícios, passando a tê-la como auxiliar na construção de suas primeiras hipóteses acerca da escrita (MIRANDA; MATZENAUER, 2010; ABAURRE, 2011). Uma das principais evidências dessa relação é que as etapas pelas quais a aquisição da escrita passa são similares àquelas observadas durante a aquisição da fala (ABAURRE, 2011).

No entanto, nem sempre o papel da fala é observado de modo direto, como, por exemplo, quando a criança escreve *menino* como *mininu* por influência explícita da oralidade. Há casos, como pode ser constatado ao observarmos as trocas que ocorrem com os segmentos oclusivos (DAMÉ, 2016; DAMÉ; FERREIRA-GONÇALVES, 2017; 2018), em que

o papel da oralidade só é constatado quando utilizamos outras ferramentas metodológicas, como a inspeção acústica dos dados.

É esperado que a produção da fala desses segmentos já esteja estável em nível escolar e não sejam verificadas de outiva mudanças na fala, logo, trocas na ortografia não seriam decorrentes dessas. Sanches (2003), Cristofolini (2008) e Damé (2017) indicam a possibilidade da influência de aspectos fonético/fonológicos na ocorrência dessas trocas, sendo reflexo de uma estabilização na duração do VOT nas produções desses sujeitos.

A fim de verificar a hipótese levantada, foram coletados dados de fala e escrita de 47 estudantes matriculados nos 2º, 3º, 4º e 6º anos do ensino fundamental de uma escola da rede pública localizada em Pelotas. A partir de tais dados, pretende-se observar se o VOT tem papel na ocorrência de trocas ortográficas e se a influência se estende para todas as oclusivas, independente do contexto em que aparecem, ou é restrita a algum ambiente linguístico específico, como tipo de sílaba e tonicidade.

Na seção que segue esta introdução, será realizada uma retomada de aspectos relativos às oclusivas, no que concerne à escrita e à fala, seguida de uma explanação sobre o VOT e sua importância para esses segmentos. A terceira seção destina-se à metodologia aplicada para coleta de dados e, por fim, serão apresentados os dados, juntamente com os resultados obtidos, para que sejam tecidas as principais conclusões.

1 A fala e a escrita das oclusivas no PB

O comportamento dos segmentos oclusivos durante a aquisição da fala e da escrita é capaz de oferecer alguns indícios a respeito da relação entre ambas na ocorrência de trocas ortográficas.

Na fala, as oclusivas são as primeiras consoantes adquiridas, por volta dos 1:6 e 1:8 (anos:meses) (LAMPRECHT, 1990; FREITAS, 2004; BONILHA, 2004), podendo apresentar uma pequena diferença de tempo entre uma e outra a depender de seu ponto de articulação. Lamprecht (1990) aponta a emergência de oclusivas labiais e coronais antes das dorsais, assim como dos segmentos surdos antes dos sonoros. Freitas (2004), ao observar distintos estudos acerca desses segmentos, salienta tendência à ocorrência de três estágios de aquisição: (i) /p/, /t/, /k/; (ii) /p/, /b/, /t/, /d/, /k/; (iii) /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/.

Sob um ponto de vista dinâmico, essa aquisição não seria estabilizada tão cedo, passando ainda por um longo período de refinamento articulatório (CRISTOFOLINI, 2013; SANCHES, 2003). Cristofolini (2013) relata, a partir de análise acústica, que, aos 6:0, menor faixa etária considerada em seu estudo, somente [b] tem o padrão gestual estável. A oclusiva velar surda parece ser aquela com maior instabilidade em sua produção. Essa instabilidade nos segmentos surdos também é atestada por Bonatto (2007), que prevê uma estabilização posterior a das oclusivas sonoras, devido à dificuldade na sistematização dos gestos envolvidos nesses sons, já que a criança precisa interromper um gesto de glote ou de protusão labial para dar início a outro.

No que diz respeito à escrita, os segmentos oclusivos são conhecidos por serem aqueles que apresentam, em geral, uma relação biunívoca entre letra e som, ou seja, apenas um grafema representando cada som, com exceção de “g” e “k” que, seguidas de “i”, precisam do dígrafo para compor seu grafema. Os erros verificados nesses segmentos são tema de distintos estudos (ZORZI, 1997; GUIMARÃES, 2005; MIRANDA; MATZENAUER, 2010), revelando a influência da fonologia, e, em sua maioria, são verificados e divididos em três categorias: trocas na relação surda/sonora, mudança de ponto de articulação e omissão de letras.

O estudo de Zorzi (1997) revela que as trocas, quando considerados os segmentos oclusivos, ocorrem em sua maioria na relação surda/sonora e com os segmentos dorsais, seguidos dos coronais e labiais. Também aponta que a maioria dos casos é de dessonorização, ou seja, mudança de um som sonoro para surdo. No mais, reflete que as trocas tendem a ser recorrentes em um número pequeno de sujeitos, considerando os 514 que compõem seu *corpus*, o que pode justamente indicar uma influência da fala.

Guimarães (2005) apresenta resultados similares com maior concentração de trocas nas oclusivas dorsais e menor nas labiais, assim como Miranda e Matzenauer (2010). Essas autoras destacam, ainda, que a dessonorização, assim como apontado por Zorzi (1997), se mantém sendo mais recorrente, em especial para as dorsais e labiais; no caso das coronais, a sonorização ocorre em maior número.

Os trabalhos descritos lidam separadamente com os segmentos oclusivos na fala e na escrita. Desse modo, é preciso não só observar o que já foi dito sobre a relação entre fala e escrita mas, em especial, sobre a

importância do VOT, principal pista acústica considerada quanto se trata das oclusivas, para a ocorrência de trocas ortográficas.

2 Relação entre fala e escrita: VOT e sua importância para as oclusivas

A relação entre fala e escrita pode muitas vezes ser destinada a uma influência direta, no entanto, estudos de cunho dinâmico evidenciam que a erros de escrita podem ser resultado da gradiência na produção dos gestos articulatórios responsáveis pela constrição da oclusiva. Assim sendo, imprecisões de ordem fonético/fonológica podem dar conta de erros que, embora não sejam percebidos de outiva, podem ser identificados por meio de análise acústica (SANCHES, 2003; CRISTOFOLINI, 2008; RODRIGUES, 2012).

No que concerne às oclusivas, a pista acústica que desponta mais interesse é o VOT (*Voice Onset Time*), parâmetro estabelecido por Lisker e Abramson (1954) como passível da classificação das oclusivas de diferentes línguas em três categorias: (i) pré-sonorização – quando o vozeamento é anterior à soltura da constrição dos articuladores; (ii) retardo curto – quando o vozeamento é concomitante ou imediatamente após a soltura da constrição dos articuladores; e (iii) retardo longo – quando o vozeamento é após a soltura da constrição dos articuladores. Essas três categorias podem ser denominadas, também, como VOT (-), VOT (0) e VOT (+), respectivamente.

No Português, o estudo de Klein (1999) é basilar quando se trata da duração de VOT da fala adulta. Realizado em Santa Catarina, apresenta um panorama de como o VOT se comporta no Português Brasileiro (PB) falado nesse local. A classificação destinada ao PB seria de VOT (-) para as oclusivas sonoras e VOT (0) para as surdas. A primeira é confirmada por Klein (1999), mas a classificação das surdas, em especial a dorsal, já tende a apresentar um VOT (+). Tal trabalho será aqui utilizado como base para verificar o VOT da fala infantil.

Os estudos que lidam com a fala infantil e sua relação com a escrita tomados como base são os realizados por Sanches (2003) e Cristofolini (2008). Os valores médios de VOT desses trabalhos, com adição de Klein (1999), serão explanados a fim de evidenciar o padrão adulto e demonstrar que o valor de VOT da fala infantil apresenta diferenças, justamente por estarem esses sujeitos em processo de aquisição.

Cristofolini (2008) evidencia o predomínio de trocas, no que se refere à sonoridade, nas oclusivas coronais e dorsais. Ao verificar os contextos linguísticos controlados, reporta a relevância do contextoônico, ambiente em que ocorrem a maioria das trocas, tanto no texto espontâneo como no ditado, as duas modalidades de coleta realizadas. O contexto vocálico mais propício à ocorrência de trocas de sonoridade é, nos textos espontâneos, a vogal “i” e, no ditado, a vogal “a”. Os encontros consonantais representam menos de 10% das trocas encontradas.

No que concerne à análise acústica dos dados de fala, foi verificada uma maior duração média do VOT para o grupo controle. Quando submetidos à análise estatística, os dados revelaram a presença de diferença significativa entre os dois grupos – controle e trocas – para a produção das oclusivas dorsais, surdas e sonoras, e coronais surdas, ou seja, aquelas que apresentaram um maior número de trocas na escrita. Os valores médios de VOT apresentados no grupo controle – aquele que não apresentava trocas ortográficas – e o grupo trocas – aquele em que os participantes apresentavam trocas ortográficas – estão dispostos na Tabela 1.

Tabela 1: Médias de duração de VOT na fala adulta e infantil

Estudo		Média (ms)					
		[p]	[b]	[t]	[d]	[k]	[ŋ]
Fala adulta	Klein (1999)	15,58	92,27	16,69	92,07	36,36	-78,20
	Cristofolini (2008) - Grupo controle	21,09	81,17	23,37	70,38	31,81	-76,87
Fala infantil	Cristofolini (2008) - Grupo trocas	20,97	77,79	20,54	70,23	29,78	-69,61

Fonte: Elaborado pelas autora a partir das fontes citadas

Após análise estatística, Cristofolini (2008) constatou diferenças significativas para a duração do VOT entre o grupo controle e o grupo trocas, além disso, esse último apresentou maior número de inadequações acústicas, como, por exemplo, a presença de múltiplos *bursts* em oclusivas coronais e labiais surdas e sonoras. Sendo assim, a relação entre fala e escrita parece ser positiva, podendo uma produção articulatória diferenciada refletir na escolha do grafema adequado para representar um dado som.

Na mesma direção, estão os resultados encontrados por Sanches (2003), em trabalho destinado à análise espectrográfica da fala de crianças que apresentam trocas ortográficas nas oclusivas surdas e sonoras. A autora revela que, para as oclusivas sonoras, o valor de VOT (-) tem uma duração menor do que aquela apresentada pela literatura em geral, chegando a apresentar casos em que há VOT (0) e VOT (+), característicos de oclusivas surdas, quando o início da sonorização é concomitante ou posterior à soltura da oclusiva. Esses valores diferenciados de VOT parecem refletir na ocorrência de trocas ortográficas, pois os sujeitos passam a ter dificuldade para diferenciar a sonoridade desses segmentos.

Sendo assim, diante da complexidade imbricada na relação entre fala e escrita, e levando em conta que a escrita pode sofrer influência de imprecisões de ordem fonética/fonológica presentes na fala, faz-se necessário observar o possível papel do VOT para a ocorrência de trocas ortográficas quando se trata dos segmentos oclusivos.

3 Metodologia

A coleta de dados para obtenção dos dados de escrita e fala foi realizada em ambiente escolar com 47 alunos, matriculados nos 2º, 3º, 4º e 6º anos³³ do ensino fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Pelotas/RS. O objetivo inicial era manter 15 alunos em cada turma, mas por vezes o número de alunos da turma ou de alunos

³³ O 5º ano não compõem o *corpus* por não fazer parte das turmas participantes do projeto PICMEL, a ser descrito ao longo da metodologia, tendo sido desconsiderado por tratar-se de uma fase de transição na escola, quando os alunos passam a ter professores específicos para cada disciplina.

autorizados não foi suficiente, de forma que esses 47 participantes estão distribuídos conforme exposto no Quadro 1.

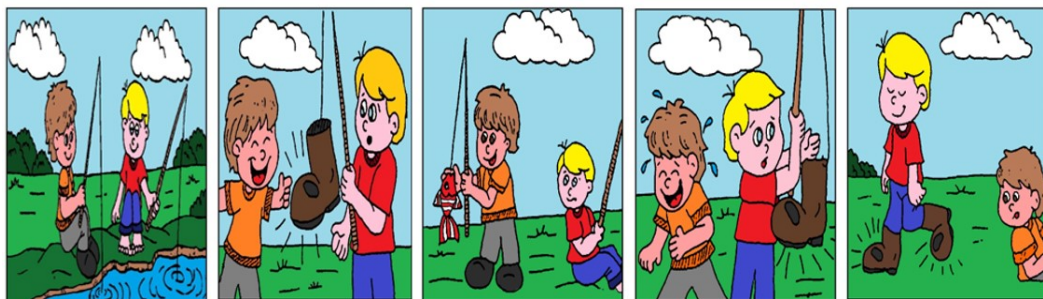
Quadro 1: Número de participantes por turma

Turma	Número de sujeitos
2º ano	8
3º ano	13
4º ano	16
6º ano	10
Total	47

Fonte: Elaborado pela autora

Primeiramente foi realizada a coleta de dados de fala, com a produção de uma narrativa pelos participantes, na qual contavam uma história a partir de imagens, conforme Figura 1. Tal atividade buscava observar como o participante realizava os segmentos quando tinha a possibilidade de escolher as palavras que iria utilizar.

Figura 1: Imagens que compõem a narrativa



Fonte: Adaptado pela autora³⁴

Na sequência, foi proposto um ditado de imagens com 233 palavras, exibidas aos alunos por meio de um *notebook*, que foram

³⁴ Figura obtida no Google Imagens em preto e branco e colorida digitalmente. Disponível em:

<http://princesa212010.blogspot.com/2010/08/producao-de-texto.html>.

produzidas uma vez em uma frase-veículo: Digo *palavra-alvo* para você. Essas palavras são constituídas por consoantes oclusivas: (i) seguidas das vogais “a”, “i”, “u”; (ii) em sílaba com estrutura CV e CCV – seguida da líquida lateral e não lateral; (iii) em sílaba tônica e átona; e (iv) em posição inicial e medial na palavra. Considerando que nem todos os contextos foram preenchidos, seja por falta de uma palavra conhecida ou pela impossibilidade de representação por meio de figuras, o número de ocorrências para cada oclusiva é o disposto no Quadro 2.

Quadro 2: Número de ocorrências por oclusiva no ditado de imagens da primeira etapa

Oclusiva	Ocorrências	Oclusiva	Ocorrências
[p]	49	[b]	49
[t]	34	[d]	24
[k]	43	[g]	34
Total	126	Total	107

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando-se o número de sujeitos e o total de segmentos alvo, o objetivo era coletar 10.951 *tokens* nessa etapa, sendo 5.922 relativos às oclusivas surdas e 5.029, às sonoras.

Essas atividades foram realizadas individualmente e registradas por meio dos gravadores *Zoom H4N* e *Roland R-05*, com taxa de amostragem de 44.100Hz.

Os dados de escrita levaram em conta as mesmas atividades, no entanto, a coleta foi realizada em sala de aula, com toda a turma (apenas os dados daqueles alunos que tinham autorização foram utilizados), com as imagens exibidas por meio de um *Datashow*.

As coletas de dados realizadas são parte integrante do Projeto PICMEL (Programa de Iniciação a Ciência, Matemática, Engenharias e Letras)³⁵ e todos os participantes foram autorizados a realizar os procedimentos previstos mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por seus responsáveis.

³⁵ Projeto PICMEL-FAPERGS/CAPES, coordenado pela Profa. Dr. Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPel), processo nº. 0340-2551/14-6.

Para análise dos dados, foi considerada uma amostra reduzida, disposta no Quadro 3, sobre a qual foram realizadas (a) análise acústica, em que foram consideradas medidas de duração de VOT feitas no Praat (v. 2.16.11); (b) análise estatística, por meio do *software SPSS Statistics* (v. 17.0), em que foram comparadas as medidas de duração de VOT e sua duração relativa³⁶, sendo considerado significativo o valor de *p* menor do que 0.05. A análise acústica foi realizada com 22 sujeitos, distribuídos em 2 grupos, um com trocas na escrita e outro sem. Cada grupo contou com 3 alunos nos 2º, 3º e 4º anos e 2 no 6º.

Quadro 3: Palavras selecionadas para compor a análise acústica³⁷

Contexto	[p]	[b]	[t]	[d]	[k]	[g]
CV - a	Palha	Bala	Taça	Dama	Casa	Galo
CrV - a	Praça	Braço	Trave	Drácula	Cravo	Grávida
CV - i	Pilha	Bicho			Quilo	Guia
CrV - i	Primo	Briga	Trilha	Drible	Crise	Grilo
CV - u	Pulo	Bule	Túnel	Duas	Cuia	Gude
CrV - u		Bruxa	Trufa		Crua	Grupo

Fonte: Elaborado pela autora

Das 233 palavras iniciais, foram selecionadas 32, apresentadas no Quadro 3, que contém as seis oclusivas dispostas em início de palavra, sílaba tônica, seguidas das vogais “a”, “i” e “u”, em sílaba CV e CCV. Esse recorte foi realizado para compor um grupo controle e verificar se haveria presença de imprecisões fonético/fonológicas mesmo quando as palavras analisadas não eram aquelas em as trocas foram verificadas. A partir da produção dos 22 sujeitos, seriam esperados 704 *tokens*, mas foram analisados 431, considerando descartes por impossibilidade de análise

³⁶ Para realização da medida de duração relativa, seguiu-se o proposto por Cristofolini (2013), calculando-a por meio de: duração do VOT/duração da palavra * 100.

³⁷ As colunas não preenchidas tratam-se de contextos que não dispunham de uma palavra de fácil reconhecimento por meio de uma imagem e/ou por uma criança, à exceção de [t] e [d] seguidos de [i], desconsiderados por conta da palatalização dessas consoantes nesse contexto na região em que os dados foram coletados.

acústica ou não produção do dado. No Quadro 4 estão dispostos os *tokens* que foram analisados por oclusiva.

Quadro 4: Número de dados submetidos à análise acústica divididos por oclusiva e grupos com trocas e sem trocas

Turma	2º ano		3º ano		4º ano		6º ano		Total
Grupo	Grupo com trocas	Grupo sem trocas	Grupo com trocas	Grupo sem trocas	Grupo com trocas	Grupo sem trocas	Grupo com trocas	Grupo sem trocas	
[p]	10	12	6	11	11	11	2	9	72
[b]	11	13	13	11	10	15	4	12	89
[t]	9	12	8	9	10	11	4	8	71
[d]	6	11	7	9	5	8	2	6	54
[k]	11	11	10	7	12	10	2	8	71
[g]	9	12	9	9	7	15	6	7	74
Total	56	71	53	56	55	70	20	50	431
	127		109		125		70		

Fonte: Elaborado pela autora

Verifica-se a partir do Quadro 4 que há um número maior de *tokens* no grupo sem trocas, que totalizam 247, do que no grupo com trocas, com 184. Isso deve-se, possivelmente, a um maior número de dados descartados devido a uma má qualidade do áudio.

4 Resultados e discussão

Após coleta e apreciação dos dados, verificou-se que, conforme esperado, as trocas presentes na fala são menos expressivas do que aquelas que foram constatadas na escrita. Os dados de escrita contabilizam 7.300 produções, sendo 6.963 realizadas no ditado, com 5,6% de trocas, e 337 na narrativa, com apenas 0,07% de trocas. Nos dados de fala, tem-se um total de 9.213 produções, sendo 8.605 no ditado, com 0,5% de trocas, e 609 na narrativa, onde trocas não foram identificadas.

No Quadro 5, é possível comparar as trocas presentes na fala e na escrita em cada uma das turmas, considerando-se o ditado, já que as trocas na narrativa são pouco expressivas.

Quadro 5: Percentual de trocas na fala e na escrita no ditado

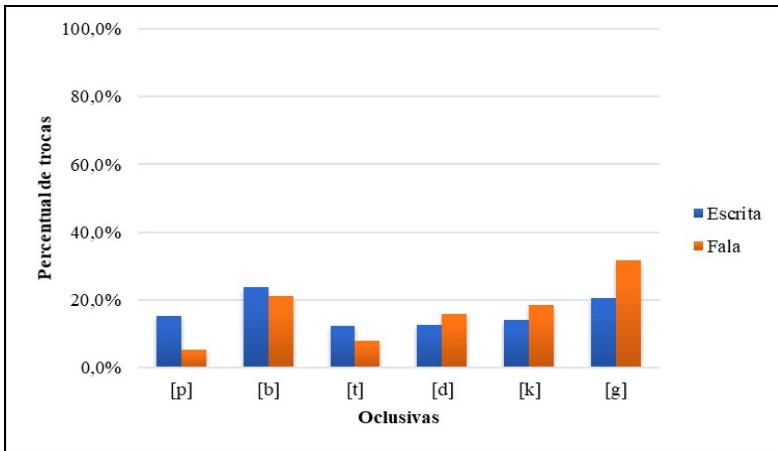
Ano	Fala			Escrita		
	Possibilidades	Trocas	%	Possibilidades	Trocas	%
2º ano	1.217	8	0,7	1.356	105	7,7
3º ano	2.319	13	0,6	1.618	157	9,7
4º ano	3.038	14	0,5	2.640	120	4,5
6º ano	2.031	3	0,1	1.349	19	1,4
Total	8.605	38	0,4	6.963	401	5,5

Fonte: Elaborado pela autora

Na fala, o percentual de trocas, identificadas de outiva, não ultrapassa 1% em nenhuma das turmas; já na escrita, os percentuais são superiores a 1,4%, atingindo aproximadamente 10% no 3ºano. Cabe salientar, também, que os índices de trocas na escrita diminuem gradativamente ao longo das séries, a partir do 3º ano. Já na fala, os índices apresentam maior predomínio no 2º ano, seguido do 3º, 4º e 6º.

Considerando as trocas por oclusivas, novamente na fala, ainda de outiva, e na escrita, conforme o Gráfico 1, o maior número de ocorrência é verificado nas oclusivas labiais, em especial a sonora, contrariando o que apontam Cristofolini (2008), Guimarães (2005), Zorzi (1997) e Miranda e Matzenauer (2010), quando a maioria das trocas foi verificada nas dorsais. Na fala, da mesma forma, chama atenção o alto índice de trocas com a labial sonora, já que essa seria uma das primeiras consoantes a ser adquirida.

Gráfico 1: Percentual de trocas por oclusiva na fala e na escrita no ditado

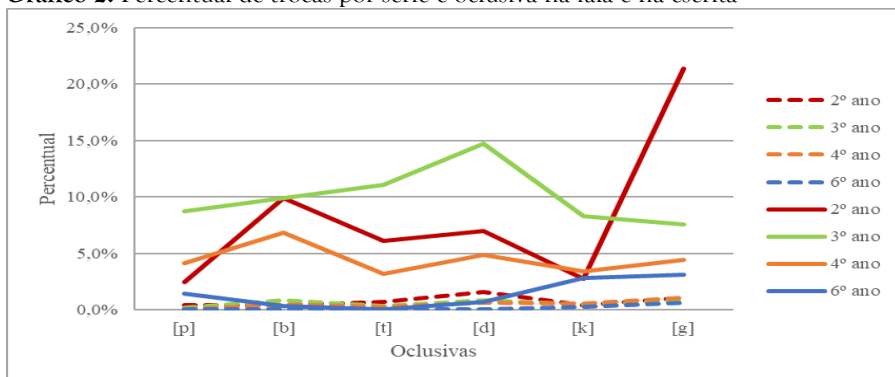


Fonte: Elaborado pela autora

Ao comparar as trocas na escrita e na fala, nota-se maior diferença entre ambas nos casos de [p] e [g], quando há, respectivamente, maior número de trocas na escrita, em relação à fala, e na fala em relação à escrita. Nos demais casos, com uma diferença menor, as trocas prevalecem na escrita para [b] e [t] e na fala, para [d] e [k]. Cabe observar que o predomínio de trocas em algumas dessas consoantes é, por vezes, resultado da produção de um único participante, assim como relatou Zorzi (1997), a respeito do papel de poucos sujeitos nos índices obtidos.

Verifica-se, assim, que a exceção de [p] e [g], as trocas presentes na fala e na escrita parecem apresentar uma relação, no entanto, ao separar esses dados por série, essa relação se dissipa. O Gráfico 2 evidencia que as trocas na escrita são mais recorrentes do que na fala e que em cada ano há o predomínio de uma oclusiva como a mais frequente na ocorrência de trocas.

Ainda, confirma-se a maior probabilidade de trocas em oclusivas sonoras – tanto na fala quanto na escrita –, casos de dessonorização apontados por Zorzi (1997) e confirmados por Guimarães (2005) e Miranda e Matzenauer (2010), sendo, em sua maioria, para “g”, nos 2º e 6º anos, para “d” no 3º e para “b” no 4º.

Gráfico 2: Percentual de trocas por série e oclusiva na fala e na escrita

Fonte: Elaborado pela autora

Legenda: linha contínua = dados de escrita; linha pontilhada = dados de fala

Assim como ocorre para a escrita, na fala evidencia-se, ao longo das séries, uma redução no número de trocas, além de uma redução no número de segmentos em que essas trocas ocorrem. No 2º e 3º anos, há trocas com todas as oclusivas, no 4º ano, não se verifica troca com [p], e, no 6º ano, apenas para as dorsais foram constatadas trocas.

Diferenças, no entanto, são encontradas em relação à quantidade de trocas. Considerando a relação entre fala e escrita, sem a realização de uma análise acústica, verifica-se que o percentual de trocas na escrita é superior em todas as séries. Ainda, diante do fato de que as trocas na escrita estão concentradas em alguns sujeitos, ao observar a ocorrência de trocas na fala e escrita de cada um, constatou-se que aqueles sujeitos com maior número de trocas ortográficas são aqueles em que, pelo contrário, não foram verificadas trocas na fala, ao menos de outiva.

Ao colocar em destaque o papel do VOT, foi analisado um total de 431 produções, das quais os valores médios de duração de VOT e sua duração relativa estão dispostos na Tabela 2. Para as oclusivas sonoras, verificam-se médias dentro do esperado na literatura, entre -70ms e -100ms (KLEIN, 1999; CRISTOFOLINI, 2008). Para as oclusivas surdas, coronal e labial, observam-se valores pouco mais elevados do que o esperado, acima dos 28ms, sendo que, normalmente, a média reportada é de 25ms. As dorsais, que tendem a apresentar certa aspiração, os valores são superiores a 40ms, conforme esperado.

Tabela 2: Média geral de duração do VOT e duração relativa do VOT por oclusiva para as palavras controle

		[p]	[b]	[t]	[d]	[k]	[g]
VOT (ms)	Grupo s/ trocas	31,67	87,16	30,65	79,33	64,17	75,34
	Grupo c/ trocas	28,18	67,82	32,09	73,73	48,15	67,41
DR VOT (%)	Grupo s/ trocas	8,18	20,37	6,88	18,07	15,31	16,95
	Grupo c/ trocas	8,03	19,02	8,27	18,70	13,40	19,11

Fonte: Elaborado pela autora

Esses valores médios se comportam de maneira próxima daqueles apresentados por Cristofolini (2008), em que o grupo controle apresenta valores de duração mais elevados do que o grupo sem trocas, o que só não é constatado para [t]. O argumento proposto por Sanches (2003), de que as oclusivas sonoras apresentam uma duração de VOT menor, quase próxima a (0), não foi constatado.

Observando os valores de duração relativa do VOT, que permitem verificar se a taxa de elocução não influencia no valor de duração de VOT, nota-se similaridade entre os valores de [k] e [g], mais próximos no grupo sem trocas, mas também presente no grupo com trocas, o que poderia indicar uma duração de VOT ainda não estabilizada nesses segmentos, que não é verificada nos demais pares mínimos, quando o percentual ocupado pela oclusiva sonora é sempre mais elevado. Tal fato pode indiciar uma etapa de ajuste articulatorio, revelando que ou as oclusivas surdas estão apresentando um VOT (+) mais elevado do que o esperado ou as sonoras estão apresentando um VOT (-) menor do que o esperado. Entretanto, a diferença entre os grupos sem trocas e o com trocas, considerando as médias do VOT e de sua duração relativa por oclusiva de cada sujeito, não é significativa e essa hipótese precisa de um número maior de dados para ser confirmada.

Diferenças significativas foram constatadas - por meio do teste Mann-Whitney -, apenas na duração relativa do VOT de [k] em contexto

de /u/ (U= 0,000, p= 0,006), na duração relativa do VOT de [d] em sílaba CV (U= -22,000, p= 0,037), na duração relativa do VOT de [k], quando em sílaba CV e seguido da vogal /u/ (U= -0,000, p= 0,046). Os casos com [k] apresentam maiores valores de VOT no grupo sem trocas, enquanto o com [d], maiores valores no grupo com trocas.

Observa-se, assim, a partir da análise estatística aplicada nos valores de duração de VOT que o contexto parece ser necessário para responder a possível influência da fala na escrita. A fim de melhor relacionar as duas modalidades, testes estatísticos foram aplicados também nos dados de escrita e de fala analisados de outiva. Nesses casos o contexto também parece exercer seu papel. No que concerne a influência do contexto na escrita, Damé (2017) reporta, a respeito desse mesmo *corpus*, que há indícios de influência do contexto na ocorrência de trocas ortográficas.

Considerando contexto vocálico, tonicidade, posição da oclusiva na palavra e estrutura silábica, Damé (2017) aponta os seguintes resultados: (i) contexto vocálico: primeiramente por meio do teste Friedman ($\chi^2(2) = 16,687$, p = 0,000) verifica-se diferença significativa para grafia de “b”. A partir do pareamento das três vogais utilizadas “a”, “i” e “u”, foi verificado, por meio do teste Wilcoxon (Z = -2,972, p = 0,003), para /a/ x /i/, e (Z = -3,517, p = 0,000) para /a/ x /u/, que a vogal /a/ favorece a grafia dessa consoante; (ii) tonicidade: mostra-se significativa a influência do contexto tônico, para ocorrência a escrita de “t”, evidenciada por meio do teste Wilcoxon (Z = -2,383, p = 0,017); (iii) posição da oclusiva na palavra: a posição medial na palavra também se mostrou relevante para a ocorrência adequada de “t”, a partir do teste Wilcoxon (Z = -2,104, p = 0,035) e; (iv) estrutura silábica: a estrutura CV se mostrou mais provável à ocorrência de acertos para “p” (Z = -2,483, p = 0,013), “r” (Z = -2,561, p = 0,010) e “d” (Z = -2,876, p = 0,004), significância constatada por meio do teste Wilcoxon.

Na fala, considerando-se os mesmos contextos da escrita, verificam-se os seguintes resultados: (i) contexto vocálico: significância na produção de [b], verificada a partir do teste Friedman ($\chi^2(2) = 7,000$, p = 0,030). Pareadas as vogais, por meio do teste Wilcoxon, a diferença se mostrou significativa entre [a] x [u] - Z = -2,032, p = 0,042 - e entre [i] x [u] - Z = -1,997, p = 0,046 - sendo a vogal [u] mais propícia a ocorrência de trocas para essa oclusiva; (ii) tonicidade: foi identificada diferença na produção de [k], evidenciada a partir do teste Wilcoxon (Z = -2,388, p = 0,017), sendo verificado maior número de trocas em contextos átono; (iii) posição

da oclusiva na palavra: não apresentou diferenças significativas e; (iv) estrutura silábica: verifica-se que [d] mantém um maior número de trocas em sílaba CCV, o que foi verificado pelo teste Wilcoxon ($Z = -2,023$, $p = 0,043$). A estrutura silábica é significativa também para [g], sendo superiores as trocas em sílaba CCV, resultado obtido por meio do teste Wilcoxon ($Z = -2,433$, $p = 0,015$).

Comparando os resultados obtidos na escrita, fala e análise acústica observa-se pouca convergência. Não é verificada diferença significativa para [d] e [k] na fala e escrita no que se refere à vogal [u] e nem mesmo no que se refere à estrutura CV. Ao contrário, para [d] maior número de trocas na fala é verificado em sílaba CCV, sendo a sílaba CV mais propícia a ocorrência de acertos na escrita de “d”. No caso de [k], os valores mais altos na duração relativa de VOT no grupo com trocas ortográficas confirma os resultados de Cristofolini (2008), no qual o grupo controle, sem trocas, apresenta os valores mais altos de duração de VOT.

Diante de tais resultados, o papel do VOT sobre a ocorrência de trocas ortográficas não parece ser decisivo, ainda que esteja presente, como pode ser constatado nos casos em que diferença significativa foi verificada. No mais, é possível que outros fatores acústicos, e mesmo articulatórios, possam juntos responder de forma mais eficaz pela ocorrência de trocas ortográficas que não necessariamente são detectadas na fala de ouvira.

Considerações finais

As trocas ortográficas nos segmentos oclusivos aparecem em número reduzido, mas, ainda assim, representam material suficiente para que sua ocorrência seja verificada. Comparando fala e escrita, percebe-se que as trocas na fala aparecem em número pouco expressivo, o que indica, como esperado, que já não estão presentes na fala, ao menos no que é possível identificar de ouvira.

Por meio de análise acústica, considerando a duração do VOT, verificou-se que o VOT das oclusivas dorsais parece ser aquele com maior indício de refinamento articulatório, já que os valores de duração relativa desse par mínimo são bastante similares, o que não ocorre nos pares de labiais e coronais. Testes estatísticos confirmam a diferença de valores

entre o grupo sem trocas quando comparados ao grupo com trocas, que apresentam valores menores de duração relativa para [k].

No que se refere aos demais segmentos, os resultados, apenas considerando o VOT como parâmetro acústico, não parecem ser satisfatórios para indicar a influência da fala na ocorrência de trocas ortográficas. Para tanto, talvez seja necessário ampliar o leque de parâmetros acústicos controlados ou mesmo verificar o papel da articulação, por meio de ferramentas que permitam observar a movimentação da língua.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. A relação entre escrita espontânea e representações linguísticas subjacentes. *Verba Volant*, Vol. 2, pp.167-200, Pelotas: Editora UFPPEL, 2011.
- BONATTO, M. T. R. L. *Vozes Infantis: a caracterização do contraste do vozeamento dos segmentos plosivos do português brasileiro na fala de crianças de 3 a 12 anos*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.
- BONILHA, G. F. G. *Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade*. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CRISTOFOLINI, C. *Trocas ortográficas: um estudo a partir de análises acústicas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Santa Catarina, 2008.
- CRISTOFOLINI, C. *Gradiência na fala infantil: caracterizando acústica de segmentos plosivos e fricativos e evidências de um período de “refinamento articulatorio”*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- DAMÉ, Vergília Spiering. *Aquisição da escrita das consoantes plosivas: aspectos acústicos e articulatorios*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, 2016.
- DAMÉ, V. S.; FERREIRA-GONÇALVES, G. Trocas ortográficas de consoantes oclusivas no português brasileiro. *Signótica*, v.29, p.504 - 527, 2017.

- _____. As plosivas nas séries iniciais: o papel do contexto na ocorrência de trocas ortográficas. *Signo*, v.43, p.32 - 42, 2018.
- FREITAS, G. C. M. Sobre a aquisição das plosivas e nasais. In: LAMPRECHT, R (org). *Aquisição Fonológica do Português*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- GUIMARÃES. M, R. *Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPel, Pelotas, 2005.
- KLEIN, S. *Estudo do VOT no Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- LAMPRECHT, R., R. *Perfil de aquisição normal da fonologia do Português. Descrição longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Arte, PUCRS, 1990.
- LISKER, L; ABRAMSON, A. A cross-language study of voicing in initial stops: acoustical measurements. *Words*, 20, 384-422, 1964.
- MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre o erro ortográfico. In: HEINING, O.; FRONZA, C. de A. (Org.). *Diálogos entre linguística e educação*. 1 ed. Blumenau: EDIFURB, 2010.
- _____. A Fonologia em dados de Escrita inicial de crianças brasileiras. *Revista Linguística*, vol. 30, n. 2, p. 45-80, 2014.
- MIRANDA, A. R. M.; MATZNAUER, C. L. B. Aquisição da fala e da escrita: relações com a Fonologia. *Cadernos de Educação*. Pelotas, n. 35. p. 359-404, 2010.
- RODRIGUES, L. L. *A complexidade das relações ortográfico-fônicas na aquisição da escrita: um estudo com crianças da aquisição infantil*. Tese – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2012.
- SANCHES, A. P. *Análise espectrográfica da fala de crianças com trocas grafêmicas nos plosivos surdos e sonoros*. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal de Maringá, 2003.
- ZORZI, J. L. *A apropriação do sistema ortográfico nas quatro primeiras séries do 1º grau*. Unicamp. Faculdade de Educação. Campinas, 1997.

Recebido em: 27/03/2019

Aceito em: 12/04/2019

ANÁLISIS SOCIOLINGÜÍSTICO DE LA ENTONACIÓN EN ENUNCIADOS DECLARATIVOS DEL ESPAÑOL DE CUBA Y ESPAÑA: PRIMER ACERCAMIENTO AL CORPUS *PRESEEA*

Adriana Pedrosa Ramírez³⁸
Madeleyne Bermúdez Sánchez³⁹
Raquel María García Riverón⁴⁰

RESUMEN: En este artículo se presentan la descripción y el análisis de la entonación en enunciados declarativos atendiendo a las variables sociolingüísticas sexo y edad. La muestra analizada corresponde al español hablado en Cuba y al español de España recogidos en el corpus PRESEEA. Para la representación prosódica se emplea el sistema de transcripción *sp-tobi* en el marco teórico-metodológico del modelo métrico autosegmental. En términos generales, se encuentran dos configuraciones prosódicas del tonema en ambas variantes del español: L+H* L% en enunciados largos paroxítonos y L* L% en enunciados cortos oxítonos.

Palabras clave: dialecto; prosodia; enunciados declarativos; tonema; modelo métrico autosegmental.

ABSTRACT: Neste artigo apresentamos a descrição e a análise da entonação em enunciados declarativos baseadas nas variáveis sociolingüísticas sexo e idade. A amostra analisada corresponde ao espanhol falado em Cuba e ao espanhol da Espanha, coletados no corpus PRESEEA. Para a representação prosódica, empregamos o sistema de transcrição *sp-tobi* no referencial teórico-metodológico do modelo métrico auto-segmentar. Em termos gerais, encontramos duas

³⁸ Máster en Estudios Lingüístico-Editoriales Hispánicos. Profesora auxiliar del Departamento de Lingüística y Literatura de la Universidad Central 'Marta Abreu' de Las Villas-Cuba.

³⁹ Doctora en Ciencias Lingüísticas. Profesora auxiliar del Departamento de Lingüística y Literatura de la Universidad Central 'Marta Abreu' de Las Villas-Cuba.

⁴⁰ Doctora en Filología Hispánica. Profesora Titular de la Universidad de La Habana-Cuba.

configurações prosódicas do tonema em ambas as variantes do espanhol: L + H * L% em enunciados longos paroxítonos e L * L% em enunciados curtos oxítonos..

Keywords: dialeto; prosódia; enunciados declarativos; tonema; modelo métrico autosegmental.

La variación dialectal y sociolingüística de la entonación española. Principales estudios y proyectos

Desde la segunda mitad del siglo XX se abre un espectro de corrientes lingüísticas que establecen vínculos con diferentes ramas o áreas del saber. Esta postura (inter) transdisciplinar supone el estudio del lenguaje en sus vínculos con el contexto o situación comunicativa, lo cual supone la inclusión de variables o aspectos extralingüísticos que influyen decisivamente en la producción e interpretación de un enunciado determinado. En todos los niveles de la lengua opera esta relación y, por tanto, también la entonación es reflejo de estos vínculos.

Así lo demuestran los estudios sociolingüísticos y dialectales de la entonación que exponen las relaciones en sus análisis entre la lengua y las variables sociales y también con una perspectiva geográfica, extensional. Entre los autores que han desarrollado esta perspectiva de análisis cabe destacar en el español peninsular a Quilis (1989), Moreno (1998, 1999), Sosa (1999), Revert Sanz (2001), Dorta (2007 a y b, 2013, 2018), y en el ámbito hispanoamericano a García Riverón (1985, 1996-1998), Martín Butragueño (2004, 2011), Velásquez Upegui (2013) y Muñoz Alvarado (2013).

Ya desde finales de la década de 1980 Antonio Quilis (1989) estableció los tres niveles en que puede actuar la entonación, entre ellos, el nivel sociolingüístico, en el que la entonación comunica dos informaciones: una relacionada con las características personales (edad, sexo, carácter) y otra que comunica el origen geográfico, el medio social y el nivel cultural al que pertenece el individuo. Por su parte, para Moreno Fernández (1998):

Algunos aspectos del uso social de la lengua en los que la entonación se revela como cardinal, al margen de las funciones puramente lingüísticas –intra lingüísticas, si se

quiere— podrían ser la expresión de intenciones comunicativas, de inferencias, de marcas de discurso o conversacionales, la expresión de marcas de grupos geolectales y sociales, de marcas de estilo y de registro, así como la producción y comprensión de lenguas extranjeras (p. 1).

Entre los trabajos más notorios relacionados con la entonación dialectal se presenta el de Sosa (1999), para quien “uno de los factores más característicos y resaltantes que permite inmediatamente a un hablante identificar el origen geográfico de su interlocutor es precisamente la entonación” (p. 177). En esta investigación, además de presentar presupuestos generales sobre dialectología y sociolingüística y sus vínculos con el estudio de la entonación, se describe la prosodia de varios dialectos, entre los que se encuentran Madrid, Barcelona, Pamplona, Sevilla y en el español hispanoamericano los dialectos de las capitales de Argentina, Colombia, México, Puerto Rico, Venezuela, Cuba y Perú.

Considerando estas premisas donde se vincula el estudio de la entonación con la expresión de marcas geolectales o sociales, muchos de los estudios de la entonación española en las últimas décadas están enfocados hacia la confección del Atlas Multimedia de la Prosodia del Espacio Románico (AMPER en España) que como macroproyecto internacional para todas las variedades de lengua románica fue presentado por Manuel Contini en 1991. Este proyecto tiene como finalidad estudiar los rasgos prosódicos: análisis de la estructura entonativa y los parámetros temporales y de intensidad de las distintas variedades geolingüísticas en frases enunciativas e interrogativas de todas las lenguas románicas. Aunque inicialmente el proyecto se circunscribió a Europa, luego se sumaron un grupo en Brasil para el análisis de las variedades americanas del portugués, otros dos grupos en Chile y otro en Cuba que asumieron el estudio de la prosodia en el territorio americano.

En el ámbito latinoamericano sobresale también el proyecto COEM (Corpus oral del español de México), coordinado por Pedro Martín Butragueño, Leonor Orozco y José Esteban Hernández. En este proyecto se estudian las hablas mexicanas y se incluye el estudio de la prosodia atendiendo a las características geográficas y sociolingüísticas de las diferentes comunidades de México.

En Cuba, por su parte, como afirma García Riverón (1985) “son escasos los trabajos dedicados al estudio de la variante sociolingüística de la entonación, aunque es frecuente encontrar rasgos suprasegmentales marcados socialmente” y continúa insistiendo: “Fenómenos similares deben ser estudiados, siguiendo los métodos de análisis y cómputo de la sociolingüística actual” (p. 263).

En los estudios sobre determinadas variantes geolectales del español de Cuba, Curbeira Palomo (2002), para la entonación de Guantánamo y Muñoz Alvarado (2013), para la entonación de Santiago de Cuba, incluyen variables sociolingüísticas. También, considerando las características geográficas, se estudian y comparan la entonación de Cuba y España. Por ejemplo, Rodríguez César (2005), inspirada por la ausencia de estudios comparativos entre el sistema entonativo de Cuba y el de otras regiones de habla hispana, realizó un análisis de la interrogación absoluta en Cuba y España con un enfoque acústico y pragmático. Con esta misma visión, el trabajo de Pedrosa Ramírez (2007) contiene un estudio sobre la entonación emotiva del español peninsular en comparación con el sistema entonativo cubano, a partir de una muestra de los medios de comunicación televisivos.

Asimismo, desde los primeros esbozos para la conformación del Atlas lingüístico de Cuba (años 80) se han considerado entre las variables: sexo, nivel de instrucción, edad y ubicación geográfica. Esos planteamientos iniciales vieron la luz casi tres décadas después y sobre la base del sistema entonativo descrito por García Riverón (1996b y 1998) se confeccionó una encuesta aplicada en puntos poblados urbanos de 11 provincias del país. Dentro de los resultados fundamentales que arrojaron las investigaciones para la conformación del *Atlas lingüístico de Cuba* (2013) en su apartado dedicado a la entonación, se encuentran:

Los entonemas que presentan un mayor nivel de codificación en nuestra variante de lengua, por constatarse su funcionamiento en el 100 % de las encuestas aplicadas son el E-1, E-2, E-3, E-5 y E-7, que expresan valores modales de enunciación e interrogación neutral, no conclusión y llamada, respectivamente.

El valor comunicativo de la enunciación con advertencia se realiza en un porcentaje elevado con la VE-1a, definida en el sistema. Sin embargo, el E-1 también adopta esta función en contextos similares, En estos casos, la advertencia no está dada solo por la entonación, sino por las condiciones pragmáticas de uso.

No se registró la VE-1a en las provincias orientales de Holguín y Bayamo y en Sancti Spíritus la mayoría de los informantes alterna ambos entonemas.

La prosodia en enunciados declarativos a partir del estudio de las variantes peninsulares e hispanoamericanas

En el mencionado trabajo de Sosa (1999), donde se comparan varios dialectos de la Península y de Hispanoamérica, sobresalen resultados que afirman que los enunciados declarativos absolutos presentan regularmente el tonema L* L% en todos los dialectos analizados; sin embargo, advierte también que en la ciudad de Bogotá, México, Caracas y Barcelona se presenta el tono H* L%.

Uno de los trabajos que se realizan atendiendo a los presupuestos teórico-metodológicos del proyecto AMPER es el de Calleja Aspiazu (2004). Este análisis de los acentos tonales en el castellano de Vitoria se compara, además, con otros dialectos del castellano que se han analizado anteriormente: el castellano de Madrid y el de Lekeitio. Calculando las medias para el comienzo de la subida y para el pico, se llevó a cabo un análisis estadístico para encontrar correlaciones entre los valles y los picos, así como la posición de la sílaba tónica en la frase y el número de sílabas que precedían o seguían a la sílaba tónica en un corpus total de 45 oraciones. Calleja concluye en su artículo que la característica principal del castellano de Vitoria es que “en las sílabas tónicas hay una subida tonal y que esta subida acaba en la sílaba postónica. Pocas veces acaba la subida dentro de la sílaba tónica (sólo en final de oración)” (2004, p.47).

También dentro del proyecto AMPER, López Bobo, Cuevas Alonso, Díaz Gómez y Muñiz Cachón (2005) realizan la descripción y comparación de la estructura prosódica del asturiano hablado en la zona central (habla de Mieres y de Oviedo), a partir de una muestra obtenida por medio de dos informantes. Se describe en este artículo la prosodia de ambas variedades de asturiano, con lo que se muestran las diferencias y semejanzas que presentan, atendiendo no solo al acento léxico y acento entonativo, sino también considerando los valores de intensidad y duración para el estudio de la prosodia en la muestra seleccionada.

En relación con las diferencias entonativas entre las modalidades asertiva e interrogativa en el habla de Mieres y de Oviedo urbano, López Bobo *et al* (2005) señalan la existencia de un patrón final de cadencia no

sólo en los enunciados asertivos, sino también en los interrogativos. En relación a esto concluye: “En cuanto a la evolución global de la curva de entonación en asertivas e interrogativas se observa que es bastante similar en ambas modalidades, aunque las interrogativas presentan una frecuencia fundamental más alta que las asertivas. Esta diferencia es mucho más acusada en el habla de Mieres que en la de Oviedo, donde los valores máximos y mínimos son menos extremos” (p.196).

Este estudio concluye que los enunciados aseverativos presentan dos configuraciones L^+ (i) H^*L^* en oriente y occidente urbano y en la zona rural muestran $H+L^*$ $L\%$; además, el tono $L^+>H^*$ es el pretonema más frecuente.

Por su parte, en el trabajo de Ramírez Verdugo (2005) se establece una taxonomía fonética y fonológica de los rasgos prosódicos característicos del habla de Madrid. Utilizando la metodología que establece el AMPER esta autora estudia la prosodia madrileña en oraciones enunciativas e interrogativas e incluye los acentos: agudos, llanos y esdrújulos. La investigación concluye que tanto en las oraciones enunciativas como en interrogativas absolutas se detectó mayor variedad en la realización de los acentos tonales de la que se había reconocido en estudios anteriores como en los de Quilis (1993, 1997), Sosa (1999), siendo la estructura tonal más común L^*+H y H^*+L .

También dentro del AMPER, González Olivera, Simón Casas, Castañer Martín (2007) realizan un análisis comparativo de la prosodia de Zaragoza y Jaca. Este estudio concluye que la línea melódica en las oraciones enunciativas es similar en ambas localidades; sin embargo, hay diferencias en el tonema, con un descenso mucho más marcado en Zaragoza que en Jaca, población en la que destaca, además, la pequeña elevación que se produce en el valor final de frase.

Asimismo, Dorta (2007), describe la entonación de Canarias y establece relaciones con trabajos anteriores y con las variedades de lengua caribeñas. En la descripción se advierte que lo normal es la posrealización del primer pico y, por tanto, la no coincidencia de este y el acento léxico, hecho que había descrito ya Sosa (1999) para el español hispanoamericano. Además, en el corpus de análisis, se concluye que las declarativas de Gran Canaria, a diferencia de lo que había señalado Quilis (1989), como las de las demás islas como Tenerife y La Gomera, no se caracterizan por un movimiento circunflejo en el núcleo final.

En un estudio posterior, Martín y Dorta (2018) ofrecen las características de las declarativas e interrogativas en el español de Cuba a partir de las muestras de informantes en tres puntos de la geografía cubana: La Habana, Santa Clara y Santiago de Cuba. El estudio concluye que las oraciones declarativas cubanas comienzan generalmente con un tono /%M/ en mujeres y hombres; por su parte, en el acento inicial las mujeres desplazan el pico inicial [L+>H*] y los hombres lo sincronizan con la acentuada [L+H*] y en cuanto al patrón final de las declarativas se reconoce el /L* L% coincidiendo con el patrón general del español.

Como se ha explicado anteriormente, en equilibrio con el panorama de estudios de carácter geolectal, donde se muestran los intereses por describir la entonación en todo el ámbito hispánico, afloran los estudios (aunque no tan numerosos) en Cuba que consideran la entonación en sus vínculos con características geográficas y sociales.

De este modo, se presenta la investigación de Curbeira Palomo (2002) basada en un análisis tonal que parte de la representación de la muestra obtenida en las grabaciones en el pentagrama musical⁴¹, teniendo en cuenta que la entonación y el canto se cimientan en los mismos principios esenciales, según como lo considera Tomás Navarro Tomás en sus estudios.⁴² Aplicando el método de análisis comunicativo fueron comparadas las unidades de entonación encontradas en el habla popular de la ciudad de Guantánamo con el sistema entonativo de la Ciudad de La Habana, descrito por García Riverón (1996a y b, 1998). Se hallaron también unidades entonativas que difieren de dicho sistema y que se reconocieron en la investigación como patrones entonativos (P-1G, P-2G, P-3G, P-4G). Considerando, además, las variables sociales de edad y sexo, se establecieron diferencias estadísticas significativas entre las diferentes generaciones que se sometieron a estudio, y también entre hombres y mujeres atendiendo a la frecuencia de realización de las unidades entonativas.

⁴¹Esta representación en el pentagrama fue realizada con la ayuda de músicos que de manera individual llevaron al piano las unidades segmentadas por la autora.

⁴²Para conocer más sobre la relación entre canto y entonación pueden consultarse los criterios que María del Carmen Curbeira reseña en esta tesis (2002, p.17).

Por su parte, siguiendo el enfoque fonológico estructural de la entonación y análisis melódico del habla propuesto por Cantero Serena y su grupo de investigación, la tesis doctoral de Muñoz Alvarado (2013) caracteriza la entonación coloquial de los universitarios santiagueros. En una muestra espontánea integrada por 72 informantes nativos de la ciudad de Santiago de Cuba, divididos en tres grupos etarios y con igual cantidad de mujeres y hombres por grupo, se procedió a la caracterización fonética de 500 contornos sometidos a análisis acústico y estandarización y se establecieron los patrones melódicos presentes en la norma entonativa estudiada, a saber: el *entonema neutro*: /- interrogativo, - enfático, - suspendido/, *entonema simple interrogativo*: /+ interrogativo, - enfático, - enfático/, *entonema simplemente suspendido*: /- interrogativo, -enfático, + suspendido/, *entonema simplemente enfático*: /- interrogativo, + enfático, - suspendido/.

Los otros cuatro entonemas determinados son denominados *entonemas terciarios* pues conjugan rasgos fonológicos de los ya descritos, de modo que su estructura melódica resulta la imbricación de rasgos fonéticos antes señalados. Aquí se distinguen: el entonema enfático suspendido, entonema interrogativo suspendido, entonema interrogativo enfático y el interrogativo enfático suspendido.

En la caracterización del *entonema neutro*: /- interrogativo, - enfático, - suspendido/, se establecen tres patrones melódicos, caracterizados por un final descendente o plano. Según se refiere, este entonema aparece para formular frases o enunciados declarativos acabados y que no implican expresividad o emoción.

El presente trabajo se orienta a la descripción de las características de los enunciados declarativos en el español hablado en Cuba y España, considerando para su estudio el **Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América** (PRESEEA). Para ello se describen las características generales de la entonación en las declarativas de ambas variantes de lengua a partir de la configuración del tonema y las particularidades dialectales asociadas con cada configuración.

Corpus e informantes

Se trabajó con el corpus del **Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América** (PRESEEA). Entre

las características de este tipo de corpus podemos señalar que es un corpus semiespontáneo, elaborado a partir de entrevistas y organizado teniendo en cuenta variables sociolingüísticas. Recoge una muestra por afijación uniforme, con lo que se reconoce por cada comunidad el mismo número de informantes según el sexo, el grupo etario a que pertenecen y el nivel de instrucción.

Se seleccionaron para este trabajo una muestra conformada por 6 informantes, tres de Cuba y 3 de España; dos son hombres y cuatro mujeres. Se analizaron 10 minutos de grabación por cada informante, todos con nivel de instrucción bajo.

Luego de un análisis auditivo riguroso de la muestra fue conformado un corpus a partir de la segmentación de 35 unidades declarativas que fueron procesadas acústicamente. Una de las dificultades para el estudio es la variedad en la extensión de las unidades objeto de análisis, pues cuanto más extensa es la unidad, más variedad y complejidad se enfrenta en el estudio de los datos. Tratando de homogeneizar el corpus de trabajo fueron divididos los enunciados en cortos (unidades de hasta 6 sílabas) y largos (unidades con más de 6 sílabas), oxítonos y paroxítonos, pudiendo establecer regularidades en enunciados cortos oxítonos y en enunciados largos paroxítonos, de acuerdo con las unidades declarativas que fueron segmentadas.

Métodos y técnicas

El presente trabajo sigue una metodología que combina métodos del modelo de análisis comunicativo para el estudio de la entonación (García Riverón, 1996a) y el modelo métrico autosegmental. Del primero, se emplea el método auditivo (basado en criterios semánticos y acústicos) para la segmentación de las unidades del discurso (entonemas enunciativos). Dada la diversidad formal de los enunciados declarativos en muestras espontáneas se segmentaron enunciados que coinciden en su totalidad con una unidad entonativa con valor semántico enunciativo, delimitada acústicamente por pausa o inflexión final descendente de la F0.

Seguidamente, se aplicaron las técnicas de control, que como afirma García Riverón (1996a) «consisten en aislar las curvas segmentadas». Además, se acompañan de la aplicación de un nuevo análisis auditivo (directo) para comprobar la semejanza acústica entre

ellas. Con ayuda del programa computarizado Wavelab fueron segmentadas y aisladas en archivos .wav independientes, de modo que se pudieron reagrupar de acuerdo con sus realidades acústicas.

Se procedió luego a la aplicación del *método de análisis acústico experimental* a cada unidad entonativa por medio del programa informático Praat para conseguir los parámetros acústicos de frecuencia fundamental o tono en cada segmento vocálico.

Fueron tomados manualmente los valores de frecuencia fundamental en hertzios y en semitonos, el primero con el fin de obtener el tono medio del informante para la definición de tonos de frontera, y el segundo, para el análisis de las unidades con datos ya estandarizados.

Los datos de los indicadores de F0, medidos en cada una de las sílabas del segmento, fueron tabulados con el programa Excel, a partir del cual se conformaron los gráficos. Se utilizó el gráfico de líneas y puntos para la frecuencia. El eje de las y muestra las magnitudes de F0 (st) y el eje de las x, las sílabas del segmento.

Para la descripción del comportamiento del tono se representaron los acentos tonales y los tonos de frontera, según el modelo métrico autosegmental (MA) (Pierrehumbert, 1980; Sosa, 1999, Beckman *et al*, 2002, Dorta Ed., 2013; Dorta Ed., 2018).⁴³

En el modelo autosegmental la melodía se describe a partir de la sucesión de dos tipos de tonos: un tono alto (H) y un tono bajo (L), alineados sobre las sílabas acentuadas. Estos pueden representarse en forma de secuencias monotonaes o bitonaes.⁴⁴ Se utilizan, así los siguientes fonemas suprasegmentales, incluyendo sus variantes⁴⁵:

/L*/: cuando la tónica queda baja.

/H*/: cuando la tónica queda alta o en pico y no se produce valle anterior.

/L*+H/: cuando la tónica queda baja o en ascenso, pero en este último caso, sin que le preceda una distancia significativa del valle.

⁴⁴ Este modelo ha sido sometido a varias revisiones. La propuesta realizada por Beckman *et al*, (2002) ha sido revisada posteriormente por diferentes autores. En esta investigación se utilizan las propuestas de Dorta (Ed.) (2018).

⁴⁵ El sistema de acentos tonales ha tenido muchas transformaciones. En esta investigación se asume la propuesta de Dorta (ed.) (2013, 2018).

/L+H*/ cuando se da un ascenso de la F0 desde un valle hasta la tónica.⁴⁶

Luego de medir el tono a través de medios instrumentales se le asignan valores fonológicos contrastivos de la manera siguiente: un tono H lo será si es más alto que el precedente, y L si presenta una altura tonal menor.⁴⁷

Además de las secuencias tonales se representan también los tonos de frontera, que representan el movimiento tonal al final de la unidad entonativa, después de la última sílaba acentuada. Para este estudio se utilizan:

/ %H / - / %H % / : cuando el inicio o final de la F0 se sitúa significativamente por encima del tono medio del hablante (TM)

/ %M / - / %M % / : cuando la F0 inicial o final se encuentren en el Tono medio TM o muy próxima sin que la diferencia alcance el umbral de 1,5 st. Aquí se incluyen las variantes [%MH]-MH% (F0 con trayectoria ascendente, pero sin llegar a superar el umbral respecto del TM) y [%ML]-ML% (F0 con trayectoria descendente, pero no significativamente por debajo del TM).

/ %L / - / %L % / , cuando el inicio o final de la F0 se encuentren significativamente por debajo del TM.

Análisis acústico de los enunciados declarativos en el español de Cuba y España

De forma general, la descripción de los enunciados declarativos en el habla de Cuba y España permite encontrar aspectos comunes como la existencia del tonema L+H* L% y el tonema L* L% (Ver figs. 1,2,3,4,5).

Aunque en la mayoría de los enunciados analizados por Martín y Dorta (2018) las frases comienzan con un tono medio [%M], se reconoce que en el español hablado en Cuba los hombres emplean un tono bajo [%L], identificado en las declarativas proparoxítonas que analizan.

⁴⁶El modelo incluye también las variantes [¡H+L*] y [L*+!H] cuando se da un ascenso anterior o posterior a la tónica, pero que no llega a los 1,5 st de diferencia.

⁴⁷Se considera el umbral psicoacústico de 1, 5 st (Pamies Bertrán *et al*, 2002) para determinar la significación perceptiva de las variaciones tonales.

Sin embargo, en este estudio las medias de las declarativas analizadas en ambas variantes del español muestran un inicio en un tono bajo (% L) en hombres y en mujeres, aunque en algunos casos se evidenció también la presencia de frases con comienzos en tonos medios [%M] (Ver figuras 1 y 7); también se identificó que en algunos casos el tono inicial en mujeres tanto de España como de Cuba es %H, como se aprecia en los ejemplos de ambas variantes de lengua (Ver las figuras 4 y 5).

En cuanto al segmento pretónico se aprecia diversidad. En ambas variantes de lengua se percibe que en este segmento la curva asciende hasta alcanzar el primer pico tonal en la sílaba tónica. Sin embargo, a diferencia de la descripción que se ofrece para el español peninsular (Dorta, 2007), otros casos reflejan en el segmento pretónico un descenso del tono que va del inicio a la primera sílaba tónica, y esto se da tanto en hombres como en mujeres, como puede apreciarse en los ejemplos (Fig. 1, 2, 6). En estos últimos se percibe, además, una posrealización del primer pico tonal, ya descrita por Sosa (1999) para el español de San Juan de Puerto Rico, Caracas y La Habana (fig. 4).

El movimiento ligeramente ascendente en el anacrusis, coincide con lo descrito por Martín y Dorta (2018) para las declarativas paroxítonas. Este movimiento ascendente del inicio se percibe en las declarativas de Cuba y también en las del español peninsular (Ver fig. 7 y 8).

Debe decirse que este ascenso es más pronunciado en el español de Cuba que en el español peninsular, pudiendo alcanzar para los primeros un aumento de alrededor de 4 st, mientras que en el español peninsular el ascenso inicial es más moderado con valores de alrededor de 1 semitono. Es importante, señalar, además, que el ascenso es algo más abrupto en los hombres (puede llegar hasta casi 5st), sobre todo de la variante cubana, resultado que coincide con lo descrito por Martín y Dorta (2018) en la descripción del inicio de las declarativas en hombres y mujeres de Cuba.

El primer acento tonal presenta, generalmente, una realización bitonal L+H* (ver fig. 3) y en otros casos, la realización es también bitonal H+L*.

El cuerpo de las unidades analizadas es muy variable y sus características están relacionadas con la cantidad de sílabas que posee. En enunciados de hasta seis sílabas (enunciados cortos) el movimiento tiende

a ser escalonadamente descendente y no se aprecian picos en el interior; esto es así tanto en hombres como en mujeres del español de Cuba y de España, aunque es más frecuente en esta última variante (Ver Fig. 5, 6). Sin embargo, en enunciados que describen final circunflejo, en el cuerpo se produce un ascenso gradual (de entre 1,5 y 3st) hasta la última sílaba tónica donde comienza a bajar (Fig. 1, 2, 3).

En enunciados de entre 6 y 10 sílabas el cuerpo puede describir un movimiento con un ligero ascenso después de la tónica, pero que continúa luego descendiendo ligeramente; este movimiento casi monótono puede apreciarse en las Fig. 4 y 8. Como puede observarse este movimiento monótono se produce generalmente en enunciados producidos por mujeres de ambas variantes, pues en los hombres se describen algunos descensos muy marcados en la postónica del interior del segmento (Ver Fig. 7) que vuelve a alzarse rápidamente en la siguiente sílaba para comenzar un descenso escalonado hasta el final.

En el caso de Cuba y en algunos casos de España (solo 2 ejemplos, ejemplo de la Fig. 1 y 2), algunos enunciados, sobre todo paroxítonos describen un ascenso en la última sílaba nuclear, etiquetado como L+H* seguido de un descenso que puede ser muy marcado, aunque de manera general es moderado, cercano a 1,5st. Este movimiento alto-descendente o circunflejo registrado en el núcleo de los finales paroxítonos tiene relevancia perceptiva en algunos casos que sí supera los 1,5st, pero en la mayoría de los ejemplos no es significativo. pues no supera el umbral perceptivo.

También en la muestra analizada se observaron coincidencias en ambas lenguas en las declarativas cortas oxítonas, caracterizadas por la presencia de un tono L* (Ejemplos de las figuras 4, 7, 8, 9). Este descenso final es más pronunciado en los segmentos oxítonos que en los paroxítonos, aunque de modo general no se produce un descenso muy marcado; este puede llegar en ocasiones hasta alrededor de los 3st, pero en la mayoría de las unidades el descenso final se da entre 1 y 2st.

El tono de juntura terminal es típicamente L% en todos los casos. Este tipo de juntura concuerda con la descripción presentada por Tomás Navarro Tomás para tales enunciados.

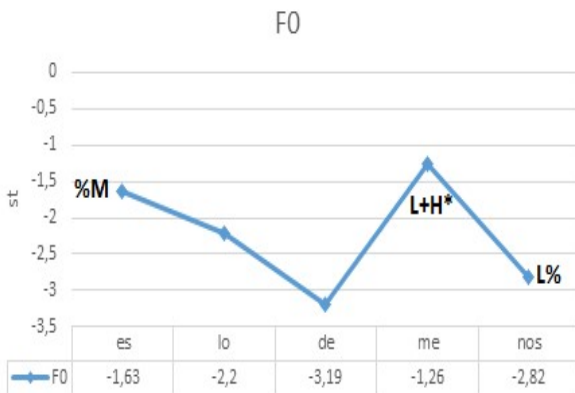


Fig. 1 Enunciado declarativo. Hombre. España

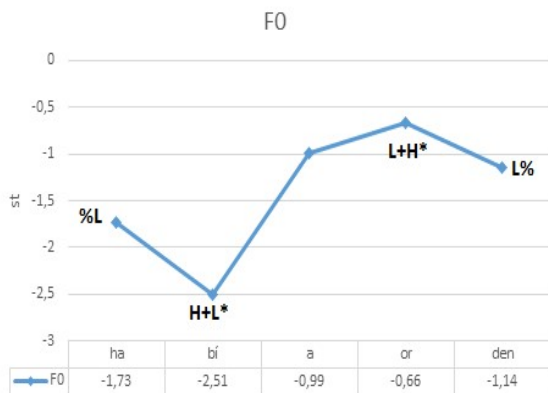


Fig. 2 Enunciado declarativo. Hombre. Cuba

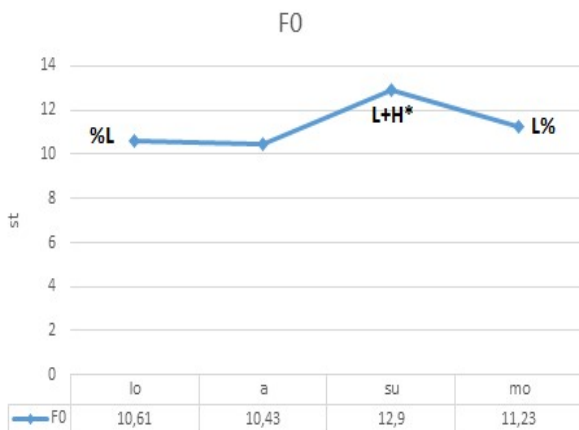


Fig. 3 Enunciado declarativo. Mujer. España

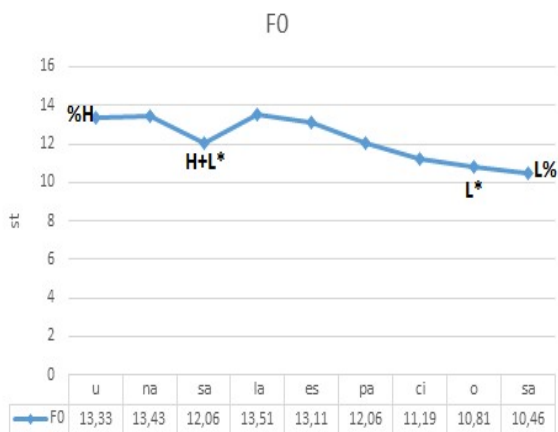


Fig. 4 Enunciado declarativo. Mujer. Cuba

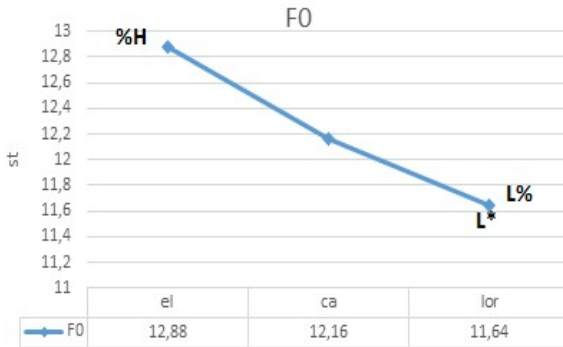


Fig. 5 Enunciado declarativo. Mujer. España

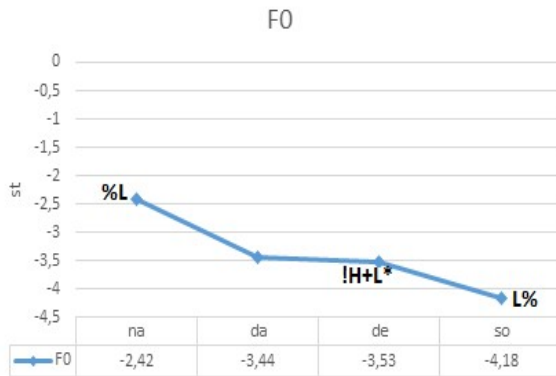


Fig. 6 Enunciado declarativo. Hombre. España

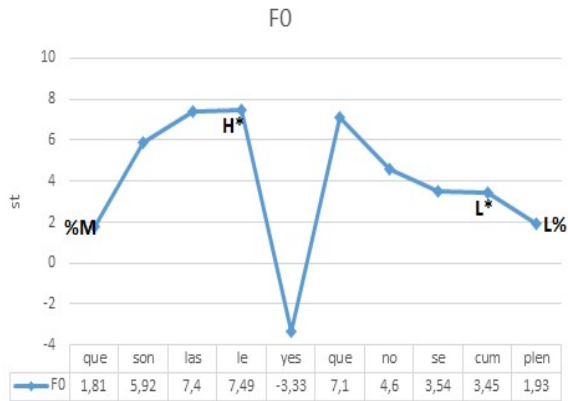


Fig. 7 Enunciado declarativo. Hombre. Cuba

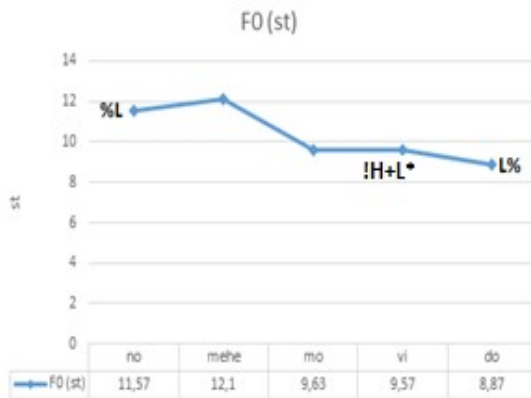


Fig.8 Enunciado declarativo. Mujer. España

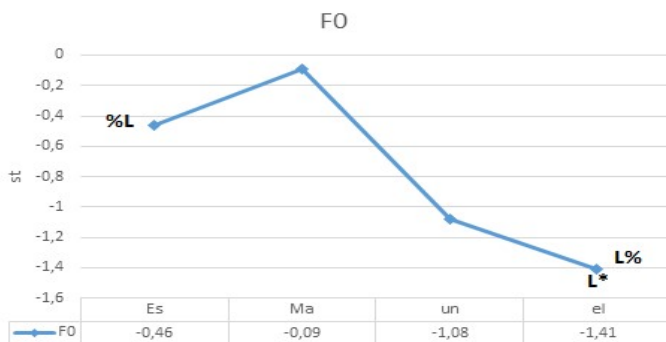


Fig. 9 Enunciado declarativo. Hombre. Cuba

Consideraciones finales

La descripción de los enunciados declarativos en el habla de Cuba y España permite encontrar aspectos comunes como la existencia del tonema L+H* L% y el tonema L* L%. También es común el descenso que se produce en el segmento pretonal, seguido de un movimiento bastante monótono, aunque pueden darse algunos picos o descensos en el cuerpo de las unidades, mayormente en los enunciados de los hombres de ambas variantes.

El tono de juntura terminal es L% en todos los casos, coincidiendo con las descripciones expuestas desde Tomás Navarro Tomás (1968), hasta estudios más actuales como los de Martín y Dorta (2018).

BIBLIOGRAFÍA

- CALLEJA APIAZU, N. (2004): Alineamiento fonético de acentos tonales en el castellano de Vitoria, *Revista de Fonética Experimental* VIII, 39-63.
- CANTERO SERENA, F. J. (2002). *Teoría y análisis de la entonación*. Barcelona: Ediciones de la Universidad de Barcelona.
- CANTERO SERENA, F. J. & FONT-ROTCHÉS, D. (2009). Protocolo para el análisis melódico del habla, *Estudios de Fonética Experimental*, XVIII, pp. 17-32.

- CUBEIRA, M DEL C. (2003). *La entonación en el habla popular de Guantánamo*. Guantánamo, Cuba: Editorial El mar y la Montaña.
- DORTA, J. (Ed.) (2007). *Temas de Dialectología*, Instituto de Estudios Canarios, La Laguna, Tenerife.
- DORTA, J. (Ed.) (2013). *Estudio comparativo preliminar de la entonación de Canaria, Cuba y Venezuela*. Madrid- Santa Cruz de Tenerife: La página ediciones S/L, Colección Universidad. Recuperado de http://www.researchgate.net/profile/Josefa_Dorta/publication/271852467_estudio_comparativo_preliminar_de_la_entonacion_de_Canarias_Cuba_y_Venezuela/links/54d520aa0cf25013d02a8d55.pdf.
- DORTA, J. (en prensa). La entonación interrogativa del español en la frontera México-EE.UU.
- DORTA, J. (Ed.) (2018). *La entonación declarativa e interrogativa en cinco zonas fronterizas del español. Canarias, Cuba, Venezuela, Colombia y San Antonio de Texas*. Berna: Peter Lang.
- GARCÍA RIVERÓN, R. M. (1985). La entonación de la variante cubana del español: perspectivas de la investigación. *Anuario L/L* (16), 256-268.
- GARCÍA RIVERÓN, R. M. (1989). *El sistema entonativo central. Resultados preliminares*. La Habana: Editorial Academia.
- GARCÍA RIVERÓN, R M. (1996 a). *Aspectos de la entonación hispánica. I. Metodología*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- GARCÍA RIVERÓN, M. (1996 b). *Aspectos de la entonación hispánica II. Análisis acústico de las muestras del español de Cuba*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- GARCÍA RIVERÓN, R. M. (1998). *Aspectos de la entonación hispánica III. Funciones de la entonación en el español de Cuba*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- GARCÍA RIVERÓN, R. M. (2002). El significado de la entonación: primer acercamiento a los datos. *Oralia*, (5), 3-74.
- GARCÍA RIVERÓN, R. M. (2005). El estudio de la entonación. *Moenia*, (11), 141-176.
- GARCÍA RIVERÓN, R.; BERMÚDEZ, M.; MARRERO, A. F. PEDROSA, A. (2013): *Atlas Lingüístico de Cuba (ALCu), Vol. 5. Gramática y Fonética Entonación* [CD- ROM]. La Habana: Academia de Ciencias de Cuba.

- HIDALGO NAVARRO, A. (2006): *Aspectos de entonación española: viejos y nuevos enfoques*, Cuadernos de lengua española 89, Arco/Libros, S.L.
- LÓPEZ BOBO, M. J.; GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, R.; CUEVAS ALONSO, M.; DÍAZ GÓMEZ, L.; MUÑOZ CACHÓN, C. (2005). Rasgos prosódicos del centro de Asturias: comparación Oviedo-Mieres, en *Revista de Fonética Experimental XIV*, pp. 167-199.
- MARTÍN BUTRAGUEÑO, P. (2015). Hacia una prosodia basada en el uso: actos de habla en el español mexicano. *Revista Normas*, 5, 97-115.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, E. (2005). Estudio metodológico acerca de la obtención del corpus fijo en el proyecto AMPER, en *Revista de Fonética Experimental XIV*, 29-66.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, E. (2007). Los dialectos catalanes y su prosodia, en *Temas de Dialectología*, Cap. 5, 123-141, Instituto de Estudios Canarios.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. (1998). El estudio sociolingüístico de la entonación. *Oralia: Análisis del discurso oral*, 1, 95-118.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. (1999). Aspectos sociolingüísticos de la entonación en el español de Alcalá de Henares (Madrid). A propósito de dos enunciados interrogativos. Publicado en A. Morales, J. Cardona, H. López Morales y E. Forastieri (eds.), *Homenajea María Vaquero*, Puerto Rico, Universidad de Puerto Rico, pp. 348-371.
- MUÑOZ, A. (2012). Rasgos y patrones melódicos de la interrogación en el habla de Santiago de Cuba. *Phonica*, (8), 17-43.
- MUÑOZ, A. (2013). *Sistema y norma entonativos en el habla coloquial de los universitarios de Santiago de Cuba*. Tesis presentada en opción al grado científico de doctor en Ciencias Lingüísticas. Cuba.
- NAVARRO, T. (1968). *Manual de Entonación Española*. La Habana, Cuba: Instituto del Libro.
- PEDROSA RAMÍREZ, A. *La entonación emotiva en el español de España y Cuba*. Tesis en opción al título de Licenciado en Letras. Cuba.
- PIERREHUMBERT, J. & HIRSCHBERG, J. (1990). The meaning of intonational contours in the interpretations of discourse. En Cohen, M & Pollack (Eds.), *Intention in communication* (pp. 271-311), Cambridge: MIT Press.

- QUILIS, A. (1981). *Fonética Acústica de la lengua española*. Madrid: Gredos.
- QUILIS, A. (1993). *Tratado de fonología y fonética españolas*. Madrid: Gredos.
- RAMÍREZ VERDUGO, M.D. (2005): Aproximación a la prosodia del habla de Madrid, *Revista de Fonética Experimental* XIV, 309-326.
- REVERT SANZ, V. (2001). Entonación y variación geográfica en el español de América, *Revista Cuadernos de Filología*, Anejo XLV. Universitat de València.
- RODRÍGUEZ CÉSAR, D. (2005): *Entonación y pragmática en la interrogación absoluta de España y Cuba*, Tesis en opción al título de Licenciado en Letras. Cuba.
- VELÁSQUEZ UPEGUI, E.P. (2013). *Entonación del español hablado en Colombia*, Tesis en opción al título de doctor en Lingüística, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, El Colegio de México.
- VELÁSQUEZ UPEGUI, E.P. (2016). Entonación de mandatos y ruegos en cuatro dialectos colombianos, *Revista Lingüística y Literatura* No 69, 31-49, México.

Recibido em: 02/04/2019

Aceito em: 10/04/2019

AQUISIÇÃO DO RÓTICO RETROFLEXO DO INGLÊS: INSTRUÇÃO EXPLÍCITA POR MEIO DE ULTRASSONOGRAFIA⁴⁸

Giovana Ferreira-Gonçalves⁴⁹

Otávio Tadeu Alves Pereira⁵⁰

Misael Krüger Lemes⁵¹

RESUMO: O presente trabalho busca analisar a aplicação da ultrassonografia como técnica de instrução explícita no processo de aquisição do segmento rótico retroflexo por duas estudantes de nível básico e de nível avançado de inglês como língua estrangeira. Primeiramente, foi realizado um pré-teste (coletas acústicas e articulatórias), o qual serviu de base para comparações dos avanços na produção do segmento retroflexo no transcorrer das etapas de instrução explícita. Logo após, em duas semanas consecutivas, foram realizadas duas sessões de instrução explícita com o auxílio de um professor de inglês e, ao final de cada sessão, coletas pós-teste, as quais foram comparadas à coleta do pré-teste. As coletas incluíram a leitura de nove vocábulos – cinco do inglês e quatro do português –, inseridas em frases-veículo e repetidas cinco vezes a cada coleta, nas quais o rótico se encontrava em posições silábicas distintas. As coletas foram feitas dentro de uma cabine acústica, com o auxílio de um aparelho de ultrassom, modelo Mindray DP 6600. Os softwares *Praat* e *Articulate Assistant Advanced* foram utilizados para a análise dos dados obtidos. Os resultados encontrados apontaram um avanço significativo na produção do rótico retroflexo em todos os

⁴⁸ Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento em Pesquisa, processo n. 312273-2015-0.

⁴⁹ Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Produtividade do CNPq.

⁵⁰ Mestrando na Universidade Estadual de Campinas. Graduado em Licenciatura em Letras, Português/Inglês, pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES.

⁵¹ Mestrando na Universidade Federal de Pelotas. Graduado em Licenciatura em Letras, Português/Inglês, pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES.

contextos analisados, o que, sem dúvida, constitui-se em resultado promissor acerca da relevância do uso do ultrassom como ferramenta metodológica na aquisição do segmento retroflexo do inglês por falantes de português.

Palavras-chave: Aquisição fonético-fonológica; Ultrassonografia aplicada ao ensino de línguas; Instrução explícita.

ABSTRACT: The present work seeks to analyze the application of ultrasound as a technique of explicit instruction and therefore examine the acquisition of the retroflex rhotic segment by two learners - a basic and an advanced level - of English as a foreign language. Initially, a pre-test involving the collection of acoustic and articulatory data was conducted, which served as a basis for comparing advances in the production of the retroflex in the succession of explicit instruction steps. Afterwards, in two consecutive weeks, an English teacher led two sessions of explicit instruction. At the end of each session, post-test data were collected and compared to pre-test data. The data collection consisted in the reading of nine words - five in English, four in Portuguese -, in which the rhotic emerged in distinct syllabic positions (initial and medial onset, complex onset, medial and final coda). The words were inserted in carrier phrases and repeated five times in each session of data collection. Data were collected using an ultrasound device - Mindray DP 6600 - and recorded inside an acoustic booth. Specific pieces of software such as Praat and Articulate Assistant Advanced (AAA) were used for further analysis. The results indicated an expressive advance in the production of the retroflex rhotic in all contexts analyzed, which undoubtedly evidences the relevance of such methodological tool in the acquisition of the retroflex segment of English as a foreign language.

Keywords: Phonetic and phonological acquisition; Ultrasound applied to language teaching; Explicit instruction.

Introdução

Este trabalho pretende avaliar a eficácia de sessões de instrução explícita, com base na ultrassonografia, para a aquisição do rótico retroflexo por parte da aprendiz de nível básico em inglês como segunda língua (L2). Busca também analisar e comparar dados acústicos e articulatórios referentes à produção dos róticos do inglês em contextos

silábicos específicos a partir da produção de duas informantes brasileiras em diferentes níveis de proficiência na língua inglesa.

Parte integrante do projeto “A ultrassonografia e o ensino de línguas”, desenvolvido no Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO), situado na Universidade Federal de Pelotas, este trabalho, contribui para uma melhor descrição acústico-articulatória dos segmentos róticos, em especial a variante retroflexa, e estabelece avanços em relação às técnicas e metodologias para o desenvolvimento de atividades de instrução explícita inovadoras no Brasil e ainda pouco desenvolvidas em outros países.

Os dados foram coletados mediante gravação de áudio, em aparelho digital, e mediante gravação visual, utilizando imagens ultrassonográficas. Deste modo, os mesmos dados foram avaliados tanto acústica quanto articulatoriamente em *softwares* específicos para tais análises.

O uso da ultrassonografia para análise articulatória é ainda incipiente no Brasil (FERREIRA-GONÇALVES & BRUM-DE-PAULA, 2013). Observa-se uma escassez bibliográfica acerca do tema⁵², bem como a militância de questões básicas que impedem a difusão desse tipo de análise lingüística como: (i) o acesso aos aparelhos, de ultrassom já que o custo dos equipamentos ainda é elevado – mesmo considerando o avanço da tecnologia na área –, e o fato de ainda haver poucos pesquisadores no país instrumentalizados para lidarem com tal tecnologia.

Já a instrução explícita, por sua vez, é campo consideravelmente mais desenvolvido dentro da Linguística como um todo, sendo aplicada como ferramenta importante na aquisição do inglês como língua estrangeira por aprendizes brasileiros (ALVES, 2004; MACEDO, 2011; PEROZZO, 2013). Nesse sentido, a utilização da ultrassonografia como técnica de instrução explícita pode viabilizar a conscientização do aprendiz acerca dos gestos articulatórios efetivamente necessários à produção de um determinado segmento.

No presente trabalho, as técnicas de instrução explícita, utilizadas no processo de ensino/aprendizagem do rótico retroflexo do inglês, mostraram-se bastante positivas, pois o aprendiz apresentou melhora

⁵² Sobre o emprego do ultrassom na aquisição de línguas estrangeiras por aprendizes brasileiros, ver Cavalheiro (2016), Teixeira (2017) e Teixeira, Ferreira-Gonçalves e Brum-de-Paula (2017).

significativa na produção do segmento retroflexo em todos os contextos sonoros investigados.

Outro ponto a ser destacado é que a utilização desse tipo de técnica garante uma proximidade entre o aprendiz e sua produção em tempo real, o que possibilita ao estudante uma nova interação com os mecanismos da fala, os quais, muitas vezes, parecem-lhe distantes e abstratos.

Referencial teórico

A presente sessão tem por objetivo apresentar um panorama acerca da aplicação do ultrassom voltado a pesquisas em aquisição⁵³ de segunda língua, doravante L2, subdividindo-se em três tópicos: (i) noções teóricas relativas ao ensino de pronúncia por meio de instrução explícita; (ii) características do ultrassom e seus benefícios aos estudos da linguagem; (iii) aplicabilidade da ferramenta à aquisição de pronúncia de L2.

Sabe-se que a pronúncia de uma L2 é uma das habilidades mais desafiadoras para aprendizes em idade adulta (ABEL *et al.*, 2015). Na esfera atual, o ensino de L2 tem sido conduzido predominantemente pela chamada abordagem comunicativa. No entanto, como professores podem melhorar a pronúncia de falantes ininteligíveis de inglês de forma que se tornem inteligíveis? “Esse é um problema para o ensino de língua comunicativa, uma vez que a maior parte dos proponentes dessa abordagem não tem lidado adequadamente com o papel da pronúncia no ensino de línguas, nem desenvolveu, em acordo, um conjunto de estratégias para ensiná-la de forma comunicativa.” (CELCE-MURCIA *et al.*, 2010, p. 9).

Apesar de a abordagem comunicativa não tomar o ensino da pronúncia como um dos pontos de maior proeminência, a importância do papel da instrução explícita na aquisição de L2 tem gradualmente sido reconhecida e investigada, como nos trabalhos de ALVES (2004); LOOSE, (2006) e PEROZZO (2013). Entende-se, por instrução explícita, “todo o procedimento pedagógico tomado pelo professor visando a chamar a atenção, ressaltar ou revisar aspectos da língua-alvo que podem passar despercebidos pelo aprendiz” (ZIMMER; ALVES, 2006).

⁵³ Nesse trabalho não será feita distinção entre os termos aquisição e aprendizagem.

Dessa forma, defende-se a importância da instrução explícita, especialmente pelo fato de que, usualmente, a pronúncia é ensinada por meio de técnicas de repetição e/ou imitação. Todavia, “os aprendizes nem sempre são capazes de acompanhar corretamente instruções verbais dadas pelo professor com relação a onde e como movimentar sua língua” (Wilson, 2014).

Nesse sentido, surge a necessidade de serem repensadas as estratégias para se ensinar a pronúncia. A aplicação de artefatos tecnológicos emerge como potencial subsídio aos referidos obstáculos. Dados os avanços tecnológicos, os aparelhos de ultrassom têm se tornado eficientes e seguros, sendo, em termos de custos, bem mais acessíveis que outros instrumentos de captação de imagens, tais como a ressonância magnética ou a eletropalatografia, por exemplo. Ademais, por se tratar de um método não invasivo, no sentido de que não há inserção de qualquer objeto no trato vocal, a produção da fala não sofre alteração quando o ultrassom é empregado (FERREIRA-GONÇALVES; BRUM-DE-PAULA, 2013).

Conforme reportado pela literatura, são muitas as vantagens proporcionadas pelo ultrassom à aquisição de L2. De acordo com Wilson e Gick (2006), um dos benefícios do aparelho ao aprendiz é a possibilidade de “visualizar diretamente os movimentos dos articuladores, o que lhe permitirá uma melhor percepção quanto aos ajustes necessários à sua pronúncia”. Nesse sentido, “a aquisição de novos sons da fala é uma experiência multimodal: os aprendizes utilizam não somente informações auditivas, mas também visuais para adquirir os sons e padrões da fala em uma nova língua”. (BLISS *et al*, 2017).

A aplicação da ultrassonografia, em atividades de instrução explícita, tem o potencial de contribuir com o ensino de pronúncia, permitindo “que os alunos visualizem em tempo real imagens de suas línguas enquanto produzem sons individuais” (GICK *et al*, 2008).

Wilson e Gick (2006) pontuam que, por meio da aplicação da ferramenta, é possível “observar simultaneamente movimentos anteriores e posteriores de língua”, o que facilita a produção e percepção de segmentos complexos. Um dos pares de sons do inglês norte americano apontados por Wilson (2014) são a líquida lateral e o rótico retroflexo. Esses sons são considerados complexos por envolverem mais de um gesto articulatório em suas produções. No caso do retroflexo, por exemplo, “três gestos são envolvidos (elevação de ponta/lâmina de língua, retração

da raiz e arredondamento dos lábios)” (WILSON, 2014). Levando-se em conta a multiplicidade de gestos de língua inerentes à produção desses sons, acredita-se que o *feedback* visual possa acelerar o processo de aquisição, dada a importância do *input* visual.

A partir de um estudo piloto realizado por Gick et al. (2008), a aplicação do ultrassom em aquisição de sons da L2 começa gradativamente a ganhar visibilidade e a se tornar objeto de investigação em pesquisas científicas. No âmbito da pesquisa brasileira, a utilização do ultrassom em estudos de L2 ainda é um tema pouco explorado, e o número de trabalhos que o aborda é limitado (DIAS-CAVALHEIRO, 2016; TEIXEIRA-CORRÊA, 2017; TEIXEIRA-CORRÊA; FERREIRA-GONÇALVES; BRUM-DE-PAULA, 2017; LEMES; DUARTE; FERREIRA-GONÇALVES, 2018; GARCIA; FERREIRA-GONÇALVES, 2019).

Quanto ao estudo de GICK *et al* (2008), os autores conduziram uma sessão de treinamento - com duração de uma hora - com três indivíduos japoneses, estudantes de Linguística, tendo como ponto central de investigação os segmentos /l/ e /ɹ/. Ao final da sessão, todos os participantes foram capazes de produzir com sucesso os segmentos alvos. Cabe ressaltar, no entanto, que o trabalho mencionado não observou se os efeitos do treinamento se mantiveram em longo prazo.

Posteriormente, estudo realizado investigou a aplicação do ultrassom no treinamento de seis japoneses adultos aprendendo inglês como L2. Foram conduzidas quatro sessões de instrução explícita. O foco se deu, igualmente, nos segmentos /l/ e /ɹ/, os quais não pertencem ao inventário fonológico do japonês, o que comumente resulta em dificuldades na produção dessas consoantes por parte dos aprendizes. O trabalho demonstrou que falantes nativos de japonês obtiveram melhorias na precisão de suas produções dos sons alvos, mantendo os ganhos adquiridos por meio dos treinamentos (TSUI, 2012).

Partindo-se do pressuposto de que, no Brasil, o segmento rótico retroflexo somente ocorre em algumas poucas regiões, e que, nas demais partes do país, falantes não produzem o referido som, acredita-se que alunos brasileiros de inglês como L2 possam, igualmente, beneficiar-se da ferramenta na aquisição desse segmento, haja vista a complexidade que a sua produção implica.

Wilson (2014) assinala outro conjunto de sons a partir dos quais falantes de japonês podem ser assistidos por meio do uso do ultrassom. São eles os pares de vogais: tenso e frouxo (*tense and lax*) do inglês, como

por exemplo, as vogais /i/ e /I/ (heat; hit), ou /u/ e /U/ (Luke; look). “Não somente o corpo da língua é um pouco mais baixo nas vogais frouxas, mas a sua raiz também não é avançada para frente como nas vogais tensas” (WILSON, 2014). Em virtude da inexistência desses contrastes no inventário fonológico do português brasileiro, estudos futuros poderão investigar se o auxílio da ferramenta é, de fato, eficaz na aquisição dessas vogais por falantes/aprendizes brasileiros de inglês como L2.

Em suma, visto que determinados segmentos apresentam características que os tornam de difícil aquisição, o acesso a imagens de movimentos articulatorios em tempo real, por meio da ultrassonografia, emerge como potencial mecanismo aos estudos de aquisição em L2, dados os benefícios já mencionados.

Metodologia

A metodologia empregada pode ser dividida em quatro etapas fundamentais: 1) construção do instrumento de coleta e seleção de sujeitos; 2) coletas pré-teste; 3) duas sessões de instrução explícita com o sujeito em nível básico e, ao final, coletas pós-testes; 4) descrição e análise dos dados. Segue-se, assim, uma melhor descrição de cada uma delas.

Foram selecionados dois sujeitos femininos aprendizes de inglês como língua estrangeira – nível básico e nível avançado. O sujeito do nível básico nunca participou de cursos especializados de língua estrangeira. A informante é estudante universitária, natural de Dom Feliciano-RS – residente em Pelotas-RS há quatro anos –, com idade de 20 anos. Apresenta um baixo índice de massa corporal, o que, conforme Stone (2005), auxilia na visualização do contorno da língua nas imagens captadas pelo aparelho de ultrassom. A informante de nível avançado, igualmente estudante universitária e com idade de 21 anos, é pelotense e estava finalizando curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, tendo realizado, ainda, curso de inglês em Escola de Línguas durante quatro anos.

As produções de róticos realizadas pelo sujeito de nível básico, tendo em vista análise prévia de outiva, constituem-se na fricativa, em palavras como “ca[x]o” e “[x]ato”, e no *tap*, em palavras como “pa[r]e” e “ma[r]”. O segmento retroflexo, portanto, não foi detectado em suas produções relativas ao português, o que já era esperado, tendo em vista as

variantes empregadas em Dom Feliciano e Pelotas. Para a informante de nível avançado, foram detectadas as mesmas variantes.

Para a realização das coletas, em todas as etapas, foram utilizados: gravador digital, modelo *Zoom H4N*; aparelho de ultrassom *Mindray DP-6600*, com sonda endocavitária - 65EC10EA - acoplada; capacete para limitar os movimentos da sonda, projetado pela *Articulate Instruments*; sincronizador de áudio e imagem *Sync BrightUp* modelo SBU 1.0; placa de vídeo, responsável pela ligação entre o ultrassom e o computador, e o software *Articulate Assistant Advanced (AAA)*⁵⁴, versão 2.14, para coleta e análise dos dados articulatórios, conforme disposto na Figura 1.



Figura 1: Equipamentos utilizados para as coletas de pré-teste e de pós-testes

Os dados foram coletados em uma cabine de isolamento acústico, localizada no Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO) da Universidade Federal de Pelotas. As sessões de instrução explícita também ocorreram no laboratório, com a utilização de um ultrassom modelo

⁵⁴ AAA – Articulate Assistant Advanced:
<http://www.articulateinstruments.com/aaa/>

Chison Eco1-Vet e de uma sonda micro-convexa MC6-A. Para análise acústica, foi utilizado o *software* Praat⁵⁵ (versão 6.0.20).

As coletas ocorreram em três etapas: pré-teste, pós-teste 1 e pós-teste 2. Havia, ainda, a previsão de realização de um teste de retenção, o qual, pela proximidade do final do semestre, não foi aplicado. Primeiramente, foi realizada a coleta pré-teste, para comparação futura entre as produções iniciais do retroflexo e as produções após as sessões de instrução explícita. Para esta etapa, assim como para as subseqüentes, uma lista de nove palavras, em português e inglês, foi elaborada, como pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1: Palavras utilizadas para a coleta de dados em cada etapa da pesquisa (pré-teste e pós-testes 1 e 2)

Posição na palavra	Inglês	Português
onset inicial	rabbit	-
onset medial	interaction	barata
onset complexo	traffic	trave
coda medial	apartment	carta
coda final	car	mar

A distribuição das palavras ocorria por contextos relativos à posição do segmento na sílaba e na palavra – *onset* inicial, medial e complexo e coda medial e final. O rótico estava sempre em posição tônica e seguido pela vogal baixa. O contexto consonantal anterior e seguinte era constituído por segmentos plosivos surdos, de forma a facilitar o recorte acústico do rótico.

As palavras em inglês foram produzidas na frase-veículo “I say _____ to you”; já as palavras em português, na frase-veículo “Digo _____ para você”. Houve cinco repetições de cada palavra, sendo que os itens lexicais eram apresentados de forma aleatória à informante.

Na etapa pré-teste, o sujeito deveria produzir as palavras sem que nenhuma instrução – acerca da produção do rótico – fosse dada previamente. As etapas seguintes, pós-teste 1 e pós-teste 2, ocorreram imediatamente após cada sessão de instrução explícita realizada por um professor de inglês.

⁵⁵ Praat – <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

Deste modo, ao produzir as palavras do instrumento, o sujeito fornecia tanto dados acústicos – captados pelo gravador digital – quanto articulatórios – captados pelo ultrassom e pelo *software* AAA, responsável pelo registro das imagens ultrassonográficas. Por fim, foi realizada uma sincronização dos áudios com as imagens ultrassonográficas, com uma taxa de 59.600 *fps*.

Importante mencionar também que, antes do início de cada coleta, algumas configurações do ultrassom eram ajustadas, conforme sugerido em Ferreira-Gonçalves e Brum-de-Paula (2013), como *Depth* – para ajustes relativos à profundidade do feixe ultrassonográfico; *Gain* – para ganhos na qualidade da imagem; posição do foco e IP – quanto maior o valor, menor o contraste e melhor a suavização da imagem.

A instrução explícita, a qual ocorria semanalmente, antes de cada pós-teste, era realizada em três etapas. Primeiramente, o professor apresentava, por meio de imagens ultrassonográficas – fotos e vídeos –, o detalhamento articulatório envolvido na produção do segmento retroflexo do inglês. Os vídeos e as imagens eram mostrados de forma reiterada ao informante, acrescidos de explicações do professor acerca dos movimentos articulatórios. Na sequência, com a utilização de um ultrassom, o professor reproduzia os movimentos articulatórios, produzindo isoladamente o som do rótico retroflexo de forma silenciosa – para que o aprendiz pudesse manter seu foco apenas nos movimentos articulatórios realizados – e de forma audível, tanto na posição coronal quanto sagital. Por fim, produzia 10 (dez) palavras selecionadas para a instrução em andamento, conforme Quadros 2 e 3. As produções do rótico de forma isolada ou dentro da palavra também eram repetidas três vezes pelo professor. Esta etapa da instrução explícita tinha duração aproximada de 10 minutos.

Quadro 2: Palavras utilizadas durante a primeira sessão de instrução explícita

Posição na palavra	Palavras	
onset inicial	right	rat
onset medial	configuration	direction
onset complexo	grave	cry
coda medial	universal	important
coda final	war	your

Quadro 3: Palavras utilizadas durante a segunda sessão de instrução explícita

Posição na palavra	Palavras	
onset inicial	rule	rescue
onset medial	ironic	arena
onset complexo	drive	trace
coda medial	emergency	internal
coda final	wear	fur

Em uma segunda etapa, com duração aproximada de 25 minutos, o aprendiz realizava exercícios de produção do rótico, também utilizando o aparelho de ultrassom, para que pudesse visualizar, em tempo real, os movimentos articulatórios realizados durante as suas produções. O segmento retroflexo era produzido com e sem sonoridade e, logo após, inserido na mesma lista de palavras lidas pelo professor durante a primeira etapa. Tais exercícios eram repetidos três vezes pelo aprendiz.

A terceira etapa consistia em uma nova mediação do professor, seguindo exatamente todos os passos realizados na primeira etapa.

Para a análise dos dados ultrassonográficos, foi selecionado, de cada *token*, o *frame* que apresentava o ápice do movimento articulatório na produção do rótico, para que pudessem ser traçadas as *splines* no *software* AAA.

Resultados e discussão

Em relação à análise acústica, a partir da obtenção dos dados do sujeito após as três sessões de gravação – pré-teste, pós-teste 1 e pós-teste 2 –, foram considerados os valores de duração absoluta e relativa de cada rótico produzido, a fim de estabelecer comparações entre os resultados dos dois pós-testes com os do pré-teste, coleta na qual o sujeito ainda não havia sido exposto às sessões de instrução explícita. Desta maneira, esperou-se evidenciar a eficácia das sessões de instrução, observando-se

quais róticos, produzidos como *tap* ou como vibrante múltipla⁵⁶, passaram a apresentar características de uma retroflexa.

Barbosa & Madureira (2015) destacam a variedade de produção dos róticos nas línguas do mundo e apontam como principais integrantes deste grupo de consoantes as variantes *tap* e retroflexa, sendo que a primeira é a mais utilizada pelos brasileiros. Na região de Pelotas – RS e na região de Dom Feliciano, onde foi realizada a pesquisa, ainda figura o *tap*, com valores de duração consideravelmente menores do que os da vibrante múltipla⁵⁷. Considerando que a produção de um *tap* corresponde a uma batida rápida da ponta ou lâmina da língua na parte anterior do palato (BARBOSA & MADUREIRA, 2015), espera-se que uma produção como *tap* apresente valores de duração relativamente curtos, variando entre 15 e 25 milissegundos (ms).

Já na produção do rótico retroflexo, não há um consenso exato sobre seus valores de duração, os quais estão imbricados aos valores formânticos e de duração da vogal que acompanha o rótico, no entanto, há um considerável alongamento em sua produção, quando comparado à produção de um *tap*.

Os valores de duração absoluta e relativa obtidos com a análise das produções do sujeito foram ao encontro das características descritas por Barbosa & Madeira (2015), como pode ser visualizado no Quadro 4.

Quadro 4: Médias das durações relativa e absoluta dos róticos nas coletas pré-teste, pós-teste 1 e pós-teste 2

Palavra	Duração Absoluta Pré-teste	Duração relativa pré-teste	Duração absoluta pós-teste 1	Duração relativa pós-teste 1	Duração absoluta pós-teste 2	Duração relativa pós-teste 2
barata	21 ms	3,55%	30 ms	5,21%	24 ms	4,01%
interaction	27 ms	3,01%	104 ms	10,66%	104 ms	11,32%
carta	61 ms	12,66%	66 ms	15,53%	56 ms	12,45%
apartment	41 ms	4,26%	140 ms	15,91%	110 ms	12,17%
mar	95 ms	18,15%	72 ms	17,21%	70 ms	16,93%

⁵⁶ Apesar do predomínio do *tap* nas produções da informante, no que concerne às palavras em língua portuguesa, a análise acústica constatou a realização da vibrante múltipla, principalmente em posição de coda.

⁵⁷ Para uma análise articulatória do rótico produzido por falantes pelotenses, ver Melcheque, Ferreira-Gonçalves e Brum-de-Paula (2018).

car	91 ms	22,89%	174 ms	44,57%	161 ms	40,73%
trave	45 ms	7,18%	25 ms	5,40%	23 ms	4,59%
traffic	28 ms	4,72%	55 ms	10,96%	57 ms	11,21%
rabbit	79 ms	12,72%	118 ms	18,03%	97 ms	15,45%

Como é possível observar, houve um aumento expressivo nos valores de duração relativa e absoluta do segmento retroflexo em todos os contextos silábicos. Alguns valores, como em posição de *onset* medial e coda medial, triplicaram em relação aos valores constatados no pré-teste, já na primeira sessão do pós-teste, e se mantiveram na segunda sessão: *interaction*, de 3,01% para 10,66% e 11,32%; *apartment*, de 4,26% para 15,91% e 12,17%. Em coda final, podem-se constatar diferenças expressivas quando são comparados o par *mar* e *car*. Os valores de duração relativa são aproximados no pré-teste, 18,15% e 22,89%, no entanto, distanciam-se nos pós-testes 1 e 2, 17,21% e 44,57%, e 16,93% e 40,73%. Em *onset* complexo, o padrão de diferenças permanece, pois, no par *trave* e *traffic*, os valores de duração relativa aproximados do pré-teste se distanciam expressivamente nas coletas pós-teste. Já nas palavras em português, os róticos mantiveram valores aproximados nas três coletas realizadas, apresentando diferenças apenas quando comparados em relação a diferentes posições silábicas.

Em relação à posição de coda medial, observam-se valores de duração relativa elevados para as médias do rótico do português nas três coletas realizadas. Tais valores se justificam porque, nesse contexto, a informante produz, na verdade, uma vibrante múltipla.

O efeito da instrução explícita, por meio da ultrassonografia, revela-se, pois, expressivo nas análises acústicas realizadas. Em *onset* medial, considerando-se o par *barata* e *interaction*, por exemplo, na coleta pré-teste, os valores de duração relativa dos róticos eram muito aproximados, 3,55% e 3,01%, respectivamente; no pós-teste 1, no entanto, os valores já são bastante díspares, com 5,21% e 10,66%.

Os resultados acústicos, ainda que relativos a um estudo de caso, revelam a precisão e eficácia da ferramenta, sinalizando para uma promissora aquisição de segmentos em um curto período de tempo. O diferencial parece estar no efeito do contato direto – em tempo real – que o aluno passa a ter com sua produção, um contato visual e acústico.

As imagens nas Figuras 2 e 3 evidenciam as diferenças entre as produções do alvo retroflexo no pré-teste e no pós-teste 1, nas quais as

setas brancas indicam a ponta da língua.

Figura 2 - Imagens ultrassonográficas da produção do rótico em *apartment* nas coletas pré-teste (esquerda) e pós-teste 1 (direita)

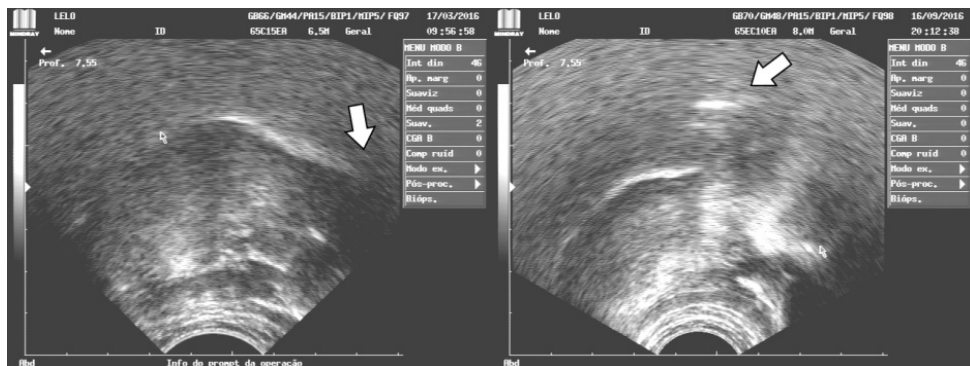
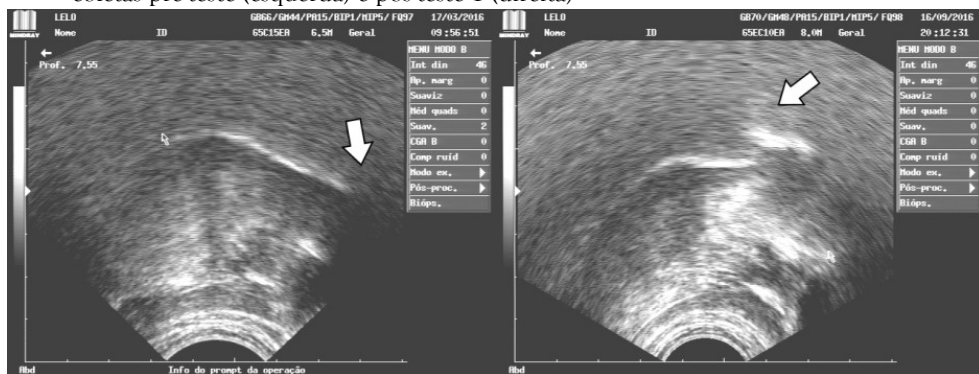


Figura 3 - Imagens ultrassonográficas da produção do rótico em *traffic* nas coletas pré-teste (esquerda) e pós-teste 1 (direita)



Conforme pode ser visualizado nas Figuras 2 e 3, é evidente a aquisição do movimento retroflexo na produção dos róticos, os quais anteriormente eram produzidos como *tap*: a ponta da língua, que geralmente não se mostra aparente nas imagens ultrassonográficas na produção do *tap*, acha-se visível e com o encurvamento característico da variante retroflexa. A retração do corpo da língua também pode ser observada. Esses movimentos são encontrados em todas as produções

realizadas pelo sujeito nas sessões pós-teste 1 e 2, o que caracteriza o rápido ganho articulatório proporcionado pelas instruções.

Os dados articulatórios do sujeito de nível básico, gerados pelo *software* de análise AAA, demonstram um ganho gestual em todos os contextos silábicos, o que corrobora os dados acústicos, mesmo no caso menos expressivo acusticamente, em *onset* inicial.

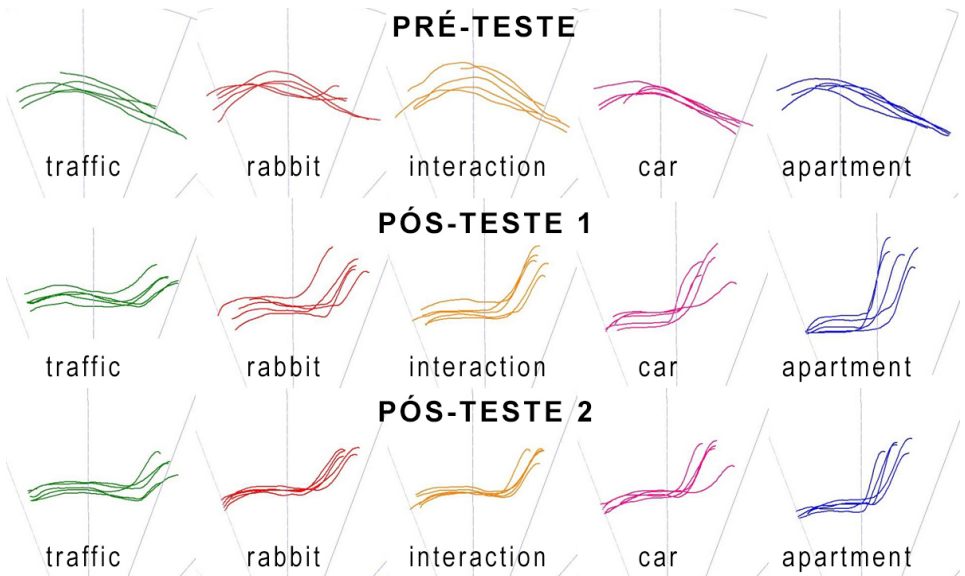


Figura 4: Splines geradas pelo *software* AAA a partir dos dados articulatórios da aprendiz de nível básico

Já os dados articulatórios da informante de nível avançado demonstraram inconsistência na produção do rótico. O sujeito, nos contextos silábicos *onset* inicial, *onset* complexo e *onset* medial, produz a variante retroflexa; já nos contextos de coda medial e final, produz o que Thomas (2011), entre outros, identifica como um rótico do tipo *bunched*. Essa variação apresenta uma retração na parte central da língua, mas mantém a ponta em uma posição mais anterior e com pouco movimento retroflexo. Westbury *et al* (1998, apud Thomas, 2011), afirma que a produção deste rótico, principalmente nos Estados Unidos, está em um

contínuo de articulação, sendo ora produzido como retroflexa, ora como *bunched*. Nota ainda que este processo pode ser verificado com frequência em um mesmo falante. Segundo Thomas (2011), é possível estabelecer essa diferença a partir da relação entre F4 e F5, os quais se apresentam mais distantes na variante retroflexa e mais próximos na variante *bunched*.



Figura 5: *Splines* geradas pelo software AAA a partir dos dados articulatórios da informante de nível avançado

Conclusão

O uso do ultrassom na realização de tarefas de instrução explícita voltadas para a aquisição de segmentos é ainda, como se observou, incipiente no Brasil e no exterior. Há poucos estudos e descrições sobre a utilização da ultrassonografia nos estudos em L2, sobre a construção de instrumentos de coleta e de tarefas de ensino que propiciem aos estudantes de uma segunda língua o contato direto com sua produção, com seus movimentos articulatórios.

Nos dados aqui analisados, a instrução explícita, por meio da ultrassonografia, foi fator determinante para a aquisição precoce do segmento retroflexo. Com a mediação de um professor e com acesso aos próprios movimentos articulatórios sendo executados em tempo real, o aluno pôde ser guiado para uma realização mais adequada dos movimentos articulatórios na produção do segmento retroflexo, o que conduz à aquisição mais rápida do segmento alvo.

Considerando-se o baixo número de sujeitos da presente pesquisa, para a sedimentação dos resultados, os próximos passos da pesquisa envolvem a inclusão de um maior número de sujeitos e a realização de um teste de retenção.

REFERÊNCIAS

- ABEL, J.; ALLEN, B.; BURTON, S.; KAZAMA, M.; KIM, B.; NOGUCHI, M.; TSUDA, A.; YAMANE, N.; GICK, B. Ultrasound-enhanced multimodal approaches to pronunciation teaching and learning. *Canadian Acoustics*, v. 43, n. 3, 2015.
- ALVES, U. *O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela teoria da timidez*. Pelotas, UCPEL, 2004. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas.
- BARBOSA, P. A; MADUREIRA, S. Sons “R”. In:_____. Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português. São Paulo: Cortez, 2015. p. 535 - 568.
- BLISS, H. et al. Using Multimedia Resources to Integrate Ultrasound Visualization for Pronunciation Instruction into Postsecondary Language Classes. *Journal of Linguistics and Language Teaching*, v. 8, n. 2, p. 173-188, 2017
- CAVALHEIRO, B. S. D. *Aquisição da vogal [a] espanhola por falantes de português brasileiro*. Pelotas, UFPEL, 2016. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas.
- CELCE-MURCIA, M. et al. *Teaching Pronunciation: a course book and reference guide*. 2nd. ed. New York: Cambridge University Press, 2010.
- FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Dinâmica dos movimentos articulatórios: sons, gestos e imagens. Pelotas: Editora UFPEL, 2013.
- GARCIA, L.S.; FERREIRA-GONÇALVES, G. Instrução explícita por meio da ultrassonografia: uma nova ferramenta para a aquisição da lateral /l/ do espanhol. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T.C. *Perspectivas para o ensino de línguas*, v.3, Rio Branco: EDUFAC, 2019.
- GICK, B.; BERNHARDT, B.; BACSFALVI, P.; WILSON, I. Ultrasound imaging applications in second language acquisition. In: EDWARDS, J.; ZAMPINI, M (eds) *Phonology and Second Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- LEMES, M. K.; DUARTE, N. M.; FERREIRA-GONÇALVES, G. A ultrassonografia aplicada à aquisição do segmento retroflexo em

- inglês. Trabalho apresentado no Workshop em estudos ultrassonográficos de dados de fala, *21o InPLA*, PUC-SP, 2018.
- LOOSE, R. E. *O papel da instrução explícita na aquisição/aprendizagem de estruturas do espanhol por falantes do Português*. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2006.
- MACEDO, M. H. *O papel da instrução explícita na aquisição dos padrões de vozeamento final do inglês por aprendizes brasileiros*. Pelotas, UCPel, 2011. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas.
- MELCHEQUE, P.P.; FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. A configuração gestual do rótico no dialeto pelotense. Trabalho apresentado no Workshop em estudos ultrassonográficos de dados de fala, *21o InPLA*, PUC-SP, 2018.
- PEROZZO, R. V. *Percepção de oclusivas não vozeadas sem soltura audível em codas final do inglês (L2) por brasileiros: o papel do contexto fonético-fonológico, da instrução explícita e do nível de proficiência*. Porto Alegre, UFRGS, 2013. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- STONE, M. A guide to analyzing tongue motion from ultrasound images. *Clinical Linguistics and Phonetics*, 19,6/7, 2005;
- TEIXEIRA-CORREA, B. *Aquisição das vogais nasais francesas [ɛ̃], [ã] e [õ] por aprendizes brasileiros: aspectos acústico-articulatórios*. Pelotas, UFPEL, 2017. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas.
- TEIXEIRA-CORREA, B.; FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. *Aquisição das vogais nasais francesas [ɛ̃], [ã] e [õ] por aprendizes brasileiros: aspectos articulatórios*. *Ilha do Desterro* v. 70, no 3, p. 131-149, 2017.
- THOMAS, E. *Sociophonetics: an introduction*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2011.
- TSUI, H. M. L. *Ultrasound speech training for Japanese adults learning English as second language*. Doctoral Dissertation. Canada: The University of British Columbia, 2012.
- ZIMMER, M. C.; ALVES, U. K. A produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexão. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 2, p. 101-143, 2006.

- WILSON, I. Using ultrasound for teaching and researching articulation. *Acoustical Science and Technology*, v. 35, n. 6, p. 285-289, 2014.
- WILSON, I., GICK, B. *Ultrasound Technology and Second Language Acquisition Research*. In: Mary Grantham O'Brien, Christine Shea and John Archibald (eds). *Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p.148- 152, 2006.

Recebido em: 31/01/2019

Aceito em: 15/02/2019

A AVALIAÇÃO DO PORTUGUÊS E DAS DEMAIS LÍNGUAS DE GUINÉ-BISSAU POR ESTUDANTES GUINEENSES DO ENSINO SECUNDÁRIO

Cássio Florêncio Rubio⁵⁸
João Fernando Cá⁵⁹

RESUMO: O presente trabalho visa perceber a avaliação feita por estudantes guineenses do Ensino Secundário de variedades do português e das demais línguas de Guiné-Bissau, com o intuito de verificar os diferentes *status* dessas línguas em convívio no país. Como base teórica temos, principalmente, a Sociolinguística Quantitativa, com a consideração de autores como Labov (2008), Lucchesi (2008), Petter (2015) e Freitag (2016), dentre outros. O corpus utilizado na pesquisa compõe-se de inquéritos aplicados a 50 estudantes do Liceu Nacional Kwame Nkrumah, de Bissau, capital de Guiné-Bissau. Os resultados apontam tendência à maior valorização da língua portuguesa, principalmente a variedade de Portugal, em detrimento das demais línguas presentes no país.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; língua portuguesa; crioulo guineense; línguas africanas; avaliação linguística.

ABSTRACT: The present work aims to understand the evaluation made by secondary school students of varieties of Portuguese and other languages of Guinea-Bissau, in order to verify the different statuses of these languages living in Guinean territory. As a theoretical basis we have, mainly, Quantitative Sociolinguistics, with the consideration of authors such as Labov (2008), Lucchesi (2008), Petter (2015) and Freitag (2016), among others. The corpus used in the survey consists of questionnaires applied to 50 secondary school students from the Kwame Nkrumah

⁵⁸ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/São José do Rio Preto-SP. Professor do Instituto de Linguagens e Literaturas e docente do Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

⁵⁹ Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Lavras - UFLA.

National High School in Bissau, capital of Guinea-Bissau. The results show a tendency towards greater appreciation of the Portuguese language, especially the variety of Portugal, to the detriment of the other languages present in this country.

Keywords: Guinea-Bissau; portuguese language; guinean creole; african languages; linguistic evaluation.

1. INTRODUÇÃO

A avaliação linguística é um tema ainda pouco discutido na sociedade guineense, entretanto o conhecimento dos diferentes *status* que as línguas podem assumir naquela sociedade pode propiciar uma nova visão a respeito dessas diferentes formas de comunicação presentes no país, o que contribuiria para a redução do preconceito linguístico, presente em virtude da política linguística e das relações de poder evidenciadas naquele território.⁶⁰

A hipótese, com base no contexto social e histórico guineense, é de que o português goza de mais prestígio do que as outras línguas faladas no país, inclusive o guineense (conhecido como “crioulo da Guiné-Bissau”, língua falada pela maior parte da população guineense). Esse fato poderia ser motivado pelo processo de colonização e pela política linguística adota pelo governo, que mantém o português como língua oficial, empregada em repartições públicas e privadas, e na educação, desde as séries iniciais até o ensino superior. As línguas étnicas, em contrapartida, por serem línguas de comunicação restrita apenas aos diferentes grupos étnicos, poderiam, em uma escala hierárquica, ocupar o outro polo, apresentando-se como desprestigiadas e de pouca relevância.

A avaliação de variedades do português pode revelar também se há maior valor à determinadas variedades, como a de Portugal e do Brasil, por exemplo, em detrimento das outras variedades da língua, incluindo-se o português guineense.

A proposta, com base nessa discussão, é investigarmos a maneira como os falantes e estudantes do Ensino Secundário avaliam as línguas

⁶⁰ Segundo Savedra e Lagares (2012), com base em Calvet (2002), a política linguística é um conjunto de decisões tomadas pelo poder público a respeito de quais línguas serão fomentadas, ensinadas ou eventualmente reprimidas e eliminadas; de quais funções as línguas terão ou deveriam ter, de que espaços sociais ocuparão.

que eles mesmo falam e as diferentes variedades do português faladas em diversas partes do mundo, principalmente as variedades do português de Portugal, do Brasil e da Guiné-Bissau, propiciando o estabelecimento de uma escala linguística hierárquica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O enfoque social das línguas e variedades linguísticas

De acordo com Labov (2008), a língua é um fato social e um instrumento de interação social entre os seres humanos, que são capazes de moldar e adequar de acordo com suas necessidades. Scantamburlo (1999, p. 22) acrescenta que “a língua é o meio de comunicação e de expressão da vida de cada dia, quer dizer da cultura da comunidade. Por isso ela cria e adapta-se às várias realidades sociais”.

Nessa mesma linha de pensamento, Bagno (2003, p. 188) defende que:

a língua que uma pessoa fala, a língua que ela aprendeu com sua família e com sua comunidade, a língua que ela usa para falar consigo mesmo, para pensar, para expressar seus sentimentos, suas crenças e emoções, faz parte da identidade dessa pessoa, é como se a língua fosse a pessoa mesma.

Para Silva (2010) a língua é a marca identitária de um povo e, quando se menciona o termo “identidade étnica”, necessariamente se está englobando a língua desse povo. A perda ou a mudança linguística seria, dessa forma, um marco também da perda ou da mudança de identidade, como se observa a seguir:

Por meio da língua, as sociedades humanas elaboram grande parte do conhecimento que detêm acerca do mundo. Por esta razão, quando se fala em perda linguística, inevitavelmente, fala-se também em perda de uma parte substancial da identidade étnica, uma vez que a língua é o principal instrumento por meio do qual se veiculam pensamentos, crenças, visão de mundo, conhecimentos tradicionais de um povo, dentre outros aspectos (SILVA, 2010, p. 241).

No tocante à mudança, Petter (2015, p.213) afirma que “as línguas mudam porque as sociedades onde elas são faladas também mudam, porque estão inseridas na história e por ela são afetadas”. A mudança, enquanto um processo de alteração, significa aceitar que as línguas variam num único período do tempo, ou seja, em um mesmo momento da história.

Labov (2008, p. 57) acrescenta que “grupos diferentes têm de responder a desafios diferentes a seu *status*”. De acordo com Wardhaugh (1992 apud ARAGÃO, 2010, p.36-37), “os dialetos sociais, originados entre os grupos sociais, dependem de uma série de fatores, sendo os principais deles aparentemente pertencentes à classe social, à religião e à etnicidade”. Dessa forma, a complexa rede de relações pelas quais passam os indivíduos em diferentes contextos sociais, culturais e históricos irão influenciar diretamente na “evolução” das línguas, principalmente por permitir o contato e convívio entre as línguas.

2.2. O contato entre línguas

De acordo com Lucchesi (2008), o contato linguístico é uma prática que sempre ocorreu na história das línguas humanas e é resultante da convivência e do estabelecimento das relações comerciais de troca, ou relações de domínio político, militar, de cultura ou de ideologia entre os povos que possuem línguas diferentes.

Para Petter (2015, p. 208):

são vários os motivos que levam ao contato entre línguas, dentre eles, os mais frequentes são: problemas políticos, migrações de falantes que buscam ambientes mais sustentáveis economicamente ou necessidades de ampliar as oportunidades.

Quando tratamos de contato linguístico, é comum imaginarmos um processo que se inicia com a chegada dos europeus a outros continentes, como a América, a África e a Ásia, entretanto esse pensamento não condiz com a essência desse processo, pois, muito antes dessa chegada dos europeus nesses locais, já se podia verificar a ocorrência do contato linguístico, já que essas regiões abrigavam povos de diferentes etnias. A esse respeito, Braga et al. (2011, p.222) apontam inúmeras situações de contato entre diferentes povos ocorrendo em período

anterior ao da colonização, com línguas das mais variadas filiações genéticas. Essas situações podem ser comprovadas ainda nos dias atuais, como aponta Petter:

O léxico tem sido apontado como a prova mais evidente do contato de línguas, pois ele revela a história da língua e registra, portanto, os possíveis contatos linguísticos e culturais de seus falantes (PETTER, 2015, p. 242).

Concernente ao contato da língua portuguesa com outras línguas, Fiorin e Petter (2014) destacam que, vários séculos após a chegada dos portugueses ao continente africano, são atestadas mais de 700 palavras de origem africana em Angola, como sendo emprestadas ao português, palavras originárias, principalmente, do quicongo e quimbundo. Apontam também os autores que esses empréstimos não foram feitos pelos falantes nativos das línguas africanas, e sim pelos falantes não nativos dessas línguas, principalmente os portugueses.

O processo de contato entre o português e as outras línguas é também bastante evidente no português falado no Brasil, visto que este sofreu a incorporação de contribuições de inúmeras línguas africanas e indígenas brasileiras, conforme apontamento de Lucchesi (2008):

até o final do século XVII, o português era apenas uma das línguas faladas pelos cerca de 300 mil habitantes da América portuguesa. Nas províncias mais periféricas, como São Paulo e Maranhão, a língua geral de base tupi predominava. Nas províncias que então impulsionavam o projeto colonial brasileiro, Pernambuco e Bahia, a massa da mão-de-obra escrava lançava mão de línguas francas africanas, como o quimbundo, para se comunicarem entre si. No interior, ao redor dos engenhos, ou nos quilombos, línguas francas africanas conviveriam com variedades pidginizadas ou crioulistadas do português (LUCCHESI 2008, p. 153).

Segundo Castro (2001), há mais de 3.500 palavras de origem africana no português do Brasil, com vocábulos relacionados, principalmente, ao campo religioso. As demais estariam relacionadas à culinária, música, dança etc.

Petter (2015) aponta que a estrutura silábica com sílabas mais abertas, muito comum no português brasileiro, teria sido originada também do empréstimo da fonologia de línguas bantas, e pode ser também identificada no português de Moçambique e de Angola. Da mesma forma, segundo a pesquisadora, é possível se comprovar a semelhança entre a estrutura morfossintática do português do Brasil e da língua quimbundo falada em Angola. A comprovação desses empréstimos feitos pelas línguas africanas ao português do Brasil e Portugal e, até às variedades de português faladas na África, evidencia um processo de contrapartida, embora poucos trabalhos tratem dessa questão, devido, principalmente, a escassez de estudos linguísticos em África e, sobretudo, pesquisas sobre as línguas africanas.

O contato e convívio entre línguas tem também um papel promissor na formação dos pidgins e crioulos. Lucchesi (2016, p.73) aponta que as línguas pidgins e crioulas, que se originam do contato linguístico de falantes adultos de línguas diferentes, normalmente, têm um vocabulário que provém, em seu maior número, da língua do grupo dominante no contexto de contato e uma gramática proveniente das línguas do grupo dominado. Para o autor, as línguas pidgins e crioulas têm origem a partir de uma necessidade de comunicação emergencial e passa a ser utilizada pelos falantes no estabelecimento do contato entre pessoas de etnias diferentes, nos primeiros momentos, o que apontará também um léxico reduzido, empregado na formação de sentenças menos complexas de elementos gramaticais, levando, assim, o chamado “pré-pidgin” a apresentar funcionamento pragmático, que depende de forma mais direta do contexto comunicativo. Com o passar do tempo, o povo dominante passa também a empregar esse mesmo código comunicativo e há uma ampliação do pré-pidgin, que se desvencilha das formas do primeiro momento, apresentando, posteriormente, um pidgin estável ou expandido.

Como aponta Lucchesi (2016, p.74), “a criouliização ocorre quando a variedade que se forma na situação de contato se torna a língua materna das crianças da comunidade”. Esse processo se verifica quando acontece uma espécie de empréstimo linguístico de palavras da língua tida como dominante e, em seguida, o emprego de estruturas morfossintáticas das línguas tidas como dominadas.

Como vimos, as relações sociais das mais variadas naturezas entre diferentes povos e também entre os indivíduos de determinada comunidade é que irão contribuir para a formação de novas línguas e o convívio entre diferentes línguas em uma sociedade, por isso passamos a

tratar, na sequência, do contexto que proporcionou a formação de um “crioulo” e a origem do multilinguismo na Guiné-Bissau.

2.3. A chegada do português à Guiné-Bissau e a origem do (crioulo) guineense

Em Guiné-Bissau, a língua portuguesa se fez presente a partir do século XV, com a chegada dos primeiros navios lusitanos em solo guineense, com o intuito de estabelecer atividades comerciais e reciprocidades de relações em muitas áreas (religiosas, culturais e etc.). Para estabelecer o contato de forma eficiente com alguns povos locais, havia a necessidade de existir uma língua de comunicação em comum que permitiria a eficiência nos objetivos recíprocos, surgindo, assim, o guineense (SCANTAMBURLO, 1999; BULL, 1989).

Ao falar do “crioulo guineense”, convém tratar da origem do termo “crioulo”. Segundo Scantamburlo (1999, p.19), a palavra *crioulo* tem a sua origem no século XVI, e foi utilizada, pela primeira vez, em espanhol, no ano de 1590, constando no dicionário francês a partir de 1680. O termo era utilizado para nomear pessoas, plantas e os animais e, mais tarde, passou a designar os indivíduos que não eram autóctones, ou seja, nascidos nas colônias africanas. Segundo Bull (1989, p.41), num primeiro momento, a palavra era empregada no sentido de servidor, do escravizado nascido na casa do seu dono, depois passou a designar os filhos dos pretos nascidos na Índia e na América, com o objetivo de os diferenciar dos africanos.

Nos estudos linguísticos, como aponta Bull (1989, p.44):

a palavra designa um sistema linguístico autónomo de origem mista, proveniente do contacto de uma língua europeia com línguas indígenas ou importadas, que se tornou língua materna e língua principal de uma comunidade.

Neste trabalho, nas menções seguintes, optaremos por empregar o termo “guineense”, para tratar da língua originada do contato entre portugueses e o povo guineense, ao invés de “crioulo guineense” ou simplesmente “crioulo”, como é corrente em grande parte dos estudos linguísticos e sociolinguísticos. O emprego do termo “crioulo”, como veremos na sequência (e como já aventado anteriormente), para

denominar a língua originada fora do território europeu, geralmente em situação de contato entre colonizador e colonizado, pode soar pejorativo e conserva, de certa forma, um reflexo do processo de colonização que reproduzimos, de forma inconsciente, por meio dos usos linguísticos do dia a dia.

Dewulf (2014, p. 305), em texto de título bastante emblemático (“E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística”), aponta que “a história de uma língua é sempre o espelho da história política de uma região” e defende que todas as línguas, em sua origem, teriam experimentado um processo semelhante ao da “crioulização”, com povos de diferentes origens, falantes de diferentes línguas que, em situação de emergência, estabelecem a comunicação por meio de uma nova língua, incomum a esses indivíduos. O autor põe em xeque o fato de determinadas línguas serem denominadas de “crioulas” e outras não, ainda que um processo semelhante tenha ocorrido na origem de todas elas.

Para Degraff (2001 apud DEWULF, 2014, p. 306), há certeza de que essa diferença, na verdade, não se faz embasada em critérios científicos, e sim pautada no poder e influência de seus falantes, como vemos a seguir:

se nós distinguimos entre uma língua crioula e não-crioula, baseamo-nos, em primeiro lugar, em condições sócio-históricas; os critérios linguísticos, por sua vez, só aparecem em segundo plano, devidamente adaptados à situação (DEGRAFF, 2001 apud DEWULF, 2014, p. 306).

Para Dewulf (2014), com base na ótica da linguística tradicional, seria certo também afirmar que todas as línguas, a começar por português, espanhol, inglês, francês etc., poderiam ser consideradas crioulas, visto que todas são provenientes de um processo de contato entre línguas há séculos.

Considerando a afirmativa de Dewulf (2014), apontar, por exemplo, que as pessoas que falam o cabo-verdiano, o guineense e o santomense simplesmente são falantes de “crioulo” poderia ser comparado a afirmar que as pessoas que falam línguas como o português, o espanhol e o francês são também falantes de “crioulo” (neste caso, de base latina e, especificamente no caso do português, de base latina e árabe).

Independentemente da confirmação da tese de Dewulf (2014), é incontestável o fato de que a língua presente em território guineense muito se difere das línguas de base portuguesa originadas em outros países africanos, o que justifica plenamente o emprego do termo “guineense” em lugar de “crioulo”.

Por razões diferentes das apresentadas até então, Scantamburlo (1999) também faz a opção pela denominação de “guineense” à língua de base portuguesa originada em Guiné-Bissau. A exaustiva descrição produzida pelo pesquisador comprova que a língua de Guiné-Bissau é diferente das línguas de base lexical portuguesa originadas em outros países africanos e. Além disso, fica evidente que não ocorre intercompreensão entre os falantes dessas diferentes línguas, assim o rótulo de “crioulo” seria genérico e insuficiente para nomear uma realidade extremamente heterogênea.

Scantamburlo (1999, p. 25) aponta que o guineense surgiu quando novos grupos sociais foram constituídos no território guineense, pela classe dominante europeia, compostos por pessoas como comerciantes, administradores, soldados e missionários, luso-africanos e lançados, cuja primeira língua era o português; e pela classe mais numerosa e dominada, composta pelos nativos tais como tangomãs, ou esposas africanas dos europeus, com seus muitos “filhos da terra”, denominados afro-portugueses, os assimilados, os grumetes e outros provenientes das tabancas do mato, tendo línguas maternas chamadas de “substratum”, que pertenciam às línguas africanas do território, de subfamílias como a Oeste-Africana e Mande, e segunda o pidgin ou crioulo português.⁶¹

Nesse primeiro momento, esses novos grupos se comunicavam em pidgin, usando frases desconexas, ou seja, a comunicação se passava mais por meio de palavras sem construção mais complexa e, provavelmente, eram acompanhadas de gestos para facilitar a compreensão. Como menciona Barbosa (1897-99, p.181 apud SCANTAMBURLO, 1999, p.29) “naquela idade em que ninguém aprende línguas, mas vocabulários a saber e a crioular a língua do ‘branco’”.

⁶¹ Segundo Bull (1989, p. 69 apud INTUMBO, 2006, p. 2), os lançados seriam desertores ou aventureiros portugueses que só tinham uma opção para sobrevivência: a de exilar-se para o continente africano, fugindo das sanções régias. Grumetes seriam africanos que auxiliavam esses lançados em suas atividades.

Com o passar do tempo, esse pidgin ou “crioulo português” ganha mais espaço e passa do nível inicial à língua propriamente dita, como afirma Rougé (1986):

o sistema iria a pouco e pouco tornar-se mais complexo e (re)estruturar-se, alargar-se a outros domínios de aplicação, tudo isso tomando ainda uma maior amplitude quando as primeiras crianças foram educadas nessa língua. É esse processo de complexificação, de estruturação, de alargamento, que chamamos criouliização, pois o seu resultado é o surgimento dum crioulo, duma nova língua (ROUGÉ, 1986 apud SCANTAMBURLO, 1999, p. 27).

Segundo Petter (2015, p. 203), a padronização das línguas na África tem o seu início em período inicial da colonização, no momento em que os missionários começam a traduzir a Bíblia e produzir materiais didáticos para suas escolas. Nesse período, várias línguas foram gramatizadas, porém não padronizadas.

2.4. A situação linguística e social atual de Guiné-Bissau

Segundo Santos (1989 apud CÁ, 2015, p.24), no atual espaço geográfico da Guiné-Bissau, está presente uma população extremamente heterogênea, com vários grupos etnicamente distintos, organizações sociais, culturais, religiosas, econômicas e políticas muito diversas, apesar de se apresentar como um país de pequena extensão territorial. Do ponto de vista social, cultural e etnolinguístico, a Guiné-Bissau se constitui como um território que possui:

mais de vinte grupos étnicos entre os quais se destacam balanta, fula, manjaco, mandinga, pepel, mancanha, beafada, bijago, felupe, nalu, tanda, cocoli, susso, cada um com a sua língua... Muitas características culturais são aparentemente comuns em certas etnias, (por exemplo, a forma de se vestir entre fulas, mandingas beafadas e sussos; as práticas de agricultura entre balantas, felupes e nalus; a forma de extração de vinho entre manjacos, mancanhas, balantas e pepeis; o jeito de pescar entre bijagos e pepeis), mas muitas outras características se diferem - a língua é

Como podemos constatar, a Guiné-Bissau possui um caldeirão de várias línguas e, dentre elas, o guineense é a mais falada. O português goza do estatuto de língua oficial e de ensino no país, embora seja falado por um pequeno contingente da população nas situações do dia a dia.

Scantamburlo (1999, p.55-56) aponta que, além do português e do guineense, são faladas 25 línguas étnicas no território, tendo como os dez grupos étnicos mais importantes em termo de número dos falantes os Balantas (com estimativa de cerca de 245 000 falantes); Fulas (estimada em 200000 falantes); Mandingas (estimada em 100000 falantes); Manjacos (estimada em 80000 falantes); Papeis/Pepeis (estimada em 72000 falantes); Beafadas/Bedjola (estimada em 20000 falantes); Bijagós/Bidjuga (estimada em 20000 falantes); Mancanhas/Brames (estimada em 19000 falantes); Felupes (estimada em 15000 falantes) e Nalús (estimada em 4000 falantes).

O uso linguístico em Guiné-Bissau baseia-se num modelo que Petter (2015, p. 199) denomina de “trifocal”, no qual três línguas são faladas numa mesma comunidade, possuindo cada qual um papel diferente das outras. Nesse modelo, o português, como já apontado, possui o *status* de língua oficial, usada nos documentos oficiais, relações diplomáticas internacionais, ensino básico e superior etc. Na segunda posição, vem o guineense, a língua mais usada na comunicação diária e que serve para os contatos interétnicos, sendo também a língua usada para poder tornar a todos inclusos no ambiente comunicativo. Na terceira posição, constam as línguas étnicas, de comunicação entre pessoas da mesma etnia, utilizadas em situações linguísticas mais específicas e determinadas, como no meio familiar ou nas aldeias.

No que tange a adoção do português em Guiné-Bissau como língua oficial, vale a pena ressaltar as palavras de Amílcar Cabral, considerado o “pai da nacionalidade guineense”, sobre a “vantagem” de ter o português como língua:

A língua portuguesa era o dom mais precioso que os portugueses tinham trazido para Guiné, sendo necessário conservar este dom para manter os contatos com as outras nações e com o universo das técnicas: e, para ele, o guineense não estava ainda bem estudado para ser

adoptado como língua escrita (SCANTAMBURLO, 1999, p. 63).

Cabral, com isso, tenta convencer o povo de Guiné-Bissau de que o guineense, na altura, não podia ter esse prestígio, pois havia a necessidade da relação com outros povos e, também, de inserção no mundo das ciências, e isso só seria possível com o emprego da língua portuguesa. Ou seja, para ele, o guineense, embora fosse uma língua de grande importância aos habitantes locais, não era/é uma língua de caráter internacional.

Após a contextualização social e linguística da Guiné-Bissau, necessária para conhecimento da comunidade linguística investigada, passamos a abordar, na sequência, questões relativas à abordagem dessa comunidade, no que concerne à avaliação linguística.

2.5. A avaliação linguística e social

A avaliação linguística se reporta à atitude subjetiva e consciente de quem usa uma língua, em relação às formas linguísticas em variação ou mudança (COELHO et al., 2015, p.91). O comportamento do falante se manifesta de duas formas diferentes, uma relacionada à avaliação linguística e outra à avaliação social. A avaliação linguística das formas variantes está relacionada à eficiência comunicativa na interação social, ou seja, à utilidade da função das formas. Já a avaliação social das formas variantes deve ser considerada com base no comportamento do grupo: os usuários das línguas integrantes de uma comunidade de fala atribuirão diferentes significados sociais às formas linguísticas.

Concernente à relação entre avaliação linguística e sociedade, Freire (2016, p. 45), afirma que:

a avaliação é uma prática recorrente em diferentes contextos da sociedade e recai sobre diversos e múltiplos comportamentos sociais. Sendo a língua um comportamento social, também não poderia ser diferente: está sujeita à avaliação de quem fala, de um lado, e de quem a escuta, do outro lado: revelando aspectos desse complexo processo no qual reações subjetivas evidenciam como uma variedade linguística é avaliada. Positiva ou negativamente.

Labov (2008, p.64), em seu estudo feito na cidade de Nova York, no que tange ao uso do /r/, mostra que é bastante complexo observar a distribuição social da língua sem que o padrão de organização social que ordena a vida da cidade seja considerado. E vai além, endossando as palavras de Barber (1957), que já apontara que “a estratificação social é o produto da diferenciação social e da avaliação social” (BARBER, 1957, apud LABOV, 2008, p.64). Para isso, qualquer avaliação linguística deve levar em conta os modos, culturas, estilo de vida e as diferenças que existem na sociedade onde é aplicada.

2.5.1 A avaliação linguística em território multilíngue

Petter (2015, p.196) defende que, no contexto linguístico africano, a escolha das línguas das antigas colônias como oficiais parece ser motivada pelo fato de elas não possuírem “laço” com determinado povo, sendo assim, poderiam servir de unidade nacional e de comunicação entre povos de diversas línguas e costumes em cada país, pois as línguas locais se vinculam sempre a uma determinada região, a serviço do grupo étnico ali predominante. Outro motivo, segundo a autora, seria que a maioria dessas línguas não dispunha de um sistema de escrita que poderia ser usado na administração e no ensino.

Petter (2015, p. 218) afirma ainda que:

Em ambientes plurilíngues, como na África, onde os indivíduos falam várias línguas, há uma tendência a desenvolver atitudes diferentes para cada uma das línguas utilizadas. No caso de o indivíduo utilizar três línguas – a materna, a veicular regional e a oficial -, a língua materna, normalmente, terá um valor simbólico, como a língua de sua identidade étnica e cultural. A língua veicular interétnica terá um considerável prestígio socioeconômico, enquanto a língua oficial desfrutará do mais elevado *status* e valorização socioeconômica. Quanto maior for o prestígio de uma língua mais positiva será a atitude de seu falante e, quanto menor for o prestígio da língua, mais negativa será sua atitude, pois a hierarquia econômica é em grande parte responsável pelas atitudes linguísticas dos falantes. [...] a atitude positiva em relação a língua oficial leva à rejeição, por grande parte dos países, ao ensino em línguas africanas,

pois eles desejam que seus filhos sejam proficientes nas línguas que promovem a ascensão social, as línguas europeias.

O prestígio que se dá às línguas oficiais trazidas pelos antigos colonos proporciona uma avaliação polarizada dos falantes pertencentes aos territórios multilíngues, com um posicionamento de negação de línguas locais, principalmente aos que almejam uma ascensão social proporcionada pelo domínio das línguas oficiais. Porém, apesar desse forte desejo de emprego das línguas europeias, há estudos, como o de Zau (2015), que aponta o fraco domínio desses idiomas não locais pelos falantes em países da África, o que impulsionou, inclusive, vários escritores africanos a produzirem publicações bilíngues, com obras nas línguas oficial e local.⁶²

A esse respeito, Scantamburlo (1999, p. 64) afirma que:

[...] o Português e o Guineense são, de facto, duas línguas com estatutos e funções diferentes e complementares, na sociedade da Guiné-Bissau: o Português é a língua internacional e oficial, o guineense é a língua veicular, materna e segunda, para a maioria da população. É preciso desenvolver cada uma segundo as suas funções específicas, sem forçar, por meio de políticas linguísticas de duvidosa eficácia, uma ou outra a cumprir funções alheias à sua natureza. Continua-se, no entanto, a afirmar que o guineense é “um português mal falado”, obrigando todos os alunos das escolas primárias a aprender a ler e a escrever em língua portuguesa, como se fosse a sua língua materna ou uma língua que já conhecessem ou falassem em meio fora das de aulas; esta posição é um mau serviço prestado a ambas as línguas. Até hoje esta política linguística tem alimentado uma situação difícil e sem saída para uma convivência pacífica entre o Português e o Guineense.

⁶² Em Guiné-Bissau, algumas obras desse caráter já foram publicadas, das quais destacamos a obra “Entre o Ser e o Amar” de Odete Semedo, escrita em português e guineense, publicada em 1996. A obra está composta de poemas, dentre eles, um cujo tema é “Em que língua escrever?” “Na kal lingu ke n na skribi?”.

O falante, no entanto, analisa a língua de acordo com suas diferentes funções de uso e o que se vê em relação a essa atitude, é uma avaliação social, no que tange às formas diferentes de usar a língua, o que leva à tentativa de negar suas formas de uso da língua em prol das formas, talvez, da classe mais alta na hierarquia social. Para Petter (2015, p.218), “um elemento fundamental a ser considerado na manutenção do uso de uma língua é a atitude do falante, isto é, sua disposição positiva, negativa ou indiferente em relação às línguas que convivem no seu ambiente”.

Em pesquisa elaborada com o intuito de observar os tipos de avaliações que os brasileiros fazem sobre a língua que falam, Freitag et al. (2016, p.72); apontam as características apreendidas nas respostas à pergunta “Que características você acha que permitem reconhecer a forma de falar da sua região?”, para os inquiridos nordestinos do Sergipe e Rio Grande do Norte, e o resultados indicam que as variedades do nordeste vêm adjetivadas desta maneira: “nordestino”, “arrastado”, “cantado”, “forte”, “puxado”, “engraçado”, ou ainda, a fala é “exagerada” e “desleixada”, “crua” e com “simplicidade”, “marcada pelas gírias locais”, “da região”, “expressões populares”, “palavras peculiares”. Mediante essa avaliação, denota-se um posicionamento predominantemente negativo no que concerne à forma de falar do Nordeste, em comparação com formas das outras regiões do país.

Em seu estudo sobre a relação entre diferentes variedades, Silva (2011) confronta o português do Brasil e de Portugal, com base no corpus constituído de entrevistas realizadas por estudantes de um curso de graduação do interior de São Paulo, e constata afirmações como a que segue: “Considero falar português [...] mas a gente gira em falar brasileiro, uma sub língua” (SILVA, 2011, p.66). Isso evidencia, segundo a própria autora, um sentimento de inferioridade ou submissão a um modelo pré-estabelecido. |Para Silva (2011), essa atitude remete ao que Orlandi (2009) aponta a respeito da visão que se tem da variedade brasileira:

E, na ambiguidade da memória, em que ressoam ecos da colonização, inclusive professores deslizam para a representação de que a língua verdadeira, pura é a língua portuguesa de Portugal e o brasileiro é um português mal falado (ORLANDI, 2009, p.177, apud SILVA, 2011, p.77).

No que tange à tendência de os brasileiros avaliarem as suas variedades de forma negativa, Lucchesi (2008) afirma:

A subserviência linguística não é apenas reflexo de um lastimável estado de espírito de submissão cultural e ideológica da elite brasileira aos modelos da dominação das grandes potências imperialistas, desde o século XIX até os dias atuais. Revela, sobretudo, um absoluto desprezo pelas coisas da terra e pela cultura nacional e popular. A adoção de um padrão normativo estranho à realidade linguística do país integra um projeto elitista de poder e de exclusão social, no qual a grande maioria da população do país deve ficar fora dos centros de decisão política e da distribuição da riqueza nacional, até porque “nem sequer sabe falar o idioma pátrio”. O outro lado da moeda desse elitismo linguístico é o pesado estigma social que recai sobre as variantes linguísticas mais notáveis da fala popular brasileira (LUCCHESI, 2008, p. 158).

Esse reflexo de colonização que sempre reproduz uma suposta hegemonia da variedade do português de Portugal pode ser percebida também nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Petter (2007, p.9) evidencia que os trabalhos feitos em Angola e Moçambique, a respeito do português local, “seguem a metodologia de comparar a variedade sob análise ao português europeu: destacam-se as particularidades, os desvios, os ‘erros’, sempre considerando o PE como a forma padrão”.

É com base nessas constatações a respeito da avaliação das diferentes variedades de língua portuguesa e também a respeito das diferentes línguas em territórios multilíngues que desenvolvemos nossa pesquisa, conforme a metodologia que segue.

3. METODOLOGIA

O quadro de informantes considerados na pesquisa se compõe de 50 estudantes do Ensino Secundário (o correspondente ao Ensino Médio no Brasil), do Liceu Nacional Kwame Nkrumah, uma instituição pública de Bissau, capital de Guiné-Bissau. As idades dos entrevistados variam entre 16 e 39 anos, possuindo todos escolaridades semelhantes, ou seja, ensino secundário incompleto. O liceu atende público de classe social média e baixa, o que se comprova pelo fato de que os nossos

entrevistados, em sua maioria, serem filhos dos agricultores, vendedores e de funcionários da iniciativa privada e do setor público.⁶³

Para a coleta de dados, construímos um questionário de informações e o dividimos em duas partes a saber: uma contendo o perfil linguístico, e outra contendo questões relacionadas à avaliação de variedades e línguas presentes em Guiné-Bissau. A parte do perfil linguístico procura extrair dos informantes as informações básicas como seus nomes, idades, sexos, etnias, locais de nascimento, cidades onde moram, níveis de escolaridade, línguas faladas pelos informantes e etc. A segunda parte, foco desta pesquisa, apresenta um total de doze questões, que visam extrair informações sobre a avaliação do falante em relação às variedades linguísticas e línguas presentes no país.⁶⁴

Além disso, houve a proposta de uma gradação para a atribuição de notas, de zero a dez, para as variedades do português de Portugal, do Brasil e de Guiné-Bissau, com base nos critérios: “mais correto”; “mais bonito”; “mais preservado” e “mais importante”.

As questões que encerram o questionário versam sobre o “pertencimento da língua” portuguesa (A quem os entrevistados pensam pertencer a língua portuguesa?); e sobre o que significa o português para os inquiridos, apresentando-se como possíveis respostas itens de diferentes naturezas, relacionados à identidade, à colonização etc.

Os questionários foram reunidos e compilados, a fim de que se extraíssem as tendências gerais e os percentuais referentes a cada item, o que permitiu a apresentação da avaliação da comunidade a respeito do *status* das variedades de língua portuguesa e também das outras línguas presentes em Guiné-Bissau, como o guineense e as línguas étnicas.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresentamos, a seguir, os resultados da avaliação dos estudantes secundaristas guineenses sobre a língua portuguesa e as demais línguas da Guiné-Bissau.

⁶³ Não foi possível haver equilíbrio entre os sexos masculino e feminino na amostra, havendo a participação de 16 mulheres e 34 homens.

⁶⁴ Ressaltamos a necessidade da adequação das questões para um público não iniciado aos estudos linguísticos (e sociolinguísticos), o que implica no emprego de linguagem simples, sem termos técnicos e, por vezes, com expressões empregadas na comunidade de fala.

A primeira questão proposta versa sobre a língua/variedade considerada pelo informante como a “melhor” a se falar em Guiné-Bissau, uma indagação que visa verificar se haveria uma hierarquia entre línguas e variedades presentes no país, como apontado por Petter (2015) e Calvet (2007), independentemente do grande predomínio do guineense e das línguas étnicas como línguas maternas.⁶⁵

Os resultados apontam que 60%, ou seja, 30 dos 50 entrevistados, escolheram o português de Portugal como sendo a melhor “língua/variedade” para se falar em Guiné-Bissau. O guineense e as línguas étnicas constituem o segundo e terceiro lugares na escala hierárquica das línguas faladas no país, como se pode ver no gráfico.



Gráfico 1: A “melhor língua” para se falar em Guiné-Bissau, indicada pelos informantes

A análise desse primeiro gráfico aponta que o português de Portugal ocupa lugar de prestígio em Guiné-Bissau, superando, assim, as línguas mais utilizadas pelos informantes, como o guineense e as línguas étnicas. O português de Guiné-Bissau, apesar de ser a variedade

⁶⁵ Como já apontado, por se tratar de um público não iniciado aos estudos linguísticos, não houve, nesta questão, a distinção entre língua e variedade, haja vista o objetivo ser, neste primeiro momento, apenas o de propor uma visão hierárquica do contexto multilíngue guineense.

efetivamente presente no país, ocupou a quarta colocação no ranking (8%), ficando à frente apenas do português brasileiro (6%). A hipótese apresentada previamente por Petter (2015) de que a língua oficial normalmente é a língua de prestígio se confirma, pois houve realmente menção do português como a melhor língua a se falar, no entanto chama a atenção o fato de a variedade de Portugal, não presente no território (ou presente somente na fala dos não nativos), ser a preferida pela maioria dos informantes.

A segunda questão proposta versa sobre a língua/variedade que o informante avalia como “não interessante ou relevante” saber falar em Guiné-Bissau, uma pergunta que tem como intuito observar se há língua(s)/variedade(s) rejeitada(s) ou desprezada(s) pelos falantes guineenses.

Os resultados revelam que mais de 50% dos informantes afirmam que todas as línguas/variedades são importantes, 38% apontam que não é interessante ou relevante saber falar as línguas étnicas, 4% afirmam que não é interessante ou relevante saber falar o guineense e o português de Angola. Outras variedades do português, exceto a de Angola, não aparecem como as que não são relevantes falar, como se pode ver no gráfico a seguir:

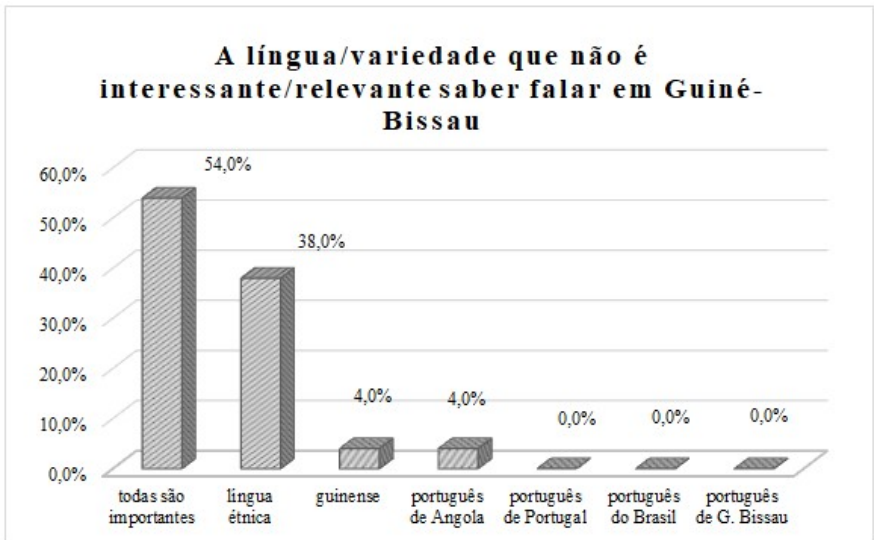


Gráfico 2: A língua/variedade que não é relevante saber falar em Guiné-Bissau

O fato de a maioria dos informantes ter apontado que todas as línguas são importantes pode estar associado ao contexto linguístico do país que, como já destacado, é multilíngue, com um convívio entre diferentes línguas, nas diferentes situações sociais dos falantes. Como já mencionado anteriormente, é comum o falante se utilizar de língua étnica materna em seu seio familiar, do guineense em seu dia a dia e adquirir a língua portuguesa em fase escolar, empregando-a em situações mais formais e na comunicação com outras pessoas de países onde se fala o português.

Não se deve, contudo, deixar de notar a significativa rejeição das línguas étnicas por parte expressiva dos informantes (38%), um fato que pode remeter à importância de uma língua como meio de acesso ao capital social, econômico e cultural, pois as línguas étnicas possuem um caráter comunicativo restrito às comunidades específicas, e não permitem uma comunicação nacional ou extranacional, que promoveria a ascensão social do falante, por isso, teriam pouco valor no “mercado linguístico” de Guiné-Bissau, o que poderia explicar essa atitude negativa dos falantes guineenses.⁶⁶ Essa rejeição das línguas africanas, por parte de seus falantes, com a busca ascensão social e cultural promovida pelas línguas oficiais pode ser confirmada também nos estudos de Petter (2015) e Ngunga e Bavo (2011). A mesma ideia de língua como forma de acesso poderia ser observada na escolha do guineense como língua não importante por 4% dos informantes, neste caso, porém, influenciados, principalmente, por uma avaliação econômica e social internacional, haja vista o guineense ter papel significativo apenas na sociedade guineense.

Além da hierarquização das línguas presentes em Guiné-Bissau, há também uma hierarquização das diversas variedades do português falado, com base nos diferentes espaços geográficos do mundo. Essa hierarquização é motivada pela influência que cada variedade tem em Guiné-Bissau. Segue o gráfico que busca ilustrar essa hierarquia, com seus

⁶⁶ Para Bourdieu (1996), as línguas têm valores diferentes dentro de uma sociedade ou comunidade linguística e o nível de inclusão ou exclusão dos indivíduos nesses meios irá depender de seus usos, do emprego das línguas e/ou variedades que possuem maior valor no que se denomina de “mercado linguístico”. Para o autor, essa questão está diretamente relacionada ao acesso ao chamado “capital simbólico”, que conjuga as três formas de capital: econômico, social e cultural.

resultados percentuais para cada variedade apontada pelos nossos informantes, o que confirma o que já se anunciava com base na análise dos primeiros resultados.⁶⁷

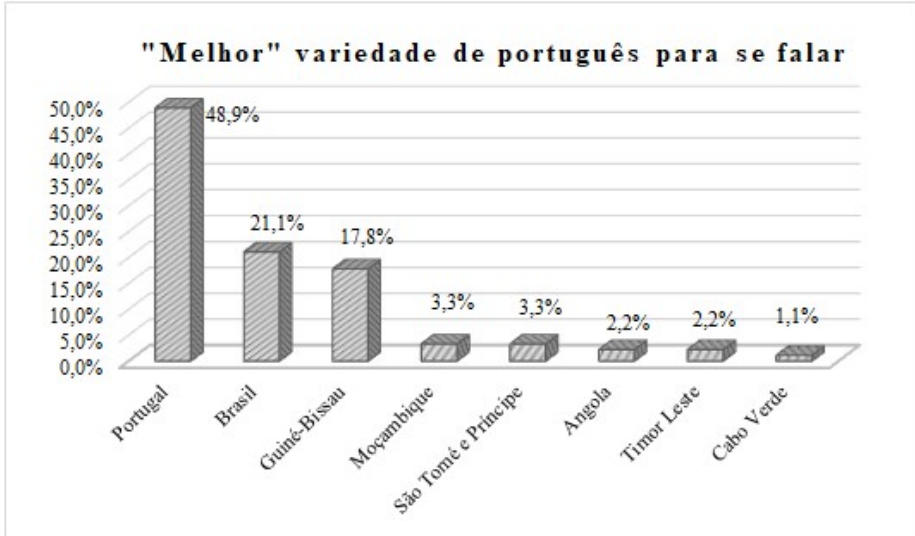


Gráfico 3: A “melhor” variedade de português para se falar em Guiné-Bissau

Como se pode observar, os resultados apontam a variedade de Portugal na primeira posição, com 48,9%; a variedade do Brasil segue na segunda posição, com 21,1%; na terceira posição, segue a variedade da Guiné-Bissau, com 17,8%; as variedades de Moçambique e de São Tomé e Príncipe seguem na quarta posição, com 3,3%; as variedades de Angola

⁶⁷ O termo “variedade” (no singular), no contexto deste estudo, é empregado com o intuito de abarcar o conjunto de características que permite distinguir a língua portuguesa falada em determinado país da língua portuguesa falada em outro país. Trata-se de uma generalização que permite empregarmos, por exemplo, o rótulo “português brasileiro”, ou “português de Portugal”. Essa perspectiva, entretanto, não invalida o fato incontestável de existirem inúmeras variedades linguísticas da língua portuguesa em cada um dos países considerados.

e Timor Leste seguem na quinta posição, com 2,2% e; na última posição, a variedade de Cabo-Verde, com 1,1%.

O português de Portugal confirma-se em primeira posição, por possuir grande prestígio na sociedade guineense, incentivado pelo processo de ensino, no qual até mesmo os professores apresentam atitude de imposição dessa variedade, como afirma Orlandi (2009, apud SILVA, 2011).

O fato de o português do Brasil ocupar a segunda posição pode ser explicado justamente pelo espaço que a variedade vem ganhado em Guiné-Bissau nos últimos anos, através das novelas, da literatura e também dos filmes dublados em português do Brasil (PETTER, 2007). Além disso, a ascensão comercial e econômica brasileira dos últimos tempos pode ser sentida em toda a Guiné-Bissau, o que também promove maior reconhecimento do país e, por consequência, de sua variedade linguística.

O apontamento da variedade do português guineense na terceira posição pode ser explicado pelo fato de se constituir na variedade efetivamente presente no país, ou seja, a variedade empregada pelos guineenses, entretanto uma questão um pouco mais complexa se verifica, haja vista o português ser adquirido, majoritariamente, em fase escolar e não se constituir em língua materna dos guineenses, conforme aponta Cá (2017), o que promove a difusão de alguns mitos, dentre os quais o de que não existe uma variedade de português guineense e o de que, em Guiné-Bissau, fala-se variedade semelhante a de Portugal. As outras variedades do português (de Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola, Timor Leste e Cabo-Verde) estão indicadas nas últimas posições por possuírem pouca influência no país, tanto do ponto de vista econômico, quanto do ponto de vista social e cultural.

Os resultados obtidos em relação à possível rejeição de determinada variedade também apontam que os informantes consideram que as outras variedades do português, como de Angola, Timor Leste, Cabo-Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe (exceto a variedade de Portugal, do Brasil e da Guiné-Bissau, por possuírem uma porcentagem insignificante na escolha) não seriam interessantes ou relevantes de serem empregadas no país, principalmente a variedade de Angola. Uma boa parte dos informantes (16,7%) afirma que todas elas são interessantes aprender a falar, como se segue no gráfico.

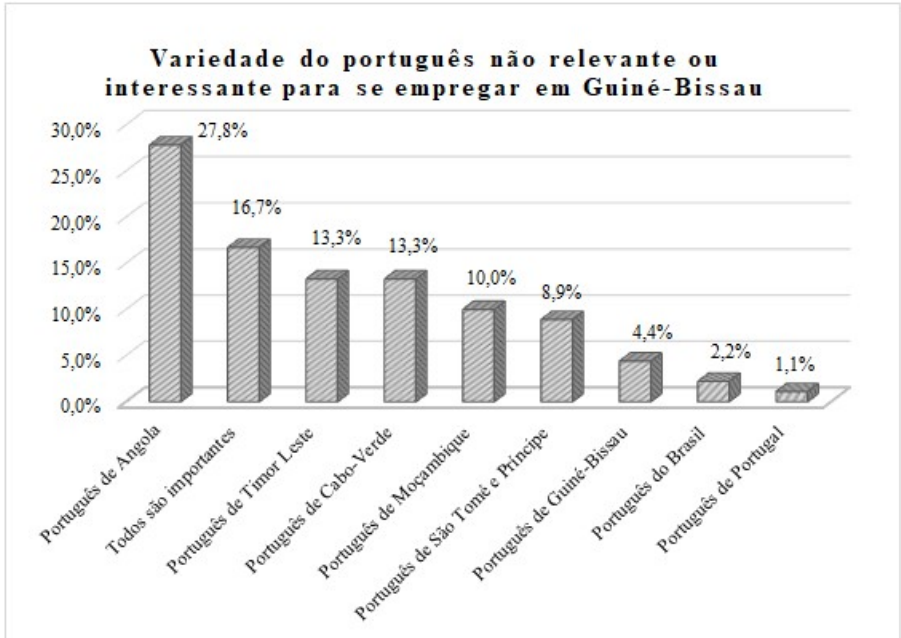


Gráfico 4: A variedade que não seria interessante empregar em Guiné-Bissau

É possível notar, no gráfico, que houve um percentual significativo de informantes (16,7%) que consideram que todas as variedades são importantes para se falar em Guiné-Bissau. Entretanto, chama a atenção o fato de 27,7% dos informantes assinalarem que o português de Angola não seria interessante, o que revela um fato novo, a rejeição considerável dessa variedade, que ganha maior destaque entre as demais. Seria mais plausível que a variedade de Timor Leste se apresentasse com esse patamar, por ser variedade de fora do continente africano e por ser variedade de poucos falantes, entretanto ela se iguala à de Cabo Verde (ambas com 13,3%), superando apenas, em África, a rejeição de Moçambique (10%), de São Tomé e Príncipe (8,9%) e da própria Guiné-Bissau (4,4%).

Outra possibilidade para a rejeição do português angolano poderia ser, justamente, por ela ser, entre as demais variedades africanas do português, a mais conhecida em Guiné-Bissau, através das músicas angolanas, novelas e filmes. Sendo a mais acessível entre as outras

variedades africanas do português, seria também mais plausível de ser avaliada negativa/positivamente entre as demais. A variedade de Timor Leste não é conhecida por grande número de falantes guineenses, o que dificultaria a sua avaliação em relação às outras variedades.

Como era de se esperar, pelos resultados das questões anteriores, Brasil e Portugal apresentam variedades de baixa rejeição, pelos motivos já destacados anteriormente.

Na sequência, ainda com o propósito de apresentar uma hierarquia das variedades sob a ótica dos guineenses, exibimos o comparativo entre o português de Portugal, do Brasil e de Guiné-Bissau. As perguntas tinham o objetivo de estabelecer um comparativo por meio de notas que seriam atribuídas pelos informantes, numa gradação de zero a dez, para os critérios “mais correto”, “mais bonito”, “mais preservado” e “mais importante”.

Os resultados para a variedade “mais correta”, que podem ser visualizados no gráfico abaixo, indicam que, ao português de Portugal, foi atribuída a nota média, entre os 50 informantes, de 9,66, superando assim, em grande escala, o português do Brasil, cuja nota média atribuída foi 7,42, e o português de Guiné-Bissau, com média de 7,08.

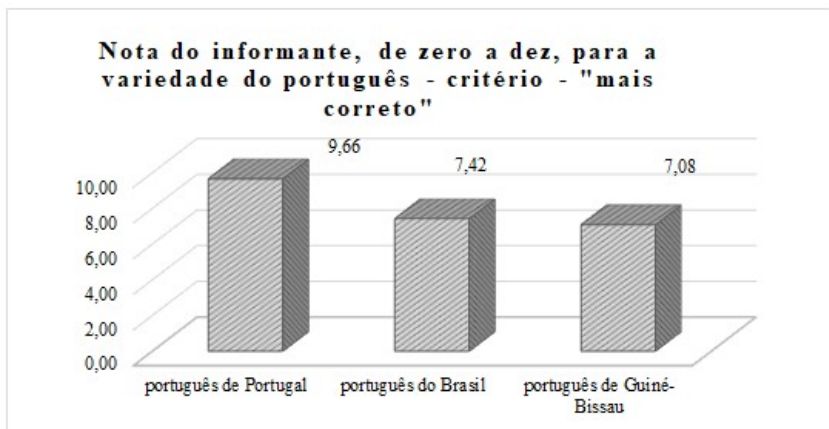


Gráfico 5: Notas atribuídas pelos informantes, de zero a dez, às variedades do português de Portugal, Brasil e Guiné-Bissau, pelo critério “mais correto”

Confirma-se aqui o que já se anunciava previamente pelas questões, ou seja, os informantes estabelecem uma classificação das variedades, na qual a de Portugal ocupa o lugar mais elevado, seguido da variedade do Brasil e, na última posição, a variedade de Guiné-Bissau.

O resultado obtido é mais uma comprovação da nossa hipótese de que os guineenses consideram o português de Portugal uma variedade “mais correta” do que as variedades de outros países, como apontam Silva (2011) e Freitag et. al (2016). Isso faz com que qualquer manifestação linguística em Guiné-Bissau contrária ao português de Portugal seja julgada como “errada”, pois, para os guineenses, somente em Portugal se fala o verdadeiro português, nas outras partes as pessoas “não sabem” falar português. Segundo Bagno (2015, p.37-38), “essas duas opiniões [...] refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais civilizado”.

Vale a pena ressaltar também a valorização dos guineenses à variedade do português do Brasil, o que se verifica por questões um pouco diferentes das verificadas em relação à valorização do português de Portugal. A consideração da variedade brasileira se dá, principalmente, por meio da força que a mídia brasileira tem no país e do ensino voltado ao português brasileiro em alguns espaços acadêmicos, nas igrejas e, principalmente, no centro cultural brasileiro estabelecido em Guiné-Bissau.

Para o critério “mais bonito”, apontado em nosso questionário, os resultados não possuem a larga diferença verificada anteriormente e é notável uma maior aproximação entre o português de Portugal e o português do Brasil, tendo ficado o português de Guiné-Bissau na terceira posição, como se vê a seguir.

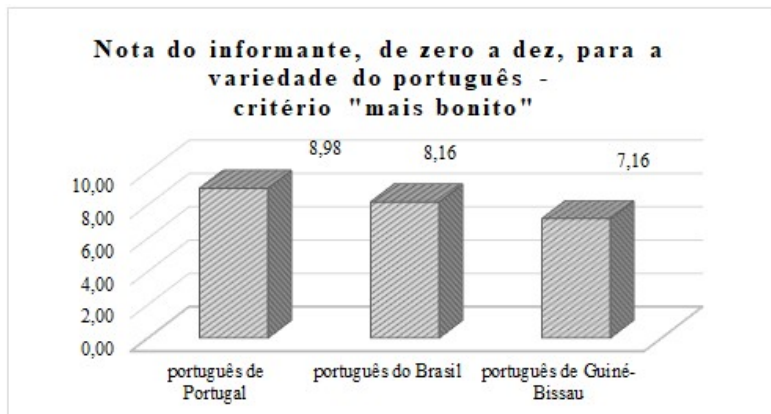


Gráfico 6: Notas atribuídas pelos informantes de zero a dez nas variedades do português de Portugal, Brasil e Guiné-Bissau para o critério “mais bonito”

Como se observa no gráfico, ao português de Portugal foi atribuída a nota média de 8,98, seguido da variedade do Brasil, com média de 8,16, e de Guiné-Bissau, com 7,16. Como consequência dessa constatação, é possível se observar, na sociedade guineense, a tentativa de reprodução dessas duas variedades, pela insegurança que se sente em usar sua própria variedade, o português guineense (LABOV, 2008, p.86). A prova disso pode ser evidenciada pela diferença de notas dadas à variedade guineense e às variedades de Portugal e do Brasil.

No que diz respeito às notas atribuídas ao português de Portugal e do Brasil nos critérios “mais correto” e “mais bonito”, é importante destacar uma diferença importante. Na avaliação que remete ao critério “mais correto”, pode-se perceber que a avaliação feita recai mais sobre a forma de falar o português que os informantes acham mais correta, mais próxima do padrão normativo, com base num modelo ensinado no país (que se baseia predominantemente no português de Portugal), o que favorece a diferença de notas entre Brasil e Portugal. Já na segunda avaliação, com base no critério “mais bonito”, percebe-se uma avaliação mais subjetiva, na qual os informantes, provavelmente, expõem aquilo que acham a respeito dessas três variedades do português do ponto de vista da sonoridade, da cultura e, neste caso, o contato com a variedade conta, dessa forma, há maior aproximação das notas brasileira e portuguesa.

No que concerne ao critério “mais preservado”, próximo a ser analisado, é possível notar, nos resultados, uma comprovação da ideia incutida desde o período colonial na sociedade guineense de que os portugueses falam um português que não sofreu e não sofre alterações com o tempo, um português presente nos grandes clássicos da literatura e nas gramáticas normativas. As notas atribuídas a essas três variedades do português bem nos comprovam esse fato. Os resultados também apontam que o português do Brasil, na segunda posição, é pensado pelos informantes como um português não preservado, o que se verifica pela maior distância entre as médias portuguesa e brasileira quando preservação é o critério. O português guineense também recebeu nota mais baixa para o critério “mais preservado”, como se vê no gráfico a seguir.

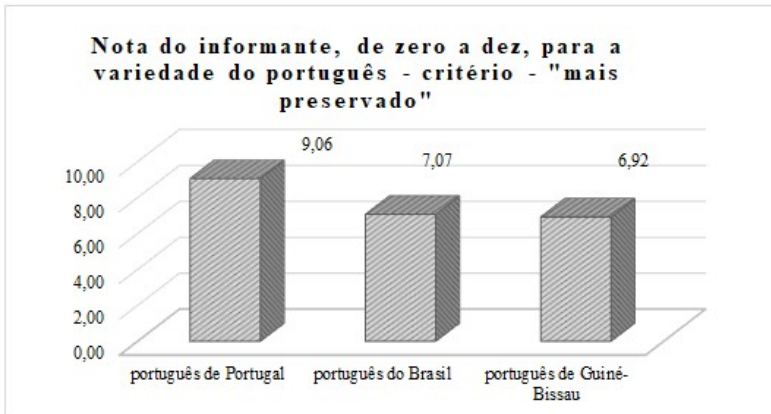


Gráfico 7: Notas atribuídas pelos informantes, de zero a dez, às variedades do português de Portugal, Brasil e Guiné-Bissau no critério “mais preservado”

Os resultados indicam a nota média de 9,06 dada ao português de Portugal, 7,0 ao português do Brasil e 6,92 ao português de Guiné-Bissau. Esses resultados revelam uma visão predominante no país, que aponta o português de Portugal como um modelo a ser seguido, como um padrão de língua ideal. Tanto a variedade brasileira como a guineense, por se distanciarem mais da prescrição normativa, são apontadas como “menos preservadas”.

Em relação ao próximo critério considerado, “mais importante”, os resultados também apontam o português de Portugal com as maiores médias, comprovando a razão da sua valorização em Guiné-Bissau. Indicam também a valorização do português brasileiro, fato que nos comprova que ele está a ganhar o espaço na sociedade guineense de uma forma rápida, como se segue no gráfico.

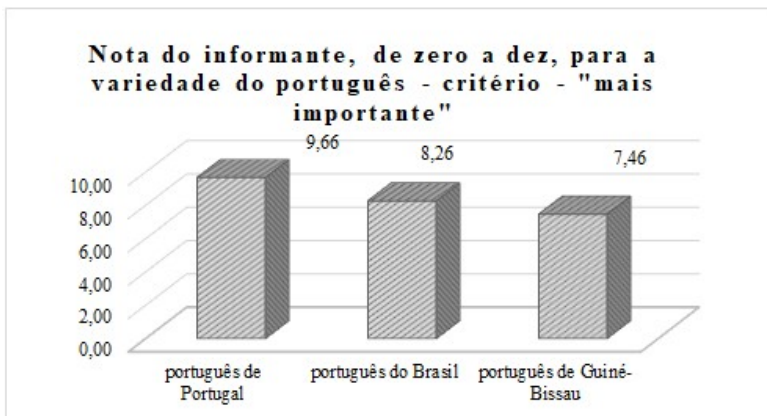


Gráfico 8: Notas atribuídas pelos informantes, de zero a dez, às variedades do português de Portugal, Brasil e Guiné-Bissau, para o critério “mais importante”

Como vemos, para o critério “mais importante”, o português de Portugal apresentou a média de 9,66, contra 8,26 do Brasil e 7,46 da Guiné-Bissau.

Em nosso entendimento, com base nos resultados para os quatro critérios avaliados, há avaliações distintas em relação ao português de Portugal e do Brasil. O prestígio da variedade europeia em solo guineense advém da tradição, história e relação entre os países, por outro lado, o ganho de prestígio da variedade brasileira se relaciona a questões atuais, como ascensão política e econômica e aumento populacional brasileiro.

O apontamento da variedade europeia em primeiro lugar em todos os critérios considerados confirma o que Lucchesi (2008) denomina de subserviência linguística, que se evidencia pela submissão cultural e ideológica, com desprezo da própria cultura nacional e popular, e valorização excessiva do padrão normativo, completamente estranho à realidade linguística local.

Após a hierarquização das línguas e das variedades do português, apresentamos, a seguir, questões mais específicas, destinadas a apontar mais detalhes sobre os diferentes sentimentos dos informantes em relação à língua portuguesa.

A questão a seguir versava sobre o sentimento de pertencimento da língua portuguesa, uma pergunta com o objetivo de certificar, por meio dos nossos informantes, o país/povo que pensa ser o dono da língua portuguesa, independentemente de ela ser falada em diferentes partes do mundo.

Os resultados majoritariamente apontam que o português é considerado como pertencente aos portugueses e é clara a larga diferença dessa escolha pelos nossos informantes. Com base nos resultados, é possível averiguar também uma pequena indicação do português como pertencente a todos os seus falantes. Há a indicação também dos brasileiros como donos da língua, seguida da indicação dos africanos lusófonos, como nos ilustra o gráfico que se segue.

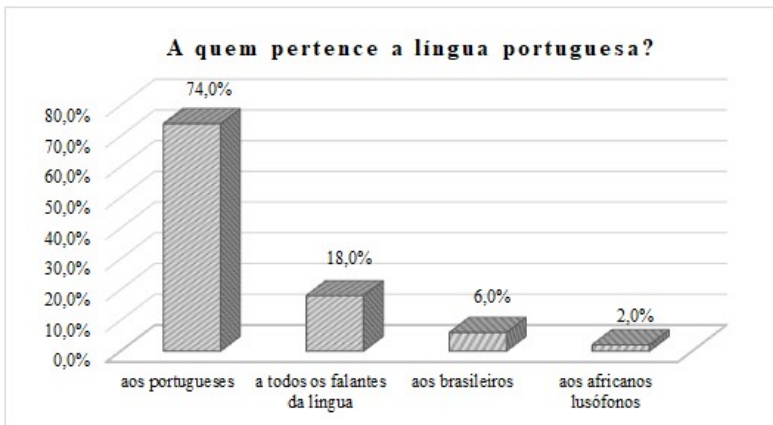


Gráfico 9: A indicação sobre a quem pertence a língua portuguesa

É possível notar que 74% dos informantes apontam os portugueses como “donos” da língua portuguesa, 18,0% apontam a língua portuguesa como pertencente a todos os seus falantes, 6% apontam os brasileiros e apenas 2,0% apontam os africanos lusófonos. Diante desse resultado, podemos afirmar que a hipótese levantada por nós no início da pesquisa de que os guineenses, em sua maioria, possuem sentimento de que o português não lhes pertence foi confirmada.

Não deixa de ser contraditório, contudo, o fato de haver, por parte dos informantes, o destaque da importância do português de Portugal em Guiné-Bissau e, posteriormente, haver o apontamento por quase 75% dos informantes de que essa língua não lhes pertence.

O último questionamento, que versa sobre o que o português significa aos guineenses e à Guiné-Bissau, tem o objetivo de averiguar, por um lado, a razão de ele ser apontada como a melhor língua para se falar em Guiné-Bissau, em detrimento das outras línguas, inclusive o guineense e as línguas étnicas e, por outro lado, averiguar qual seria o sentimento dos guineenses em relação à essa língua e, conseqüentemente, à nação e ao povo que a trouxe consigo.

Os resultados revelam, predominantemente, que o português seria uma “herança colonial”, uma “língua dos brancos”, “da submissão” e “da imposição” ao povo guineense e à Guiné-Bissau, indicam também que as razões para ela ser considerada pelos informantes como importante ao país seria por conta de seu caráter de “língua oficial”, da “civilização”, da “identidade”, da “ascensão social”, do “prestígio” e da “cultura” (não a cultura local, mas a reconhecida internacionalmente), como se observa no gráfico que se segue.⁶⁸

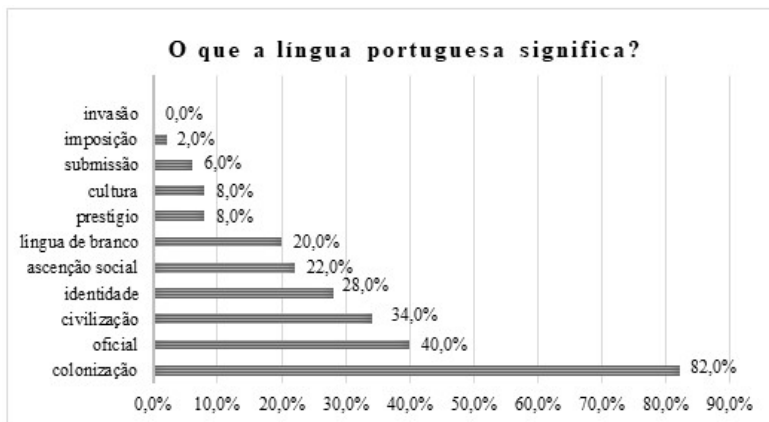


Gráfico 10: A indicação dos nossos informantes sobre o que a língua portuguesa significa ao povo guineense e a Guiné-Bissau

⁶⁸ Vale ressaltar que os informantes poderiam selecionar mais de uma alternativa para a questão.

Como podemos observar, a quantidade de informantes que aponta que a língua portuguesa significa a eles e à Guiné-Bissau a colonização é bastante expressiva (82%, ou seja, 41 informantes, dos 50). Quanto ao apontamento de que é língua oficial, 40% dos nossos informantes reforçam este estatuto, por isso, somente ela é empregada nos assuntos oficiais no país, como apontam Namone e Timbane (2017, p. 43). Embora falada por pequeno número da população, ela é a língua que serve aos guineenses de comunicação internacional com povos de outras partes do mundo e com o universo das técnicas, como afirma Cabral (SCANTAMBURLO, 1999, p.63).

Temos ainda 34% dos informantes que apontaram que a língua portuguesa significa a eles e a Guiné-Bissau a civilização, e 22%, a ascensão social. Por possuir caráter de língua oficial, utilizada no ensino acadêmico, administração do país, nos programas midiáticos de caráter oficial e na tecnologia, a língua portuguesa é representada como sinônimo de civilização e ascensão social para aqueles que a falam no território guineense (ZAU, 2015, p.2; PETTER, 2015, p.218).

Quanto à língua como identidade, 28% dos informantes apontaram que o português significa a eles e à Guiné-Bissau a identidade. Labov (2008, p.57) e Bagno (2008, p.188) afirmam que quando falamos, estamos também afirmando quem somos, a que lugar pertencemos. No contexto da Guiné-Bissau, a considerar o prestígio da língua portuguesa no “mercado linguístico” local, do ponto de vista da ascensão social e do status social, seria positiva a identificação com outras nações de língua portuguesa, por isso seria certo afirmar que a língua portuguesa para os guineenses serve como identidade, levando em conta o processo histórico dessa língua no território.

Interessante, contudo, notar o contraste entre a indicação do termo “identidade” e a indicação, por parte de 20% dos informantes, da incômoda expressão “língua de branco”. Desse modo, a língua portuguesa é tida também em Guiné-Bissau como língua que não pertence àquele povo, como já apontado, uma língua que os brancos portugueses levaram ao território guineense (BARROS, 1907, apud BULL, 1989, p.45).

Como podemos notar, são muitas as avaliações dos guineenses em relação à língua portuguesa, entretanto destacam-se apontamentos de natureza negativa, como, por exemplo, “colonização”, “língua de branco” e “submissão”. Outros de natureza mais próxima da neutralidade, como “oficial”, “civilização”, “ascensão social”, “prestígio” e “cultura”, mas que revelam também a visão da língua como necessária, ainda que não

totalmente integrada àquele povo. As avaliações que poderiam tender a positivas, como “língua de cultura” ou de “identidade”, da mesma forma, podem revelar, em nosso entendimento, a necessidade de negação por parte dos guineenses, de sua própria identidade e cultura, para a integração a uma identidade e cultura de maior valorização nacional e, principalmente, internacional.


5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Averiguamos, nessa pesquisa, que as línguas em contato em Guiné-Bissau se estabelecem de uma forma hierárquica, tendo em conta os “pesos e valores” que cada uma tem na sociedade guineense. Nessa classificação, o português ocupa o lugar mais importante, por seu estatuto de língua oficial e por sua importância internacional, seguido do guineense, por ser a língua de unidade nacional entre povos de diferentes grupos étnicos. As línguas africanas ou étnicas ficam abaixo na classificação, porque possuem um caráter comunicativo restrito a cada grupo étnico.

Durante a aplicação dos questionários, constatamos que aprender a falar línguas internacionais (muitas delas são línguas oficiais nos países africanos), principalmente o português, significa aos guineenses, de certa forma, obter enormes oportunidades, como a ascensão social, acesso à educação e ao mercado de trabalho, dentre outras.

Percebe-se também que o prestígio dado às línguas em contato em Guiné-Bissau não condiz com a realidade linguística dos falantes guineenses, haja vista os guineenses não apresentarem pleno domínio da língua portuguesa em sua modalidade escrita e oral, como já apontara Cá (2017).

Há uma atitude negativa dos falantes guineenses em relação às línguas étnicas e ao guineense, o que poderia ser explicado pela política linguística adotada pelo governo guineense, que privilegia as línguas coloniais, em detrimento das línguas nacionais. Abaixo a ilustração do continuum de avaliação do prestígio dessas diferentes línguas presentes no território guineense, com base nos resultados do questionário:

Continuum de avaliação das línguas presentes em Guiné-Bissau		
Línguas étnicas	Guineense	Português
		
- Prestígio		+ prestígio

Quadro 1: Continuum de avaliação das línguas de Guiné-Bissau

Averiguamos também que há uma estrutura hierarquizada no que tange às variedades do português. As variedades do português de Portugal e do Brasil possuem mais prestígio do que as variedades do português da Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo-Verde, Angola e Timor Leste.

O prestígio dado ao português de Portugal advém, principalmente, de sua presença no ensino das escolas guineenses e, ainda, pelo reflexo colonial, transmitido, inconscientemente, de geração a geração. O prestígio do português do Brasil tem suas justificativas nos investimentos que o governo brasileiro faz nos países parceiros, aos sucessos das novelas e outros programas midiáticos e, ainda, à ascensão econômica experimentada pelo Brasil nos últimos anos. Segue o quadro que ilustra o continuum de prestígio das variedades de língua portuguesa com base na avaliação dos informantes guineenses:

Continuum de avaliação das variedades de língua portuguesa em Guiné-Bissau		
Português de Guiné-Bissau	Português do Brasil	Português de Portugal
→		
- Prestígio		+ prestígio

Quadro 2: Continuum de avaliação das variedades de língua portuguesa em Guiné-Bissau

A política linguística e ações dos indivíduos na sociedade guineense devem se voltar mais às línguas enquanto instrumentos de interação social, pois só assim se pode dar o devido valor a qualquer língua que compõe o “caldeirão linguístico guineense”, no qual cada falante tende a valorizar a língua que fala, assim como a sua variedade linguística. Também seria importante ampliar as oportunidades para que outras línguas possam se tornar oficiais e alcançar o prestígio a ponto de incentivar seus falantes a se orgulharem das línguas que falam e suas formas diferentes de a/as falar, pois só assim se pode ter uma relação harmoniosa em um contexto multilíngue como o da Guiné-Bissau.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. S. S. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. In: *Graphos*. João Pessoa, Vol 12, 2010, p. 35-51. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/10907/6112>. Acesso em 5 de agosto de 2018.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é como se faz*. 56ª ed. revista e ampliada, São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *A língua de Eulália: Novela Sociológica*. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- BRAGA, A.; CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; MINDLIN, B. Línguas entrelaçadas: uma situação sui generis de línguas em contato. In: *Papia* 21(2), 2011, p. 221-230. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=L%C3%8DNGUAS+ENTRELA%C3%87ADAS%3A+UMA+SITUA%C3%87%C3%83O+SUI+GENERIS+DE+L%C3%8DNGUAS+EM+CONTATO&btnG=. Acesso em 22 de julho de 2018.
- BULL, B. P. *O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria*. 1ª ed., Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1989.
- CÁ, I. N. *Entre o real e o ideal: uma análise contrastiva entre o material didático e as necessidades dos estudantes no ensino de língua portuguesa na Guiné-Bissau*. Monografia. Curso de Letras - Língua Portuguesa. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Redenção, 2017.
- CÁ, V. J. B. *Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau*. Belo Horizonte: 2015.
- CÁ, I. N.; RUBIO, C. F. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. (58.1), jan./abr. 2019, p. 389-421.
- CALVET, L. J. Nas origens da política linguística. In: CALVET, L. J. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007. Cap. 1. p. 11-36.

- CASTRO, Y. P. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.
- COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUSA, C. M. N.; MAY, G. H. *Para conhecer a sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- DEWULF, J. E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística. In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. Porto: 2015. P. 305-312.
- FIORIN, J. L.; PETTER, M. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FREIRE, J. B. *Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /k/ e /l/ no falar paraibano*. 2016. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) -Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- FREITAG, M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. In: *Todas as Letras*. São Paulo: v. 18, n. 2, 2016, p. 64-84.
- INTUMBO, I. *Crioulo guineense, balanta e português: estudo comparativo do sintagma verbal*. Coimbra. 2006. Disponível em: <http://www.didinho.org/Arquivo/Crioulo%20guineense.pdf> Acesso em 02/10/2018.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCCHESI, D. *Africanos, crioulo e a língua portuguesa*. 2008. Disponível em: http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/1012200823273_2.pdf Acesso em 25 de julho de 2018.
- LUCCHESI, D. Crioulística. In: MOLLIKA, M. C.; FERRAREZI JR, C. *Sociolinguística, Sociolinguísticas*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 73-85.
- NAMONE, D.; TIMBANE, A. A. Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau 43 anos após a independência. In: *Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos, Redenção-CE*, v. 01, n. 01, 2017, p. 39-57.
- NGUNGA, A.; BAVO, N. N. *Práticas linguísticas em Moçambique: Avaliação da vitalidade linguística em seis distritos*. 2011. Disponível em: <http://www.site.letras.ufmg.br/laliafro/PDF/Ngunga,%20Armando%20Pr%C3%A1ticas%20lingu%C3%ADsticas%20em%20Mo%C3>

%A7ambique-%20PORTUGUES.pdf Acesso em 5 de setembro de 2018.

- PETTER, M. *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PETTER, M. M. T. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. In: *Papia*, 2007, p. 9-19. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2029>. Acesso em 22 de julho de 2018.
- SAVEDRA, M. M. G.; LAGARES, X. C. Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil. In: *Gragoatá*. Niterói, n.32, 2012, p. 11-27. Disponível em: <http://gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/113> Acesso em 27/09/2018.
- SCANTAMBURLO, L. *Dicionário do Guineense*: vol. I: Introdução e notas gramaticais. Lisboa: Colibri / FASPEBI, 1999.
- SEMEDO, O. C. *Entre o ser e o amar*. Bissau: INEP, 1996.
- SILVA, A. *Relação entre línguas: diferentes modos de dizer o português brasileiro*. São Carlos: UFSCar, 2011.
- SILVA, M. N. F. Contato entre línguas, perda linguística e identidade étnica: notas sobre o povo parkatêjê. In: *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces* n. 40, 2010, p. 239-247. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/40/artigo12.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2018.
- ZAU, F. A língua portuguesa e a indispensável cooperação com outras línguas de convívio. In: CRISTINA, M. S.; MOURA, S. *Novos desafios para o ensino superior após os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM): XXV Encontro Associação das Universidades de Língua Portuguesa*. 2015, p. 135-138.

Recebido em: 26/02/2019

Aceito em: 04/04/2019

EVALUACIÓN DE NIVELACIÓN Y LA ENSEÑANZA DE LENGUAS ADICIONALES EN EL CONTEXTO UNILA

Florencia Páez⁶⁹

Laura Márcia Luiza Ferreira⁷⁰

RESUMEN: El análisis de evaluaciones de lenguas adicionales retroalimentan reflexiones sobre la enseñanza en diferentes contextos. El presente trabajo tiene como objetivo de investigación las pruebas de nivelación de portugués como lengua adicional realizadas en la Universidad Federal de Integración Latinoamericana (UNILA). Forman parte del corpus 10 tareas de producción textual aplicadas durante el periodo de 2014-2017. Con la finalidad de analizar el contenido de las pruebas y compararlas a lo largo de las ediciones estudiadas, utilizamos como principales categorías de análisis las nociones de género textual, dominio discursivo y soporte de los textos de lectura de las pruebas, así como el análisis de los propósitos y de los géneros textuales delimitados en las consignas de las tareas. Al final, podemos inferir a partir del análisis, que las tareas de las pruebas se tornaron gradualmente más complejas a medida en que las prácticas sociales del lenguaje, simuladas por medio de las tareas, fueron aproximándose al contexto académico-instruccional. Fue posible también levantar informaciones sobre los criterios de dispensa materializados en las propuestas de pruebas para el debate sobre su relación con la enseñanza de portugués como lengua adicional en el contexto universitario analizado.

Palabras clave: Enseñanza de portugués como lengua adicional; Evaluación en lenguas adicionales; UNILA; Géneros textuales.

RESUMO: A análise de avaliações de línguas adicionais retroalimentam reflexões sobre o ensino em diferentes contextos. O presente trabalho tem como objeto de investigação as provas de nivelamento de português como língua adicional realizadas na Universidade Federal da Integração

⁶⁹ Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal da Integração Latinoamericana-UNILA.

⁷⁰ Doutora em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-graduação do Cefet-MG. Professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana-UNILA.

Latinoamericana (UNILA). Faz parte do corpus 10 tarefas de produção de texto aplicadas durante o período de 2014 a 2017. Com a finalidade de analisar o conteúdo das provas e compará-los ao longo das edições estudadas, utilizamos como principais categorias de análise as noções de gênero textual, domínio discursivo e suporte dos textos de leitura das provas, bem como a análise dos propósitos e dos gêneros textuais delimitados nos comandos das tarefas. Ao final, pudemos inferir a partir da análise que as tarefas das provas foram gradativamente se complexificando na medida em que as práticas sociais de linguagem simuladas por meio das tarefas foram se aproximando do contexto acadêmico-instrucional. Foi possível também levantar informações sobre os critérios de dispensa materializados nas propostas de prova para o debate sobre sua relação com o ensino de português como língua adicional no contexto universitário analisado.

Palavras-chave: Ensino de português como língua adicional; Avaliação em línguas adicionais, UNILA, Gêneros textuais.

1. Introducción

La Universidad Federal de Integración Latinoamericana (UNILA), fue fundada en el año 2010 y ubicada estratégicamente en la ciudad de Foz do Iguacu - PR - triple frontera entre Argentina, Brasil y Paraguay -, donde existe un escenario multilingüe y multicultural, favoreciendo el diálogo y la interacción regional. Los principios de la universidad se basan en diversos conceptos, como la interdisciplinariedad, la interculturalidad, el bilingüismo y la integración. Según el Plan de Desarrollo Institucional (UNILA, 2013a), la UNILA estimula la integración mediante una amplia cantidad de carreras ofrecidas a profesores y estudiantes de todos los países de América Latina y el Caribe, generando de esa manera un espacio bilingüe. Este bilingüismo es dado oficialmente entre la lengua portuguesa y lengua española, en los ámbitos administrativos, científicos y pedagógicos de la universidad, y es fomentado mediante materias de lenguas adicionales, obligatorias a todas las carreras de la institución. Esta obligatoriedad se da a través de la creación del Ciclo Común de Estudios, quien, además de contemplar la enseñanza de las disciplinas de Portugués/Español como Lenguas Adicionales, presenta también materias como: Fundamentos de América Latina I, II y III con el fin de brindar conocimientos básicos sobre el continente y reforzar los lazos entre los países que lo conforman;

Introducción al Pensamiento Científico y Ética y Ciencia, disciplinas de aproximación a los conceptos filosóficos occidentales y su relación con el ámbito científico.

El Proyecto Pedagógico del Ciclo Común de Estudios (UNILA, 2013b) afirma, entre otras cosas, que la enseñanza de lenguas adicionales busca desenvolver la comprensión y producción textual en la lengua que se está enseñando, y que, comúnmente, este proceso es dividido en diferentes niveles, donde el estudiante desarrollará diversos conocimientos de la lengua en cuestión. A partir de esto y del contexto institucional de la UNILA, se planteó una estructura de tres niveles para la enseñanza de Portugués y Español como lenguas extranjeras: Básico, Intermediario I e Intermediario II. En el caso del curso de Letras, además de estos tres, son obligatorios los niveles Avanzado I y II.

Durante los niveles básicos, según el Proyecto Pedagógico del Ciclo Común (UNILA, 2013b), se espera que los estudiantes lleguen a obtener el conocimiento necesario de la lengua estudiada, pudiendo interactuar de manera simple, no solo con el medio sino también con sus pares. Estos niveles tienen como objetivo desenvolver las competencias lingüísticas (fonéticas, fonológicas, morfosintácticas, etc.) y la comprensión de textos científicos. Los niveles básicos son cursados durante el primer semestre de cada carrera y poseen, generalmente, una carga horaria de 120 horas, aunque en algunos casos esta carga es de 90 horas.

El Proyecto Pedagógico del Ciclo Común (UNILA, 2013b) afirma que lo largo de los niveles intermedios, los estudiantes producirán textos escritos y orales más desarrollados, con buena argumentación dentro del entorno académico y sostiene que el objetivo de estos niveles es desenvolver las competencias lingüísticas e interculturales para la interacción en la lengua adicional con mayor grado de complejidad y en contextos menos familiares. Este nivel se divide en dos disciplinas: Intermediario I e Intermediario II. La primera tiene una carga horaria de 120 horas, mientras que la segunda presenta una carga horaria de 60 horas. (UNILA, 2013b)

Los niveles avanzados son, actualmente, materias obligatorias del curso de Letras, donde se espera que los estudiantes obtengan los recursos lingüísticos e interculturales necesarios para participar de interacciones con mayor grado de fluidez y espontaneidad, teniendo a disposición un amplio repertorio lingüístico. (UNILA, 2013b). Durante estos niveles, se pretende, también, que los alumnos puedan perfeccionar las diferentes

habilidades de producción y comprensión de textos escritos y orales. Las materias de estos niveles son dos: Avanzado I y Avanzado II, y cada una cuenta con una carga horaria de 68 horas.

Es importante mencionar que durante el primer semestre de ingreso, los estudiantes que presenten conocimiento sobre alguna de las lenguas adicionales presentes en la UNILA, pueden optar por realizar una prueba de nivelación (UNILA, 2013b). Estas pruebas se realizan en las modalidades escritas y orales y tienen como objetivo verificar la competencia lingüística del alumno y de esa manera, definir su nivel de conocimiento para incorporarlo a la clase de lengua adicional correspondiente, es decir, que los resultados de la prueba pueden servir para la dispensa de disciplinas específicas de lenguas, presentes en los planes de estudios de todos los cursos. Es fundamental resaltar la consecuencia de este examen, como bien lo menciona McNamara (2008), pues según el resultado de esta evaluación el alumno podrá ser dispensado de hasta 436 horas de clases de la lengua en cuestión.

En este trabajo enfatizaremos en los exámenes de nivelación realizados a alumnos que tengan al portugués como lengua adicional en la UNILA, estudiando cada prueba aplicada desde el año 2014 hasta el 2017. Haremos la descripción detallada de la estructura de estas pruebas a lo largo de nuestro artículo, pero nos encontramos con la necesidad de realizar una breve presentación de éstas a continuación.

Cada prueba de dispensa cuenta con 2 tareas, cada tarea posee textos de lectura y propósitos: textos de producción. Catalogaremos estos textos de lectura y producción según los conceptos de Marcuschi (2008) sobre género textual, dominio discursivo, soporte, etc. , analizaremos el contenido de las pruebas y a partir de este análisis estaremos infiriendo en si los exámenes fueron evolucionando con el paso de los años, qué exigen estas pruebas, qué se considera debe saber el alumno para ser dispensado de las disciplinas de portugués como lengua adicional y cuál es la función de las clases de lenguas en la UNILA.

2. Marco teórico

2.1 Lenguaje y enseñanza de lenguas

La lengua, según la teoría estructuralista de Saussure, era definida como un conjunto de convenciones necesarias adaptadas por la sociedad, donde el sujeto social es pasivo, es decir que la adquiere y adopta, pero no

la modifica. Este sujeto adquiere la lengua pero no nace con ella. (COSTA, 2008).

Aunque se ha tomado esta definición por años, a diferencia de Saussure, Mijaíl Bajtin (1895-1975) toma para sus análisis lingüísticos a la lengua en su dinámica, dentro de situaciones sociales inmediatas, en contextos situacionales, donde cada acontecimiento es expresado entre dos personas socialmente organizados dentro de un contexto, al sostener esto, Bajtin se opone al teórico antes mencionado (VOLOSHINOV, BAJTIN 1929)

Torres Vindas (2007) afirma que Bajtin en oposición a las teorías estructuralistas, decide estudiar al lenguaje en su forma dinámica, dentro de prácticas sociales, en contextos y expresados entre personas socialmente contextualizadas. Para él, el lenguaje es el acto concreto del habla, visto como una ida y vuelta comunicativa.

Valentín Voloshinov y Mijaíl Bajtin (1929), expresan que es un acto erróneo afirmar que la lengua es un sistema de normas incuestionables y fijas, que sería más coherente relacionarla a la consciencia individual, o sea, decir que la lengua es inseparable de su contenido ideológico y vital.

Bajtin lanzó las bases para el refinamiento de un concepto de lenguaje como lenguaje actividad social y, al mismo tiempo cognitivo, en que la interacción es co-construida entre sujetos. En ese sentido, el lenguaje se manifiesta en prácticas orales y escritas por medio de las cuales el hombre recorre al sistema lingüístico (léxico, fonología, morfología, etc.) para la construcción de sentido. Esa noción de lenguaje fundamenta el presente trabajo.

En la perspectiva de enseñanza de lenguas adicionales, Dias (2009) sigue la misma teoría de que lenguaje es de naturaleza interaccionista, como una práctica social en situaciones reales y concretas. Esta concepción es demostrada por la autora cuando expresa su visión de enseñanza, diciendo que “El trabajo de manera colaborativa es muy importante en el proceso de enseñanza-aprendizaje” (DIAS, 2009, p. 205). La autora se apoya en la visión socio-interaccionista del lenguaje al establecer criterios de evaluación de libros didácticos para la enseñanza de lenguas adicionales utilizados en diferentes escuelas del país a través del Programa Nacional de Livro Didático (PNLD). Recientemente los libros didácticos fueron incorporados al programa, surgiendo así la necesidad de establecer criterios de evaluación de los materiales presentados por las editoriales para componer o no la lista de oferta de libros que pueden ser

distribuidos por el Ministerio de Educación a las escuelas públicas brasileras

Dias (2009) enfatiza que es a partir de allí que surge la idea de crear un instrumento con criterios para la evaluación de tan importante recurso pedagógico.

Según la autora, en el caso de la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera, el hecho de que el aprendiz tenga cierto conocimiento de la estructura de diferentes géneros textuales en su lengua materna, ayuda a la comprensión de éstos escritos en LE. Esto ocurre con los géneros textuales utilizados en la sociedad, en el cotidiano porque pertenecemos a una sociedad letrada, como las propagandas, los e-mails, cartas, noticias, invitaciones, etc. (DIAS, 2009). Como instrumento de esa evaluación, Dias (2009) brinda 6 fichas que incorporan criterios evaluativos relacionados al libro didáctico de lengua extranjera en las que se encuentran temas de análisis como: principios norteadores, composición gráfico-autoral y autonomía; comprensión y producción escrita-oral y aspectos de evaluación relacionados al manual del profesor. Para la elaboración de estas fichas la autora se fundamentó en las directrices norteadoras de los PCN-LE (Brasil: MEC/SEF 1998) y en los documentos del PNLD de Lengua Portuguesa (Brasil: MEC/SEF 2007).

Cabe resaltar que el estudio de los géneros textuales es una de las maneras de estudiar las prácticas de lenguaje materializados en actividades de producción y de recepción de textos. Es allí que Renildes Dias (2009) y Lúcia Cristovao (2007) coinciden, pues ambas consideran que los géneros textuales pueden ser utilizados en la enseñanza de lenguas extranjeras, además de que Cristovao (2007) también se apoya en la teoría socio-discursiva, o sea, defiende la idea de que el conocimiento es aprendido en actividades colectivas sociales.

Cristovão (2007) se basa en autores como Bronckart, Bajtín, Dolz y Schneuwly –entre otros – y a partir de las teorías de éstos, expresa que el estudio de diferentes géneros textuales en la escuela como instrumento para el proceso de enseñanza-aprendizaje puede generar condiciones para la construcción de conocimientos lingüísticos-discursivos que son fundamentales para las prácticas de lenguaje. Después de esto, la autora presenta varios géneros textuales que cree pueden ayudar en este proceso de enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera, como por ejemplo: historietas, cuentos, noticias, anuncios, artículos de divulgación científica, etc.

Marcuschi (2008, p. 155), entiende que género textual “Son los textos que encontramos en nuestra vida diaria y presentan padrones socio-comunicativos [...] formas textuales escritas u orales bastante estables, histórica y socialmente situadas”

Carolyn Miller (1984) citada por Marcuschi (2008, p.159) sostiene que

Los géneros textuales son formas verbales de acción social estabilizadas y recurrentes en comunidades de prácticas en dominios discursivos específicos[...]Resumidamente, se podría decir que los géneros son entidades: a) dinámicas; b) históricas; c) sociales; d) situadas; e) comunicativas; f) orientadas a fines específicos; g) ligadas a determinadas comunidades discursivas; h) ligadas a dominios discursivos; i) recurrentes y j) estabilizadas en formatos más o menos claros.

Marcuschi (2008), también habla sobre los diferentes soportes de géneros textuales, diciendo que el género siempre es identificado y se define por su relación con el soporte, es decir que el soporte de un género es una superficie física con un formato específico que soporta, fija y muestra un texto. Según el autor, el dominio discursivo es una esfera de la vida social o institucional (religiosa, jurídica, militar, familiar, etc.) en la que se dan practicas que organizan formas de comunicación y respectivas estrategias de comprensión y agrega que “De esa manera los dominios discursivos producen modelos de acción comunicativa que se estabilizan y se transmiten de generación en generación con propósitos y efectos definidos y claros” (MARCUSCHI, 2008, p.194).

Marcuschi (2008), intenta realizar una distribución de los géneros orales y escritos según dominio discursivo y modalidad (escrita u oral). Dentro de uno de los tantos dominios discursivos que clasifica, tenemos los siguientes dominios discursivos: instruccional, periodístico, religioso, salud, comercial, industrial, jurídico, publicitario, ocio, interpersonal, militar y ficcional. Algunos de estos serán detallados en nuestro análisis porque tomaremos estos conceptos teóricos como categorías para analizar las tareas de las pruebas estudiadas.

2.2 Enseñanza y evaluación de lenguas adicionales

Tim McNamara, profesor de lingüística y lingüística aplicada en Australia, realizó una conferencia en Argentina en el año 2008. En ésta, McNamara (2008) habla sobre el significado de evaluación, los procesos de evaluación y el acto de evaluar, entre otros. McNamara (2008) afirma que la evaluación, en el contexto de la enseñanza de lenguas, tiene como meta sacar una conclusión acerca de cuánto sabe o qué puede llegar a realizar una persona. El autor explica que alcanzar una conclusión significa comparar a un individuo con otro; a un individuo con un estándar o nivel, y a partir de ello, ver en qué posición está la persona, si por debajo o por encima del nivel estipulado. Se deben seguir algunos pasos a la hora de realizar una evaluación, siendo uno de ellos la recolección de pruebas, lo cual se realiza mediante el examen, por eso que el profesor hace énfasis en que se debe decidir de manera muy consciente lo que se pide al alumno y pensar de qué forma eso ayudaría a sacar una conclusión sobre la situación del estudiante, sobre qué saben o qué pueden hacer, y sólo a partir de esa conclusión, se toma la decisión: ¿qué se va a enseñar a continuación?, ¿se deja que el alumno pase al siguiente nivel?, etc.

Según McNamara (2008) es importante tener en cuenta teorías de medición a la hora de corregir exámenes de importantes consecuencias en la vida de las personas que lo realizan, como por ejemplo, exámenes de ingreso a la universidad, para la obtención de ciertos puestos de trabajo, y por qué no un examen como el que se realiza en el CELPE-BRÁS, teniendo en cuenta la importancia de éste al ser el único certificado de competencia en portugués para extranjeros reconocido por el Estado brasileño, siendo necesario para el ingreso a universidades y puestos de trabajo en el país.

El examen Celpe-Bras es una prueba de proficiencia lingüística y mediante ésta, el participante es certificado sobre su habilidad de uso de la lengua portuguesa en las modalidades escrita y oral. Se trata de un examen a gran escala aplicado en diversos lugares del mundo, inclusive en la UNILA. La prueba de nivelación, a su vez, tiene como propósito principal evaluar la posibilidad de dispensar a los estudiantes de una o más disciplinas obligatorias ofrecidas en el contexto del ciclo común de la UNILA. En ese sentido, la prueba de nivelación/dispensa que analizaremos en este trabajo está directamente relacionada a las directrices

de la enseñanza-aprendizaje de lengua portuguesa adicional para los alumnos de la UNILA.

Siendo foco de su análisis la prueba Celpe-Bras, Matilde Scaramucci (1995) trata cuestiones relacionadas a la implementación de este examen en el contexto del Mercosur que están ligadas a la naturaleza del examen, como la base comunicativa y la definición de proficiencia, entre otras cosas. Scaramucci (1995) explica que para obtener un abordaje comunicativo en este examen, la Comisión Organizadora optó por el uso de un sistema que sea utilizado en situaciones reales comunicación. A partir de esa visión, un usuario competente de la Lengua Extranjera debería saber usar la lengua en diversos contextos, adecuados a las situaciones socioculturales y a sus interlocutores. Según la autora, este abordaje comunicativo se concretó en las pruebas de CELPE-BRÁS – Certificado de competencia en Lengua Portuguesa para Extranjeros – mediante el uso de diferentes actividades llamadas “tareas”, lo que podemos relacionar con las pruebas de nivelación aplicadas en la UNILA, pues también se utilizan tareas para crear ese abordaje comunicativo.

Scaramucci (1995), afirma que el término “tarea” se refiere a una actividad de enseñanza o de evaluación: “[...] tiene un propósito comunicativo, y busca especificar para el lenguaje, usos que se asemejan o son cercanos de aquellos que tienen en la vida real” (SCARAMUCCI, 1995, p.80) La autora afirma también, que la tarea admite la presentación de contenidos auténticos, o sea, se pueden utilizar textos extraídos de diarios, libros, revistas, etc. que no son elaborados para justamente la enseñanza de una lengua. La tarea sería una manera de simular prácticas sociales de lenguaje con el objetivo de enseñar o de evaluar. En la elaboración de la tarea, se consideran diversos géneros textuales para la lectura y, al proponer una simulación del lenguaje teniendo como parámetro las situaciones reales de uso del lenguaje, en la consigna de la tarea se busca definir los papeles de la interacción entre los participantes, la complejidad o no del lenguaje, entre otras cuestiones que analizaremos en las tareas de las pruebas de nivelación a continuación.

De acuerdo con Scaramucci (1995) el uso de tareas en un examen tiene varias ventajas, como por ejemplo: el mostrar situaciones que son semejantes a las situaciones reales de comunicación, muestran con claridad lo que está siendo evaluado y a su vez, es más motivador para los candidatos, pero la autora afirma que posiblemente la mayor ventaja de esto sería la presentación de un propósito u objetivo claro, que establece el contexto y los límites de la evaluación. La autora cita a Urquhart (1987,

apud SCARAMUCCI, 2008, p.81-82) diciendo “Una situación comunicativa envuelve a un hablante (autor del texto), el mensaje (texto), un interlocutor (lector) y también un propósito”.

Una vez discutidos los principales conceptos teóricos que fundamentan este trabajo, a continuación pasamos hacia nuestro análisis.

3. Análisis y descripción de las tareas de las pruebas de nivelación

Las pruebas de nivelación – realizadas en la Universidad Federal de Integración Latinoamericana – denominadas también pruebas de dispensa, consisten en eximir al estudiante de las clases de Portugués como Lengua Adicional, ministradas en la misma universidad. Esta dispensa es efectuada mediante diferentes niveles según la nota alcanzada por el alumno, es decir que si el alumno obtiene la nota exigida para el nivel básico, será eximido de esa materia y así sucesivamente con las demás disciplinas de lengua extranjera.

Estas pruebas se han aplicado desde el año 2014 hasta la actualidad, pero para nuestro análisis tomaremos las pruebas que se llevaron a cabo desde el año 2014 hasta el 2017. En ese lapso de tiempo, se realizaron 5 ediciones, es decir, han sido 5 exámenes: 2014.1; 2015.1; 2016.1; 2017.1 y 2017.2. Cada prueba presenta dos tareas: Tarea 1 y Tarea 2. Cada una de ellas cuenta, generalmente, con un texto de lectura en lengua portuguesa, el cual ha variado durante las diferentes ediciones respecto a género, tema, soporte y extensión. De la misma manera, los textos a ser desarrollados por los alumnos también fueron cambiando durante las diversas ediciones. El total de las tareas que analizaremos es de 10, puesto que son 5 pruebas y cada prueba cuenta con 2 tareas.

Como hemos mencionado anteriormente, cada prueba cuenta con 2 tareas, donde se supone que cada tarea cuenta con su nivel de complejidad. Es probable que la tarea número 1 sea más sencilla, presentando un texto de lectura y un trabajo de redacción simples; y la tarea número 2 quizás presente un texto de lectura y un texto de redacción un poco más complejo en comparación con la tarea número 1.

Para poder llegar a esta conclusión y realizar la descripción y análisis de las tareas, primero tomaremos los textos de lectura de cada edición con sus respectivos géneros textuales, año de publicación, fuente, soporte, dominio discursivo y la cantidad de palabras que poseen para poder conocer la dimensión de los textos; luego citaremos la consigna y seguido, el texto de producción donde catalogaremos su género textual y

dominio discursivo; y para finalizar la descripción de cada edición haremos comentarios sobre los textos de lectura y los textos de producción. Siendo breves, la descripción será de la siguiente manera: 1° - texto de lectura utilizado: fuente, número de palabras, soporte, dominio discursivo y género textual. 2° - consigna y texto de producción solicitado: propósito, género textual y dominio discursivo. 3° - comentarios sobre texto de lectura y texto de producción: análisis y comparación entre los textos de lectura y producción, comparación entre las tareas de una misma prueba y también con tareas de otras ediciones.

Para realizar nuestro análisis e identificar los textos de lectura y de producción, utilizamos algunos conceptos y definiciones, como el de género textual, dominio discursivo y soporte. Sobre género textual, nos basamos en la definición realizada por Marcuschi (2008, p. 155): “Son los textos que encontramos en nuestra vida diaria y presentan padrones socio-comunicativos [...] formas textuales escritas u orales bastante estables, histórica y socialmente situadas”. Para definir soporte, Marcuschi (2008) afirma que los soportes de géneros textuales son una superficie física con un formato específico que soporta, fija y muestra un género textual. Describimos algunas características de los soportes que notamos aparecieron con más frecuencia en las pruebas de nivelación según nuestro análisis:

El diario es un soporte con muchos géneros. Estos géneros, en buena medida, típicos y reciben, en función del soporte, algunas características en ciertos casos, tal como el de la noticia. Aquí también se sitúan las cartas de lectores y las notas sociales, entre otros. En el diario, tenemos géneros que no aparecen en revistas semanales, como: anuncios fúnebres, previsiones meteorológicas, horóscopos [...] pero hay otros comunes con las revistas como noticias, editoriales, recetas culinarias, entrevistas, historietas, etc. (p.179-180)

Otro soporte que nos resulta importante mencionar, es la revista científica, ya que en nuestro análisis encontramos que este tipo de soporte fue utilizado reiteradas veces, y Marcuschi (2008) lo define como:

[...] soportes de géneros bastante específicos y ligados a un dominio discursivo (el científico, académico o

instruccional). Allí encontramos artículos científicos [...] y otros de esa naturaleza [...] Por el hecho de ser considerados científicos, hay inclusive un *status* de los géneros por ellos vehiculados que es diferente de los textos similares que aparecen en diarios o revistas semanales [...] (p. 180)

Continuando con los conceptos utilizados para el análisis, Marcuschi (2008) afirma que el dominio discursivo es una esfera de la vida social o institucional (religiosa, jurídica, militar, familiar, etc.) en la que se dan prácticas que organizan formas de comunicación y respectivas estrategias de comprensión. El autor, además, intenta agrupar géneros orales y escritos según su dominio discursivo y modalidad. Para nuestro análisis utilizaremos la concepción de los dominios discursivos: instruccional, periodístico, jurídico, interpersonal y ficcional, porque fueron estos los dominios que encontramos presentes en las pruebas de nivelación estudiadas.

El primer género que mencionamos, según Marcuschi (2008) es el género discursivo con más circulación en el ámbito académico, pues incluye todo lo que tenga relación con lo científico, académico y educacional. Por ejemplo, en la modalidad escrita están los artículos científicos, artículos de divulgación científica, resúmenes de libros, carta de recomendación, entre otras; en lo que se refiere a la modalidad oral: están las conferencias, debates, exámenes orales, aulas en video, etc. Marcuschi (2008) afirma que dentro del género discursivo periodístico se encuentran las noticias, los reportajes, artículos de opinión, comentarios, historietas, tiras humorísticas, etc. El autor indica que en el género jurídico podemos ubicar a los contratos, leyes, reglamentos, certificados, entre otros. Los e-mails, formularios, cartas de lectores, cartas personales, listas de compras, etc. Se localizan en el género interpersonal y por último, el género ficcional: cuentos, poemas, novelas, crónicas, etc. (MARCUSCHI, 2008).

Entendidos estos conceptos, podemos empezar con el análisis y descripción de las pruebas con sus respectivas tareas.

3.1 Edición 2014.1

Tarea número 1

Este fue el año en que se aplicó por primera vez la prueba de dispensa en la UNILA, siendo también la única edición realizada durante el año.

El examen realizado durante el año 2014 presentó un texto de lectura llamado “*Estudantes do mundo embarcam na Ruta Inka*”, publicado en el año 2010, en el diario digital “Carta Capital”.

El texto, perteneciente al dominio discursivo periodístico, del género noticia, contó con la extensión de 227 palabras. Este texto informaba a la comunidad estudiantil sobre el inicio de las inscripciones para un viaje-aventura hacia diversas comunidades indígenas. El objetivo de del viaje era formar jóvenes embajadas de las culturas indígenas de cada región visitada. Esta noticia incentivaba a los alumnos de espíritu aventurero y con interés por los pueblos indígenas a realizar su inscripción y para esa inscripción, debían redactar y enviar en e-mail con una carta de presentación y motivación, recomendación de su centro de estudios y un ensay monográfico.

La consigna de la tarea fue:

“Interessado em participar das viagens da Ruta Inka, envie uma carta de apresentação e de motivação para a Associação, relatando seu conhecimento sobre a região, o que você espera do projeto e como você pode contribuir com ela.”

Observamos que la consigna de la tarea solicitó a los alumnos tomar posición como estudiantes interesados en el viaje a la Ruta Inka y de esa manera, cumplir con algunos requisitos mencionados en el texto de lectura. Podemos decir que el texto de lectura parece haber sido de fácil comprensión e interpretación para los estudiantes hispanohablantes aprendices de portugués, pues como menciona Dias (2009): es probable que el alumno tenga cierto conocimiento sobre el género textual noticia en su lengua materna, lo que facilita su comprensión en la lengua adicional.

En cuanto al texto de producción, se pidió a los alumnos redactar una carta de presentación, lo que según Marcuschi (2008) pertenece al dominio discursivo instruccional.

Tarea número 2

En la tarea numero 2 de la prueba del año 2014, el texto de lectura se llamó “*É fogo*” del poeta y escritor Fernando Brant, publicado en el diario digital “*Diario Impreso*”. Este texto de dominio discursivo ficcional, pertenece al género textual crónica y tiene 468 palabras donde el autor relata la importancia del fuego en la historia de la humanidad y en el uso cotidiano actual. A manera de crítica, el autor expresa el lado negativo del fuego durante las manifestaciones y reclamos del pueblo, pues para Brant la quema de objetos en las marchas sociales es de poca ayuda y recomienda utilizar las llamas en algo más productivo. A partir de esta opinión, el autor invita a los lectores a la reflexión sobre el uso de los métodos que involucran el uso del fuego para lograr buscar una alternativa que pueda ser más productiva para la sociedad.

Presentamos a continuación la consigna de la tarea:

“Apresente a idéia central desenvolvida por Fernando Brant na crônica “É fogo” e emita sua própria opinião em relação a ela.”

En esta situación, una crónica es un relato que narra hechos de nuestro cotidiano y puede resultar más difícil de interpretar que una noticia, género textual que se utilizó en el texto de lectura de la tarea anterior. Podemos argumentar esto con la afirmación de Dias (2009) quien sostiene que los géneros textuales que circulan en nuestro cotidiano, una noticia por ejemplo, probablemente sean de fácil comprensión, mientras que el género crónica puede que no circule con tanta frecuencia en el día a día de una sociedad.

Sobre el texto de producción afirmamos que no tuvo un género textual definido, pues el alumno debía presentar ideas principales y omitir una opinión. En este caso, nos basamos en Marcuschi (2008) para catalogarlo dentro del dominio discursivo periodístico, ya que se solicitó emitir una opinión sobre un tema, lo que podría compararse con un artículo de opinión.

Después de haber descrito ambas tareas, podemos decir que probablemente la tarea número 2 exigió mayor capacidad de comprensión y de redacción que la tarea numero 1. Partiendo de la base que le genero noticia podría resultar familiar para el alumno, lo cual ayuda en la comprensión y el género crónica al ser un genero poco común en nuestro cotidiano podría presentar un trabajo de comprensión un poco más

complejo. Lo mismo sucede con los textos de producción: el texto de producción de la tarea número 1 fue una carta de presentación y como el mismo género lo dice, el alumno debía básicamente presentarse, pero en texto de producción de la tarea número 2 se solicitó a los estudiantes realizar una crítica, lo que exige al alumno comprender el texto de lectura en su totalidad para luego poder tomar una posición sobre el tema y emitir su opinión. En síntesis, es posible que la tarea número 2 haya sido más compleja que la tarea número 1 del examen de dispensa del año 2014.

3.2 Edición 2015.1

Tarea número 1

La tarea número 1 tuvo como texto de lectura el reglamento de la biblioteca de la UNILA y según Marcuschi (2008) todo reglamento pertenece al dominio discursivo jurídico.

Este reglamento cuenta con 1518 palabras donde presenta asuntos del cotidiano académico y que posiblemente sean de utilidad para la comunidad estudiantil.

La consigna de esta tarea fue:

“A partir da leitura do Regulamento da Biblioteca Paulo Freire-PTI, escreva um e-mail para seu amigo, estudante da UNILA, que se esqueceu de devolver um livro no prazo. No seu e-mail, você deve informá-lo como regularizar a situação junto a biblioteca e sobre as consequências de não devolver o livro no prazo.”

Haciendo observaciones hacia el texto de lectura, podemos decir que el reglamento, a pesar de ser extenso – 1518 palabras – puede que haya sido de fácil comprensión para los alumnos, porque tal vez los Estudiantes ya estén acostumbrados a este género textual, pues es usual leer reglamentos a lo largo de nuestras vidas y aún con más frecuencia en el ámbito universitario.

Sobre el texto de producción, se solicitó los estudiantes redactar un e-mail y Marcuschi (2008) lo considera de dominio discursivo interpersonal. El hecho que sea un e-mail a un amigo, una escrita personal e informal, puede haber sido un trabajo simple, además de que el alumno ya conoce sobre este género textual en su lengua materna.

Tarea número 2

El texto utilizado en esta tarea fue “*Fraude automática: Textos gerados por computadores enganam publicacoes academicas mesmo quando desprovidos de sentido*”. Perteneciendo al dominio discursivo instruccional, del género textual artículo de divulgación científica del autor Edgard Murano, publicado en “Revista Portuguesa” en el año 2014. Este artículo de divulgación científica cuenta con 1045 palabras, donde el autor relata que no todos los textos publicados en revistas científicas son precisamente escritos por investigadores, pues existen una gran cantidad de textos escritos por robots y están siendo publicados en periódicos académicos. Según Murano, esto nos debe llevar a estar más atentos a la credibilidad de la información que adquirimos para nuestras investigaciones.

Siendo la consigna de la tarea:

“Você participa de um grupo de pesquisa que tem um fórum de discussão. A partir da leitura do artigo Fraude Automática, escreva um comentário para seus colegas de grupo, discutindo a questão abordada no artigo e suas consequências para a seleção de textos.”

El texto de Edgar Murano, además de ser un texto extenso, el tema que presentó era complejo porque exigía del estudiante el conocimiento de cómo funciona la publicación y circulación de textos académicos en revistas especializadas y también, sobre las cuestiones relacionadas a los debates sobre plagio y autoría, lo cual podría influir en la comprensión del texto. Al ser un artículo de divulgación científica posee información específica que no circula entre un público general, es por ello que tal vez muchos alumnos aprendices de portugués como lengua adicional hayan tenido problemas de comprensión pues probablemente no circulen textos de este género textual en lengua materna en su cotidianidad.

En cuanto al texto de producción, el estudiante debía escribir un comentario y Marcuschi (2008) lo clasifica dentro del dominio discursivo instruccional. Podemos resaltar que a pesar de que realizar un comentario tal vez no sea tan complicado, el hecho de que el texto de lectura sea complejo torna a la redacción del comentario un trabajo difícil. Es decir que la mayor dificultad se encuentra en el texto de lectura lo que también se refleja en el texto de producción.

3.3 Edición 2016.1

Tarea número 1

En este año, la prueba de nivelación presentó algo novedoso: dos textos de lectura utilizados para una misma tarea. El texto número 1 fue un texto escrito y texto número 2 fue una imagen.

El texto número 1 (texto escrito) fue del género reportaje, titulado “*A relatora da ONU para direitos indígenas veio ao Brasil e se opôs a mudar a regra de demarcação de terras*” y ha sido publicado en el diario online “Nexo Jornal”.

El dominio discursivo de dicho texto es el periodístico, donde se relata que una integrante de la ONU, encargada de los derechos de los pueblos originarios no aceptó la propuesta que cambiaría la ley vigente sobre las reservas de tierras destinadas a indígenas, pues para ella esta propuesta legislativa reduce la chance de que los nativos obtengan su derecho a las tierras.

Como texto número 2 se utilizó la imagen “*Ferramentas de demarcação de terras*” creada por el caricaturista brasileño Carlos Latuff.

La imagen presenta tres de los grandes sectores sociales: el gobierno, los indígenas y los campesinos, donde cada uno presenta su método de defensa o ataque ante las demarcaciones de tierras: el gobierno con bolígrafo en mano, los indígenas con arco y flecha, y los campesinos con arma de fuego.

Una vez leído e interpretado ambos textos, la consigna fue la siguiente:

“Você é estudante da disciplina de Fundamentos de América Latina (FAL) e está trabalhando em aula com o tema de demarcação de terras para as comunidades indígenas no Brasil. Como atividade da disciplina, elabore um artigo de opinião (entre 20 a 30 linhas), contendo: O contexto social da reportagem; Possíveis relações entre os dois textos; Posicionamento crítico sobre o assunto”.

Como ya hemos mencionado antes, esta edición (2016) fue la primera en utilizar dos textos de lectura para una misma tarea, al mismo tiempo, es la primera que pide a los alumnos relacionar dos textos para elaborar una actividad. Aunque leer e interpretar un reportaje puede resultar sencillo, por la familiaridad del alumno con el género textual en su lengua materna, el hecho de tener que relacionarlo con otro texto, tal vez haya sido dificultoso.

Sobre el texto de producción, se solicitó a redactar un artículo de opinión, o sea, de dominio discursivo periodístico. No queríamos dejar pasar por alto otra novedad presente en esta prueba, ésta vez en la consigna de la tarea: se planteó explícitamente lo que el texto de producción debía contener, de la siguiente manera: contener el contexto social del reportaje; posible relaciones entre los dos textos; posicionamiento crítico y poseer entre 20-30 líneas.

Esta exigencia podría ser de ayuda para los alumnos o todo lo contrario, ya que para cumplir con todo lo que se pidió, el estudiante tenía que haber comprendido perfectamente ambos textos, pero quienes no lo lograron, tendrían dificultades y entonces estas normas a seguir serían un obstáculo.

Tarea número 2

En la tarea número 2 del año 2016 se utilizó un texto del género textual reportaje bajo el título de *“Por pressao, planos de educacao de 8 Estados do Brasil excluem a ideologia de gênero”* de los autores Patricia Britto y Lucas Reis.

Este reportaje de 982 palabras, correspondiente al dominio discursivo periodístico, relata que diputados de por lo menos Estados brasileños suprimieron de los planes de educación temas referidos a la identidad de género, diversidad y orientación sexual. Los autores expresan que quienes defienden esta decisión se basan en discursos hechos por la iglesia, pero a pesar de que muchos defienden esta idea, están también quienes se oponen, argumentando que las escuelas necesitan estar preparadas para combatir la discriminación de género y tener conocimientos básicos sobre la sexualidad.

La consigna fue:

“Você participa de um grupo de pesquisa que estuda a relação entre educação e políticas de gênero no Brasil. Por meio da reportagem publicada no site do jornal Folha de São Paulo, elabore um comentário (entre 15 a 20 linhas) a ser publicado no fórum permanente de discussão de seu grupo. Em seu texto, você deve: Fazer uma breve apresentação do assunto tratado na reportagem; A partir das informações presentes no texto, defender uma posição pessoal acerca do assunto.”

En esta actividad también se repite la misma situación que en la tarea anterior, la consigna presenta a manera de guía lo que el texto de producción debía contener: hacer una breve presentación del asunto tratado en el reportaje; a partir de las informaciones presentes en el texto defender una posición personal sobre el asunto y poseer entre 15-20 líneas. Como ya hemos dicho, esto puede ayudar o no al alumno.

El texto a ser producido por los alumnos fue un comentario, siendo su dominio discursivo el instruccional.

Realizando una comparación entre las dos tareas de este examen, podemos expresar que posiblemente la tarea número 1 haya sido más compleja: presentado 2 textos de lectura y además tiene como texto de producción un artículo de opinión, un género textual que el alumno quizás no esté acostumbrado a tratar y elaborar.

3.4 Edición 2017

A diferencia de los años anteriores, la prueba de nivelación aplicada en la UNILA, se realizó 2 veces: 2017.1 durante el primer semestre y 2017.2 en el segundo semestre.

3.4.1 Edición 2017.1

La tarea número 1 del 2017.1 presentó como texto de lectura el trecho de un ensayo académico del autor Rajagopalan, titulado “*Lingua estrangeira e autoestima*” conteniendo 958 palabras. Este ensayo, de dominio discursivo instruccional, fue publicado en el libro *Parábola*, en el año 2003.

Rajagopalan en su texto expresa que actualmente quien domina una lengua extranjera es admirado y denominado persona culta y diferente, tal es así que la palabra “extranjera” es utilizada para calificar una lengua que cuenta con más prestigio que la propia lengua materna. El autor, además, afirma que existió la premisa de que ningún hablante no nativo jamás puede soñar con adquirir un dominio perfecto del idioma. Esta premisa lleva a que muchos estudiantes se sientan avergonzados de su condición lingüística, lo que genera un complejo de inferioridad y disminuye sus autoestimas. Rajagopalan sostiene que a pesar de que eso aún siga ocurriendo, actualmente la realidad lingüística es otra, pues las lenguas mixtas como el “portuñol” o el “spanglish” son cada vez más utilizados.

La consigna de la tarea fue la siguiente:

“Em umas das disciplinas de Português Adicional na UNILA, você foi convocado à tarefa de escrever um resumo do texto “Língua Estrangeira e Autoestima” (Rajagopalan, 2003). Em seu texto, você deverá apresentar idéias centrais e periféricas defendidas pelo autor sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.”

El texto de lectura, pese a que fue un ensayo académico presentó un lenguaje de fácil comprensión y un tema que podría resultar interesante para los alumnos, pues trata de la realidad de quien está aprendiendo una lengua adicional.

En cuanto al texto de producción, éste fue del dominio discursivo instruccional ya que el género textual fue un resumen.

Podemos notar que esta tarea tuvo como texto de lectura y texto de producción géneros textuales volcados al dominio discursivo instruccional, es decir que ambos textos están estrechamente ligados al ámbito académico, lo cual probablemente se asemeja a la realidad que viven los estudiantes en la universidad.

Como el examen del año anterior (2016) esta prueba también plantea de manera explícita lo que el texto de producción debe contener: presentar las ideas centrales y periféricas defendidas por el autor sobre el proceso de enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera.

Tarea número 2

En la tarea número 2 del año 2017.1, se utilizaron 2 textos de lectura, al igual que en el año 2016, con la única diferencia de que ésta prueba tuvo 2 textos escritos: Texto número 1 y Texto número 2.

El texto número 1 *“Língua estrangeira e autoestima”* también utilizado en la tarea número 1 de este examen y el texto número 2 *“Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística”*, el cual es un trecho de un artículo de divulgación científica, con 1116 palabras, del autor brasileño Gilvan de Oliveira, escrito en el año 2009 y publicado en la revista académica Synergies Brésil.

En este artículo de divulgación científica, de dominio discursivo instruccional, el autor asegura que el Estado de Brasil se opone al plurilinguismo, planteando una política que excluye aproximadamente 215 lenguas brasileñas de las instituciones de enseñanza. Gilvan expresa

que se tiene el concepto – o preconcepción – de que ser brasileño es hablar portugués (de Brasil). Aunque históricamente Brasil sea un país plurilingüe, no son reconocidas las demás lenguas, lo que genera un total desconocimiento de diferentes culturas, incentivando cada vez más al prejuicio.

A partir de la lectura de ambos textos, la consigna fue la siguiente:

“Como aluno de uma das disciplinas de Português Adicional Intermediário na UNILA, você foi solicitado a escrever uma resenha crítica, articulando as idéias e/ou informações apresentadas nos textos “Língua Estrangeira e Autoestima” (Rajagopalan, 2003) e “Plurilinguismo no Brasil: Repressão e resistência linguística” (Oliveira, 2009). Em seu texto, você deverá:

a) Refletir sobre como a “política de monolingüismo” presente no contexto brasileiro (apresentada pelo autor do texto 2) afetaria “o processo de “ensino-aprendizagem” de uma língua “estrangeira” como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades” (tal como defendido pelo autor do texto 1)

b) Avaliar de que modo o aparecimento de “novos bilingüismos” (conforme afirma o autor do texto 2) pode trazer impactos ao processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (texto 1), mencionado no item A)”

Resaltamos que hasta ésta edición (2017.1), ninguna prueba había solicitado a los alumnos establecer una relación entre dos textos escritos, recordemos que en el año 2016 los alumnos relacionaron un texto escrito y una imagen. Continuando con las comparaciones, en los exámenes de dispensa aplicados hasta la edición 2017.1, fueron utilizados textos de lectura que presentaban temas generales y frecuentes en el cotidiano de todas las personas, por ejemplo: en el año 2014 se utilizó una noticia; en el año 2015 un reglamento y en el año 2016 ambos textos fueron reportajes. Pero en la edición 2017.1 los dos textos de lectura trataron discusiones polémicas que escapan a nuestro cotidiano, con temas enfocados a un público académico, como un ensayo y un artículo de divulgación científica.

Lo mismo ocurrió con los textos a ser producidos por los alumnos: desde 2014 hasta 2017.1 la mayoría de los textos de producción fueron géneros textuales que frecuentemente circulan en la cotidianidad de una sociedad letrada, como en la evaluación del año 2014 que en la primer tarea el alumno debía redactar una carta; en el año 2015 se pidió escribir un e-mail a un amigo y en la tarea número 2 debía realizar un comentario;

en el año 2016 el alumno redactó un comentario. En la edición 2017.1 los textos a ser elaborados por los alumnos fueron un resumen y una reseña, géneros relacionados al ámbito académico, siendo ambos de dominio discursivo. Tal vez este examen marcó un antes y un después en las pruebas de nivelamento.

3.4.2 Edición 2017.2

Tarea número 1

En el segundo semestre del año 2017, la tarea número 1 presentó como texto de lectura un trecho del artículo de divulgación científica “O valor econômico do tempo livre”, publicado en la Revista Piseagrama por el autor Ladislao Dowbor, en el año 2011. El texto de dominio discursivo instruccional, posee 3115 palabras y trata sobre el tiempo como un nuevo recurso no renovable. El autor afirma que el tiempo es dinero, que el tiempo es tiempo de nuestra valiosa vida y que aunque el dinero perdido puede ser recuperado pero el tiempo que derrochamos no volverá. Dowbor detalla todas las situaciones cotidianas en las que solemos perder muchas horas y les agrega un valor económico, con el fin de hacernos reflexionar sobre diversos problemas que existen en nuestra sociedad y que están relacionados a la regulación y uso del tiempo.

La consigna de esta tarea fue:

“Na disciplina de Português Adicional Básico da UNILA, você foi solicitado a ler “O valor econômico do tempo livre”, de Ladislau Dowbor, e escrever um resumo apresentando e relacionando as idéias principais e periféricas do texto. Em um resumo você deve fazer menção à autoria das idéias do texto resumido e escrever com suas palavras as idéias do texto. Citações são permitidas, mas não serão aceitas cópias expressas de trechos dos textos-base.”

El texto que se utilizó en esta tarea además de ser un texto extenso, puede que haya sido de difícil comprensión al tratarse de un género con el cual no estamos en contacto en nuestro día a día, por tratar un tema muy específico y poco habitual puesto que el texto está volcado al área de economía.

Nos resulta importante resaltar la extensión del texto: 3115 palabras y sin poder evitar realizar una comparación con uno de los textos utilizados en el año 2014, que presentó la extensión de 227 palabras. El hecho de que el texto “O valor econômico do tempo livre” sea extenso,

sumado a la complejidad del mismo, hacen que probablemente este texto haya sido bastante difícil de ser comprendido, lo cual arrastra la dificultad al texto de producción y sobre el texto de producción podemos decir que fue de dominio discursivo instruccional, del género textual resumen.

Tarea número 2

La tarea número 2 tuvo 3 textos de lectura, siendo el número 1 el que se utilizó en la primer tarea: “*O valor económico do tempo livre*” y los otros dos fueron denominados 2A y 2B.

El texto 2A, trecho del ensayo “*Dinheiro para um novo mundo*” escrito por Belgin y Lietaer, y publicado en la revista de divulgación científica *Piseagrama* en el año 2017.

Este texto está dentro del dominio discursivo instruccional y cuenta con 209 palabras, en las que los autores narran sobre el surgimiento de los bancos de tiempo y lo benéficos que son para la sociedad.

El texto 2B, trecho de un reportaje llamado “*E os bancos de tempo chegaram ao Brasil*” de Ana Claudia Araujo, publicado en el diario “*Outras Palavras*” en el año 2017.

Este reportaje pertenece al dominio discursivo periodístico y en él, la autora explica qué son los bancos de tiempo y cómo funcionan en Brasil.

Siendo la consigna:

“Você faz parte de um grupo de estudantes e professores que está propondo a criação de um banco de tempo para a comunidade acadêmica da UNILA, como o Banco de Tempo (Time Dollars) apresentado nos Textos 2A e 2B. Você foi convocado a escrever o texto de divulgação da proposta a ser divulgado na comunidade universitária. Após ler o Texto 1 (O valor económico do tempo livre), e os textos 2A e 2B (“Dinheiro para o mundo novo” e “Os Bancos de tempo chegaram ao Brasil”), escreva um texto intitulado “Por que é importante criar um banco de tempo na UNILA?”.

No seu texto, você deve retomar a discussão feita no texto 1 e relacionar com as idéias apresentadas nos Textos 2A e 2B para fundamentar ou embasar com os argumentos dos autores dos textos – base a avaliação da importância de se criar um banco de tempo no contexto da comunidade acadêmica da UNILA. Lembre-se de que você deve fazer menção a autoria das idéias, se for retiradas do

texto-base. Citações são permitidas, mas não serão aceitas cópias expressa de trechos dos textos-base.”

Esta tarea utilizó 3 textos de lectura, con géneros textuales y temas poco usuales en nuestro día a día. Con eso podemos decir que probablemente esta tarea resultó bastante difícil para los estudiantes. A pesar de que los textos 2A y 2B no fueron demasiado complejos, es posible que el texto número 1-“O valor económico do tempo livre”- si lo haya sido, como mencionamos en la descripción de dicho texto, es decir, en la parte descriptiva de la tarea número 1.

Sobre el texto de producción: Marcuschi (2008) lo considera de dominio discursivo publicitario, pues al ser un texto de divulgación, en este caso cumple la función de propaganda o publicidad, ya que debe convencer a la comunidad académica a acceder a la idea de la creación de un banco de tiempo en la universidad.

4. Consideraciones finales

Este trabajo tuvo como objetivo presentar y analizar las pruebas de nivelación que se realizan en la UNILA, con el fin de comprender de qué se trata ésta y qué deben saber los estudiantes para ser dispensados de las clases de lenguas adicionales obligatorias en dicha universidad. El análisis se realizó mediante el uso de los conceptos otorgados por Marcuschi (2008) sobre soporte, género textual y dominio discursivo, ya que cada prueba presentaba tareas, en las cuales existía un texto de lectura y una consigna que exigía un texto de producción.

Consideramos que, posiblemente con el pasar de los años, la prueba se haya tornado más exigente, pues los textos de lectura utilizados en el último año (2017) fueron más extensos y complejos, pues presentaron temas que generalmente no son debatidos en los medios de comunicación, que forman parte de la comunidad científica y con géneros textuales más cercanos a los géneros que circulan en el medio académico, como ensayos, trechos de artículos de divulgación científica o artículos académicos. Como mencionamos en nuestro análisis, basamos esta complejidad en que a pesar de que somos una sociedad letrada, hay géneros textuales que no circulan con frecuencia en nuestra vida cotidiana y que por ello, es probable que los desconozcamos en nuestra lengua materna. (DIAS, 2009).

Los primeros exámenes presentaban géneros textuales que poseían temas más bien generales, que la mayor parte de la sociedad tiene acceso, como noticias, reportajes, reglamento, entre otros. Durante el año 2017 se utilizaron textos académicos, con temas específicos y es en esta parte donde podemos ponernos a reflexionar sobre cuál es el papel de la universidad, qué se espera que el alumno aprenda en una clase de lengua adicional. Si pretendemos que en la universidad aprendan a leer y a comprender noticias, o si debemos orientarlos/encaminarlos hacia lo que enfrentará a lo largo de su vida académica, en las materias específicas de su carrera, recordando que los alumnos extranjeros que pertenecen a la UNILA, tienen la mayoría de clases en lengua portuguesa, porque la mayor parte del cuerpo docente es brasilero. Generalmente los materiales de estudio y trabajos escritos académicos, también son exigidos en lengua portuguesa.

Por la importancia del uso de la lengua portuguesa en la UNILA, cuestionamos que utilizar un género textual del cotidiano y de fácil comprensión en las clases de Portugués como Lengua Adicional es una cosa, pero colocar el mismo género en una prueba que podría dispensar al alumno de hasta 436 horas de clases de la lengua en cuestión, es otra, porque se convierte en un criterio de dispensa y es necesario pensar hasta qué punto es este un criterio coherente con las prácticas de lectura y escritura en lengua portuguesa y materna de los alumnos a lo largo de sus carreras.

Esta situación también se ve reflejada en los textos a ser producidos por los alumnos que realizan el examen de nivelación: en las últimas ediciones se pidieron textos donde los géneros eran volcados a lo académico, lo cual parece ser coherente con las prácticas de lenguaje de los estudiantes durante sus pasos por la universidad. Ferreira (2015), quien estudió lo que los estudiantes leen y escriben en la UNILA, tuvo como una de las conclusiones de su análisis que uno de los géneros más solicitados por los profesores de la universidad es el género resumen, pues de esa manera pretenden comprobar la comprensión de lectura en los alumnos.

Se espera que el presente análisis pueda contribuir a debates sobre el papel de la enseñanza y de la evaluación de lenguas adicionales en el contexto universitario de la UNILA.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V.N. 1929. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Traducción por Michel L. y Yara F.V. Sao Paulo: Hucitec, 1988.
- BELGIN, S.; LIETAER, B. Dinheiro para um mundo novo. *Piseagrama*, Belo Horizonte, número 10, p. 52-61, 2017. Disponible en: <http://piseagrama.org/dinheiro-para-um-novo-mundo/>. Acceso en: 13 mayo 2018.
- BRANT, F. É fogo. *Diário Impreso*, Minas Gerais. Disponible en: <http://impresso.em.com.br/app/noticia/cadernos/cultura>. Acceso en: 21 de mayo 2018.
- BRITTO, P.; REIS, L. Por pressão, planos de educação de 8 Estados excluem ‘ideologia de gênero’, *Folha de S. Paulo*, 25 junio 2015. Disponible en: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1647528-por-pressao-planos-de-educacao-de-8-estados-excluem-ideologia-de-genero.shtml>. Acceso en: 10 jun. 2018.
- COSTA, M.A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. (Org.), 2008, *Manual de linguística*, São Paulo: Contexto, p. 113, 2008.
- CRISTOVAO, L.V.L. O interacionismo socio-discursivo e o ensino de línguas com uma abordagem com base em gêneros textuais. In: CRISTOVAO, L.V.L. (Coord.), 2007, *Modelos didáticos de gênero: uma abordagem para o ensino de língua estrangeira*. Londrina: UEL, p. 7, 2007.
- DIAS, R. Critérios para a avaliação do livro didático (LD) de língua estrangeira (LE). In: DIAS, R; CRISTOVAO, L.V.L. (Orgs.), 2009, *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, p. 199, 2009.
- DOWBOR, L. O valor econômico do tempo livre. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 03, p. 14-17, 2011. Disponible en: <http://piseagrama.org/o-valor-economico-do-tempo-livre/>. Acceso en: 12 mayo 2018.
- ESTUDANTES do mundo embarcam na Ruta Inka. *Carta Capital*, 20 set. 2010. Disponible en: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/estudantes-do-mundo-embarcam-na-ruta-inka>. Acceso en: 21 mayo 2018.

FERREIRA, L.M.L. Práticas de leitura e escrita ao longo dos cursos de graduação na UNILA: subsídios para o ensino de línguas adicionais. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 30, p.29-50, 2015.

Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/25115>. Acesso em: 15 mayo 2018

LATUFF, C. Ferramentas de demarcação de terras. Disponível em:
<https://www.brasil247.com/pt/247/brasil/113966/O-violento-modelo-de-demarca%C3%A7%C3%A3o-de-terras-no-Pa%C3%ADs.htm>. Acesso em: 20 mayo 2018.

LUPION, B. A relatora da ONU para direitos indígenas veio ao Brasil e se opôs a mudar a regra para demarcar terras. *Nexo Jornal*, 08 mayo 2016. Disponível em:
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/03/08/A-relatora-da-ONU-para-direitos-ind%C3%ADgenas-veio-ao-Brasil-e-se-op%C3%B4s-a-mudar-regra-para-demarcar-terras>. Acesso em: 28 abr. 2018.

MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

McNAMARA, T. Language assessment as social practice. In: Coloquio de Certificado de Español Lengua y Uso (CELU), IV, 2008, Buenos Aires.

OLIVEIRA, Gilvan de. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. *Synergies Brésil*, Santa Catarina, n. 7, 2009, p. 19-26. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil7/gilvan.pdf>. Acesso em: 12 mayo 2018.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. Língua estrangeira e auto-estima. In: _____. **Por uma linguística crítica. Linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003, p. 65-70.

Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/143904/mod_resource/content/1/Rajan%20auto%20estima%202003.PDF. Acesso em: 12 mayo 2018.

SCARAMUCCI, M.V.R. O projeto Celpe-Bras no âmbito do Mercosul: contribuições para uma definição de proficiência comunicativa. In: ALMEIDA FILHO, J.C. (Org.), 1995, *Português para estrangeiros: interface com o espanhol*. Campinas: Pontes, p. 77, 1995.

UNIVERSIDAD FEDERAL DE INTEGRACIÓN LATINOAMERICANA-UNILA.

Projeto de Desenvolvimento Institucional 2013-2017. UNILA: Foz do Iguaçu, 2013a. Disponível em: <http://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/PDI%20UNILA%202013-2017.pdf>. Acesso em: 02 de mayo 2018.

_____. Projeto Pedagógico do Ciclo Comum de Estudos. UNILA: Foz do Iguaçu, 2013b. Disponível em: https://unila.edu.br/sites/default/files/anexo_da_resolucao_009-2013_-_ppc_ciclo_comum_de_estudos.pdf. Acesso em: 05 jun. 2018.

_____. Regulamento Biblioteca Paulo Freire PTL. UNILA: Foz do Iguaçu, 2014. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/Regulamento%20Biblioteca%202014.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

VINDAS, J.T. El enunciado en Bajtin: vivencia y sintaxis. Disponível em: <https://www.alainet.org/es/active/19881>. Acesso em: 08 de mayo 2018.

Recebido em: 26/03/2019

Aceito em: 16/04/2019

BAUDELAIRE NA TRIPLE *FRONTERA*: CONSIDERAÇÕES SOBRE A RASURA DA ORIGEM

Eleonora Frenkel Barretto⁷¹

RESUMO: O artigo analisa a transcrição do poema *L'albatros*, de Charles Baudelaire, realizada por Douglas Diegues e editada em 2015 por uma *multinacional cartonera*. A transcrição é pensada com Walter Benjamin, a partir do ensaio "A tarefa do tradutor" (1923), que traz reflexões sobre a tradução como um "continuum de transformações", uma potência de desdobramento de um texto de partida que deixa de ser um original divinizado, ao qual se deve fidelidade e similitude, para ser a origem da qual emerge o contato com o divergente e o atravessamento pelo estrangeiro. A *transdeliração* de Diegues aparece como um gesto barroco de apropriação transgressiva da tradição, ao traduzir para uma "língua impura", com elementos paródicos e patéticos, um poema que se traduz para o português brasileiro desde 1878 de modo sublimador.

Palavras-chave: Transcrição; Origem; Baudelaire; Portunhol selvagem.

ABSTRACT: The article analyzes the transcreation of the poem *L'albatros* (Charles Baudelaire), by Douglas Diegues. This creative translation is thought with Walter Benjamin, from the essay "The task of the translator" (1923), that brings reflections on the translation like a "continuum of transformations", a power of unfolding of a starting text that stops being a original divinized, to which is owed fidelity and similitude, to be the origin from which emerges the contact with the divergent and the crossing by the foreigner. The "*transdeliração*" presented by Diegues appears as a baroque gesture of transgressive appropriation of tradition, when translating into a "impure language", with parody and pathetic elements, a poem that's translated to Brazilian Portuguese from 1878 in a sublimating way.

Keywords: Transcreation; Origen; Baudelaire; *Portunhol selvagem*

⁷¹ Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Professora de Literatura Espanhola e Hispano-americana na Universidade Federal do Rio Grande-FURG.

*Il y a dans tout homme, à toute heure, deux
postulations simultanées, l'un vens Dieu, l'autre vens
Satan.*

Charles Baudelaire

*Se você non sabe
quem son mba'e
Borges ou Macedonio,
non tem problema.
Isso non te impedirá
vagabundear comigo
por el país mais
delirante del mundo
onde a poesia kapitalista
seduce a todos
y puedo flanar numa boa
como um avá katu etê
por calles ñembo europeas.
Douglas Diegues*

Pouco menos de um século antes, em 1923, Walter Benjamin havia proposto uma tradução experimental dos “Quadros parisienses” e outras seções de *As flores do mal* (1857) - de Charles Baudelaire - que obteve menos notoriedade que o ensaio introdutório, intitulado “A tarefa do tradutor”. Susana Kampff Lages enfatiza o “gesto claramente experimental” (2007, p. 243) das traduções benjaminianas que buscavam superar a “situação de epigonalidade” em relação ao tradutor e à tradução que, desde 1901, se considerava um marco da recepção de Baudelaire na Alemanha; a tradução de Stefan George seria considerada, ao menos até a primeira década do século XXI, a versão mais lida e citada de *As flores do mal* em língua alemã.

Em 2015, Douglas Diegues propõe a *transbaudelaírização* de dois poemas de *Spleen et idéal*: *L'albatros* e *A une passante*, que aparecem no volume *Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe*,

editado por um consórcio de *cartoneras* de diversos países.⁷² O singular experimento de Diegues destituiu Baudelaire de uma série de edições, algumas de luxo, que a precedem e transcria seus poemas de modo irreverente, reabrindo um *continuum* de transformações que, desde 1871 configuram a recepção do poeta no Brasil, com a primeira tradução realizada por Carlos Ferreira e editada em livro. Especificamente o poema “O albatroz” é traduzido e publicado pela primeira vez no Brasil em 1878, por Teófilo Dias. Desde então, o poema aparece em ao menos 15 versões diversas,⁷³ caracterizando a “continuação da vida das obras” que Benjamin

⁷² Perú, México, Espanha, Chile, Argentina e Brasil.

⁷³ Em 1917, na coletânea *Musa Francesa*, publicada em Salvador, com tradução de Álvaro Reis. Em 1931, tradução de Onestaldo de Pennafort (em: *Espelhos d'agua - jogos da noite*, editora Terra do Sol. Em 1933, traduções de Félix Pacheco, Antônio Define, Teófilo Dias, José Gonçalves, Eduardo Guimaraens e Álvaro Reis (em: *O mar, através de Baudelaire e Valery*, pela gráfica do Jornal do Comércio). Em 1944, tradução de Guilherme de Almeida, em *Flores das “Flores do mal” de Charles Baudelaire* (editora José Olympio). Em 1947, o Instituto Progresso Editorial lança uma edição de luxo de *Les Fleurs du mal*, com tiragem restrita de 500 exemplares. Em 1948, “João Cabral de Melo Neto imprime e publica *Cores, perfumes e sons: poemas de Baudelaire*, com 35 poemas em tradução de Osório Dutra, com tiragem restrita de 100 exemplares” (BOTTMANN, 2017, p.165). Em 1950, a tradução de Guilherme de Almeida volta a aparecer na *Antologia de poetas franceses (do século XV ao século XX)*, organizada por Raymundo Magalhães Jr. (editora Tupy). Em 1958 “saem as *Flores do mal* na tradução praticamente integral de Jamil Almansur Haddad” (BOTTMANN, 2017, p.167), pela editora DIFEL. Em 1964, “O albatroz” aparece em *Algumas “Flores do mal”*, com tradução de Mauro Mendes Villela, pela editora Bernardo Álvares, de Belo Horizonte. Em 1985, nova tradução integral de *As flores do mal*, por Ivan Junqueira (editora Nova Fronteira); a mesma tradução é republicada em *Poesia e prosa de Charles Baudelaire* (1995), com organização de Ivo Barroso (editora Nova Aguilar), e em 2012 passa a ser editada também pela Saraiva de Bolso. Em 1996, a tradução do poema por Lawrence Flores Pereira aparece na coletânea *Poesia em tempo de prosa*, organizada por Kathrin Rosenfield (editora Iluminuras/FAPERGS). Em 2004, “O albatroz” retorna no volume *Traduzir poesia*, com tradução de Anderson Braga Horta (editora Thesaurus). Em 2011, são lançadas duas traduções

identifica nas traduções: “nelas, a vida do original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e vasto desdobramento” (BENJAMIN, 2001, p. 195).

Os questionamentos que se abrem às traduções de Benjamin e Diegues, em seus contextos específicos, dizem respeito a como estas intervêm nos respectivos “polissistemas literários” que, segundo Itamar Even-Zohar (1996), se configuram pelo dinamismo e heterogeneidade das múltiplas intersecções entre cultura, língua, literatura e sociedade e, nos quais, a literatura traduzida joga um papel central, ou seja, participa ativamente em sua conformação. A escolha do quê e como traduzir incide diretamente sobre o tipo de intervenção que a literatura traduzida irá provocar no polissistema de chegada, variando também conforme as características deste. Zohar (1996, p. 60) distingue três situações: a) quando se trata de uma literatura nova ou em processo de consolidação; b) quando se trata de uma literatura periférica ou “*feble*” (minorizada); c) quando uma literatura se encontra em crise, por exemplo, deixando de ser válidos para novas gerações certos modelos estabelecidos.

A tradução que Benjamin realiza de Baudelaire, e especialmente a teoria da tradução que fundamenta para tal, promove certo tipo de intervenção do texto traduzido no polissistema de chegada, bem como certa postura ética em relação ao estrangeiro. Como nos mostra a análise de Lages (2007, p. 244), a proposição de Benjamin vem a se opor à tradução realizada 20 anos antes por Stefan George, que promovera a vernacularização de Baudelaire, constituindo-o como “um monumento alemão”. Em oposição a esse movimento de domesticação da língua estrangeira, Benjamin defende, apoiando-se em Rudolf Pannwitz, que o tradutor deve deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira, ampliando, aprofundando e libertando sua própria língua por meio do elemento estrangeiro: “redimir na própria a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativeiro da obra por meio da recriação - essa é a tarefa do tradutor. Por ela, o tradutor rompe as barreiras apodrecidas da própria língua.” (BENJAMIN, 2001, p. 211)

de *As flores do mal*, uma de Mário Laranjeira (pela Martin Claret), e outra de Helena Amaral (pela editora Multifoco). Em 2016, “a Anticitera lança a seleta organizada por Wagner Schadeck, *As florestas de símbolos - Uma antologia de As flores do mal*, em edição artesanal de tiragem limitada.” (BOTTMANN, 2017, p.179).

O filósofo articula ética e estética, apontando para a necessidade de buscar “na tradução algo mais do que a reprodução do sentido” - ao compreender que o essencial está para além do comunicado -, para explorar a tradução da letra, a materialidade da palavra (dirá Haroldo de Campos), o elemento “onde palavra, imagem e som se tornam um só” (PANNWITZ *Apud* BENJAMIN, 2001, p. 211). Essa “forma estrangeirizante”, que Lages (2007, p. 246) identifica também em Goethe, “procura seguir literalmente as palavras do original, ainda que forçando a sintaxe da própria língua.” Daí o estranhamento e o abalo provocados pelo gesto de “abrir o estrangeiro ao seu próprio espaço de língua” (BERMAN, 2007, p. 69) e pela postura ética de receber o Outro enquanto Outro e não reduzi-lo ao mesmo e familiar.

É nesse sentido que a tradução que Benjamin propõe de Baudelaire se oporia à “situação de epigonalidade” que predomina na tradução de George, ao abrir o texto de partida como a possibilidade de emergência do divergente na cultura de chegada, e não como original a ser imitado e ao qual o texto traduzido se deva assemelhar pela reprodução do sentido. A relação entre original e tradução não é de descendência geracional ou de imitação da geração precedente, e sim de transformação, renovação, modificação; o original será uma origem modificada.

Para compreender a autêntica relação entre original e tradução deve-se realizar uma reflexão, cujo propósito é absolutamente análogo ao dos argumentos por meio dos quais a crítica epistemológica precisa comprovar a impossibilidade de uma teoria da imitação. Se em tal caso demonstra-se não ser possível haver objetividade (nem mesmo a pretensão a ela) no processo do conhecimento, caso ele consista apenas de imitações do real, em nosso caso, pode-se comprovar não ser possível existir uma tradução, caso ela, em sua essência última, ambicione alcançar alguma semelhança com o original. Pois na continuação de sua vida (que não mereceria tal nome, se não se constituísse em transformação e renovação de tudo aquilo que vive), o original se modifica (BENJAMIN, 2001, p. 197).

A tradução não deriva do original como texto acabado e eternizado, a ser assemelhado fielmente, mas se abre a partir da potência

de traduzibilidade de um texto que sobrevive em suas leituras e traduções (reperformances). Nesse sentido, Lages (1998, p. 69) afirma o encontro de temporalidades que se dá na noção de traduzibilidade de um texto: “o passado do original e o futuro de suas potenciais traduções”. O presente futuro de um texto está em suas múltiplas possibilidades de desdobramento. A esse respeito, a leitura de Flores e Gonçalves (2017), que aproxima tradução e performance, questiona de modo radical o estatuto do “original”, afirmando sua inexistência:⁷⁴ não haveria original, apenas o conjunto de variações de um texto, o conjunto de suas performances possíveis, tomando a leitura como acontecimento que traduz e transforma o texto (via Paul Zumthor, que afirma que o que torna um texto poético é sua leitura)⁷⁵ e a tradução como operação radical de transcrição, categoricamente apartada da noção de tradução-mediação (FLORES e GONÇALVES, 2007, p. 104)

A tradução, para Benjamin, deve buscar estrangeirizar a língua, não divinizar o original e não enaltecer ou idealizar o poeta. Esta seria mais uma diferença em relação ao modo como George traduz Baudelaire, ao eliminar imagens “por demais cruamente sensoriais e repulsivas” e “privilegiar uma tradução sublimadora, idealizadora ou espiritualizadora”, “onde o subtítulo das *Flores do Mal*, denominado ‘*Spleen et Ideal*’ se transforma em alemão em *Trübsinn und Vergeistigung*”, na qual, segundo Lages (2007, p. 247), “a teoria das correspondências tem mais peso que a idéia da alegoria”.

Deixar-se abalar pelo estrangeiro e recriar o texto seriam tarefas do tradutor, em seu devir-outro, seu devir-poeta. Sem sublimar a figura do poeta-transcriador ou do texto traduzido, Haroldo de Campos dirá que a “a tradução criativa, possuída de demonismo, não é piedosa nem memorial: ela intenta, no limite, a rasura da origem”. Transgressora,

⁷⁴ O prefácio de Alexandre Nodari aponta que: “Ao enfatizar a performance, ou melhor, mostrar sua indissociabilidade com a tradução, a experiência (experimento e vivência) tradutória dos autores parece, assim, questionar o estatuto do original de uma forma radical, apontando para a ideia de que aquilo que chamamos de ‘texto’ não é o original, mas o conjunto de suas variações, ou seja, de suas performances (traduções, leituras), incluindo a original (que passa, assim, a ser considerada como apenas mais uma performance).” (NODARI, 2017, p. 15)

⁷⁵ “Um discurso se torna de fato realidade poética (literária) na e pela leitura que é praticada por tal indivíduo.” (ZUMTHOR, 2007, p. 24)

demoníaca, a operação radical da tradução-transcrição será qualificada como “transluciferação”, uma “desmemória parricida” (CAMPOS, 1981, p. 209), a obliteração do original como autoridade a ser imitada. A “transpoetização” (*Umdichtung*) reivindicada por Benjamin como liberdade, necessariamente articulada à fidelidade da tradução,⁷⁶ é lida por Haroldo de Campos como tradução criativa ou transcrição, e definida como:

A maneira mais frutífera de repensar a *mimesis* aristotélica, que marcou tão profundamente a poética ocidental. Repensá-la não como uma teoria apassivadora da cópia ou reflexão, mas como um impulso usurpante no sentido de uma produção dialética de diferenças sem semelhanças. [...] Encarar a alteridade é, acima de tudo, um exercício necessário de autocritica, bem como uma experiência vertiginosa na quebra de fronteiras” (CAMPOS, 2011, pp. 130-131).

Não é apenas a *mimesis* como cópia que está em questão, mas a imitação como subordinação a um modelo precedente e tido como superior. No contexto latino-americano, a tradução como busca da semelhança com o original é parte de um processo de homogeneização cultural eurocêntrico e de apagamento de diversidades linguísticas, culturais, cosmogônicas. É nesse sentido que a tradução criativa se reivindica como um enfrentamento da diferença e da alteridade contra um original que se impõe como autoridade. A origem se convoca a pensar não como nascimento e sim como salto e transformação. Assim se lê o barroco como arte de contraconquista (com Lezama Lima)⁷⁷ e a

⁷⁶ “A tradução toca fugazmente e apenas no ponto infinitamente pequeno do sentido do original, para perseguir, segundo a lei da fidelidade, sua própria via no interior da liberdade do movimento da língua.” (BENJAMIN, 2001, p. 211)

⁷⁷ Lezama Lima afirma, em *A expressão americana* (1957), que “podemos dizer que entre nós o barroco foi uma arte da contraconquista.” (1988, p. 80)

antropofagia como devoração crítica do legado universal (com Oswald de Andrade).⁷⁸

Outro modo de colocar a questão em relação a como a tradução realizada por Douglas Diegues de *‘L’albatros’* intervém no polissistema de chegada é como esta se apropria transgressivamente da tradição, realizando esse gesto de “deglutição antropofágica” que Campos caracteriza com Oswald de Andrade e diversos exemplos na literatura barroca latino-americana:

Essa deglutição antropofágica não acarreta submissão (um catecismo), mas uma “transculturização”, ou melhor, uma “transvalorização”; uma visão crítica da história como “função negativa” (no sentido nietzscheano). Todo o passado estrangeiro merece ser negado. Merece ser abocanhado, devorado - diria Oswald de Andrade. Essa é uma atitude não reverencial diante da tradição: implica expropriação, reversão, des-hierarquização (CAMPOS, 2011, p. 126).

A questão não seria apenas como Diegues traduz Baudelaire e sim como o faz *com e contra* a tradição de recepção do poeta no Brasil, onde é lido, no mínimo, desde 1856 e traduzido desde 1871.⁷⁹ Em 1879, Machado de Assis escreve “A nova geração”, onde se pergunta sobre qual seria “a teoria e o ideal da poesia nova”? E para pensá-la, questiona certa formulação corrente na época, segundo a qual essa “nova escola” se caracterizaria pela “lógica fusão do Realismo e do Romantismo, porque

⁷⁸ Definição de poesia excêntrica (descentrada) de um país latino-americano, em Oswald de Andrade: “Antropofagia, a resposta para a irônica equação do problema da origem é uma espécie de ‘desconstrução’ brutalista: a devoração crítica do legado cultural universal, realizada não da perspectiva submissa e reconciliadora do ‘bom selvagem’, mas do ponto de vista descarado do ‘mau selvagem’, devorador de brancos, antropófago.” (CAMPOS, 2011, p. 126)

⁷⁹ “Já desde 1856, temos a notícia do lançamento de *Histoires extraordinaires* (a tradução baudelaيرية de contos de Poe), menções à sua presença na revista literaria *Le Boulevard*, a divulgação de uma antologia francesa com poemas seus, bem como a publicação de *‘La lune offensée’* em 1862.” (BOTTMANN, 2017, p. 3)

reúne a fiel observação de Baudelaire e as surpreendentes deduções do velho mestre Vítor Hugo” (ASSIS, 2008, p. 2). O crítico irá destacar a inexatidão dessa análise, pois os termos Baudelaire e realismo não lhe parecem corresponder. Indo além, Machado afirma que “reina em certa região da poesia nova um reflexo mui direto de V. Hugo e Baudelaire” (ASSIS, 2008, p. 2), o que produz movimentos de imitação entre poetas no Brasil. Sobre a imitação de Hugo, diz que: “é antes da forma conceituosa que da forma explosiva”, reproduzindo-se “o jeito axiomático, a expressão antitética, a imagem”, “o contorno da metrificacão” (ASSIS, 2008, p. 2); quanto aos imitadores de Baudelaire diz que possuem um tom “demasiado cru” e que há entre nós uma “tradição errônea” do poeta, ao tomá-lo por realista.

Antonio Candido analisa os primeiros sinais de interesse por Baudelaire no Brasil, apontando como alguns jovens poetas começam a manifestar em sua obra a “impregnação baudelairiana”, como por exemplo Carvalho Júnior, sobre cujos versos, publicados postumamente em 1879, afirma Artur Barreiros serem “escritos ao jeito dos de Baudelaire”, porém com um “tom menos satânico e mais quente do que o modelo” (*Apud* CANDIDO, 1989, p. 24). Esse seria, então, o Baudelaire que se traduz e imita como modelo no Brasil do século XIX: realista, com seu “satanismo atenuado e sexualidade acentuada”, dirá Candido (1989, p. 24); segundo o crítico, em um país “provinciano e atrasado”, o sexo funcionava como uma “plataforma de libertação e combate, que se articulava à negação das instituições” (CANDIDO, 1989, p. 25-26) e, se bem os “baudelairianos do decênio de 1870” encontraram em *As flores do mal* “um tratamento não-convencional do sexo”, “refutaram ou não sentiram bem a coragem do prosaísmo e dos torneios coloquiais”, bem como “não se interessaram pelos espaços externos da vida contemporânea, inclusive o senso penetrante da rua e da multidão; ficaram quase sempre dentro de casa e mais especialmente do quarto de dormir.” (CANDIDO, 1989, p. 37)

Na década de 1930, surge o que Candido chama de uma “consagração acadêmica” de Baudelaire, com a profusão de suas traduções no Brasil, motivadas em parte por uma campanha de Félix Pacheco que editou, com o apoio da Academia Brasileira de Letras e o *Jornal do Comércio*, uma série de volumes dedicados a inventariar as traduções e a recepção do poeta no país. Segundo Álvaro Faleiros, os trabalhos de Pacheco ajudam a compreender “o modo como o maldito poeta francês se tornou, em nossas plagas, tão convencional” (FALEIROS, 2015, p. 44).

Resumindo o percurso crítico que Faleiros (2007 e 2015) realiza das traduções de Félix Pacheco (1933), Guilherme de Almeida (1944), Jamil Haddad (1957) e Ivan Junqueira (1985), o que se observa é uma “apropriação academicizante” que privilegia uma “forma literária superior” e o que denominam “apuro da linguagem e perfeição da técnica”; essa “leitura estetizante” resulta em um Baudelaire cuja explicitação do Mal é atenuada e na exposição de um poeta “menos provocante do que de fato é” (FALEIROS, 2015, p. 50). A citação da nota de Guilherme de Almeida para a tradução do poema *Une Charogne* é particularmente explicativa:

Une charogne... Popularmente, a *pièce de resistance* de *Les Fleurs du mal*. É a pintura, embora rude, emotiva, que um romântico-naturalista faz do mau cheiro. Tentei reproduzi-la em toda a sua natural, deliciosa “grosseira”. Não se estranhe, pois, no meu texto, o termo “fedor” por exemplo: Baudelaire escreveu “puanteur”, e não, burguesmente, “mauvaise odeur”... (ALMEIDA *Apud* FALEIROS, 2015, p. 47).

O tradutor precisa justificar a escolha do termo de “baixo calão” e amenizar a suposta rudeza do poeta, que não poderia deixar de ser romântico e doce nem mesmo ao descrever o fétido; o oxímoro que opõe o delicioso e o grosseiro (amenizado pelas aspas) também afirma que nem mesmo uma aparente descortesia nos versos poderia deixar de ser bela e causar fruição estética.

Distante da divinização do original e do enaltecimento da linguagem e da figura do poeta, a tradução de “O albatroz”, por Douglas Diegues, irá assumir a transvaloração da tradição academicista da recepção de Baudelaire no Brasil, recriando seus versos em língua bastarda, que resulta de uma promíscua mescla entre o português, o espanhol e o guarani, com pitadas de inglês, francês, italiano etc. Enquanto tradutores que o precedem escolhem termos amenos e pouco variáveis (tanto em relação ao texto de partida quanto em relação às traduções existentes) para caracterizar a ave caída sobre o convés do navio, Diegues opta pelo excesso e pelo impacto da giria e do escárnio:

qué **mongólico** qué **gil** el viajero alado!
 ele antes tan **belo** qué **tontón** agora sobre el suelo!
 (DIEGUES, 2015, p. 26)

ce voyageur ailé, comme il est **gauche** et **veule**!
lui, naguère si **beau**, qu'il est **comique** et **laid**!
(BAUDELAIRE, 2012, p. 12)

antes tão **belo**, como é **feio** na desgraça
esse viajante agora **flácido** e **acanhado**!
(JUNQUEIRA, 2012, p. 13)

o alado viajor tomba como num limbo!
hoje é **cômico** e **feio**, ontem tanto agradava!
(HADDAD, 1958 *Apud* MOHALLEM, 2017)

que **sem graça** é o viajor alado sem seu nimbo!
ave tão **bela**, como está **cômica** e **feia**!
(ALMEIDA, 1950 *Apud* MOHALLEM, 2017)

tão **belo**, não faz muito, e, ora, que cousa ignava!
o nauta **audaz** dos céus, como parece **à toa**!
(PACHECO, 1933 *Apud* MOHALLEM, 2017)

como a envergadura **audaz** comicamente agita,
sem o garbo, o primor, que **altívolo** ostentava!
(DIAS, 1878 *Apud* MOHALLEM, 2017)

Como destaca Haroldo de Campos (2011, p. 124) em sua análise do barroco como “movimento dialógico da diferença contra o pano de fundo do universal” e de Gregório de Matos como um dos exemplos de escritores que incorporaram a mescla cultural aos modelos e códigos europeus, através da paródia, da sátira e da carnavalização, Douglas Diegues se apropria transgressivamente de Baudelaire e da tradição que o consagra no Brasil. A língua híbrida para a qual traduz o poema imita menos o original do que o apaga, instaurando em seu lugar uma leitura crítica que o parodia, ao passo que o homenageia.⁸⁰ A apropriação é explícita ao intitular o poema “*The albatroz*” e subscrever: “*By Charles*

⁸⁰ Em sua proposta de “tradução-exu” do poema *The Raven* (E. A. Poe), Flores e Gonçalves (2017, p. 230) afirmam: “Este risco de tradução paródica se deseja ao mesmo tempo como homenagem e perversão.”

Baudelaire”; a tradução criativa expressa o outro sob o signo da diferença, fazendo-o divergir de um si mesmo intangível. O poeta trapeiro, que recolhe os detritos da cidade de Paris - definido por Benjamin como o *flâneur* que vagueia pela cidade como observador apaixonado e crítico da modernidade - se perderá de sua origem, deslocado em um delírio para outro inferno, expressando-se em um dizer outro: o “*portunhol selvagem de las calzadas, veredas, estradas, highways, fakes, callejones y calles últimas de la triple frontera*” (DIEGUES, 2015, p. 27).

A tríplice fronteira é o espaço para o qual se *transdelira* Baudelaire, em um gesto que, de algum modo, parece anular a dicotomia entre domesticar ou estrangeirizar; se, por um lado, o poema se “vernaculiza”, ao promover esse deslocamento espacial, por outro lado, a língua para a qual se traduz não se encerra nas fronteiras da língua nacional. A não-língua para a qual se traduz é um espaço de convívio e enfrentamento de diferenças, um *topos* onde as linhas que distinguem os domínios de cada uma das línguas são também aquelas onde as mesmas se tocam, tornando-se comuns;⁸¹ uma não-língua conformada pelo corpo a corpo entre línguas estrangeiras - quiçá uma heterotopia (FOUCAULT, 2013) ou um *contraespaço* de contestação da homogeneização de línguas no âmbito dos Estados nacionais.

No contexto latino-americano, a tradução paródica do poema em francês para o portunhol selvagem pode ser lido como gesto de descolonização, onde se promove - mais do que a abertura da língua de chegada à estrangeiridade da língua de partida (entre as quais a relação

⁸¹ Pode-se pensar essa imagem dissolvente das fronteiras, a partir do conceito de *confim*, de Massimo Cacciari, segundo o qual a “linha” que distingue os domínios é também aquela em que estes se tocam, de modo que “o *confim* distingue, tornando comum” (CACCIARI, 2005, p. 13). O *confim* é, ao mesmo tempo, *limes* e *limen*, ou seja: é o caminho que circunda um território, que engloba sua forma, e é, simultaneamente, soleira ou “*passo* através do qual se penetra em um domínio ou se sai dele” (CACCIARI, 2005, p. 14). O *confim* define um lugar, um *topos*, mas este não é matéria ou corpo, não é continente ou ideia *a priori* de espaço; ou seja, não existe desabitado, não se configura sem os corpos que nele se tocam; nesse sentido, diz Cacciari (2005, p. 16): “o lugar é onde a coisa ‘torna-se’ conteúdo e relação”. O *confim* revela o caráter permeável ou penetrável que há entre aquilo que se distingue e separa, seja entre os corpos, os territórios, as línguas ou as artes, por exemplo.

histórica é de subordinação) - ,⁸² o atravessamento da língua homogeneizada e imposta como nacional em um processo de conquista territorial e colonização cultural que tende ao extermínio de línguas originárias e ao apagamento de diferenças. A tradução como paródia, dirão Flores e Gonçalves (2007, p. 228), pode ser pensada como possibilidade de política, como uma “resposta via tradução aos nossos modelos colonizados de saber” (FLORES e GONÇALVES, 2007, p. 229). Assim, ao invés de mais uma tradução sublimadora de um Baudelaire “romântico-naturalista”, representante das belas letras europeias (ainda que rebelde), Diegues irá provocar uma radicalização da tradução como modo de lidar com a estranheza das línguas.⁸³ O estranhamento estará na imbricação do portunhol como língua que foge à normatização e do guarani como língua menor que intervém e mancha as línguas coloniais como sobrevivente.⁸⁴

⁸² Podemos pensá-lo a partir de Casanova (1999, p. 169), que analisa a “desigualdade literária das línguas”, distinguindo a “intradução” como maneira de importar “grandes textos universais para uma língua dominada (portanto para uma literatura desprovida)” e constatando que: “As obras de grande ruptura literária, as que marcaram época no centro, são muitas vezes traduzidas pelos próprios escritores, geralmente internacionais e políglotas, e que, querendo romper com as normas de seu espaço literário, tentam introduzir em sua língua as obras da modernidade central (por aí mesmo, contribuem para perpetuar sua dominação).”

⁸³ “Toda tradução é apenas um modo de alguma forma provisório de lidar com a estranheza das línguas.” (BENJAMIN, 2001, p. 201)

⁸⁴ Segundo Deleuze e Guattari (1977, p. 25), uma “literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” e a primeira característica da literatura menor é a “desterritorialização da língua” (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 28), a provocação de uma saída das fronteiras fechadas dos territórios e sua des-homogeneização. O guarani, como língua menor e língua de minoria, desterritorializa as línguas colonizadoras e hegemônicas, ativando uma potência política de resistência. Ao ser sobrevivente, resta como “aquilo que aparece apesar de tudo”, como lampejo que nos ensina que “a destruição nunca é absoluta” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 65 e 84). A noção de sobrevivência, criada por Aby Warburg e retomada por Didi-Huberman, refere-se a uma “pós-vida, ou capacidade, que as formas possuem de jamais morrer completamente e ressurgir ali e quando menos

Por mera dibersione los **mítaruzús** marineros
Curten cazar albatroz (big birds de los oceânikos
sertonismos)
Que seguen tranquipá indolentes viajeros
Al barco que avanza sobre amargos abismos

Mal los ponen allí sobre la cubierta
Príncipe del azur, torpe, desengonzado
Las inmensas alas **morotís** tipo muertas
Penden borocochôs qual remos por los costados
(DIEGUES, 2015, p. 26)

Somente uma tradução assaz demoníaca poderia transcriar um ícone do “apuro da linguagem” para uma língua impura, repleta de “incorreções” e coloquialismos. Vale destacar que o processo de conquista colonial também esteve baseado em uma política linguística que preconizou o extermínio de línguas indígenas, inclusive remanescentes na “língua geral”, e a imposição da língua portuguesa, “língua do príncipe”, como unidade nacional. Assim dirá o *Directório dos Índios*, elaborado em 1755, e vindo a público em 1757:

Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações, que conquistaram novos Domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da Língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo Príncipe. Observando pois todas as Nações polidas do Mundo, este prudente, e sólido sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros Conquistadores estabelecer nela o uso da Língua, que chamaram geral;

se espera” (OVIEDO, 2011, p. 17); nesse sentido, o guarani sobrevive como vestígio de um longo processo de extermínio, mas é a partir desses restos que se rearma a memória e se cria uma literatura menor que contamina e desloca a hegemonia de línguas maiores.

invenção verdadeiramente abominável, e diabólica, para que privados os Índios de todos aqueles meios, que os podiam civilizar, permanecessem na rústica, e bárbara sujeição, em que até agora se conservavam. Para desterrar esse perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Diretores, estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que os Meninos, e as Meninas, que pertencerem às Escolas, e todos aqueles Índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da língua própria das suas Nações, ou da chamada geral; mas unicamente da Portuguesa, na forma, que Sua Majestade tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína Espiritual, e Temporal do Estado (GAMA, 1997).

No contexto colonial, portanto, introduzir a língua do conquistador era condição para desterrar (em sua própria terra) dos chamados “povos rústicos” a suposta “barbaridade” de seus costumes, impondo-lhes veneração e obediência ao monarca usurpador; a língua geral, resultante da hibridação do português com o tupi, considera-se, então, “invenção diabólica”, entrave para a civilização. A tradução de Baudelaire, um dos paradigmas do eurocentrismo característico da formação da literatura brasileira no século XIX, para o portunhol selvagem, é desobediente à tradição e ao príncipe e reconfigura o caráter demoníaco de contraposição aos valores inquisidores da catequese cristã. Nesse sentido, pode ser pensada como “descolonização ontológica, como alteridade radical” (FLORES e GONÇALVES, 2007, p. 256), como abertura ao contato com a diferença severamente banida na conformação cultural desde o Brasil colonial. Além disso, o transdelírio de Diegues lida com o interdito (e, portanto, com o erotismo),⁸⁵ ao macular a língua do príncipe com rastros indígenas, expressões proibidas, e torná-la impura e inoperante como lei.

Benjamin identifica na tradução o poder de “recobrar a pura língua plasmada no movimento da linguagem.” Essa “pura língua” se apresenta como “elemento não-comunicável” ou elemento simbolizado, que se diferencia das construções linguísticas simbolizantes, que

⁸⁵ Podemos pensar o “erotismo como uma dança com o interdito, como sugeria Bataille.” (FLORES e GONÇALVES, 2007, p. 83)

transmitem um conteúdo referencial. Nesse sentido, a tradução deve buscar libertar-se da necessidade restritiva de transpor o sentido comunicativo, para explorar de modo criativo os modos de significar (que não se confundem com o que é significado), transformando “o simbolizante no próprio simbolizado” (BENJAMIN, 2001, p. 209). Haroldo de Campos propõe uma tradução ou conversão da “metafísica” benjaminiana em “física” jakobsoniana e passa a pensar a “língua pura” como o “lugar semiótico” da “transposição criativa”, ou seja, o espaço onde se opera, por um lado, a desconstrução metalinguística do texto de partida e a identificação ou desvelamento da “função poética” que diferencia as formas significantes de transmissoras de mensagens referenciais, e, por outro, a reconstrução criativa (e não imitativa) dessas formas; essa reconstrução, por sua vez, comporta o estranhamento, “a irrupção do diferente no mesmo”, pois o tradutor cria um texto “estranhado” pela transcrição do “modo de significar” (e não do significado), que se identifica no “plano sógnico” ou na materialidade gráfica, visual, sonora da composição expressa no texto de partida.⁸⁶

⁸⁶ Devido à complexidade da análise, creio que pode ser esclarecedor verificá-la na fonte: “Para converter a ‘metafísica’ benjaminiana em ‘física’ jakobsoniana, basta repensar em termos laicos a ‘língua pura’ como o ‘lugar semiótico’ – o espaço operatório – da ‘transposição criativa’ (*Umdichtung*, ‘transpoetização’ para W. Benjamin; ‘transcrição’, na terminologia que venho propondo). O ‘modo de significar’ (*Art des Meinens*) ou de ‘intencionar’ (*Art der Intentio*) passa a corresponder a um “modo de formar” no plano sógnico, e sua ‘libertação’ ou ‘remissão’ (*Erloesung*, no vocábulo salvífico de Benjamin) será agora entendida como a operação metalinguística que, aplicada sobre o original ou texto de partida, nele desvela o percurso da ‘função poética’. Essa função, por sua natureza, opera sobre a ‘materialidade’ dos signos linguísticos, sobre ‘formas significantes’ (fono-prosódicas e gramaticais), e não primacialmente sobre o ‘conteúdo comunicacional’, a ‘mensagem referencial’. As ‘formas significantes’, por sua vez, constituem um ‘intracódigo semiótico’ virtual (outro nome para a ‘língua pura’ de Benjamin), exportável de língua a língua, extraditável de um idioma para outro, quando se trata de poesia. O tradutor-transcriador como que ‘desbabeliza’ o stratum semiótico das línguas interiorizado nos poemas (neles ‘exilado’ ou ‘cativo’, nos termos de Benjamin), promovendo assim a reconvergência das divergências, a harmonização do ‘modo de formar’ do

“The albatroz”, por Douglas Diegues, promoveria essa singular libertação do movimento da língua, possibilitado pela abertura ao - e atravessamento pelo - estrangeiro, ao criar, inversamente, uma “língua impura” que simboliza o desterro e sujeição próprias da condição colonial. *L'albatros* se lê como alegoria da condição do poeta moderno, apartado do sublime e oprimido pela falência de ideais humanistas. Na transcrição de Diegues, o sadismo humano que castiga a imensa ave, humilhando-a e expondo-a ao patético, é exagerado:

Com la pipa un deles nel pico le **ha torturado**
Otro se burla imitando suo **rengo inútil** vuelo!
(DIEGUES, 2015, p. 26)

L'un agace son bec avec un brûle-gueule,
L'autre mime, en boitant, l'infirme qui volait!
(BAUDELAIRE, 2012, p. 12)

Um, com o cachimbo, lhe **enche** o bico de fumaça,
Outro, a coxear, imita o **enfermo** alado!
(JUNQUEIRA, 2012, p. 13)

Um ao seu bico leva o **irritante** cachimbo,
Outro imita a coxear o **enfermo** que voava!
(HADDAD, 1958 *Apud* MOHALLEM, 2017)

Um o **irrita** chegando ao seu bico em cachimbo,
Outro põe-se a imitar o **enfermo** que coxeia!
(ALMEIDA, 1950 *Apud* MOHALLEM, 2017)

Qual com um cachimbo aceso o bico lhe **irritava**,
E outro zomba, a coxear, do **enfermo** que não voa.

poema de partida com aquele reconfigurado no poema de chegada. Essa reconstrução (que sucede a ‘desconstrução’ metalinguística de primeira instância) dá-se não por *Abbildung* (‘afiguração imitativa’, ‘cópia’), mas por *Anbildung* (‘figuração junto’, ‘parafiguração’), comportando a transgressão, o ‘estranhamento’, a irrupção da diferença no mesmo.” (CAMPOS, 1997, p. 169)

(PACHECO, 1933 *Apud* MOHALLEM, 2017)

Um, metendo-lhe ao bico um ferro em brasa, o **irrita**;
Outro - inválido - apupa o **enfermo** que voava!
(DIAS, 1878 *Apud* MOHALLEM, 2017)

As traduções de Dias, Pacheco, Almeida e Haddad traduzem “*agacer*” por “irritar”, enquanto Diegues extrapola o sentido com o verbo “torturar”. Somente a tradução de Dias parece acentuar de outro modo o sadismo, com a imagem do ferro em brasa marcando o bico do pássaro. Todos optam por “enfermo” para traduzir “infirmo” (e Dias acrescenta “inválido”); Diegues exagera a subjugação com a expressão “rengo inútil”.

A ideia de transformar o elemento simbolizante (comunicado) no simbolizado (não-comunicável) se dá na criação dessa língua impura, língua híbrida, língua bastarda ou “não-língua” que redobra a alegoria: alegoria da injúria do poeta simbolizada no albatroz, alegoria da submissão colonial simbolizada em uma língua que se estrangeiriza ou se torna estranha ao evocar a voz do desterro e ao desfazer fronteiras que marcam diferenças impostas para afirmar uma homogeneidade cultural inexistente.

Exiliado en este mundo era uma vez la aventura
Sus alas de gigante non le servem para nada
(DIEGUES, 2015, p. 26)

*Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.*
(BAUDELAIRE, 2012, p. 12)

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. A nova geração (1879). In: Paulo Costa Galvão (org.) *Crítica literária. Machado de Assis*. eBooksBrasil, Maio 2008. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/machado-de-assis-critica-literaria-limpo.pdf> (Consultado 02/05/2019)
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. Edição bilíngue.

- BENJAMIN, Walter. A Tarefa-Renúncia do Tradutor. Tradução de Susana K. Lages. In: Werner Heidermann (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*, Vol. 1, Alemão-Português, Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001, pp. 188-215.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007.
- BOTTMANN, Denise. Baudelaire no Brasil. *Revista XIX: Artes e técnicas em transformação*, v. 2, número 5, 2017, pp. 152-184, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/issue/view/1614/VIS25> (Consultado 09/05/2019)
- CACCIARI, Massimo. Nomes de lugar: confirm. *Revista de Letras*, São Paulo, 2005, volume 45, número 1, pp. 13 - 22. Tradução de Giorgia Brazzarola.
- CAMPOS, Haroldo de. Tradição, tradução, transculturação: o ponto de vista do ex-cêntrico. Tradução de Aline de Oliveira. In: _____. *Da transcrição. Poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE, 2011, pp. 123-131.
- _____. A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin. *Revista USP*, São Paulo (33), XX-XX, Março/Maio 1997.
- _____. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CANDIDO, Antonio. Os novos baudelairianos. In: _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, pp. 23-38. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4094429/mod_resource/content/1/Antonio%20Candido%20-%20Os%20primeiros%20baudelairianos.pdf (Consultado 02/05/19)
- CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Tradução de Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vagalumes*. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- DIEGUES, Douglas. *Triple frontera dreams*. Buenos Aires: Interzona, 2017.
- _____. *Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe*. Brasil: Vento Norte Cartonera, 2015. Disponível em:

- https://issuu.com/elilacardenas/docs/douglas_diegues (Consultado 07/05/2019).
- EVEN-ZOHAR, Itamar. A posición da traducción literaria dentro do polisistema literário. *Viceversa, Revista Galega de Traducción*, 1996, número 2, pp. 57-65.
- FALEIROS, Álvaro. Bendito Baudelaire. *Teresa revista de Literatura Brasileira*, número 15, São Paulo, pp. 43-52, 2015.
- FLORES, Guilherme G. e GONÇALVES, Rodrigo T. (Fotografias de Rafael Dabul). *Algo infiel. Corpo, performance e tradução*. Desterros [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, São Paulo: n-1 edições, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico: as heterotopias*. Tradução de Salma Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GAMA, Filippe Joseph da. Diretório dos índios. In: ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O diretório dos índios: um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora UnB, 1997. Disponível em: https://www.nacaomestica.org/diretorio_dos_indios.htm (Consultado 08/05/2019).
- LAGES, Susana Kampff. Walter Benjamin, tradutor de Baudelaire. *Revista Alea*, volume 9, número 2, julho-dezembro 2007, p. 239-249.
- _____. 'A tarefa do tradutor' e o seu duplo: a Teoria da Linguagem de Walter Benjamin como Teoria da Traduzibilidade. *Cadernos de Tradução*, volume 1, número 3, 1998, pp. 63-89.
- LIMA, Lezama. *A expressão americana*. Tradução, introdução e notas de Irlemar Chiampi. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MOHALLEM, Pedro. O ritual da queda: as traduções de "L'Albatros" de Baudelaire. *Jornal Opção*, 14/12/2017. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/o-ritual-da-queda-as-traducoes-de-lalbatros-de-baudelaire-87214/> (Consultado 09/05/2019)
- NODARI, Alexandre. Tradizer. Prefácio a FLORES, Guilherme G. e GONÇALVES, Rodrigo T. (Fotografias de Rafael Dabul). *Algo infiel. Corpo, performance e tradução*. Desterros [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, São Paulo: n-1 edições, 2017, pp. 13-16.
- OVIDEO, Antonio. Nota preliminar. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el tiempo. Historia del arte y anacronismo de las imágenes*. Tradução e notas de Antonio Oviedo. Buenos Aires: Adrian Hidalgo, 2011, pp. 11-28.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução de Jerusa P. Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Recebido em: 31/03/2019

Aceito em: 19/04/2019

MURILO MENDES: MEMÓRIA E VIDA CULTURAL

Lis Yana de Lima Martinez⁸⁷

Lúcia Sá Rebello⁸⁸

RESUMO: Resultado de pesquisa que buscou compreender o humor, o lirismo, a memória e a história, contidos nas cartas de Murilo Mendes a Guilhermino César, como elemento fundamental para o processo de construção da identidade coletiva, este artigo procura ressaltar que a epistolografia é, sobretudo no caso da história literária brasileira, essencial para a reconstituição da memória e da história de um indivíduo e seu contexto sociocultural. Em suas epístolas, além de informações sobre sua vida cotidiana, observações a respeito de integrantes de seu ciclo de amizades, Murilo insere poemas de sua criação, comentários críticos sobre a literatura brasileira na época e movimentações sociais e literárias que ocorriam no país.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada, mediação de espaços, Literatura Epistolar, Murilo Mendes.

ABSTRACT: This article is a result of a project that sought to understand humour, lyricism, memory and history contained in the letters of Murilo Mendes to Guilhermino César as a fundamental element for the process of construction of the collective identity. Its main objective is to emphasize that epistolography is, especially in the case of the Brazilian literary history, essential to reconstruct the memory and the history of an individual and its sociocultural context. In his epistles, in addition to information about his daily life and comments about members of his cycle of friends, Murilo inserts poems of his creation, critical comments on Brazilian literature at the time and the social and literary movements that occurred in the country.

KEYWORDS: Comparative Literature, spaces intermediation, Epistolary Literature, Murilo Mendes.

⁸⁷ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da UFRGS.

⁸⁸ Professor Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS.

1 PALAVRAS INICIAIS

Talvez Murilo Mendes seja o poeta mais radicalmente poeta da literatura brasileira, na medida em que nunca escreveu senão poesia, mesmo quando escrevia sob a aparência de prosa.

Candido, *Poesia e ficção na autobiografia*, 1989.

Este artigo, referente ao epistolário de Murilo Mendes, e proveniente da última etapa do projeto de pesquisa Estudo da Correspondência de Murilo Mendes com Guilhermino Cesar. *Literatura Comparada e História Cultural: A Mediação de Espaços Textuais* que, vinculado à linha de Teorias Literárias e Interdisciplinaridade, do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este projeto, iniciado em 2008, se propunha a analisar a mediação de espaços textuais na correspondência mantida entre Murilo Mendes e Guilhermino Cesar no século XX, com o objetivo de se entender como se constrói a relação entre o universo literário e os elementos culturais e pessoais e veio para complementar um estudo de literatura epistolar, já iniciado com Horácio, dando continuidade ao trabalho iniciado pela Prof. Tania Franco Carvalhal. A fundamentação teórico-metodológica foi evidenciada em um exame preliminar das cartas de Murilo Mendes para Guilhermino Cesar, ressaltando o seu significado no contexto literário brasileiro, com dados que se inserem na história cultural do país, além de contribuir para a ampliação do conhecimento – que até aqui se tem – da obra de cada um dos autores. Deste modo, o comparatismo inter-relaciona vários elementos e reafirma sua condição de procedimento interdisciplinar e permeador de espaços.

As cartas e os poemas são capazes de mediar passado e presente, pois estabelecem nexos entre espaços, aproximam quem está aqui e agora do que, distante, se perde no tempo. A função pragmática das cartas – a que motiva e justifica sua escrita – quer dizer, a necessidade dos contatos, de enviar mensagens, de contar e de informar se associa, no universo da poesia, a outras finalidades menos práticas e objetivas, mas seguramente igualmente necessárias como a de alimentar o imaginário e a de resgatar o perdido.

À natureza da pesquisa compareceram as relações essenciais entre literatura comparada e história cultural sobre a articulação entre os espaços textuais e o papel da correspondência entre escritores nesses contextos. Nesse sentido, ressalta-se ainda a natureza retórica da reflexão que quis dar conta de aspectos importantes à instalação e ao funcionamento dos cenários nos quais se movimentam os textos. Igualmente, a pesquisa possuiu o caráter de elucidar sobre a vida literária brasileira, uma vez que tratou de examinar documentação inédita de escritores notáveis de nossa literatura.

O tratamento do espaço íntimo manifesto nas cartas e do espaço coletivo que elas também expressam permitiram o surgimento de questões teórico-metodológicas da atualidade, em se tratando da relação entre vida pessoal, história literária e história cultural. Embora concluído o projeto, o *corpus* possibilita, ainda, inúmeros aprofundamentos e análises, tendo em vista a presença de muitas poesias inéditas de Murilo Mendes que acompanham as cartas. Esse será um tema de futuros trabalhos.

A última etapa da pesquisa, cujos resultados trazemos aqui, tratou de verificar, a partir de leituras de subsídio teórico, o gênero epistolar e a questão da memória, examinando suas possíveis contribuições para a literatura brasileira. Nesse sentido, compreendemos as epístolas como parte da memória cultural das nações e não apenas como documentos históricos; para nós, o epistolário encontra-se no espaço entre a realidade e a ficção, uma vez que as cartas são escritas com intencionalidade por um eu que expressa sua subjetividade. O ato de escrever implica, portanto, registrar-se na história.

2 LITERATURA EPISTOLAR, MEMÓRIA E HISTÓRIA

Mais antigo que as famosas epístolas de Cícero, Horácio e Sêneca, o gênero epistolar, também presente na Bíblia, surge primeiramente com função jornalística, sendo as epístolas um meio imprescindível de comunicação de dados e informações relevantes à sobrevivência das primeiras sociedades letradas.

Ao longo da história, as cartas foram obtendo um caráter mais didático, no qual o remetente pretende passar alguns preceitos ao endereçado, e.g., Quintus Horatius Flaccus com espécie de cartas poéticas que retomam os assuntos e a entoação das *Satirae*, porém mais pacatamente: assim, constituem verdadeiras palestras, divagações, confissões sobre a moral – as vinte *Epistulae* do primeiro livro – ou sobre a literatura – as três do segundo livro; mais famosa a terceira, conhecida

como *Ars Poetica* ou *Epistola ad Pisones*, na qual Horácio explica os passos que devem ser seguidos pelos Irmãos Pisões no processo de criação literária do poeta romano.

A carta, como gênero, ocupa uma série de formulações, desde a familiar até a elevada, mostrando-se inovadora e múltipla e ganhando uma especialização estilística que predomina até o século XVIII. O itinerário da poesia epistolar, iniciada em Horácio, passa pelo Renascimento e vai alcançar diferentes autores em diversas literaturas.

Do ponto de vista de Toscano (2018) cabe indagar, quando o assunto é cartas, os aspectos próprios da relação da carta com o leitor. Segundo o autor,

(...) cartas são objetos literários paradoxais, pois ao mesmo tempo em que foram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra. De Sainte-Beuve até Lanson, foi consenso pensar que seu interesse maior, e inestimável, era o de mostrar-nos algo da humanidade inscrita naquelas palavras. [...]

Mas não nos deixemos enganar pela suposta clareza com que certas ideias manifestam-se nesta expressão diretamente orientada a interlocutores privilegiados, em instância costumeiramente privada – a menos que, conforme nos deixaram pistas eloquentes, de Platão a Goethe e Schiller, ou de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, tais escrituras tenham sido construídas já com o intuito de oferecer uma pública e notória articulação conceitual de um projeto nem tão velado assim. (TOSCANO, 2018, p. 77)

Na literatura, entendemos que o gênero epistolar acaba por se dividir em dois subgêneros: A Literatura Epistolar e A Ficção Epistolar. Fazem parte do segundo subgênero textos nos quais os autores se apropriam da carta como recurso para criar personagens e/ou estruturar obras ficcionais, sendo mais comum em contos, novelas e romances, como *Lady Susan*, de Jane Austen. Já o primeiro subgênero compreende não somente o clássico epistolário, como também textos em que a voz do autor se faz presente relatando o fazer literário, introduzindo ou justificando sua obra. São exemplos de textos considerados Literatura

Epistolar prólogos de determinadas obras e, como no caso do objeto desta pesquisa, o epistolário de Murilo Mendes no qual ele revela a Guilhermino César seu processo criativo e aspectos relevantes sobre a produção literária no Brasil, durante o século XX.

Rebello e Rodolfo (2015) afirmam que, no que diz respeito às relações interdisciplinares, uma carta pode estabelecer uma relação estreita com a história, seja da vida de seu autor, seja, também, com a história de um país. Nas palavras dos autores,

as cartas são capítulos da vida de um personagem central e, por vezes, de tantos outros periféricos. Como relatos minúsculos da vida, portanto sujeitos a uma espécie de transitoriedade da incoerência, as cartas apresentam aspectos romanescos pela inviabilidade do contínuo, pelo fragmentário e pelo inesperado da vida (REBELLO; RODOLFO, 2015, p. 83).

O discurso epistolar, portanto, não é simplesmente uma maneira de anunciar de forma absoluta os acontecidos. As cartas são meios que permitem perceber “tanto a vida particular quanto a vida pública de determinadas personagens por um viés talvez menos fantasioso e mais próximo do real” (REBELLO; RODOLFO, 2015, p. 84).

Ainda que não seja a Literatura Epistolar um gênero ficcional, as cartas podem vir a ser permeadas de certa ficcionalidade, uma vez que têm origem no discurso e na memória humana. Elas são, portanto, fruto da realidade externa mais a percepção daquele que escreve e, desse modo, como afirma Bettiol,

ainda que seja considerada do ponto de vista histórico, a carta, como documento, não está incólume no que se refere à invenção ou à ficção. (...) Os documentos históricos e literários não divergem no seu estatuto de criação, isto é, não no seu estatuto de constructo, de artifício regulado por um conjunto convencional de leis ou práticas (BETTIOL, 2008, p. 22).

Sobre a carta como documento, é consenso, entre aqueles que a estudam, a ideia de que textos de cunho epistolar visam primeiramente à comunicação. Nada mais óbvio, se for levado em consideração que essa prática, troca de missivas, nada mais é que um diálogo entre dois sujeitos.

Analiticamente, no entanto, uma carta pode representar um documento de grande valor não só para os dois sujeitos do diálogo, como sobretudo para estudos futuros, uma vez que uma missiva pode transcender a simples notícia pessoal e apoderar-se, de forma muito explícita, de múltiplas searas do conhecimento.

Dessa maneira, podemos apontar que a Literatura Epistolar abarca a história como um de seus elementos imprescindíveis, ainda que a epístola tenha sido escrita a partir da memória daquele que a escreve. Nesse sentido, a carta configura-se como meio notável na história e na memória cultural das gentes por meio das marcas nela armazenadas. A epistolografia é, especialmente no caso da história brasileira que inicia com *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, essencial para a reconstituição da memória e da história de um indivíduo e seu contexto sociocultural. Como afirma Paiva, a escrita de cartas,

antes mesmo de ser uma reconhecida forma de se comunicar produzindo interação social, é um ato intrinsecamente ligado à memória e, como tal, também ligado ao arquivamento do eu. Institui-se como suporte dessa mesma memória capaz de transmitir para a posteridade eventos e sentimentos de uma época. Mas para que se escrevem cartas? Para conhecer e ser conhecido; para se informar, expressar opiniões e sentimentos, narrar acontecimentos; para alívio próprio, para ser lido por um ou por muitos (PAIVA, 2006, p. 28).

O estudo de cartas traz à tona detalhes sobre a vida e a produção de figuras da nossa literatura, além de servirem como testemunho de determinadas épocas e se constituírem como patrimônio histórico e cultural (XAVIER, 2012). Segundo a autora,

ao escrever, exercitamos, sobretudo, o direito à memória e ao passado. Podendo manejar o texto, abrimos a possibilidade de manipulação da memória que se quer manter do eu daquele que escreve. Informações selecionadas permitem que o autor/remetente se inscreva na memória, seja de seu povo, seja de um círculo mais restrito, da maneira como ele muitas vezes se vê. O processo de escrita epistolográfica funciona, por vezes, como um espelho no qual colocamos, no papel, as

informações e os sentimentos que ressaltam o modo como nos relacionamos com o mundo e como nos enxergamos dentro dele (XAVIER, 2012, p. 14).

Ou seja, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”(LE GOFF, 2003, p. 469). E acrescenta ainda o autor que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (p. 471).

3 O EPISTOLÁRIO DE MURILO MENDES

Filho de um funcionário público, Murilo Mendes iniciou-se na criação literária demarcando seu gosto pelas alegorias e pelo humor. Segundo Gonzaga (2009), o escritor deixa-se transparecer intencionalmente em seus versos e faz uso de imagens desconcertantes e símbolos de abstração acentuada. Murilo denega, assim como Carlos Drummond de Andrade, a forma e o juízo comum da modernidade como meio de “libertação” empregados por outros poetas de sua época. Para Bosi (1994), o resultado estético criado pelo poeta só não incorre em total caos porque ele compõe seus estilhaços imaginados em um elemento arquitetônico ordenado, porém incomensurável, e, desse modo, essa desarticulação da forma convencional é, em sua obra, somente um passo primário para a recuperação de um paraíso que se abre aos olhos do poeta como um universo motivado pelo indulto. Muitos autores, ainda, apontam que a característica do religioso e do misticismo das obras de Murilo seria comparável às obras de Cecília Meireles. Murilo Mendes é poeta da colagem do ser,

poeta cósmico e social que aceita a fruição dos valores primordiais. Tendo mantido firme a sua ânsia libertária (...) jamais cai em formas antiquadas de apologética. Místico, ele perfura a crosta das instituições e dos costumes culturais para morder o cerne da linguagem religiosa, que é sempre ligação do homem com a totalidade. Esse sentido geral de sua obra, a que só escapa o ciclo de poemas humorísticos anteriores a 30. (BOSI, 1997, p. 447)

Murilo não foi consagrado à sua época muito provavelmente devido ao seu senso de humor ácido. A publicação de *Poemas*, de 1930, que lhe rendeu o Prêmio Graça Aranha, só ocorreu porque foi financiada por seu pai. Seu gosto pelo irônico, expresso sempre em sua visão de um Brasil amatutado e monótono, bem se revela em sua paródia ao poema de Gonçalves Dias, *Canção do Exílio*, publicado em 1930:

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernalongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!
(MENDES, 1994, p. 87)

As cartas que Murilo Mendes, aos vinte e sete anos, endereça a Guilhermino César, quando este estava a cargo da página literária do jornal *Estado de Minas*, contêm poemas. O *corpus* ao qual nos dedicamos, portanto, não se limita a epístolas com temática interpessoal, mas abrange o empenho de um poeta em ser publicado em jornal de boa circulação. Desse modo, a função da carta (a necessidade de comunicar, de contar e de informar) integra, à natureza poética, finalidades mais subjetivas. As cartas e os poemas de nosso epistolário mediam passado e presente como mosaicos articulados, uma vez que instituem nexos entre espaços, aproximam quem está aqui e agora do que, distante, se perde no tempo.

Diante do exposto sobre a natureza da questão a ser investigada, o objetivo principal da pesquisa procurou estabelecer a relação entre vida cultural e individual, pois a leitura analítica das cartas de Murilo Mendes a Guilhermino César permitiu o conhecimento da figura humana, de suas preocupações essenciais em dado período, da forma como as expressa

utilizando o recurso epistolar e demonstrando igualmente a história cultural do país em certos momentos.

Diferentemente da obra citada do escrivão português, as epístolas escritas por Murilo Mendes são concisas, sendo algumas curtas como um simples bilhete e outras carregadas em explicações e observações. Tão diferentes são as estruturas das correspondências quanto os seus conteúdos, que abarcam desde relações interpessoais e amorosas a comentários críticos sobre a produção literária da época. No Brasil, como é o caso das conversas entre Murilo Mendes e Guilhermino César, muitos poetas utilizaram a carta como antessala de seu processo de criação literária, fazendo dela ferramenta imprescindível para a articulação, a conservação e a difusão de inconfundíveis ideais que aviavam as novidades estéticas que estavam por se delinear neste período histórico. A primeira carta de nosso *corpus* data do ano de 1928 e nela podemos observar uma maior cordialidade que intimidade, assim como uma melhor caligrafia e qualidade de papel do que nas próximas ocasiões de comunicação de Murilo a Guilhermino. Veja-se a carta:

Praia de Botafogo _____400 26.12.28

Ao Guilhermino Cesar e ao Fco. Peixoto

Chegando de Petrópolis onde fui passar alguns dias encontro na minha mesa o livro de vocês. Lhes agradeço a boa lembrança___li o livro com toda atenção e achei que a gente deve esperar muito de vocês___Sinto não ter autoridade (aparente) pra lhes dizer algumas coisa___talvez mais tarde___em todo o caso. Acho que o problema brasileiro, integra-se no universal___essa é a grande tendência que anda agora no ar.

Em retribuição aqui têm vocês alguns dos meus poemas que poucos conhecem___escolhidos das dezenas e dezenas que enchem as gavetas___não que sejam dos melhores___mas porque são os únicos de que tenho cópia___tudo quanto escrevo é terrivelmente impessoal___nunca me fixei até agora___nem quero___não sou um omem___sou dezenas deles.

Me mandem outros poemas___me interesse pela evolução de vocês.

Notícias do Henrique?

Aperto de mão do

Murilo Mendes⁸⁹

No epistolário de Murilo, como se percebe na carta acima, o poeta expressa claramente comentários sobre integrantes de seu ciclo de amizades e seus comentários críticos sobre a literatura brasileira da época e as movimentações sociais e literárias que ocorriam no país. Nesta primeira carta, endereçada a Francisco Inácio Peixoto e a Guilhermino César, Murilo faz uma reflexão sobre “o problema brasileiro” que seria, lembrando que o poeta se integra à poesia moderna radical brasileira cujos membros mais conhecidos são Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, o encontro de uma “real brasilidade” na poesia brasileira.

O fato de observarmos atentamente a carta física foi essencial para que pudéssemos posicionar de modo espacial o poeta durante seu diálogo epistolar reservado com Guilhermino. Sob o papel, se pôde notar, além da letra de Murilo que varia de acordo com o assunto tratado em cada carta, os emblemas presentes que puderam evidenciar alguns registros sobre a vida do poeta feitos por teóricos da literatura brasileira e, ainda, inaugurar a comparação entre suas localizações e as temáticas próprias de suas poesias.

Ao escrever as cartas para Guilhermino César, Murilo Mendes faz-se autor de sua própria história, no entanto não o autor (imagem histórica) que estamos acostumados a atribuir-lhe e sim o autor de sim mesmo. Isso porque o remetente não tem a necessidade de um comprometimento (jornalístico) com a verdade ao narrar acontecimentos. A escrita é permeada pela subjetividade do autor e, como afirma Gomes,

o que passa a importar (...) é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer

⁸⁹ Carta de Murilo Mendes a Guilhermino Cesar; datada Rio de Janeiro, 26.12.28; apresenta a localização geográfica Praia de Botafogo 400 escrita/assinada a tinta preta: Murilo Mendes; 1 folha (papel timbrado do Banco Mercantil do Rio de Janeiro); escrita frente e verso; texto ocupando 18 linhas na parte da frente e 12 linhas do verso; sinal de 2 dobras; não ficam claros quais foram os poemas enviados em retribuição.

o que o autor diz que viu, sentiu experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2005, p. 14).

É por meio da narrativa de sua(s) carta(s) que um remetente comunica ao(s) destinatário(s), suas experiências; nesse sentido, informa sobre o passado/presente e “amplia a base da memória coletiva”, imortalizando-o, desse modo, por meio da linguagem, e situando-o na história e, também, os sujeitos implicados nessas vivências.

Vejam trechos de algumas cartas do *corpus*:

Praia de Botafogo 400

Rio, 19.06.29

Guilhermino Cesar,

Estou terrivelmente em falta com você. Pode crer que não tenho tempo pra nada. É um inferno. Recebi o leite Criôlof. Acho que é uma tentativa digna de todas as palmas, mas me parece que vocês deviam dar uma feição mais pessoal à revista. Sem querer sente-se a Antropofagia ali. Não acho que se deva rejeitar influências (nem se pode)___mas que se deve ajuntar várias experiências pra formar uma cultura ou ensaiar qualquer reforma.

[...]

Disponha sempre do

Murilo Mendes⁹⁰

a/c Dr. Onofre Mendes Junior – Pitangui

Pitangui – 18.12.30

⁹⁰ Fragmento de carta de Murilo Mendes a Guilhermino Cesar; datada apenas Rio, 19.06.29; escrita/assinada a tinta preta: Murilo Mendes; 1 folha com a localização geográfica Praia de Botafogo, 400; escrita somente na frente da folha; texto ocupando 19 linhas; Sinal de 2 dobras; 2 furos de arquivamento; apresenta marcas de bolor.

Guilhermino,

Como vai o Bar do Ponto?

Tenho 2 namoradas___uma é Decroli (no namoro)___outra, não. Que pena não poder casar com as duas. As dimensões atrapalham a gente. Só abstraindo o tempo e o espaço.

Quem fala aqui é o colaborador do “Estado de Minas”. Soube que ele botou os “Poemas de Itararé”, houve grande sucesso e muita falação aqui na Oeste, só uma pessoa não leu: o autor.

[...]

Não tenho cópia. Eu acho que é de 12.

Me recorte e mande dentro dum envelope, mandando por lá a eles botem no correio.

[...]

Abraços Carlos, Nava, Carlos Drummond de Andrade.

Adeus.

Cordial abraço

Murilo Mendes⁹¹

Mandei Mário de Andrade , Cícero Dias e Jorge de Lima, entre outros, ótimo “Natal Revolucionário”.

Pitangui - 31.XII.30.

Guilhermino

Confirmo carta 26 ou 27 seguem colaborações 1 Reis acho um pouco comprido todo caso veja possível sair tenho

⁹¹ Fragmento de carta de Murilo Mendes a Guilhermino Cesar; datada apenas Pitangui, 18.02.30; escrita/assinada a tinta azulada; Murilo Mendes; 2 folhas; escrita somente na frente das folhas; texto ocupando 36 linhas.

outras tantas [...] mas acho já tem muita coisa minha aí. Junto artigo Bandeira você diz não leu peço devolver só tenho este Bandeira me escreveu dizendo não poder se estender feito jornal espaço.

[...]

Cordial abraço

Murilo M.⁹²

Se os relatos contidos nas epístolas podem ser decifrados como engenharia contra o esquecimento, do mesmo modo é também adequado refletirmos sobre o fato de estes relatos serem levantados pelo remetente como forma de dar vida às suas memórias individuais e também coletivas. Para Jaques Le Goff (2003, p. 434), a memória seria justamente “o antídoto do Esquecimento”, lembrando ainda da mitologia grega quando, no inferno órfico, “o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas, ao contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade” (LE GOFF, 2003, p. 434).

Com relação à memória e ao processo de construção da identidade coletiva, Nickel (2012, p. 14) explica que “fora do discurso, não há possibilidade de preservação, nem de transmissão da memória”, portanto, narrar é a forma que os seres humanos têm de documentar e conferir às suas experiências o caráter de reais. Nickel acrescenta, ainda, que

o processo de construção da identidade coletiva pode ser pensado de forma análoga, na medida em que está só existirá a partir da sua integração na linguagem. Em outras palavras, a construção da identidade de um grupo depende da inscrição das experiências dos indivíduos que o constitui no discurso, numa narrativa histórica - ou ainda, em narrativas históricas. A entrada no discurso, na ordem simbólica, é imprescindível para a construção da memória e da história (NICKEL, 2012, p. 14).

A partir das articulações supracitadas, quando analisamos o *corpus* desta pesquisa, passamos a compreender as articulações entre o autor

⁹² Fragmento de carta de Murilo Mendes a Guilhermino Cesar; datada apenas Pitangui - 31.XII.30; escrita/assinada a tinta preta: Murilo M.; 1 folha escrita apenas na frente; texto ocupando 19 linhas.

Murilo, comumente conhecido, e o self-autor Murilo de seu epistolário. Nesse sentido, fica explícita a sua importância histórica para (re)constituir, de forma a contextualizar, o panorama histórico-social, literário e cultural brasileiro do começo do século XX.

Quando se analisam as cartas de Murilo Mendes endereçadas a Guilhermino Cesar vem-nos à mente o que Compagnon (2006) afirma, a saber, que intenção do autor não é premeditada nem totalmente consciente. Diz ele ser a arte uma atividade intencional, mas que, no entanto, há inúmeras atividades intencionais não premeditadas nem intencionais. Em suas palavras, escrever

não é como jogar xadrez, atividade em que todos os movimentos são calculados; é mais como jogar tênis, um esporte no qual o detalhe dos movimentos é imprevisível, mas no qual a intenção principal não é menos firme [...]. A intenção do autor não implica uma consciência de todos os detalhes que a escritura realiza, nem constitui um acontecimento separado que precederia ou acompanharia a performance, conforme a dualidade falaciosa dos pensamento e da linguagem (COMPAGNON, 2006, p. 91).

Assim, pode-se afirmar, após as inúmeras análises do *corpus*, que Murilo, embora com intenção de se mostrar e de levar a sua obra a Guilhermino, deixa muito mais a ver em seu texto, muito do que ele conscientemente e intencionalmente não estava ciente de estar evidenciando.

4 Palavras finais

Do ponto de vista de Rodolfo (2014) expor cartas de um autor pode configurar invasão de privacidade, revelando situações que não seriam divulgadas publicamente. Todavia, “em grande medida, as cartas têm o poder de tornar viva a obra do autor como um todo” (RODOLFO, 2014, p. 87). Por sua vez, Tin (2005) afirma que,

o conteúdo documental da carta de um escritor estaria submetido a duas mediações: uma, do próprio gênero epistolar, que seria a orientação do discurso conforme o destinatário a quem se dirige, e segundo o assunto, a

situação em que o autor se encontra etc.; outra, decorrente de sua condição de escritor, que recriaria sua experiência pessoal conforme o seu crivo altamente seletivo a que estaria sujeito o material linguístico da carta (TIN, 2005, p. 9).

A pergunta a ser feita, então, segundo o autor, é se carta constitui literatura ou se configura apenas como “um material auxiliar para o conhecimento de seu autor, de problemas relacionados com a sua obra, de suas concepções e de seu ambiente social”? A resposta à sua indagação é positiva, cartas constituem literatura (TIN, 2005, p. 10).

Em síntese, o estudo da correspondência de Murilo Mendes para Guilhermino Cesar é de grande importância pelo muito que acrescenta à biografia do poeta; é também fonte rentável de pesquisa, no que diz respeito à vida de figuras relevantes da literatura e da cultura brasileira da época, além de seu grande valor literário em virtude também dos poemas nelas inseridos (REBELLO; RODOLFO, 2017, p. 216).

As cartas do conjunto elucidam questões que permeavam a criação literária, a sociedade e a cultura brasileiras do final dos anos vinte do século passado e, de seu ponto de vista, as cartas de Murilo confirmam o que refletiu Tania Carvalhal sobre o tema, ou seja, que elas “não nos levam apenas a seu destinatário, ou ao periódico onde os poemas se publicam, mas à poesia brasileira, ao momento vivido e ao conjunto de sua obra” (CARVALHAL, 2003, p. 61).

REFERÊNCIAS

- BETTIOL, M. R. *A escritura do intervalo: a poética epistolar de Antônio Vieira*. São Leopoldo: UNISINOS, 2008.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CARVALHAL, T. F. Cartas e Poemas de Murilo Mendes: breve notícia. In: *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, 1º sem. 2003, p. 55-61.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourao e Consuelo Fortes Santiago, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- GOMES, A. de C. (org.). *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

- GONZAGA, S. *Curso de literatura brasileira*. 3. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2009.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.
- MENDES, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- NICKEL, V. *Trauma, memória e história em A Mercy, de Tony Morrison* [manuscrito]. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/-61717/000865266.pdf?sequence=>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- PAIVA, K. B. *Histórias de vida e amizade: as cartas de Mário, Drummond e Cecília para Henriqueta Lisboa*. 2006. Dissertação (mestrado em Letras) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- REBELLO, L. S.; RODOLFO, L. Meu caro Guilhermino ...: análise de duas cartas de Murilo Mendes para Guilhermino Cesar. In: REBELLO, L. S.; FLORES, V. do N. *Caminhos das letras: uma experiência de integração*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 78-100.
- REBELLO, L. S.; RODOLFO, L. Registro de errâncias: Murilo Mendes escreve a Guilhermino Cesar. In: BITTENCOURT, R. L. et alii (Org.). *Espaço/espacos: estudos de literatura comparada*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 199-2017.
- RODOLFO, L. *A vida às margens da arte: a correspondência e a poesia inéditas de Murilo Mendes a Guilhermino Cesar*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114424/000951498.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- TIN, E. Cartas e literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Emerson02.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- TOSCANO, A. R. Remetentes e destinatários: se é que existem! Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/farol/issue/view/n.%2019/showToc>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- XAVIER, A. F. *Humor no lirismo: a escrita epistolar de Murilo Mendes*. Trabalho de conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56157>. Acesso em: 23 abr. 2019.

Recebido em: 30/03/2019

Aceito em: 10/04/2019

.



Editora e Gráfica Universitária
PREC - UFPel